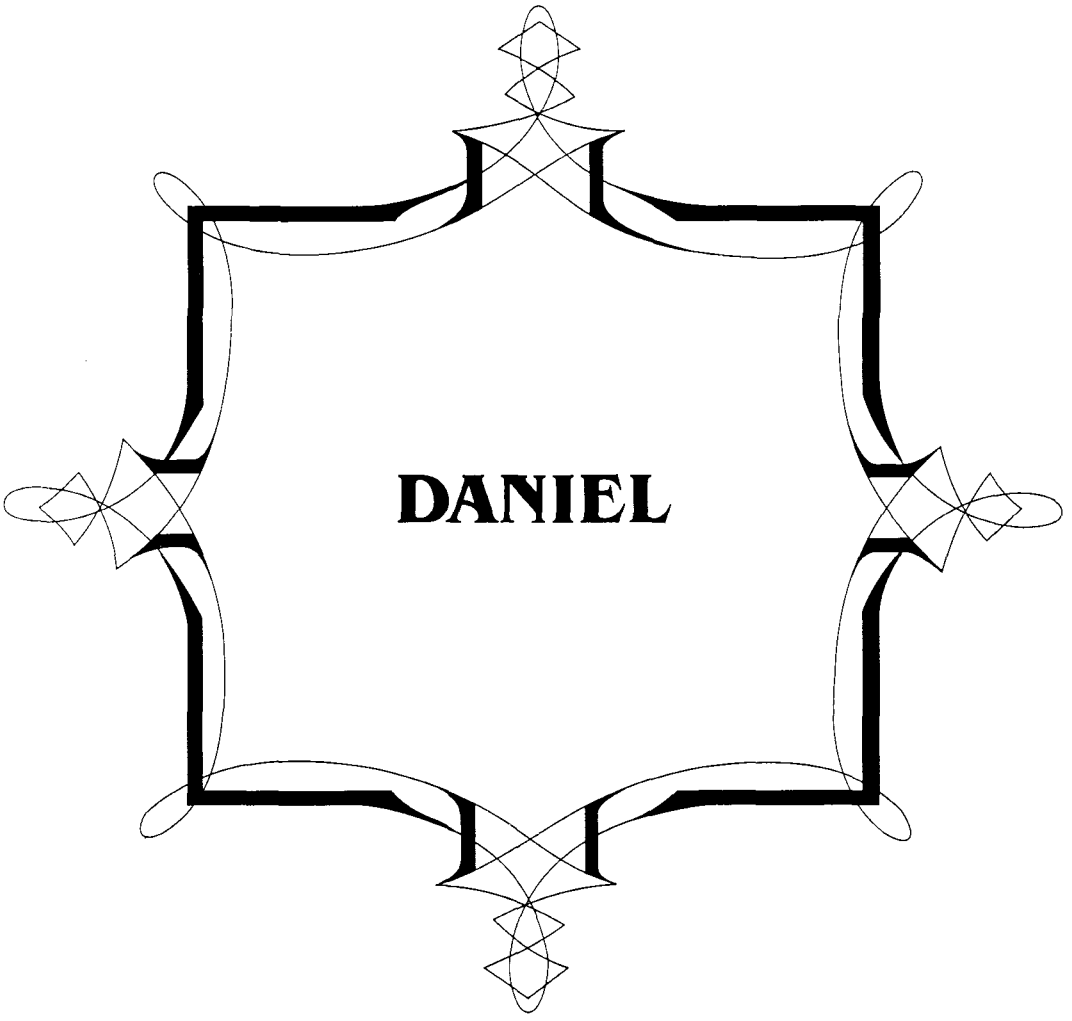
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

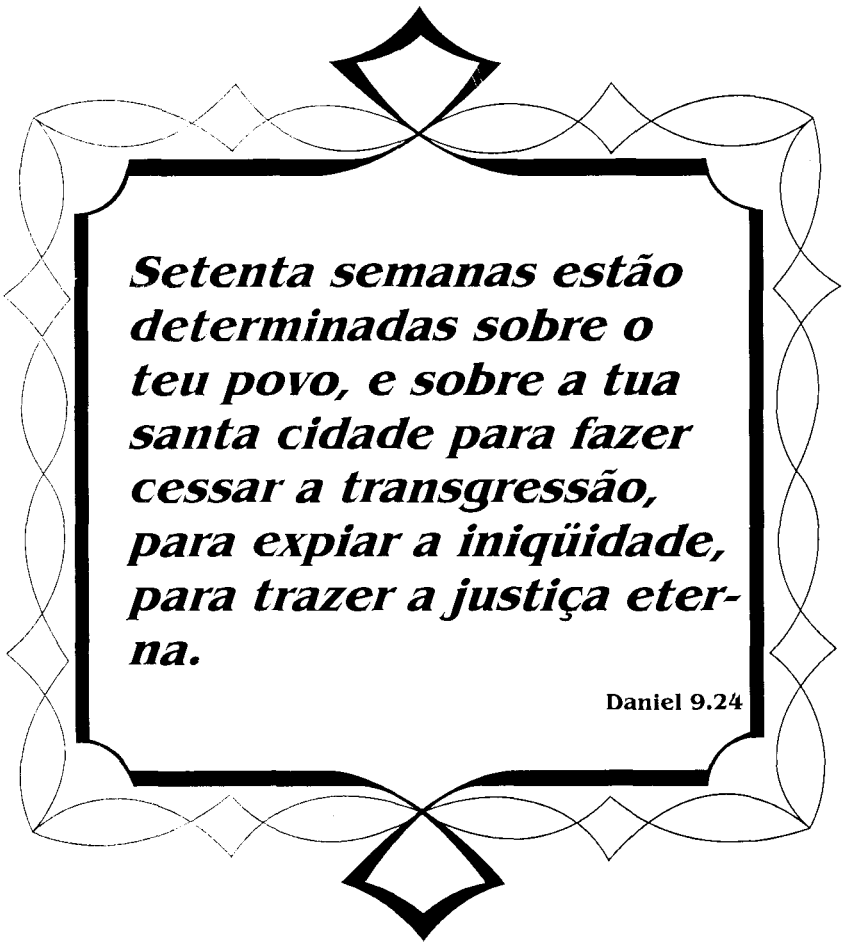
DANIEL

HAGNOS



DANIEL

O Livro das Profecias Relacionadas aos Diversos Reinos Mundiais


Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade para fazer cessar a transgressão, para expiar a iniqüidade, para trazer a justiça eterna.
Daniel 9.24

Daniel

12 Capítulos
357 Versículos

INTRODUÇÃO

O nome é hebraico e tem o sentido de "Deus é meu juiz". Daniel foi um famoso profeta judeu do período babilônico e persa, embora isso seja posto em dúvida por muitos críticos modernos, que desconfiam da cronologia a seu respeito. Ver a discussão sobre isso, mais adiante. Tudo quanto sabemos acerca de Daniel deriva-se do livro que tem o seu nome; as tradições, como é usual, são duvidosas. Ver sobre o homem Daniel, no segundo ponto, a seguir.

Esboço:

I. Características Gerais
II . O Homem Daniel e o Pano de Fundo Histórico do Livro
III. Autoria, Data e Debates a Respeito
IV. Ponto de Vista Profético
V. Proveniência e Unidade
VI. Destino e Propósito
VII. Canonicidade
VIII. Esboço do Conteúdo
IX. Acréscimos Apócrifos
X. Gráfico Ilustrativo das Setenta Semanas
XI. Bibliografia

I. Características Gerais

Este livro aparece na terceira seção do cânon hebraico, chamada *ketubim.* Nas Bíblias em línguas vernáculas, trata-se de uma das quatro grandes composições proféticas escritas, de acordo com o cânon alexandrino. Na moderna erudição, diferem as opiniões a seu respeito. Alguns estudiosos pensam que se trata apenas de um dos melhores escritos pseudepígrafos, uma pseudoprofecia romântica, escrita essencialmente como narrativa, e não um livro profético. Mas outros respeitam altamente o livro como profecia, baseando sobre este livro várias doutrinas sérias a respeito dos últimos dias, ainda futuros. Seja como for, é verdade que o Novo Testamento incorpora grande parte da visão profética deste livro no Apocalipse, envolvendo temas como a grande tribulação, o anticristo, a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e o julgamento final. As indicações cronológicas do livro de Daniel são adotadas diretamente pelo Apocalipse.

O livro foi escrito em hebraico, mas com uma extensa seção em aramaico, ou seja, Daniel 2.4b – 7.28. Os eruditos liberais pensam que essa porção é um tanto mais antiga, tendo sido adaptada às pressas para seu uso, em uma revisão palestina. Temos a introdução do livro escrita em hebraico (Dan 1.1-2.4a), com visões adicionais (caps. 8 em diante), a respeito de coisas que ocorreram durante a crise sob o governo de Antíoco IV Epifânio (175-163 A.C.). Reveste-se de especial importância o material do décimo capítulo, que apresenta uma personagem "à semelhança dos filhos dos homens" (Dan. 10.16), que os estudiosos cristãos pensam tratar-se de uma alusão ao Messias. O livro também encerra a doutrina da ressurreição dos mortos (Dan. 12.2,3) e uma angelologia típica do judaísmo posterior. Daniel é o único livro judaico de natureza apocalíptica que foi finalmente aceito no cânon palestino, ao passo que vários livros dessa natureza vieram a tornar-se parte do cânon alexandrino.

II. O Homem Daniel e o Pano de Fundo Histórico do Livro

Daniel era descendente da família real de Judá, ou pelo menos, da alta nobreza dessa nação (Dan. 1.3; Josefo, *Anti.* 10.10,1). É possível que ele tenha nascido em Jerusalém, embora o trecho de Daniel 9.24, usado como apoio para essa idéia, não seja conclusivo quanto a isso. Entre doze e dezesseis anos de idade, Daniel já se encontrava na Babilônia, como cativo judeu entre todos outros jovens nobres hebreus, como Ananias, Misael e Azarias, em resultado da primeira deportação da nação de Judá, no quarto ano do reinado de Jeoiaquim. Ele e seus companheiros foram forçados a entrar no serviço da corte real babilônica. Daniel recebeu o nome caldeu de Beltessazar, que significa "príncipe de Baal". De acordo com os costumes orientais, uma pessoa podia adquirir um novo nome, se as suas condições fossem significativamente alteradas, e esse novo nome expressava a nova condição (II Reis 23.34; 24.17; Est. 2.7; Esd. 5.14). A fim de ser preparado para suas novas funções, Daniel recebeu o treinamento oriental necessário. Ver Platão, *Alceb.* seção 37. Daniel aprendeu a falar e a escrever o caldeu (Dan. 1.4) e não demorou para que se distinguisse por sua sabedoria e piedade, especialmente na observância da lei mosaica (Dan. 1.8-16). O seu dever de entreter a outras pessoas sujeitou-o à tentação de comer coisas consideradas impróprias pelos preceitos levíticos, problema que ele enfrentou com sucesso.

A educação de Daniel se deu durante três anos, ao final dos quais ele se tornou um dos cortesãos do palácio de Nabucodonosor, onde, pela ajuda divina, conseguiu interpretar um sonho do monarca, para inteira satisfação deste. Tudo em Daniel impressionava o rei, pelo que ele subiu no conceito real, tendo-lhe sido confiados dois cargos importantes, como governador da província da Babilônia e inspetor-chefe da casta sacerdotal (Dan. 2.48). Posteriormente, em outro sonho que Daniel interpretou, ficou predito que o rei, por causa de sua prepotência, deveria ser humilhado por meio da insanidade temporária, após o que seu juízo ser-lhe-ia restaurado (Dan. 4). As qualidades pessoais de Daniel, como sua sabedoria, seu amor e sua lealdade, resplandecem por toda a narrativa.

Sob os sucessores indignos de Nabucodonosor, ao que parece, Daniel sofreu um período de obscuridade e olvido. Foi removido de suas elevadas posições, e parece ter começado a ocupar postos inferiores (Dan. 8.27). Isto posto, ele só voltou à proeminência na época do rei Belsazar (Dan. 5.7,8), que foi co-regente de seu pai, Nabonido. Belsazar, porém, foi morto quando os persas conquistaram a cidade. No entanto, antes desse acontecimento, Daniel foi restaurado ao favor real, por haver conseguido decifrar o escrito misterioso na parede do salão de banquete (Dan. 5.2 e ss.). A essa altura dos acontecimentos, Daniel recebeu as visões registradas nos capítulos sétimo e oitavo, as quais descortinam o curso futuro da história humana, juntamente com a descrição dos principais impérios mundiais, que se prolongariam não somente até a primeira vinda de Cristo, mas exatamente até o momento da "parousia", ou segunda vinda de Cristo.

Os medos e os persas conquistaram a Babilônia, e uma nova fase da história se iniciou. Daniel mostrou-se ativo no breve reinado de Dario, o medo, que alguns estudiosos pensam ter sido o mesmo Ciaxares II. Uma das questões envolvidas foram os preparativos para a possível volta de seu povo do exílio para a Terra Santa. Sua grande ansiedade, em favor de seu povo, para que fossem perdoados de seus pecados e restaurados à sua terra, provavelmente foi um dos fatores que o ajudaram a vislumbrar o futuro, até o fim da nossa atual dispensação (Dan. 9), o que significa que ele previu o curso inteiro da futura história de Israel. Daniel continuou cumprindo seus deveres de estadista, mas sempre observando estritamente a sua fé religiosa, sem qualquer transigência. Há um hino cujo estribilho diz: "Ouses ser um Daniel; ouses ficar sozinho". O caráter e os atos de Daniel despertaram ciúmes e invejas. Mediante manipulação política, Daniel terminou encerrado na cova dos leões; mas o anjo de Deus controlou a situação, e Daniel foi livrado dos leões, adquirindo novo prestígio e maior autoridade.

Daniel teve a satisfação de ver um remanescente de Israel voltar à Palestina (Dan. 10.12). Todavia, sua carreira profética ainda não havia terminado, porquanto, no terceiro ano de Ciro, ele recebeu outra série de visões, informando-o acerca dos futuros sofrimentos de Israel, do período de sua redenção, através de Jesus Cristo, da ressurreição dos mortos e do fim da atual dispensação (Dan. 11 e 12). A partir desse ponto, manifestam-se as tradições e as fábulas, havendo histórias referentes à Palestina e à Babilônia (Susã), embora não possamos confiar nesses relatos.

Pano de Fundo e Intérpretes Liberais. A moderna erudição crítica é praticamente unânime ao declarar que o livro de Daniel foi

compilado por um autor desconhecido, em cerca de 165 A.C., porquanto conteria supostas profecias sobre monarcas pós-babilônicos que, mais provavelmente, são narrativas históricas, porquanto vão-se tornando mais e mais exatas à medida que o tempo de seu cumprimento se aproxima (Dan. 11.2-35). Para esses intérpretes, o propósito do livro foi encorajar os judeus fiéis em seu conflito com Antíoco IV Epifânio (ver I Macabeus 2.59,60). Por causa da tensão em que viviam, o livro de Daniel teria sido entusiasticamente acolhido, porquanto expõe uma visão final otimista da carreira de Israel no mundo. E assim, o livro teria sido recebido no cânon hebreu. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Apocalípticos, Livros (Literatura Apocalíptica)*. Isto posto, temos duas posições: uma delas afirma que realmente houve um profeta chamado Daniel, que viveu a vida descrita nos parágrafos anteriores do livro, e cujas visões fazem parte indispensável do quadro profético. A outra posição diz que o livro de Daniel é uma espécie de romance-profecia, que apresenta acontecimentos históricos como se tivessem sido preditos, exatos em torno de 165 A.C., mas não tanto, à medida que se retrocede no tempo. Os vários argumentos são apresentados na terceira seção, intitulada *Autoria, Data e Debates a Respeito*, mais adiante.

Informes Posteriores sobre Daniel. Uma tradição rabínica posterior (Midrash Sir ha-sirim, 7:8) diz que Daniel retornou à Palestina, entre os exilados. Mas um viajante judeu, Benjamim de Tudela (século XII D.C.) supostamente teria encontrado o túmulo de Daniel em Susã, na Babilônia. Nesse caso, se o primeiro informe é veraz, então Daniel retornou mais tarde à Babilônia. Há informes sobre esse túmulo, desde o século VI D. C., embora muitos duvidem da exatidão dessas tradições, que geralmente não passam de fantasias.

Um Daniel Antediluviano? Alguns supõem que o Daniel referido em Eze. 14.14 não seja o Daniel da tradição profética, mas, sim, uma personagem que viveu antes do dilúvio, não contemporânea de Ezequiel, e cujo nome e caráter teriam inspirado o pseudônimo vinculado ao livro canônico de Daniel. A lenda ugarítica de *Aght* refere-se a um antigo rei fenício, *Dnil* (vocalizado como *Danel* ou *Daniel*), o que significaria que esse nome é antiqüíssimo. Ver Eze. 28.3, onde o profeta escarnece de Tiro porque, supostamente, era "mais sábio que Daniel". Isso poderia ser também uma referência a um antigo sábio, não contemporâneo de Daniel.

III. Autoria, Data e Debates a Respeito

Essas questões são agrupadas neste terceiro ponto por estarem relacionadas umas às outras, dentro do campo da alta crítica sobre as atividades de Daniel. Listamos e comentamos esses problemas a seguir.

1. *Um grave erro histórico*, segundo alguns pensam, estaria contido em Dan. 6.28 e 9.1, onde o autor sagrado situa Dario I antes de Ciro, fazendo Xerxes aparecer como pai de Dario I. Nesse caso, teríamos a ordem Xerxes, Dario e Ciro, quando a seqüência histórica é precisamente a inversa. Mas essa crítica é plenamente respondida quando se demonstra que Daniel se referia a Dario, o medo, um governador sob as ordens de Ciro, cujo pai tinha o mesmo nome que aquele rei persa posterior. Não seria mesmo provável que um autor, que demonstrasse tão notáveis poderes intelectuais, e que contava com Esd. 4.5,6 à sua frente, pudesse ter cometido um equívoco tão crasso, especialmente diante do fato de que ele situa Xerxes como o quarto rei depois de Ciro (ver Dan. 11.2).
2. *O Problema do Cânon.* A coletânea dos profetas hebreus já estava completa por volta do século III A.C., mas não incluía Daniel, livro que foi posto na porção posterior do cânon, ou seja, entre os Escritos. O catálogo de antigos hebreus famosos, também chamado Eclesiástico, publicado em Sabedoria de Ben Siraque, no começo do século II A.C., não menciona Daniel; e, no entanto, um século depois, I Macabeu alude a esse livro. Além disso, uma porção do livro foi escrita em aramaico da Palestina, não no dialeto da Mesopotâmia. O aramaico estava sendo falado na Palestina. Isso faz nossos olhos desviar-se da Babilônia como o lugar da composição deste livro, fixando nossa atenção sobre a Palestina. Essa crítica é respondida mediante a observação de que Daniel não era oficialmente conhecido como profeta. Antes, foi um estadista com dons proféticos (Mat. 24.15). E isso justifica o fato de ele não haver sido listado entre os profetas tradicionais. Além disso, mesmo que o livro de Daniel já tivesse sido escrito quando Ben Siraque preparou sua lista de grandes hebreus, a omissão de seu nome não deve causar surpresa, porquanto esse catálogo também deixa de lado a Jó e a todos os juízes, excetuando Samuel, Asa, Josafá, Mordecai e o próprio Esdras (Eclesiástico 44—49).
3. *Numerosos equívocos históricos*, com as soluções propostas. Dizem alguns que esses equívocos aparecem quando o autor aborda questões distantes da data de 165 A.C. (quando, presumivelmente, o livro de Daniel teria sido escrito), o que faria óbvio contraste com o conhecimento que o autor tinha do período grego, posterior. Os críticos, diante disso, sentem que o livro de Daniel tirou proveito de antigas lendas judaicas acerca de um sábio de nome Daniel (ver Eze. 14 e 28). Teria sido então constituída uma pseudoprofecia para encorajar os judeus que sofriam sob Antíoco IV Epifânio. Esse Daniel teria sido capaz de enfrentar os mais incríveis sofrimentos, pelo que todos os israelitas teriam obrigação de seguir o seu exemplo. Como resposta, precisamos levar em conta as seguintes considerações:

a. Quanto aos supostos equívocos, esses parecem não ter sido adequadamente respondidos no primeiro ponto, anteriormente.
b. O suposto fato de que o tipo de aramaico usado era da Palestina, e não da Mesopotâmia, tem uma resposta adequada, pelo menos até onde vejo as coisas. Os estudos sobre os documentos escritos em aramaico mostram que a variedade de aramaico usada no livro de Daniel é bastante antiga, sendo impossível estabelecer claras distinções entre os dialetos, conforme alguns eruditos do passado chegam a fazer. A linguagem aramaica do livro de Daniel tem fortes afinidades com os *papiros elefantinos* (ver no *Dicionário* a respeito) do século V A.C. Outrossim, o hebraico usado no livro de Daniel ajusta-se ao período de Ezequiel, Ageu, Esdras e dos livros de Crônicas, e não ao hebraico do período helenista, posterior. Parece que melhores estudos e descobertas arqueológicas têm revertido o juízo negativo, em alguns casos significativos.
c. Escreveu Robert Pfeiffer: "Presume-se que nunca saberemos como o nosso autor aprendeu que a Nova Babilônia foi criação de Nabucodonosor (Dan. 4.30), segundo as escavações têm comprovado" (*Introduction to the Old Testament*, pág. 758).
d. O quinto capítulo de Daniel retrata Belsazar como co-regente da Babilônia, juntamente com seu pai, Nabonido. Antes, esse informe era objeto de ataques. No entanto, isso tem sido demonstrado como um fato pelas descobertas arqueológicas (R.P. Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar*, 1929; J. Finegan, *Light from the Ancient Past*, 1959).
e. Documentos escritos em cuneiforme, provenientes de Gubaru, confirmam a informação dada no sexto capítulo do livro de Daniel, acerca de Dario, o medo. Atualmente, não é mais possível atribuirmos a Daniel um falso conceito de um independente reino medo, entre a queda da Babilônia e o soerguimento de Ciro, segundo alguns estudiosos fizeram, erroneamente, no passado.
f. O autor sagrado também sabia o bastante sobre os costumes do século VI A.C., a ponto de ter dito que as leis da Babilônia estavam sujeitas ao rei Nabucodonosor, que podia lançar ou modificar decretos (Dan. 2.12,13,46), em contraste com a informação de que Dario, o medo, não tinha autoridade para alterar as leis dos medos e dos persas (Dan. 6.8,9).
g. Além disso, o modo de punição na Babilônia, mediante o fogo (cap.3) ou mediante leões (cap.6), concorda perfeitamente bem com a história (A. T. Olmstead, *The History of the Persian Empire*, 1948, pág. 473).

h. A comparação entre as evidências cuneiformes acerca de Belsazar e as informações que lemos no quinto capítulo de Daniel demonstra que o livro de Daniel pode ter sido escrito em uma data anterior e ser perfeitamente autêntico. Naturalmente um autor do período dos macabeus poderia ter usado materiais autênticos quanto aos fatos sobre os quais escrevia e, ainda assim, ter escrito seu livro em uma data posterior. No entanto, o que as evidências demonstram é que a exatidão do material ali registrado pode ter tido, por motivo, o fato de que o autor sagrado foi contemporâneo de Belsazar.

i. Segundo alguns estudiosos, o livro foi escrito no tempo dos macabeus, porque reflete melhor aquela época, mas bem menos tempos anteriores. Contra isto, podemos observar que, entre os *Manuscritos do Mar Morto* (ver a respeito no *Dicionário*), Daniel é representado. Isto sugere que o livro tenha escrito antes daquela época e, supostamente, antes do tempo dos macabeus. Isto, todavia, não determina *quanto* tempo antes.

j. *Palavras Gregas.* No livro de Daniel, há três nomes gregos para instrumentos musicais: a harpa, a cítara e o saltério (Dan. 3.5,10), o que poderia significar que tais palavras foram empregadas porque o autor viveu no período helenista. Mas essa crítica é rebatida mostrando-se que há provas da penetração do idioma e da cultura gregos no Oriente Médio, muito antes da época de Nabucodonosor. Portanto, não seria de admirar que Daniel, no século VI A.C., conhecesse alguns termos gregos para as coisas (ver W.F. Albright, *From the Stone Age to Christianity*, 1957, pág. 337). Também há palavras emprestadas do persa que se coadunam com uma data anterior. E o aramaico usado no livro de Daniel ajusta-se ao aramaico dos papiros elefantinos, do século V A.C.

k. O trecho de Daniel 1.1 parece conflitar com Jeremias 25.1,9 e 46.2 no tocante à data da captura de Jerusalém. Daniel declara que a cidade fora capturada no terceiro ano de Jeoaquim (605 A.C.). Jeremias, por sua vez, indica que, mesmo no ano seguinte, a cidade ainda não havia sido vencida. Essa aparente discrepância envolve um período de cerca de um ano. Mesmo que fosse uma verdadeira discrepância, não anularia o livro de Daniel como profecia autêntica. Seja como for, os defensores do livro de Daniel ressaltam que os escribas babilônios usavam um sistema de computação segundo o ano da subida ao trono, o que significa que o ano da subida ao trono não era chamado de primeiro ano de governo, embora, na realidade, assim o fosse. No entanto, os escribas palestinos não observavam essa distinção, pelo que o ano em que um monarca subia ao trono era chamado de primeiro ano de seu governo. Portanto, Daniel seguiu o modo babilônico de computação, ao passo que Jeremias usou o modo palestino. Isso quer dizer que o quarto ano mencionado em Jer. 25.1 é idêntico ao terceiro ano de Dan. 1.1.

l. O uso do termo "caldeus" em Daniel, em sentido mais restrito, indica a classe dos *sábios*, ou então uma casta sacerdotal (o que não tem paralelo no restante do Antigo Testamento). Mas alguns críticos pensam que isso indica uma data posterior do livro de Daniel. A observação de Heródoto, porém, em suas *Guerras Persas,* também exibe tal uso (séc. V A.C.), demonstrando que essa maneira de expressar é bastante antiga e não tão recente como os críticos querem dar a entender.

m. A insanidade de Nabucodonosor, de acordo com os críticos liberais, seria um dramático toque literário da parte do autor sagrado, infiel aos fatos históricos. Porém, tanto Josefo quanto um autor do século II A.C., Abideno, mencionam a questão. Embora os dois tenham vivido em data bem posterior, e a informação dada por eles possa ser colocada em dúvida, não parece que somente Daniel se tenha referido à questão. Três séculos mais tarde, um sacerdote babilônio, de nome Beroso, preservou uma tradição sobre o incidente da insanidade de Nabucodonosor. O fato de que esse incidente só veio à tona tanto tempo depois de ocorrência talvez se deva à crença existente na Mesopotâmia de que a insanidade mental resulta da possessão demoníaca; e o fato de que um monarca tenha sido assim afligido, sem dúvida, foi acobertado o máximo possível.

Acompanhar os lances do debate sobre os problemas históricos do livro de Daniel não é uma jornada fácil. Procurei expor diante do leitor apenas a essência indispensável da questão, com argumentos e contra-argumentos. É desnecessário dizer que os dois lados não aceitam os argumentos um do outro; pois, do contrário, já se teria chegado a um acordo. Até onde vejo as coisas, várias críticas foram devidamente respondidas, e a tendência parece ser que há explicações razoáveis para a maior parte dos supostos erros históricos de Daniel.

No entanto, quero deixar claro que o livro de Daniel poderia ser uma profecia genuína, mesmo que houvesse nele alguns equívocos históricos. Esperamos demais de qualquer livro da Bíblia, quando esperamos perfeição até sobre questões dessa natureza. A verdade profética, moral ou teológica, em nada sofre por causa de discrepâncias científicas ou erros sobre questões históricas. A própria ciência envolve inúmeras discrepâncias, e nem por isso rejeitamos a dose de verdade que ela nos tem apresentado. As narrativas históricas dos melhores historiadores estão repletas de erros, mas nem por isso dizemos que a humanidade não conta com nenhuma história. Os que requerem perfeição da parte dos livros bíblicos promovem um dogma humano, porque as próprias Escrituras não declaram que eles não contêm erro algum. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a *Inspiração,* quanto a uma declaração mais detalhada sobre essa questão.

4. *A Função Profética.* Um dos problemas superficiais criados pelos críticos é que eles objetam à profecia de Daniel como se todas as previsões ali existentes fossem observações históricas, supostamente escritas por um autor que viveu quando tais predições já se tinham cumprido. Os céticos que dizem que é impossível predizer o futuro são forçados a fazer com que cada livro profético seja reduzido ou a uma pseudoprofecia (as coisas preditas ainda não aconteceram, nem acontecerão) ou a uma narrativa histórica (as coisas preditas aconteceram, mas foram registradas após a realização dos eventos). Porfírio (século III A.C.) foi quem deu início à crítica contra o livro de Daniel, e esse ponto de vista contraprofético foi ele quem promoveu. Ele supunha que o livro de Daniel teria sido composto na época de Antíoco IV Epifânio, com a finalidade de animar os judeus que estavam sendo perseguidos; e a sua idéia é quase exatamente igual ao que é dito em nossos dias contra o livro de Daniel. Os estudos no campo da parapsicologia e a experiência humana comum mostram que o conhecimento prévio é um fenômeno simples, e todas as pessoas, quando estão dormindo, possuem poderes de precognição. Mas isso ainda não é o dom da profecia, embora mostre não ser um fenômeno tão estranho. Os místicos modernos têm poderes proféticos comprovados.

5. *Conceitos Religiosos Posteriores.* Os críticos partem do pressuposto de que, no livro de Daniel, há reflexos de uma teologia posterior, incluindo o conceito dos anjos e a doutrina da ressurreição, idéias que não teriam atingido a forma apresentada no livro de Daniel senão já na época dos macabeus. As idéias de Zoroastro aparentemente influenciaram a angelologia dos hebreus. Sua data de 1000 A.C. dá amplo tempo para que os judeus adquirissem certas idéias sobre os anjos, incluindo aquelas expressas no livro de Daniel, que pertence cerca de 600 A.C.

Ressurreição. A ressurreição é claramente mencionada em Jó 19.26, e é possível que o livro de Jó seja o mais antigo da Bíblia, portanto este é um conceito muito antigo.

Conclusão. Se os críticos estão com a razão, então o livro de Daniel foi escrito em cerca de 165 A.C., no período dos macabeus. Nesse caso, tanto o livro contém uma pseudoprofecia como também

pertence ao grupo de pseudepígrafas, visto que o nome do autor, Daniel, teria sido artificialmente aposto ao livro. E, caso os críticos não estejam com a razão, então o livro de Daniel foi composto em cerca de 600 A.C., por Daniel, um profeta estadista. Os eventos registrados nesse livro abarcam um período de cerca de setenta anos.

IV. Ponto de Vista Profético

Aqueles que levam a sério o livro de Daniel, como uma profecia, não concordam sobre como o esboço do livro deve ser compreendido. Está claro que o livro deve ter alguma espécie de esboço da história humana, mas está menos claro onde ficam as divisões principais desse esboço. Alguns intérpretes supõem que a grande imagem (Dan. 2.31-49), as quatro feras (Dan. 7.2-27) e as setenta semanas (Dan. 9.24-27) tivessem o intuito de mostrar o que ocorreria na primeira vinda de Cristo. Esses intérpretes também supõem que o Israel espiritual, que eles denominam de igreja, tenha cumprido as promessas feitas aos judeus, o antigo Israel, rejeitado por Deus por causa da sua desobediência. Essa escola de interpretação nega enfaticamente que haja um tempo parentético entre as semanas sessenta e nove e setenta, e que a semana restante haverá de cumprir-se na futura grande tribulação (Dan. 9.26,27). Ainda de acordo com essa interpretação, a pedra que feriu a imagem (Dan. 2.34,35) tem em vista a primeira vinda de Cristo, com o subseqüente desenvolvimento da igreja. Os dez chifres da quarta fera (Dan. 7.24) não se refeririam a reis do tempo do fim, ligados a um revivificado império romano. O pequeno chifre de Dan. 7.24 não representaria um ser humano. A morte do Messias é que poria fim ao sistema de sacrifícios dos judeus. Ou, então, se essa idéia for personificada, teríamos de pensar em *Tito*, o general romano, porquanto foi ele quem destruiu Jerusalém e seu culto religioso. Os amilenistas é que tomam essa ridícula posição.

Por outra parte, os pré-milenistas (ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Milênio*) afirmam que a profecia de Daniel alude ao fim dos tempos, até a *parousia* (ver também no *Dicionário*) ou segunda vinda de Cristo. Nesse caso, deve-se entender um período parentético entre a sexagésima nona semana e a septuagésima semana (Dan. 9.26,27). Esse período é de tempo indeterminado (já se prolonga por quase dois mil anos), correspondente à dispensação da graça em que vivemos. E a septuagésima semana, que duraria sete anos, seria o período da grande tribulação.

Os pré-milenistas estão divididos quanto ao momento do arrebatamento da igreja. Este ocorreria antes ou após a tribulação? Alguns chegam a pensar que o arrebatamento dar-se-á no meio da tribulação. A questão é amplamente discutida no artigo citado sobre a *Parousia*. Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Setenta Semanas*. Os que pensam que a igreja será arrebatada antes da grande tribulação supõem que Israel tornar-se-á novamente proeminente na história humana e enfrentará o anticristo, sobre o qual acabará obtendo a vitória, e a nação será inteiramente restaurada à sua terra. Mas, segundo esse esquema pré-tribulacional, Israel, embora convertido ao Senhor, não fará parte da igreja. Por sua vez, os que pensam que a igreja só será arrebatada depois da grande tribulação, embora admitam que Israel venha a converter-se ao Senhor, crêem que a nação fará parte integrante e inseparável da igreja, porquanto o ensino bíblico é que toda a pessoa que se converte, após o sacrifício expiatório de Cristo, automaticamente faz parte da igreja. Ver Rom. 11.26 ss., quanto a uma afirmação de que Israel será restaurado como nação.

De acordo com o ponto de vista pré-milenista, a imagem do segundo capítulo de Daniel representa os reinos do mundo, dominados por Satanás, a saber, a Babilônia, a Média-Pérsia, a Grécia e Roma. Nos últimos dias, na época dos dez reis de Daniel 7.7, Roma será revivificada (Dan. 2.41-33 e Apo. 17. 12). O poder que unificará aqueles dez reis com seus respectivos reinos será o anticristo. É precisamente esse poder que será destruído por Cristo, quando de sua segunda vinda (Dan. 2.45; Apo. 19). Ver também Apo. 13.1,2; 17.7-17 e Dan. 2.35. O Filho do Homem obterá a vitória final sobre o anticristo (Dan. 7.13), quando vier com as nuvens do céu (Mat. 26.64 e Apo. 19.11 ss.). O anticristo é o pequeno chifre de Daniel 7.24 ss. (cf. Dan. 11.36 ss.). Historicamente, esse chifre aponta para Antíoco IV Epifânio, mas, profeticamente, o anticristo está em vista. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Anticristo*.

V. Proveniência e Unidade

O livro tem toda a aparência de haver sido escrito na Babilônia. Naturalmente, poderia ter sido escrito posteriormente, em Jerusalém, após o retorno dos exilados judeus. Os críticos supõem haver porções mais antigas e mais recentes, que seriam refletidas nos dois idiomas (o trecho aramaico seria o mais antigo; ver Dan. 2.4b—7.28), adicionadas para dar uma forma final ao livro. Os críticos também pensam que diferentes autores estiveram envolvidos nesse trabalho. É possível que a porção mais antiga tenha sido produzida na Babilônia, ao passo que a mais recente teria sido preparada na Palestina, a fim de que o volume total fosse publicado na Palestina. A arqueologia tem descoberto provas de que, na antiga Mesopotâmia, os escritores algumas vezes tomavam a porção principal de uma obra, intercalando-a entre uma introdução e uma conclusão, de natureza literária totalmente diferente. Isso pode ser visto no código de Hamurabi, no qual a parte principal é prosaica, com um prefácio e uma conclusão em forma de poema. O livro de Jó parece ter estrutura similar. Porém, esse argumento é fraco. Pode-se supor que outras obras assim também reflitam autores diferentes, como, por exemplo, o código de Hamurabi, no qual a porção prosaica é de autoria de um ou mais autores, e a parte poética pode ter tido um ou vários autores. Nesse caso, a obra poderia ser considerada uma compilação feita por algum editor, ao mesmo tempo que o próprio material escrito foi produzido por um ou mais autores. Por outro lado, a maior parte das obras literárias compõe-se de compilações, o que não quer dizer que haja mais de um autor. O problema da unidade do livro de Daniel não está resolvido; e também não podemos estar certos de que apenas Daniel o escreveu. Ele pode ter agido como autor-editor, ou então a obra pode ter incorporado seus escritos, por parte de outro autor-editor. Mas essa possibilidade em nada altera o valor profético da obra.

VI. Destino e Propósito

Já pudemos ver que os críticos supõem que o livro de Daniel tenha sido escrito para encorajar os judeus palestinos em meio à sua resistência ao programa de helenização de Antíoco IV Epifânio. Por outro lado, o livro pode ter tido o propósito de realizar o mesmo papel, mas em favor dos judeus exilados na Babilônia, que estariam enfrentando graves problemas em seus preparativos para retornar a Jerusalém. Nesse caso, o livro também mostraria que Deus, embora juiz dos judeus, já que os deixou ir para o exílio, haveria de restaurá-los, por causa de sua misericórdia. Esse segundo ponto de vista está mais em consonância com o arcabouço histórico apresentado no próprio livro. Naturalmente, a arcabouço histórico poderia ter sido utilizado pelo autor como uma lição objetiva, destinada a um povo posterior, que estivesse enfrentando um conjunto inteiramente diverso de dificuldades.

VII. Canonicidade

O livro de Daniel foi recebido no cânon do Antigo Testamento na terceira divisão, chamada *Escritos*. Ao livro de Daniel não se deu lugar junto aos livros de Isaías e Ezequiel. Daniel não mediou uma revelação à comunidade teocrática, mas foi um estadista judeu dotado de dons proféticos. Não obstante, o Talmude (*Baba Bathra* 15a) testifica sobre a grande estima que os judeus tinham por este livro, que se tornou o único livro apocalíptico a ser aceito no cânon dos escritos sagrados dos hebreus. O cânon alexandrino incluía outros livros. Na Septuaginta, o livro de Daniel aparece entre os escritos proféticos, após o livro de Ezequiel, mas antecedendo os doze profetas menores. Essa disposição tem sido seguida pelas traduções em línguas modernas. Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre o *Cânon*.

VIII. Esboço do Conteúdo

A. *Introdução. História Pessoal de Daniel* (1.1-21)

B. *Visões sobre Nabucodonosor e a História de Ciro* (2.1—6.28)

a. A imagem em seu simbolismo, e sua destruição pela pedra corta da sem mãos (2.1-49)
b. A fornalha ardente (3.1-30)
c. A visão da árvore, de Nabucodonosor (4.1-37)
d. O festim de Belsazar e a queda da Babilônia (5.1-31)
e. A cova dos leões (6.1-28)

C. *Várias Visões de Daniel* (7.1—12.13)

a. As quatro feras (7.1-28)
b. O carneiro e o bode (8.1-27)
c. As setenta semanas (9.1-27)
d. A glória de Deus (10.1-21)
e. Profecias sobre os ptolomeus, os selêucidas e acontecimentos do tempo do fim (11.1-45)
f. A grande tribulação (12.1)
g. A ressurreição (12.2,3)

D. *Declaração Final* (12.4-13)

IX. Acréscimos Apócrifos

A Septuaginta e a versão de Teodócio trazem consideráveis adições ao livro de Daniel, que não podem ser encontradas no cânon hebraico, a saber: 1. A Oração de Azarias (Dan. 3.24-51). 2. O Cântico dos Três Jovens (Dan. 3.52-90). 3. A História de Susana (Dan. 13). 4. A História de Bel e o Dragão (Dan. 14). Esse material todo foi acrescentado ao livro canônico de Daniel para ser preservado, por causa de paralelos literários, e, sem dúvida, sob a inspiração do próprio livro. Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre os *Livros Apócrifos,* quanto a completas descrições sobre o conteúdo e o caráter.

X. Gráfico Ilustrativo das Setenta Semanas

Ver no *Dicionário* esse gráfico, no artigo sobre as *Setenta Semanas.*

XI. Bibliografia

I IB ID ND UN YOU Z

Ao Leitor

O estudante sério deste livro preparar-se-á para o seu estudo lendo a Introdução, que apresenta temas como: características gerais; o homem Daniel e pano de fundo histórico; autoria, data e debates a respeito; ponto de vista profético; proveniência e unidade; destino e propósitos; canonicidade; esboço do conteúdo; acréscimos apócrifos. A essas considerações adiciono algumas poucas notas:

A Bíblia hebraica está dividida em três partes: 1. A *Lei* — o Pentateuco; 2. os *Profetas:* Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze chamados Profetas Menores; 3. os *Escritos,* que se compõem de doze livros: Salmos, Provérbios, Jó, Cantares de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, I e I Crônicas. Os livros de I e II Samuel, I e II Reis e I e II Crônicas formam um único livro na Bíblia hebraica. Provavelmente foram divididos em dois livros (a começar pela Septuaginta) para que fosse mais fácil manusear os rolos, os quais por si sós já eram difíceis de manusear, quanto mais se permanecessem inteiros. Até um leitor casual notará que as divisões da Bíblia hebraica não são perfeitas, e que as divisões modernas, de fato, são melhores. Seja como for, Daniel não estava incluído entre os profetas maiores nem entre os menores, mas, de fato, era um livro de profecia. Jesus chamou Daniel de profeta (ver Mat. 24.15) e ninguém podia disputar a propriedade desse título. Ver o gráfico sobre os profetas hebreus na introdução ao livro de Isaías.

Daniel é a primeira grande obra apocalíptica das Escrituras hebraico-cristãs. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apocalípticos, Livros (Literatura Apocalíptica).* Outros exemplos desse tipo de literatura são I Enoque, o Baruque siríaco e o Apocalipse do Novo Testamento. A essência do livro de Daniel é composta por *seis histórias,* com *quatro sonhos-visões.* Talvez o Daniel referido em Eze. 14.14 e 28.3 seja a personagem bíblica. Mas os estudiosos liberais fazem dele um judeu piedoso que viveu sob as perseguições de Antíoco Epifânio, 167-164 A. C. Os conservadores contudo não vêm razão avassaladora para negar que ele tenha sido um ativo real na Babilônia. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Babilônico.* Ver sobre autoria, data e pano de fundo histórico na seção III da *Introdução.* Alguns eruditos supõem que o livro inteiro tenha sido originalmente escrito em aramaico. A seção de Dan. 2.4b-7.28 permaneceu naquele idioma (uma língua irmã do hebraico) até hoje. O restante do livro foi escrito em hebraico.

"*Daniel,* a exemplo de Ezequiel, foi um cativo judeu na Babilônia. Ele pertencia à família real (Dan. 1.3). Por causa de sua posição social e beleza física, foi treinado para servir no palácio real. Na atmosfera poluída de uma corte oriental, Daniel viveu uma vida de singular piedade e utilidade. Sua longa vida estendeu-se de Nabucodonosor a Ciro. Foi contemporâneo de Jeremias, Ezequiel (14.20), Josué, o sumo sacerdote da restauração, e também de Esdras e Zorobabel. O livro de Daniel é a indispensável introdução à profecia do Novo Testamento, cujos temas são: a apostasia da igreja; a manifestação do homem do pecado; a grande tribulação; a volta do Senhor; a ressurreição e os julgamentos. Esses temas, excetuando o primeiro, também são tratados por Daniel. Ele é, distintamente, o profeta dos *tempos dos gentios* (ver Luc. 21.24). Suas visões cobrem todo o curso do poder gentílico mundial, até o seu fim, que será uma catástrofe, e até o estabelecimento do reino messiânico" (*Scofield Reference Bible,* introdução ao livro).

As Seis Histórias de Daniel e Seus Amigos:
Capítulo 1: Daniel e seus amigos na corte de Nabucodonosor
Capítulo 2: O sonho de Nabucodonosor
Capítulo 3: O ídolo de ouro e a fornalha de fogo
Capítulo 4: A loucura de Nabucodonosor
Capítulo 5: A festa de Belsazar
Capítulo 6: Daniel na cova dos leões

Os Quatro Sonhos Visões:
Capítulo 7: A visão das quatro feras
Capítulo 8: A visão do carneiro e do bode
Capítulo 9: A profecia das setenta semanas
Capítulos 10-12: A visão sobre os últimos dias

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

As Histórias (1.1 – 6.28)

Todas as *histórias* de Daniel têm por pano de fundo a corte da Babilônia. *Quatro* delas ocorreram durante o reinado de Nabucodonosor (caps. 1-4). E uma história ocorreu nos dias de Belsazar, governador da Babilônia sob Nabonido, o último dos reis do império neobabilônico (cap. 5). A última das histórias sucedeu nos dias do conquistador persa da Babilônia (cap. 6). Todas essas histórias têm elevado conteúdo moral, enfatizando como o homem bom pode vencer qualquer obstáculo, se não comprometer sua espiritualidade e moralidade, a despeito das provações pelas quais tiver de passar. Alguns judeus fiéis, que foram perseguidos, elevaram-se a altas posições em meio ao mais crasso paganismo. As histórias narradas em Daniel são, ao mesmo tempo, contos de uma corte oriental, combinados com a tradição hagiográfica. Alguns eruditos supõem que tudo isso seja mero *artifício literário,* e também que não devemos preocupar-nos com a realidade histórica envolvida. Em outras palavras, para esses eruditos trata-se de histórias de exemplos morais e espirituais que não representam nem histórias nem profecias. Os eruditos conservadores, pelo contrário, encontram tanto valor histórico quando profético nesses relatos.

Primeira História: Introdução a Daniel e Seus Amigos na Corte (1.1-21)

Muitos eruditos crêem que todo o livro de Daniel tenha sido originalmente escrito em aramaico. Mas a parte do livro que continha escrita original aramaica é formada pelos capítulos 2-6. O primeiro capítulo foi escrito em hebraico. "Essa é uma história que ensina como a observância fiel da lei é recompensada" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

Prôlogo (1.1-7)

"Os dois primeiros versículos do livro de Daniel afirmam quando e como o profeta foi levado para a Babilônia. Os eventos do livro começaram no terceiro ano do reino de Jeoaquim, rei de Judá. Isso parece estar em conflito com a declaração de Jeremias de que o primeiro ano de Nabucodonosor, rei da Babilônia, ocorreu no *quarto* no do reinado de Jeoaquim (Jer. 25.1)" (J. Dwight Pentecost, introdução à seção). Ele apresenta duas maneiras possíveis de solucionar a aparente contradição: 1. O calendário judaico começava o ano no mês de tishri (setembro-outubro), enquanto o calendário babilônico começava o ano na primavera, no mês de nisã (março-abril). Se o cômputo babilônico for usado, obteremos o ano do cerco de Nabucodonosor de Jerusalém como o quarto ano de Jeoaquim, mas o cômputo judaico assinalava o terceiro ano. Daniel, sendo judeu, pode ter empregado o cômputo judaico. 2. Então temos de considerar como os babilônios contavam as datas dos reinados dos reis. A porção de um ano que antecedia o início de um novo ano, antes da subida ao trono, era chamada de primeiro ano, mesmo que tivesse curta duração. Se Jeremias seguiu esse modo de contar as datas, então ele contou o ano de subida ao trono de Jeoaquim (que foi apenas parte de certo ano) como o primeiro ano. Paralelamente, Daniel pode ter usado o modo de contar judaico, que não considerava aqueles meses como o primeiro ano de reinado de um monarca. Assim sendo, ele contou somente três anos inteiros do reinado de Jeoaquim. Seja como for, o ano foi 605 A. C. A tudo isso devemos adicionar a observação de que discrepâncias dessa espécie, se é que existem, de modo algum comprometem a inspiração e a exatidão da mensagem. *Harmonia a qualquer preço* é, com freqüência, a manipulação de informes ao preço da honestidade.

1.1

No ano terceiro do reinado de Jeoaquim. Quanto às *três deportações* de Judá que se seguiram aos diversos ataques de Nabucodonosor contra Jerusalém, ver as notas sobre Jer. 52.28. "O terceiro ano de Jeoaquim foi 606 A. C. *Nabucodonosor* é a forma judaica de Nabuchadrezar, que, em 597 A. C., levou os tesouros do templo e cativos para a Babilônia (II Reis 24.10-15). No vs. 2, a Babilônia é chamada por seu antigo nome, Sinear (ver Gên. 10.10; Isa. 11.11)" (*Oxford Annotated Bible, sobre o Prólogo).* Note o leitor a variação da data suposta. Cf. II Crô. 36.2 com II Crô. 36.5. O irmão mais novo de Jeoaquim, Jeoacaz, tinha sido posto no trono de Judá por Faraó Neco, que matara o rei Josias, em 609 A. C. Neco destronou Jeoacaz e pôs Jeoaquim no trono (II Crô. 36.3-4). Daniel foi levado à Babilônia por ocasião da primeira deportação. Ver sobre Daniel, o homem, na introdução ao livro, seção II, primeiro parágrafo.

1.2

O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim. Quanto à história completa dos ataques babilônicos e dos cativeiros subseqüentes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico.* O cativeiro ocorreu por meio de ondas. Jeoaquim foi primeiro submetido ao pagamento de tributo e ao acordo de que não se rebelaria. Quando ele ignorou esses acordos, Nabucodonosor retornou a Judá pela segunda vez, em 597 A. C. Nesse tempo, dez mil cativos judeus foram levados para a Babilônia. O profeta Ezequiel estava entre eles. Ver Eze. 1.1-3; II Reis 24.8-24 e II Crô. 36.6-10. Foi a incansável tríade idolatria-adultério-apostasia que causou a calamidade iniciada com Jeoaquim, mas não terminada com ele. Ver Jer. 7.30 ss.; 34.12-22 e Hab. 1.6.

Alguns dos utensílios da casa de Deus. A primeira deportação incluiu um saque parcial do templo. Ver essa história em II Reis 24.12-16. Haveria um segundo ataque contra Zedequias, o último rei de Judá. Quanto a isso, ver II Reis 25.13-17 e cf. II Crô. 36.18 e Jer. 27.19,20.

Sinear. Este era o antigo nome da Babilônia, usado pelos hebreus. Ver Gên. 10.10-11.2; 14.9; Isa. 11.11; Zac. 5.11.

A casa do seu deus. O nome comum, nos livros de Reis, é "casa de Yahweh". Escritores posteriores, como aqui, usaram a expressão "casa de Elohim". O termo se repete em Dan. 5.3. O uso das palavras "de Elohim" reflete o uso mais antigo. Ver Juí. 17.5 e 18.31. O santuário de Silo chamava-se "casa de Elohim", com o sentido de "casa de poder". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* O livro de Daniel tende a evitar o nome sagrado, *Yahweh,* provavelmente por motivo de respeito ao mais augusto dos nomes hebraicos de Deus.

A deportação dos judeus foi uma grande *perda financeira,* e não meramente em termos de vidas. Algumas vezes, os templos antigos eram essencialmente tesouros. Ver I Crô. 28.11. Ezequias tolamente mostrou os tesouros do templo aos babilônios, o que acabou custando-lhe uma severa repreensão de Isaías. Ver II Reis 20.12 ss.

Seu deus. Dan. 4.8 informa-nos que o *deus* de Nabucodonosor era Bel, ou seja, *Marduque,* o deus cidade da Babilônia, cabeça do panteão babilônico da época. Cf. Isa. 46.1; Jer. 50.2; 51.44. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Nabucodonosor.*

1.3

Disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos. *Aspenaz* figura por nome somente aqui, e não aparece em nenhum outro trecho do Antigo Testamento. Ele é chamado de outros modos por seis vezes, por "o eunuco" ou "o chefe dos eunucos", em Dan. 1.7-11,18. A derivação desse nome é incerta, mas sua versão hebraica parece significar "narina de cavalo", por razões desconhecidas. Ele era o chefe dos eunucos do rei Nabucodonosor. Daniel e seus companheiros foram entregues aos seus cuidados, e ele lhes trocou os nomes (ver Dan. 1.3,7). O tempo foi cerca de 604 A. C. A petição de Daniel, no sentido de que não fosse compelido a comer as provisões enviadas à mesa real, foi aceita favoravelmente, bondade que o profeta, agradecido, registrou em Dan. 1.16. Os eruditos subentendem do fato que o homem era o chefe dos eunucos, e Daniel e seus companheiros hebreus também foram feitos eunucos. Mas esse ponto é disputado. Além disso, o chefe dos eunucos nem sempre era castrado. Aspenaz tinha o dever de preparar jovens promissores para o serviço especial ao rei, e Daniel estava entre aqueles que foram escolhidos para esse mister.

Assim da linhagem real como dos nobres. Quase incidentalmente, aprendemos algo do nascimento real ou nobre de Daniel. Mas não é dada nenhuma genealogia, o que seria comum, sabendo-se da importância atribuída à questão pelos hebreus. Quanto a comentários sobre o pano de fundo de Daniel, ver a seção II da *Introdução.* Josefo (*Antiq.* X.10.1) diz-nos que Daniel e seus companheiros pertenciam à família de Zedequias, mas não sabemos se essa informação é correta, ou se ele supôs que tal informação fosse correta devido à declaração deste versículo.

O Ofício de Aspenaz. Aspenaz é chamado de chefe dos eunucos, que pode ter sido o significado da palavra nos tempos de Daniel. Mas alguns sugerem a tradução "oficial" para o termo hebraico *saris,* e isso deixa a questão ambígua. Esse homem, mesmo que fosse supervisor do harém real, provavelmente tinha outros deveres também.

1.4

Jovens sem nenhum defeito, de boa aparência. *Daniel* e seus amigos nobres (ou reais) eram espécies físicos perfeitos. Ademais, embora jovens, eram conhecidos por sua sabedoria e erudição, pelo que também se distinguiam intelectualmente. Conforme a narrativa se desdobra, descobrimos que eles eram homens espirituais especiais, que levavam a sério sua fé religiosa. Portanto, foi apenas natural que tivessem sido escolhidos pelo rei da Babilônia para receber um treinamento especial, a fim de que fossem empregados em algum serviço que lhes fosse planejado, em benefício do império. Essa história me faz lembrar do "dreno de cérebros" em que os Estados Unidos da América está envolvido. Intelectuais de muitos países, que ali vão para receber treinamento, terminam ficando

no país e servindo a América do Norte, e não seus próprios países. Notemos que aqueles jovens também eram "simpáticos", pelo que os *homens bonitos* sempre têm alguma vantagem, e tanto mais quando possuem outras qualidades que acompanham a beleza física.

Para assistirem no palácio do rei. Literalmente, diz o hebraico: "para se porem de pé perante o rei". O texto fala em "serviço da corte" (ver I Sam. 16.21; I Reis 12.6), mesma expressão usada para indicar os atendentes angelicais que estão de pé na presença de Deus, em Dan. 7.10. Esses homens extraordinários seriam usados em toda a espécie de serviço divino.

E lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus. Note o leitor a ênfase sobre a educação e a cultura. Esses homens bons tornar-se-iam ainda melhores por uma boa educação que incluiria sério estudo da linguagem. Como eles deveriam servir na Babilônia, teriam de falar o idioma do lugar. "O programa educacional provavelmente incluiu o estudo da agricultura, da arquitetura, da astrologia, da astronomia, das leis, da matemática e da difícil língua acádica" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). Nenhum prêmio é oferecido à ignorância. Um pai cuidará para que seus filhos obtenham uma boa educação. Não basta fazê-los ler a Bíblia.

O acádico, conforme aprendemos em Jer. 5.15, era o neobabilônico. Embora fosse um idioma semítico, não era entendido pelos judeus. Abraão, naturalmente, veio de Ur, antiga cidade babilônica. Ver o artigo sobre *Babilônia,* no *Dicionário.* Até mesmo um judeu esperto teria pouco conhecimento em comparação com os homens bem-educados da Babilônia. Os judeus eram especialistas nos campos da religião e da literatura, mas pouco sabiam sobre as ciências e seus muitos ramos.

1.5

Determinou-lhes o rei a ração diária. Àqueles jovens seletos e promissores foi dado um tratamento em estilo real; eles recebiam aulas de primeiro nível em boa mesa, e comiam diretamente das provisões reais, ou seja, metaforicamente, comiam "da mesa do rei". Tinham os ricos alimentos e o vinho de que o próprio rei desfrutava, mas terminaram rejeitando essa alimentação em favor da comum dieta judaica, conforme se vê no vs. 16. Sem dúvida, por motivo de saúde, isso era melhor para eles, mas a preocupação principal era obedecer à dieta judaica ideal. Além disso, a rejeição dos alimentos reais era uma maneira de eles dizerem: "Também rejeitamos o luxo e a idolatria deste lugar, como algo contrário à boa moral". Os hebreus escolhidos para esse programa especial continuariam sendo treinados por *três anos* e então teriam de apresentar-se ao rei para que fosse verificado o quanto da educação babilônica tinham absorvido. Se fossem considerados qualificados, entrariam no sérviço do rei. Os três anos de educação e treinamento prático significariam a formação universitária no sentido babilônico.

Nabucodonosor não tinha uso para homens ignorantes. Esses acabariam varrendo soalhos e cavando valetas. Daniel e seus amigos tinham de especializar-se nas tradições dos sábios caldeus, aperfeiçoando-se na sabedoria e erudição babilônica, tal como *Moisés* precisou tornar-se sábio na erudição egípcia (ver Atos 7.22). "Os pagens reais viviam da abundância real. Eles tinham rações diárias determinadas, o alimento e a bebida da mesa real. Ateneu (Deifosofistas, IV.26) mencionou que os atendentes do rei persa tinham recebido provisão da mesa real, e a porção diária para os cativos da realeza, na Babilônia, é mencionada em Jer. 52.34.

Por três anos. Nos escritos babilônicos, desconhece-se qualquer período de três anos de educação, mas isso nos faz lembrar dos três períodos nos quais os escritores gregos diziam estar dividida a educação de um jovem persa (Platão, *Alcebíades* I.121; Xenofonte, *Cyropaedia* I.2)" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

1.6,7

Entre eles se achavam, dos filhos de Judá. Estes dois versículos nomeiam os amigos de Daniel: Hananias, Misael e Azarias. Ver no *Dicionário* os artigos sobre cada um deles. Todos pertenciam à tribo de Judá, presumivelmente (mas não necessariamente) de Jerusalém. No *Dicionário* há catorze homens que atendiam pelo nome de Hananias, no Antigo Testamento, e o do nosso texto é o de número oito. Há também três homens com o nome de *Misael,* no Antigo Testamento, e o do texto presente é o de número três no *Dicionário.* Finalmente, há vinte e cinco homens, no Antigo Testamento, que atendem pelo nome de Azarias! E este é o último Azarias da lista, no *Dicionário.* O chefe dos eunucos (chamado Aspenaz no vs. 3) mudou os nomes desses três homens para *Sadraque, Mesaque* e *Abede-Nego.* Ver o artigo sobre esses três, juntamente, sob esse título, onde apresento notas mais detalhadas. O nome de Daniel, finalmente, foi mudado para *Beltessazar.*

O nome alternativo de Daniel aparece oito ou dez vezes na seção aramaica do livro (ver Dan. 2.26; 4.8,9,18,19 (quatro vezes) e 5.12). E também se acha em Dan. 1.7 e 10.1. Esses novos nomes provavelmente significam que, doravante, eles seriam súditos babilônicos (sua história anterior terminou juntamente com os antigos nomes) e serviriam a deuses babilônicos, e não a Yahweh. Em outras palavras, a esperança é que eles seriam totalmente paganizados para melhor servir à Babilônia. Dessa forma, estava armado o palco para que eles mostrassem como lutaram a fim de salvar e fomentar sua piedosa identificação judaica, permanecendo fiéis a Yahweh e à lei mosaica.

Notemos como os nomes anteriores ligavam essas figuras ao yahwismo: Hananias significa "Yah tem sido gracioso"; Misael significa "Quem é o que El é?"; Azarias significa "Yah tem ajudado". E Daniel significa "El tem julgado". Cada um desses nome incorpora um nome hebraico para Deus. Em sentido contrário, há esforços para fazer com que os nomes novos correspondam à divindade babilônica. Os massoretas sugeriam que *Bel* podia ser visto no nome Beltessazar. *Abede-Nego* parece significar o mesmo que Abdi-nabu, "servo de Nebo". *Mesaque* pode significar "estou desprezado (humilhado) (na presença do meu deus)". Nada semelhante tem sido demonstrado no caso do nome *Sadraque.* Mas talvez a última sílaba, *aque,* esteja associada ao nome *Sadraque,* ou a *Merodaque.* No entanto, outros vêem aqui uma alusão a *rak,* que no acádico significa *rei,* e pelo qual devemos entender "sol" ou "deus-sol". Mas outros preferem sugerir *saduraku,* que significa "temo (o deus)".

O Teste dos Fiéis (1.8-16)

1.8

Resolveu Daniel firmemente não contaminar-se. Bem no começo de ter sido tão altamente favorecido, Daniel resolveu permitir que sua fé religiosa interferisse e lhe causasse dificuldades. Não são muitas as pessoas que permitem que sua fé intervenha em alvos e ambições mundanas, para nada dizermos sobre os *prazeres,* que usualmente formam a base de sua filosofia de vida. Daniel e seus amigos resolveram arriscar-se a enfrentar a ira do rei (que lhes seria fatal), a fim de permanecerem fiéis. Eles se revoltaram contra o alimento não-kosher que lhes era servido. Os alimentos consumidos pelos pagãos continham coisas consideradas cerimonialmente *imundas* para os judeus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.* Daniel fez um propósito "em seu coração" (segundo a King James Version e nossa versão portuguesa). Ele tinha profundas convicções sobre essas questões. Ver sobre *coração,* em Pro. 4.23. Quanto a outras instâncias nas quais os judeus tentaram efetivar seus regulamentos dietéticos em ambientes pagãos, ver Juí. 12.1-4; Tobias 1.10,11; IV Macabeus 5.3,14,27; Josefo (*Vidas,* 3); Jubileus 22.16. O texto de I Macabeus 1.62,63 mostra que, para alguns judeus, comer alimentos ilegítimos significava praticar pecados graves.

Tudo isso se assemelha às convicções que os evangélicos costumavam ter, as quais, em nossos dias, foram essencialmente abandonadas devido à atmosfera mundana de nossas igrejas. Notemos que Daniel também rejeitou o vinho do rei. Os judeus bebiam vinho e, se fossem piedosos, eram usuários moderados de vinho. Talvez Daniel estivesse apenas certificando-se de que não se contaminaria por imitar os comedores e bebedores da Babilônia, em *nenhum* sentido. Portanto, cortemos o vinho da lista. Nabucodonosor dava a seus futuros oficiais uma prova da boa vida, parte da qual consistia em alimentos e bebidas superabundantes. Os babilônios não diluíam o vinho, mas os hebreus o faziam; e, assim sendo, os babilônios tendiam mais para o alcoolismo do que os judeus. Alguns israelitas misturavam uma parte de vinho com três partes de água, e alguns chegavam a diluir uma em seis partes. Ver em Pro. 20.1 e Isa. 5.11 advertências contra as bebidas alcoólicas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Bebedice.* Os gregos e os romanos também misturavam vinho com água. Um dia, meu professor de latim, diante de uma passagem que mostrava esse fato, declarou não entender como alguém podia fazer algo assim. E essa era, talvez, a única coisa, acerca dos gregos e romanos, que ele não compreendia. Alguns estudiosos sugerem que os alimentos babilônios eram dedicados a seus deuses por meios rituais, algo parecido com as bênçãos que, em nossos dias, muitos pedem antes das refeições. Isso pode ter feito parte da objeção de Daniel.

Humildemente, Daniel requereu que fosse isentado dos alimentos oferecidos aos jovens hebreus, e Aspenaz, o porta-voz de Daniel, foi capaz de dar-lhe essa licença, conforme vemos no vs. 16. Daniel, entretanto, não demonstrou intolerância ou animosidade, como fazem alguns separatistas hoje em dia. Ele não iniciava inimizades desnecessariamente.

1.9

Ora Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão. A primeira coisa que sucedeu foi que *Elohim* (o Poder) influenciou Aspenaz para simpatizar com a causa de Daniel. O homem teve *compaixão* de Daniel, sabendo que até poderia ser executado, caso o pedido de Daniel desagradasse o rei. Portanto, ele fez o melhor ao seu alcance para tratar do caso. "Deus fez Aspenaz querer ser bondoso e misericordioso com Daniel" (NCV). A história ensina, em última instância, que um homem pode defender suas convicções de maneira civil, e que Deus pode mostrar e realmente mostra Seu favor em prol de quem quer ser-Lhe obediente. Cf. os casos de José no Egito; de Ester na corte de Assuero; e de Esdras diante de Artaxerxes. Não nos lembremos, entretanto, do momento em que Moisés se encontrou com o Faraó! "A graça de Deus capacita cada indivíduo a vencer as tentações para as quais as circunstâncias o conduzem" (Ellicott, *in loc.*). Por causa da ação de Elohim Daniel recebeu o favor real, e por causa Dele Daniel, visto ter uma missão a realizar na Babilônia, seria invencível até cumprir essa

missão. "Um déspota oriental ordinário teria, em uma explosão de ira, ordenado que o ofensor fosse decapitado imediatamente" (Fausset, *in loc.*).

1.10

Disse o chefe dos eunucos a Daniel. O chefe dos eunucos não era especialista em nutrição, mas tinha certeza de que os jovens não-judeus, que se alimentavam de carne, seriam muito mais saudáveis, fortes e bonitos do que os judeus que se alimentavam de vegetais. Ele seria responsabilizado por esse resultado e poderia ser demovido de seu cargo, ou mesmo executado por não ter cumprido o seu dever, cedendo diante das demandas tolas de um povo que não tinha direitos. O rosto deles era "parecido com a tristeza" (hebraico literal), por causa da dieta fraca. O chefe dos eunucos não seria capaz de ocultar a verdade. A cabeça do chefe dos eunucos corria perigo. 1. Ele poderia ser executado por *decapitação,* de acordo com alguns intérpretes; ou 2. ele seria *considerado responsável* e punido de qualquer maneira que o rei escolhesse. O termo *cabeça* representa a pessoa (ver I Crô. 10.9).

1.11,12

Então disse Daniel ao cozinheiro-chefe. *Daniel foi o porta-voz* dos outros três jovens hebreus e reconheceu que todos os quatro estavam debaixo da autoridade de Aspenaz. Se o homem insistisse, acabaria fazendo o que bem quisesse, e Daniel e seus amigos teriam de obedecer-lhe, ou então sofreriam as conseqüências da desobediência. Mas Daniel pediu que a questão fosse submetida a teste por "dez dias". Eles comeriam apenas legumes e tomariam água. A dieta de vegetais evitaria completamente a carne, incluindo aqueles tipos não permitidos pelas leis judaicos do *Limpo* e do *Imundo* (ver a respeito no *Dicionário*). Beber somente água evitaria que os jovens se embriagassem com o vinho sem mistura dos babilônios, que seria forte demais para os hebreus, acostumados a misturar vinho com água. Ver as notas sobre os vss. 5 e 8. Os antigos sabiam quais alimentos eram necessários à boa saúde. A carne é essencial, a menos que seja substituída por leite e derivados, que contêm proteínas, ou pelos tipos de feijão que também contêm proteínas. O complexo de vitaminas B é difícil de conseguir, a menos que se consuma carne. Portanto, ficamos perplexo diante da esperança de sucesso com uma dieta vegetariana, que não era a forma típica de alimentação dos hebreus. Só podemos supor que Yahweh tenha intervindo. Naturalmente, dez dias não é o suficiente para produzir deterioração visível no estado físico de uma pessoa que se alimenta sem consumir proteínas e o complexo de vitaminas B. Seja como for, uma quantidade suficiente de *trigo* poderia salvar o dia.

1.13

Então se veja diante de ti a nossa aparência. Passados os *dez dias* haveria uma cuidadosa inspeção da condição física dos hebreus; eles seriam comparados com os não-hebreus que tinham comido carne e bebido vinho e também estavam no programa de treinamento de Nabucodonosor. Aspenaz seria o juiz e tomaria uma nova decisão sobre os alimentos e as bebidas, se assim julgasse melhor. John Gill (*in loc.*) supunha que Yahweh fizera a Daniel uma revelação garantindo o sucesso do teste, mas isso parece desnecessário. Daniel, podemos ter certeza, confiava no Ser divino quanto ao bom resultado da experiência, pois estava servindo ao Ser divino.

1.14-16

Ele atendeu, e os experimentou dez dias. Aspenaz concordou com o teste de dez dias. Os não-hebreus banqueteavam-se com toda a carne e o vinho sem mistura, enquanto os pobres hebreus comiam apenas feijão e arroz, e bebiam água. Essa dieta não era nada inspiradora, mas fazia bem. *Dez dias* geralmente figuram como um período de provas, mais ou menos como os *quarenta* dias, semanas ou anos. Ver Apo. 2.10. Portanto, os jovens hebreus estavam submetendo-se a um teste de fé e nutrição. No fim do período do teste, a fé deles foi justificada. Eles não somente pareciam mais saudáveis e fortes, mas também estavam mais bonitos. Quando foram comparados com os outros jovens não-hebreus, ficou definitivamente demonstrado que os legumes eram uma dieta melhor do que o regime de carnes, e que a água era melhor do que o vinho. Do *ponto de vista natural,* temos de supor aqui: 1. Os hebreus comiam bons alimentos de trigo, cereal rico em proteínas e no complexo B; 2. os não-hebreus ficaram debochados por todo o seu rico alimento, acompanhado de muita bebida alcoólica. *Ou então* Yahweh interviera diretamente, garantindo os bons resultados. O Criador também acompanhou Sua criação, recompensando e punindo, de acordo com os ditames das leis morais. A isso chamamos de *teísmo,* em contraste com o *deísmo,* que supõe que a força criativa (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação aos cuidados das leis naturais. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* A história foi escrita para judeus piedosos como uma lição objetiva, e podemos estar certos de que a intervenção divina era mais importante para eles do que uma nutrição saudável.

Há um paralelo a essa história, no *Testamento de José* (3.4), quando José, embora estivesse *jejuando,* manteve-se em um estado físico superior ao dos egípcios, que se banqueteavam com uma dieta gorda. Assim sendo, aprendemos que aqueles que jejuam para o Senhor são recompensados com a beleza física. John Gill (*in loc.*) admite que aquilo que Daniel e seus amigos comeram não podia resultar no bem, pelo que certamente deve ter havido uma intervenção divina. Mas outros estudiosos louvam o vegetarianismo.

No fim dos dez dias, as suas aparências eram melhores. O resultado foi que o *cozinheiro-chefe* (o homem que cumpria as ordens de Aspenaz) levantou a rica dieta babilônica e deixou os pobres hebreus a comer seus legumes e a beber sua água. Lembremos que eles continuarem nesse regime por *três anos.* Grande deve ter sido a recompensa por esse sacrifício! E é precisamente com isso que o autor sacro procurava impressionar-nos. Yahweh está com aqueles que se sacrificam por amor à justiça. O incidente foi uma lição ao desobediente povo de Judá, por causa de sua idolatria-adultério-apostasia naquele momento do cativeiro babilônico. A total ausência de bom senso e disciplina os levara àquele ponto.

> *Não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor...*
>
> (Deuteronômio 8.3)

Epílogo (1.17-21)

Agora o autor diz-nos diretamente que "Deus estava em tudo aquilo". Deus *deu* o que eles precisavam: boa saúde, físico forte e mente aguda. Essas vantagens foram concedidas aos jovens hebreus como recompensa por sua fidelidade. Cf. Sal. 37 e Eze. 18-33. O rei foi muito exigente ao submeter os jovens hebreus a testes e inspeções. A ajuda divina garantiu que eles não fracassassem, mas antes tivessem ressonante sucesso. O autor sacro estava dizendo que "os bons são recompensados", especialmente quando se opõem às corrupções dos pagãos.

1.17

Não foi a dieta vegetariana que tornou os hebreus mais sábios e inteligente. Essas vantagens eles obtiveram pelo trabalho árduo e pela ajuda divina. Algumas pessoas clamam pela assistência divina, mas negligenciam o trabalho árduo. Quando os estudantes fazem alguma prova de matemática, a classe toda apela para a oração. Isso é bom, mas tem pouca utilidade se os homens também não estudaram. Alguns estudantes apelam para a "cola" e ganham boas notas desonestamente, mas em algum ponto a *Lei da Colheita Segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) haverá de alcançá-los. Assim sucede em nossa vida espiritual.

Daniel foi abençoado com os outros jovens hebreus, mas recebeu um *dom especial* que seria importante mais tarde: a capacidade de interpretar sonhos e visões. Em outras palavras, ele recebeu habilidades místicas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo.* E em vez de o leitor criticar a palavra *misticismo,* sugiro que leia o artigo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sonhos e Visões.* Nos dias de Daniel, os profetas eram rejeitados. Mas Daniel cumpriria sua missão completa, por causa de seus dons proféticos.

Não esqueçamos que este versículo também ensina que Daniel e seus amigos obtiveram sucesso no cumprimento das expectações do rei ao dominar a erudição e a sabedoria dos babilônios (ver o vs. 4). Portanto, a vida compõe-se de várias realizações, incluindo a boa educação. O secular e o sagrado combinam-se na experiência de todos os homens preparados. É possível que alguém tenha uma mente tão celestial que acabe sem uso algum neste mundo materialista. Cf. o *caso de José.* Ele foi favorecido como homem de muitas aptidões, entre as quais se destacava a capacidade de interpretar sonhos (ver Gên. 40.5; 41.1,8).

1.18

Vencido o tempo determinado pelo rei. Ao fim dos *três anos* (vs. 5), chegou o grande e assustador dia. Os estudantes tiveram de comparecer perante o Grande Chefe, o próprio rei Nabucodonosor, que seria o juiz final. Eles seriam ou não o que ele queria que eles fossem. Se correspondessem ao desejo real, seriam galardoados, recebendo algum serviço em favor do monarca. Caso contrário, seriam expulsos do palácio, como demonstração de desgosto. A vida é assim. Somos responsabilizados por aquilo que fazemos e por aquilo em que nos tornamos. E também existem juízes adequados que fazem essa avaliação.

1.19

Então o rei falou com eles. O fim da questão é o que esperamos saber, pois Yahweh estava com Seus servos, que se tinham sacrificado por causa Dele. Lembremo-nos, pois, de todo esse duro trabalho. Eles precisava que o coração estivesse disposto e a mente funcionasse no máximo de suas potencialidades. Algumas pessoas religiosas querem que tudo lhes seja dado, meramente porque são religiosas, mas isso viola a lei do trabalho árduo do universo, uma parte integral da *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura.*

Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles. Todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.

(I Coríntios 15.10)

O rei submeteu a teste os jovens hebreus, fazendo perguntas e requerendo exercícios teóricos e práticos. Os testes comprovavam que os *quatro melhores estudantes* eram, exatamente, os jovens hebreus. O que torna as declarações deste versículo significativas é que eles eram os melhores, embora estivessem competindo com um grupo seleto de jovens. Eles eram os melhores entre os melhores. Foi algo semelhante a Paulo, que se levantou para ser um apóstolo maior do que Pedro! Não foi fácil conseguir isso!

Vês a um homem perito na sua obra? Perante reis será posto; e não entre a plebe.

(Provérbios 22.29)

1.20

Em toda matéria de sabedoria e de inteligência. Daniel e seus amigos dominaram realmente as matérias que haviam estudado. Eles tinham compreendido a matemática e as ciências; dominaram a astrologia, a astronomia e, ao que tudo indica, as artes psíquicas; ou por que o autor diz que eles ultrapassaram em conhecimento aos mágicos e encantadores? Aqueles hebreus, de fato, eram *dez vezes* mais espertos que os jovens não-hebreus e chegaram até a aprender a gramática babilônica, embora usualmente os estudantes tenham alergia à gramática.

Do que todos os magos. No hebraico, *hartummim*, palavra também usada nos capítulos 2, 4 e 5. Ver também Gên. 41 e Êxo. 7-9. O termo pode referir-se à classe dos sábios, mas devemos lembrar quão importantes eram para os babilônios as artes psíquicas. O que é psíquico é *neutro* em si mesmo e pode ser posto em bom ou mau uso. Ver o artigo detalhado sobre *Parapsicologia*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Um homem, por ser um homem, tem poderes psíquicos, que são apenas inerentes à natureza humana. Existem abusos quando mentes estrangeiras e espíritos se misturam. Além disso a mente humana pode ser corrompida e, com freqüência, se corrompe. No entanto, o ser humano é uma psique, um espírito, e, naturalmente, possui qualidades e habilidades espirituais. "A palavra geral mágicos (no hebraico, *hartummim*, Dan. 1.20 e 2.2) referia-se a homens que praticavam as artes ocultas. Essa palavra também é usada em Gên. 41.8; Êxo. 7.11,22; 8.7; 9.11" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

Encantadores. No hebraico, *'assapim*, palavra usada somente por duas vezes no Antigo Testamento: Dan. 1.20 e 2.21. Provavelmente estão em vista aqueles que eram aptos em todas as formas de encantos mágicos e exorcismo. Eles eram espertos nas questões espirituais, conforme os babilônios as entendiam. Provavelmente por trás dessa palavra está o verbo babilônico *kasapu*, "encantar", "lançar um encantamento", "exorcizar". Ver o artigo do *Dicionário* denominado *Adivinhação.* Daniel e seus amigos ultrapassavam a esses homens. Porventura os derrotaram no próprio jogo deles? Não há razão para supormos que Daniel se reduziu a praticar as artes dos babilônios, mas a indicação clara do texto é que ele era homem dotado de consideráveis aptidões psíquicas e proféticas. Ele tinha uma excelente forma de misticismo. Não apenas lia a Bíblia e orava. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

1.21

Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro. Este versículo é uma pequena nota cronológica acerca do período de permanência de Daniel na Babilônia. Ele continuava lá quando Ciro derrotou os babilônios, cerca de 539/538 A. C. Isso significa que a carreira de Daniel na Babilônia durou setenta anos. Talvez esta nota queira dizer-nos que Daniel morreu no ano em que Ciro subiu ao trono. Mas Dan. 10.1 diz que Daniel estava vivo no terceiro ano do governo de Ciro. Não há indicação de que Daniel tenha voltado a Jerusalém, embora existam tradições que dizem precisamente isso, ao passo que outras respondem com um "não". Dan. 9.25 menciona o retorno dos exilados, mas não confere a Daniel nenhuma participação nisso. O livro não demonstra grande interesse por essa parte da história. Ela tem escopo mundial.

Lições da Primeira História. Deus honra àqueles que O honram (ver I Sam. 2.30), algumas vezes de maneira pública e gloriosa, mas sempre de maneira particular e adequada. A obediência leva a muitos triunfos. Portanto, existem muitas recompensas para os fiéis. Daniel teve uma missão longa e bem-sucedida, distante de sua terra, sob circunstâncias adversas.

Devemos entender que Daniel teve uma importante obra a fazer na chamada de Nabucodonosor, de quem se tornou valioso conselheiro. Ademais, durante o seu tempo na Babilônia, ele cumpriu a função de porta-voz de Deus em meio ao paganismo. Além disso, como é natural, teve uma missão profética, embora o seu livro não seja classificado como profético, de acordo com a tradição hebréia. Mas dentro da tradição cristã por certo ele é assim classificado.

Capítulo Dois

O livro de Daniel compõe-se essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões.* As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes a respeito, ver a seção "Ao Leitor", quinto e sexto parágrafo, antes da exposição a Dan. 1.1. Agora movemo-nos para a segunda história: *O sonho de Nabucodonosor.* Este longo capítulo, como é natural, divide-se em duas grandes partes: vss. 1-13, prólogo; e vss. 14-45, Daniel como intérprete de sonhos. Os vss. 46-49 contêm o epílogo.

"*O Sonho de Nabucodonosor.* Esta história ensina a debilidade da sabedoria humana, em comparação com a sabedoria conferida por Deus" (*Oxford Annotated Bible*, na introdução ao capítulo). A história é um paralelo da experiência de José, em Gên. 41. Há uma correspondência na fraseologia, o que provavelmente mostra que o autor sacro tinha aquela história na mente, quando escreveu o relato presente. Os temas principais são: Toda a sabedoria humana é destituída de valor quando confrontada com a sabedoria conferida por Deus; uma filosofia da história; as eras deste mundo são guiadas pelo decreto divino; Deus humilha os orgulhosos e eventualmente faz com que eles O reconheçam. Ver como o *teísmo* domina o relato. O Criador continua presente em toda a Sua criação — intervindo, recompensando e punindo. Ver sobre esse tema no *Dicionário.* Contrastar isso com o *deísmo*, que ensina que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou o seu universo aos cuidados das leis naturais.

Segunda História: O Sonho de Nabucodonosor (2.1-49)

Prólogo (2.1-13)

Esta história é datada no *segundo ano* do reinado de Nabucodonosor. "Desde os dias de Josefo, tem sido exercida grande engenhosidade para explicar como Daniel pôde ter estado ativo em alguma capacidade oficial, no segundo ano do rei, quando se declarou que somente após três anos de treinamento é que Daniel foi introduzido à presença de Nabucodonosor. Mas a data precisa é apenas um artifício literário que pertence ao arcabouço histórico, e a incoerência que nos impressiona nada teria significado para o escritor sacro e seus contemporâneos" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

2.1

No segundo ano do reinado de Nabucodonosor. Ao rei foram dados por Deus alguns sonhos inspirados — esse é o sentido óbvio do versículo. Ele ficou perturbado e foi forçado a apelar para a ajuda de Daniel a fim de compreender esses sonhos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sonhos.* Se a maioria dos sonhos é inspirada pelo cumprimento dos desejos, existem sonhos espirituais e psíquicos que vão além desses limites. Assim sendo, os homens idosos sonham, e os jovens vêem visões (Joel 2.28), por divina direção e inspiração. Nabucodonosor, sendo um grande rei, naturalmente sonharia com coisas seculares. E também não precisava ser um judeu para ser guiado pelo Espírito Santo.

2.2

Então o rei mandou chamar os magos... A maior parte dos povos antigos levava a sério os sonhos. Certamente isso se dava com os hebreus. Aqui e ali na Bíblia encontramos sonhos espirituais que são quase visões. Em minha própria experiência, tenho tido sonhos que definitivamente não podem ser classificados como sonhos comuns e profanos. Sonhar é, de modo geral, uma herança espiritual, e ocasionalmente uma pessoa atinge o outro mundo e traz dali algo de especial. Cf. este versículo com Dan. 1.17,21. Daniel tinha habilidades especiais como intérprete. Dos *sábios* da Babilônia, esperava-se que tivessem discernimento profético. Portanto, foi apenas natural que o rei os convocasse para testar suas habilidades. O termo "caldeus" fala da casta coletiva dos sábios. Os sonhos e as visões são a mesma coisa e originam-se da alma e da psique humana. Fazem parte do estoque inerente de conhecimentos dos homens. Algumas vezes, porém, um bom intérprete pode ter discernimentos que ultrapassam suas próprias habilidades, e podemos com razão supor que, vez por outra, nossos anjos guardiães nos ajudam em nossos sonhos, concedendo-nos entendimento. Talvez o Espírito Santo ocasionalmente condescenda em intervir pessoalmente na questão. Freud escreveu o primeiro estudo científico sobre os sonhos, com consideráveis habilidades de interpretação, embora tenha exagerado nas questões sexuais. Atualmente, grande riqueza de literatura ajuda-nos a compreender melhor os sonhos.

"Parece que Daniel ultrapassava (ver 1.17) todas as classes da erudição mágica, sem importar se isso requeria conhecimento, sabedoria ou sonhos" (Ellicott, *in loc.*).

METÁFORAS DE DANIEL

METAIS, ANIMAIS E NAÇÕES NOS CAPÍTULOS 2,7 E 8 DE DANIEL

Metais em Dan. 2	Animais em Dan. 7	Animais em Dan. 8	Nações Descritas
Ouro	Leão com asas	-----	Babilônia
Prata	Urso	Carneiro não castrado	Medo-persa; ou só Média, segundo muitos intérpretes
Bronze	Leopardo com asas	Bode	Grécia; ou Pérsia, segundo muitos intérpretes
Ferro (ferro e cerâmica misturados)	A besta	-----	Roma; ou Grécia, segundo muitos intérpretes

Observações:

Os intérpretes não concordam sobre as interpretações do urso (prata), do leopardo (bronze) e da besta (ferro). Ver as anotações acompanhantes. Os metais diminuíram em preciosidade até o ferro comum. Na mente do autor, as nações também se degenerariam em termos de glória. Roma, como o quarto reino, entrou na interpretação de Daniel como uma acomodação à história. Esta acomodação foi adotada pelo escritor de Apocalipse do Novo Testamento.

*** *** ***

O REINO ETERNO

O Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo substituirá para sempre, como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. O Grande Deus fez saber ao rei o que há de ser futuramente.

À lista de especialistas dada em Dan. 1.20, são adicionados aqui os "feiticeiros". A palavra hebraica é *mekhashashephim,* ou seja, alguém que *sussurrava* encantamentos. A palavra, de origem mesopotâmica, também é usada em Êxo. 7.11. O *kesheph,* de Isa. 47.9,12, e o *kashshaph,* de Jer. 27.9, eram equivalentes aos termos acádicos *kispu* e *kassapu.* Talvez o termo seja técnico, indicando uma classe de sábios que estavam envolvidos nas artes psíquicas.

2.3

Disse-lhes o rei: Tive um sonho. O rei transmitiu aos sábios de várias classes e habilidades o(s) sonho(s) que o mantinha(m) em estado de apreensão e ansiedade. Seu *espírito* estava perturbado, e ele sabia que não se tratava de um sonho comum. Usualmente, os sonhos psíquicos e espirituais chegam com cores extravívidas, bela música, notáveis simbolismos e grande *impacto emocional.* Quando alguém anda com o Espírito, mesmo que apenas por um pouco, então, ao dormir, tem conhecimento disso. Durante um período de três anos, registrei cuidadosamente os meus sonhos. Mais de cinqüenta deles foram claramente precognitivos. Tive alguns sonhos espirituais muito significativos que me ensinaram coisas que eu precisava saber. Eram sonhos totalmente diferentes do restante dos meus sonhos, e me deixaram perplexo. Vez por outra tenho tido uma enxurrada desses sonhos. Mas, de outras vezes, eles ocorrem apenas no intervalo de uma vez por ano. O certo é que tanto o espírito quanto o Espírito Santo podem fazer-se presentes nos sonhos. Deveríamos cultivar isso muito mais, por ser várias vezes uma possível fonte de informação necessária.

2.4

Os caldeus disseram ao rei em aramaico: Ó rei. Os especialistas convocados estavam ansiosos por ouvir o sonho, confiando que a interpretação não estaria fora do alcance de sua habilidade. O texto diz que aqueles homens falaram em aramaico. Isso pode subentender que, a partir deste ponto, o texto original do livro foi escrito nesse idioma. Alguns estudiosos supõem que o livro inteiro tenha sido escrito nessa língua, depois traduzida para o hebraico. A seção de Dan. 2.4-7.28 está escrita em aramaico, no livro de Daniel, até os dias de hoje. O restante do livro está escrito em hebraico, mas pode ter sido traduzido do original aramaico. Não pode haver dúvida de que aqueles homens eram bons na interpretação dos sonhos. A maioria das pessoas, prestando atenção e usando de diligência, pode tornar-se fazer boas interpretações dos sonhos. Mas existem sonhos que nos chegam, por assim dizer, de uma estação de rádio estrangeira, e nos deixam perplexos, e foi isso o que aconteceu aos sábios e feiticeiros da Babilônia. Tornava-se necessária a ajuda divina, por meio de Seu profeta, para solver os enigmas do sonho de Nabucodonosor.

Caldeus. Neste ponto, a palavra é usada para falar sobre as *várias classes* de sábios, referidos em Dan. 1.21 e 2.2. A expressão de tratamento "Ó rei, vive eternamente" era comum entre eles. Demonstrava respeito, bem como uma solicitação pelo bem-estar do monarca. Também enfatizava o seu valor como líder. Ele seria homem tão bom que não deveria nunca morrer, mas, sim, continuar governando indefinidamente. Cf. Dan. 3.9; 5.10; 6.6,21; I Reis 1.31 e Nee. 2.3.

Daremos a interpretação. "Interpretação" vem da palavra hebraica *pishra,* que fala do desatar de fios com nós. Na verdade, interpretar alguns sonhos é semelhante a isso, ao passo que o significado de outros sonhos está na superfície. A interpretação de sonhos tornou-se uma ciência elaborada, entre alguns antigos, pois, nos sonhos, os deuses falavam. "Porções dos livros sobre os sonhos, registradas em escrita cuneiforme, ainda sobrevivem, dando instruções detalhadas sobre como os vários elementos de um sonho deveriam ser interpretados (ver S. H. Langdon, 'A Babylonian Tablet on the Interpretation of Dreams', *Museum Journal,* VII (1917), (págs. 115-122)" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

2.5

Respondeu o rei, e disse aos caldeus. O rei levou a coisa muito a sério, e ameaçou os sábios com morte por mutilação ("sereis despedaçados"), caso eles deixassem de prover uma interpretação satisfatória. Conjecturo que Nabucodonosor ameaçou lançá-los aos leões. Este versículo mostra o importante lugar que a interpretação de sonhos ocupava na sociedade babilônica. O rei havia esquecido o sonho, pelo que em nada pôde ajudar os magos. Eles teriam de revelar qual fora o sonho e então interpretá-lo, tarefa dupla que, segundo eles disseram, somente os *deuses* seriam capazes de realizar (vs. 11). Daniel, porém, com a ajuda de Deus, foi capaz de revelar o sonho e interpretá-lo. A lição principal do capítulo começou a emergir: a sabedoria humana é débil quando comparada à variedade de sabedoria dada pelo Espírito. É a sabedoria de Deus que guia o destino do mundo, das nações e dos indivíduos. Os homens são capazes de aprender algo a esse respeito, se forem dignos disso. As casas e famílias dos sábios muito teriam a perder, pois haveria execuções e destruição, e casas boas seriam transformadas em monturos, caso os magos da Babilônia falhassem. *Essas ameaças* devem ter abalado o subconsciente daqueles homens. Mas coisa alguma funcionou. A forma de sabedoria dos magos fracassou na hora do teste. Heródoto fala sobre a "destruição das casas", no tocante aos castigos antigos. Quando um homem caía, caía também a sua casa (ver *Erato,* 1.1.6). John Gill conta-nos um caso ocorrido em seus dias. Damien, um louco, feriu um rei francês. O homem foi executado, e o lugar onde ele nasceu foi demolido. Cf. este versículo com II Reis 10.27.

2.6

Mas se me declarardes o sonho e a sua interpretação... Qualquer indivíduo, dentre os magos, ou a coletividade deles, se fosse capaz de dizer qual fora o sonho esquecido do rei, e então o interpretasse corretamente, obteria riquezas e honras e seria elevado a um alto ofício no reino. E o rei disse: "Portanto, agora façam isso!". Talvez o rei tenha raciocinado que, se um vidente não pudesse lembrar o passado, então também não poderia predizer o futuro. Os estudos dos fenômenos psíquicos têm demonstrado que o retroconhecimento e a precognição não andam de mãos dadas, necessariamente, na mesma pessoa. Mas é verdade que a maioria das pessoas que pode prever o futuro tem outras habilidades psíquicas, de alguma sorte. Todas as pessoas, em seus sonhos, têm discernimento quanto ao futuro, especialmente nos sonhos que ocorrem ao alvorecer do dia. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Precognição* e *Sonhos.*

2.7,8

Responderam segunda vez, e disseram. Os magos insistiram em ouvir primeiramente o sonho, mas este desaparecera da memória do rei. Para preservar os sonhos, uma pessoa geralmente tem de anotá-los por escrito imediatamente. Se não fizer isso, na maior parte dos casos, os sonhos são esquecidos. Eles se encontram nos arquivos do cérebro, mas não podem ser lembrados conscientemente. A hipnose, entretanto, pode trazê-los de volta. O rei acusou os "magos" de tentarem "ganhar tempo", pois falavam e não agiam (vs. 8). O rei mencionou novamente despedaçá-los e destruir suas casas (vs. 5), caso eles não conseguissem fazer o que era requisitado. E por causa dessa *tremenda ameaça* eles tentavam ganhar tempo, esperando que algo acontecesse, sem que tivessem de revelar sua total ignorância. Se eles continuassem tentando ganhar tempo, o rei poderia esquecer a questão ou então relembrar o sonho.

2.9

Isto é: Se não me fazeis saber o sonho... Aqueles *psíquicos profissionais* ocupavam sua posição de confiança como conselheiros do rei, por serem capazes de realizar o seu serviço. Os fenômenos psíquicos funcionam melhor quando não são forçados, mas o rei não sabia disso nem ouviria tal argumento. Se os magos não dessem resposta ao rei, não passariam de mentirosos comuns. O rei chegou a acusá-los de conspiração. Eles tinham acordado em enganar ao monarca. Continuavam a contar mentiras, esperando alguma mudança da parte do rei, conforme é sugerido no vs. 8. Alguns psíquicos muito poderosos podem produzir fenômenos quando *solicitados,* mas não são muitos os que conseguem esse feito. E aqueles que conseguem nem por isso solucionam os problemas das *pessoas.* Este versículo revela a crença de que tais poderes operam melhor em certos dias. Cf. Est. 3.7. Estudos demonstram que, de fato, há dias melhores e piores para os fenômenos psíquicos, e outro tanto acontece no caso dos sonhos. Algumas vezes, sonhos significativos nos ocorrem como se fossem enxurradas. Mas não entendemos a razão de tudo isso. Essas razões podem ser cósmicas ou pessoais. Se tais poderes se devem a energias genuínas da personalidade humana, então tais energias podem ser influenciadas pelos campos magnéticos que nos rodeiam ou por outras energias naturais. Ou, então, conforme diz certo cântico popular: "Em um dia claro, pode-se ver para sempre".

2.10,11

Não há mortal sobre a terra que possa revelar o que o rei exige. Os psíquicos profissionais da Babilônia apelaram então para a história. Não havia nenhum caso registrado de homem, rei ou não, que tivesse feito tal exigência a um psíquico, para receber com sucesso a resposta que buscava. Nabucodonosor exigia o tipo de coisa que somente um deus seria capaz de realizar (vs. 11). Aqueles homens confessaram as limitações de sua profissão, limitações que desaparecem quando o Espírito de Deus está envolvido. Daniel mostrou estar à altura da tarefa. A sabedoria humana, pois, aparece nesse caso como débil, e esse é um dos grandes temas do capítulo. "Os deuses não vivem no meio do povo" (afirmaram eles), pelo que não podiam ser invocados para ajudar. Mas Yahweh, o Deus de Daniel, estava sempre presente, e daria poder a Seu servo para fazer o que somente o poder divino era capaz de realizar. O judaísmo é glorificado às expensas do paganismo, e esse é, igualmente, um tema do livro de Daniel. Aqueles magos tinham deuses *deístas,* os quais nunca intervêm na história humana, mas estão em algum outro lugar, ocupados em seus próprios negócios.

2.12,13

Então o rei muito se irou e enfureceu. Nabucodonosor perdeu a paciência e ordenou um decreto terrível: toda a classe dos psíquicos profissionais (magos de vários tipos) seria executada. Entre eles estavam Daniel e seus amigos. Torna-se óbvio, através do vs. 13, que Daniel, em sua educação geral, fora treinado para ser um dos *sábios* (o grupo combinado dos mágicos, astrólogos e feiticeiros, vs. 2). Essa não é a linguagem evangélica. Os judeus naturalmente estabeleciam uma distinção: Daniel era inspirado por Yahweh, e os demais eram dotados apenas de sabedoria humana, inspirados quem sabe por qual tipo de poderes estranhos.

"... a coletividade inteira de sábios, que, de acordo com Dan. 1.20, incluía Daniel e seus amigos. A expressão "sábios" ocorre onze vezes no livro como nome geral para os *sábios da corte,* e duas vezes (2.27 e 5.15) como nome para uma classe como tal: astrólogos, mágicos, encantadores. No Oriente Próximo, esses adivinhos, feiticeiros sacerdotais etc. formavam uma espécie de classe. O rei estava decidido a livrar-se daquele corpo inteiro de sábios. *Decreto:* A mesma palavra era usada para indicar uma *sentença judicial* (vs. 9)" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

O Intérprete Daniel (2.14-45)

O Decreto do Rei e Suas Conseqüências (2.14-19)

2.14

Então Daniel falou avisada e prudentemente. O judeu Daniel agora representa o *sábio ideal,* o homem educado que tinha a vantagem de possuir o Espírito de Yahweh, o que o distinguia dos demais sábios. Desse modo, fica demonstrada a superioridade do judaísmo em relação ao paganismo. Misericordiosamente, Daniel, sob o poder de Yahweh, salvou toda a casta dos sábios, o que era a coisa decente e humanitária a fazer.

Já exibindo sua sabedoria superior, mesmo antes de ter recebido qualquer orientação da parte de Yahweh, Daniel respondeu ao inquisidor com habilidade e começou a contornar a dura situação. *Arioque,* capitão da guarda do rei, recebeu a tarefa de cuidar da execução geral dos sábios, e Daniel e seus amigos foram localizados e informados quanto à sentença. O título desse homem é usado em II Reis 25.8. Ver também Jer. 39.9 e 52.12 ss. Literalmente, o título significa "chefe dos executores". A execução de inimigos do rei fazia parte de seus deveres, que entretanto não se limitavam a isso. O homem era um dos principais oficiais do rei, parte de sua guarda pessoal. Daniel respondeu com prudência e discrição (Revised Standard Version) ou com "sabedoria e habilidade" (NCV). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Arioque,* segundo ponto, quanto a detalhes.

2.15

E disse a Arioque, encarregado do rei. Daniel caracterizou o decreto de severo e quis saber *por que* o rei tinha ordenado tão drástica medida. Sem dúvida alguma maldade significativa tinha provocado aquele ato. Foi assim que Arioque explicou a questão inteira, a qual, para Daniel, podia ser facilmente remediada por uma interpretação bem-sucedida. À raiz da palavra aqui traduzida por "severo", está a idéia de "pressa indevida". Mas a palavra também denota severidade. Alguns estudiosos, porém, defendem a idéia de *peremptório.* O rei não tinha esperado por um *segundo pensamento sóbrio,* conforme os gregos aconselhavam que fosse feito.

2.16

Foi Daniel ter com o rei e lhe pediu designasse o tempo. Daniel aproximou-se ousadamente do rei, sem dúvida com a *mediação* de Arioque (ver o vs. 24), solicitando uma entrevista pessoal. *Dessa forma,* Daniel deixaria a questão descansar, satisfazendo a demanda do rei por informações. Daniel dependia do auxílio da fonte divina, Yahweh. Ele não tinha tal confiança em si mesmo. "A providência sem dúvida influenciou sua mente. A Daniel seria concedido algum favor especial" (Fausset, *in loc.*). A hora era de ousadia, e não de humildade, pelo que o profeta agiu com grande decisão. A humildade seria apropriada para uma ocasião menos dramática.

2.17

Então Daniel foi para casa. *O Apoio da Oração.* Tanto a experiência quanto a experimentação (incluindo a de variedade científica) mostram que a oração é mais poderosa quando feita *em grupo.* Energias espirituais geradas por pessoas unidas em um propósito não podem ser geradas por indivíduos comuns. Dessa forma, Daniel buscou apoio na oração. Ele apelou para seus três amigos. Quatro amigos tinham uma só mente, e esperavam grandes coisas da parte de Yahweh.

Mais coisas são efetuadas pela oração
Do que este mundo sonha.

(Tennyson)

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.

(Mateus 7.7)

2.18

Para que pedissem misericórdia ao Deus do céu. "Naquele tempo de testes, Daniel manteve a calma. Ele voltou para casa, procurou seus três amigos, e, *juntos,* eles oraram pedindo misericórdia da parte do Deus do céu. Esse título é usado para indicar Deus seis vezes no livro de Daniel (ver 2.18,19,28,37,44 e 5.23), nove vezes no livro de Esdras e quatro vezes no livro de Neemias. Em outros lugares do Antigo Testamento, ocorre somente em Gên. 24.3,7; Sal. 136.26 e Jon. 1.9" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). No contexto do livro de Daniel, aponta para Yahweh como o Deus Altíssimo, em contraste com os deuses babilônicos ausentes (ver o vs. 11). Os babilônios tinham uma espécie de *deísmo* idólatra, pois a força criativa era vista como inativa entre os homens, porquanto abandonara sua criação às leis naturais. Em contraste com isso, a fé dos hebreus era teísta. O *teísmo* ensina que o poder criativo continua no universo, intervindo, recompensando e punindo, de acordo com as demandas da lei moral. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* "O Deus do céu é o equivalente judaico do nome cananeu *Ba'al samem.* Esse era o título que os persas usavam para referir-se ao Deus dos judeus. Parece que caiu de uso em tempos posteriores, por assemelhar-se muito ao termo grego *Zeus Ouranios*" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

2.19

Então foi revelado o mistério a Daniel. O mistério do sonho do rei foi resolvido por meio de uma *visão noturna.* Talvez esse termo fosse distinguido dos sonhos como algo superior, conforme se vê em Joel 2.28. Mas parece que no livro de Daniel o sonho espiritual é considerado de mesmo nível que as visões. Ver no *Dicionário* os artigos *Sonho* e *Visão (Visões).* É verdade que na experiência humana algumas vezes precisamos de uma orientação especial que vem por meio da inspiração mística. A Daniel foi conferida essa bênção, em sua hora de necessidade. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! O próprio Daniel algumas vezes mostrou-se *incapaz* de obter orientação por sua sabedoria, a qual era muito superior à nossa. Assim sendo, é óbvio que, algumas vezes, precisamos de orientação especial por meio de eventos extraordinários. Cf. este versículo com Gên. 46.2 e Jó 33.14,15. Daniel e seus amigos oraram durante a noite, e eis que no meio da noite a resposta chegou. Algumas vezes precisamos de *respostas rápidas!* Daniel estava abordando um mistério, mas, através da oração, até mistérios podem ser revelados pela sabedoria de Deus (vs. 30)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 18).

O Hino de Louvor de Daniel (2.20-23)

2.20

Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus. A grande vitória alcançada foi a inspiração para o significativo hino de agradecimento e louvor ao Poder que prestara grande favor aos jovens judeus. Os que conhecem a literatura poética, conforme ela existia na antiga nação de Israel, dizem-nos que o poema a seguir consiste em quatro estrofes de três e quatro linhas, sendo corretamente classificado como um *hino.* Trata-se de um tema que louvava a sabedoria e o poder de Deus. Cf. I Cor. 1.24. Deus *intervém* na história humana, e nós agradecemos e O louvamos por isso. Encontramos sentimentos similares em Sal. 41.13; Jó 12.12,12; Nee. 9.5 e Est. 1.13.

O segredo foi revelado facilmente, pois Deus sabe de tudo. A *visão noturna* deu a Daniel toda a informação de que ele precisava, e eram informações salvadoras. A fonte dessas informações foi o *Deus do céu.* Ver as notas expositivas sobre o vs. 18 quanto a esse título. A oração dos quatro amigos mostrou ser realmente poderosa.

Poder na oração, Senhor, poder na oração;
Aqui em meio aos pecados, à tristeza e aos
cuidados da terra:
Homens perdidos e moribundos, almas em desespero.
Oh, dá-me poder, poder na oração.

(Albert Simpson Reitz)

Em vista dessa realidade, que solucionou o problema de Daniel, ele abençoou o *Nome de Elah,* o Poder que se manifestou nessa situação particular. Esse título divino é caldeu e, ao que parece, equivale a Elohim. Quanto a *nome,* ver Sal. 31.3; e quanto a *nome santo,* ver Sal. 30.4 e 33.21. O Deus de Poder compartilha com os homens Seu poder e Sua sabedoria (cf. o vs. 23). O Poder solucionou o problema de Daniel e lhe deu vitória em uma hora crítica de provação. Sua sabedoria e Seu poder duram para sempre, literalmente "de eternidade a eternidade" (cf. Sal. 41.13; 90.2 e 103.17).

2.21

É ele quem muda o tempo e as estações. Deus é o Deus das *mudanças.* Ele intervém na história humana, individual e coletiva, e esse é o ensino do *teísmo.* Ele muda os tempos e as estações, fazendo a rotação dos ciclos da história parecerem as estações do ano. Nisso, Ele levanta reis e derruba reis. Ele determina o curso das nações. Ele é a fonte de toda a sabedoria e conhecimento, e é generoso em Seus dotes, compartilhando-os com os homens, de acordo com a necessidade de cada um. Cf. Isa. 44.28; Jer. 25.9; 27.9. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Soberania de Deus.*

2.22

Ele revela o profundo e o escondido. Deus nunca se encontra no escuro. Ele nunca fica sem compreensão; jamais fica perplexo; nunca hesita entre duas opiniões. Ele revela o que está escondido nas profundezas; conhece todos os segredos e os transmite a homens em necessidade. Deus é a Luz e reside na luz, onde todos os mistérios são esclarecidos e a mente dos homens é iluminada. Quanto a coisas profundas e misteriosas, cf. Jó 12.22; I Cor. 2.7,10. Ele revela; Ele sabe (ver Sal. 139.12). Ele ilumina. "O homem mesmo requer iluminação de uma fonte externa. Essa fonte é Deus; Ele é o sol da alma humana, em quem a luz habita como se Ele fosse o palácio do sol. Em Sua luz, vemos a luz (Sal. 36.9)" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Luz, Metáfora da* e *Iluminação.*

2.23

A ti, ó Deus de meus pais. O hino termina com uma nota de louvor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Louvor.* O Deus de Daniel era o Deus de seus antepassados (cf. Deu. 1.21; 26.7; II Crô. 20.6 etc.). Subjacente à sua fé, havia muita tradição, uma história de homens santos que confiavam no mesmo Deus Todo-poderoso e Todo-conhecedor e obtinham os mesmos resultados quando oravam. No caso de Daniel, havia *poder* para salvar a sua vida e a vida de seus amigos, bem como a vida de todos aqueles pobres psíquicos profissionais. No caso de Daniel, havia *sabedoria* para dar-lhe discernimento tanto nos sonhos do rei quanto na sua devida interpretação. Em outras palavras, Deus não deixou Daniel no escuro.

Deus de nossos pais, cuja mão todo-poderosa
Conduz, em beleza, todas as hostes estelares
De mundos brilhantes, em esplendor, pelos céus.
Nossos cânticos agradecidos se elevam
diante de Teu trono.
Leva-nos da noite para o dia interminável.

(Daniel C. Roberts)

A Interpretação do Hino (2.24-45)

2.24

Por isso Daniel foi ter com Arioque. Agora Daniel tinha as respostas, pelo que disse a Arioque que suspendesse o processo de execução e o levasse à presença do rei, a fim de mostrar-lhe o poder e a sabedoria de Deus na solução do mistério. As técnicas profissionais dos psíquicos tinham fracassado. A sabedoria pagã falhou no momento da provação. Mas Daniel mostraria a diferença. Ele não ousaria (por temor de perder a vida) chegar à corte do rei. Assim sendo, apelou para seu intermediário, e isso concorda com o que sabemos sobre os procedimentos nas cortes orientais e sobre a etiqueta palaciana. A passagem de Est. 4.11 está correta quando diz que ninguém podia apresentar-se ao rei. Daniel teria de ser chamado. Heródoto (*Hist.* III.40) mostra-nos que esse era o costume entre os persas.

Daniel desejava que não houvesse perda de vidas humanas por razões ridículas, como o capricho do rei, que estava irado com seus conselheiros e videntes. Sua intercessão diante do rei salvaria o dia. Cf. Eze. 14.14. Este versículo mostra-nos que o vs. 16 não deve ser interpretado como se Daniel fosse culpado de um ato apressado, ao correr para a presença do rei. Daniel tinha mais bom senso do que isso.

2.25

Então Arioque depressa introduziu Daniel na presença do rei. Arioque sabia que estava ocupado em uma missão urgente, que salvaria muitas vidas, pelo que anelava realizar logo a sua tarefa. Além disso, ele sentia haver encontrado um homem que poderia resolver o mistério do sonho do rei, e estava ansioso por servir a seu senhor. Ele receberia favor, mas era um bom servo no cumprimento de seus deveres, e isso já era uma recompensa para ele. A descoberta foi feita em um lugar um tanto inesperado (para Arioque), entre os humildes cativos de Judá. Provavelmente o homem não tinha consciência de Daniel e de suas realizações já significativas (Dan. 1.19,20). Mas ele reconheceria um homem bom assim que o visse, e havia algo na atitude segura de Daniel que inspirava Arioque a confiar no profeta. *Não havia dúvida:* Daniel tinha a *resposta* para o problema. Arioque correu, *excitado,* para o rei. Uma esplêndida mudança de *eventos* acontecera. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

2.26

Respondeu o rei, e disse a Daniel. *Arioque* entrou na presença do rei com um olhar de confiança no rosto. E apresentou Daniel, o solucionador do problema, ao rei. O rei lançou um olhar inquisitivo ao rapaz. O rei sabia quão bom era Daniel, mas seria ele *assim* tão bom? Poderia ele fazer o que os psíquicos profissionais não tinham conseguido fazer? Ele teria de passar pelo mesmo teste a que eles tinham sido submetidos. Em caso contrário, o decreto de execução ocorreria conforme já estava decretado. É grandioso quando um homem é, realmente, tão bom quanto sua reputação, o que por muitas vezes não acontece. No entanto, Daniel, dotado por Yahweh, era o homem do momento. Ninguém ficaria desapontado.

Nenhuma habilidade, nem poder, nem mérito nos pertence.
Conquistamos somente pelo Seu poder.

(George W. Doanne)

Daniel mostrou-se *capaz.* "És *tu* capaz?", pergunta-nos o Senhor. E os sonhadores respondem: "Senhor, somos capazes". Alguns poucos são; alguns poucos vencem. A maioria é derrotada no calor da batalha.

2.27

Respondeu Daniel na presença do rei, e disse. Daniel não piscou quando seu olhar encontrou o olhar do rei. Ele sabia que tinha consigo a resposta divina. Ele concordou com os psíquicos profissionais: somente um deus poderia resolver aquele caso (vs. 11). Mas como Daniel tinha consigo o seu Deus, tudo estava bem. A casta inteira dos magos foi mencionada por suas partes constitutivas: sábios, encantadores, magos, astrólogos, adivinhos, tal como se vê no vs. 2. Eles estavam certos quanto a um detalhe. Eles não podiam, nem individual nem coletivamente, solucionar o problema do rei. Porém, um único indivíduo, com a ajuda divina, poderia resolver o problema do rei. E Daniel era esse homem. O profeta, pois, estava mostrando a *debilidade* da sabedoria divina, que não é inspirada pela Fonte divina de toda a sabedoria; e é possível ser essa a mensagem principal que a história tenciona ensinar. Pode ficar subentendido que os sábios da Babilônia não conseguiriam solucionar o problema, mesmo que se consorciassem com os deuses (falsas divindades). Há coisas que só podem ser resolvidas pelo Deus do céu (vs. 28). Poderes preditivos são atribuídos somente a Deus. Cf. Gên. 20.3; 41.16,25,28; Núm. 22.35. Estudos demonstram que o poder de prever o futuro é uma habilidade natural da psique humana, e certamente existem profetas não-bíblicos na antiguidade e na modernidade. Mas isso era ignorado pelos hebreus. Esse fato, porém, não enfraquece o argumento de Daniel (vs. 28).

2.28

Mas há um Deus nos céus. Onde psíquicos profissionais e sábios e deuses pagãos falham, o Deus do céu é bem-sucedido. Ver o vs. 18 quanto a esse título. A expressão "nos últimos dias" é sempre usada do ponto de vista do autor, e não de nosso século! Portanto, significa "mais tarde" ou, talvez, "em tempos remotos do nosso", e não necessariamente *nos últimos dias,* imediatamente antes da era do reino etc. Se as profecias deste capítulo atingem a época dos romanos, então o tempo estava bastante afastado de Daniel para merecer a expressão; mas a verdade é que a visão de Daniel mergulhou num tempo ainda mais distante. "Do ponto de vista de Jacó (ver Gên. 49.1), isso significou o fim da ocupação de Israel da Terra de Canaã. Do ponto de vista de Balaão (ver Núm. 24.4), significou o fim da independência de Moabe e Edom... Mais freqüentemente, porém, essa frase é usada escatologicamente para indicar o fim da era presente, os últimos dias antes do Reino de Deus, a nova era. Ver Isa. 2.2; Jer. 23.20; Eze. 38.16; II Tim. 3.1; II Ped. 3.3 etc." (Arthur Jeffery, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Últimos dias,* quanto a detalhes.

O teu sonho e as visões da tua cabeça. Se Joel 2.28 faz distinção entre as duas coisas, no livro de Daniel esses termos parecem sinônimos. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Sonhos* e *Visão (Visões).* Ambas as coisas são consideradas reveladoras dos propósitos e da vontade de Deus, uma maneira pela qual um homem pode olhar para além dos limites do conhecimento humano ordinário. Daniel não tomou o crédito para si mesmo.

2.29

Estando tu, ó rei, no teu leito. A Nabucodonosor, embora fosse ele um rei pagão, foi dada uma visão. A tentativa de limitar as visões aos judeus e aos cristãos não passa nos testes da investigação. O *Logos* opera universalmente, e Ele tem agentes e servos não-cristãos. Os *Logoi Spermatikoi* (as sementes do *Logos*) estão por toda a parte. Ver sobre esse termo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Deus é aquele que revela, e Ele não escolhe, necessariamente, agentes que merecem nossa aprovação. O rei pode ter estado a meditar sobre o futuro. Seu *coração* (a sede da inteligência) estava ativo. Mas a visão ocorreu espontaneamente, de acordo com o propósito divino.

Escopo da Visão. A visão cobriu a história do mundo em grandes lances, a começar pelos tempos de Nabucodonosor, tocando de leve em vários impérios mundiais e terminando com o reino eterno. "Esse mesmo período é chamado de 'tempo dos gentios', em Luc. 21.24" (J. Dwight Pentecost).

2.30

E a mim me foi revelado este mistério. Daniel era apenas o *transmissor* da visão e de seu significado, não a causa ou o realizador; e Daniel queria que o rei *soubesse disso,* a fim de que não elogiasse o homem, em vez de louvar a Deus, uma vez que reconhecesse que Daniel entendera o sonho inteiro. Além disso, cumpria ao monarca saber que, embora ele fosse um grande homem, um Rei de reis exercia autoridade sobre ele, e esse Rei também havia determinado o reinado de Nabucodonosor, a sua natureza, os seus limites e o seu fim. E outro tanto dizia respeito aos demais reinos. Cf. Gên. 41.16. José não reivindicou crédito algum para seus dons proféticos. "Quanto ao que me toca nesta questão, não posso atribuir coisa alguma a mim mesmo. Tudo é devido ao Deus do céu, tanto a recuperação do sonho quanto a sua interpretação" (John Gill, *in loc.*). A passagem ensina-nos que os homens são *capazes* de obter o conhecimento dado por Deus, especificamente através dos processos místicos, como os sonhos e as visões. Ver o artigo detalhado na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* chamado *O Conhecimento e a Fé Religiosa.* E ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo.*

2.31

Tu, ó rei, estavas vendo. *A Essência dos Sonhos e das Visões.* O rei vira uma imagem gigantesca e grotesca, sob a forma de um imenso homem. A imagem rebrilhava como bronze fundido; era "gigantesca, rebrilhante e assustadora" (NCV). A imagem exalava poder e esplendor. Os sonhos espirituais envolvem imagens incomuns que deixam a pessoa estonteada, e foi isso o que aconteceu a Nabucodonosor. Os antigos do Oriente Próximo e Médio costumavam fazer imagens colossais, mas essa imagem tomou de surpresa o próprio Nabucodonosor, embora ele fosse um ativo construtor. "Suas dimensões e sua aparência eram formidáveis, fazendo o rei parecer insignificante diante dela" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

Os vss. 31-36 fornecem a visão. Em seguida, os vss. 36-38 dão a interpretação. Portanto, sigo o mesmo plano, apresentando a interpretação naqueles versículos, e não no começo. Conforme veremos, as várias porções da imagem representavam reinos mundiais.

"Havia algo na fisionomia da imagem que era ameaçador e terrível. A forma inteira, tão gigantesca, encheu o rei com profunda admiração, pois lhe pareceu terrível. Talvez isso denote o terror que os reis, sobretudo os arbitrários e despóticos, projetam sobre seus súditos" (John Gill, *in loc.*).

2.32,33

A cabeça era de fino ouro. *Os Elementos da Imagem Representam Quatro Reinos:*

1. A cabeça era de ouro
2. Os braços e o peito eram de prata
3. O ventre e as coxas eram de bronze
4. As pernas eram de ferro, enquanto os artelhos eram parte de ferro e parte de barro

Essas quatro partes representam quatro reinos, que surgiriam sucessivamente. Seriam impérios mundiais. Os vss. 37-43 dão as interpretações sobre as figuras.

Observações sobre os Vss. 32-33:

1. Note o leitor a qualidade descendente dos metais: ouro, prata, bronze, ferro, ferro misturado com barro.
2. O grego de épocas remotas, Hesíodo, falava em *eras do mundo* em termos de metais. Aqui descemos do ouro ao barro. A descida parece ser de valor, e não de força. O quarto reino seria mais forte que os demais, tal como o ferro é mais forte (porém menos valioso) que os outros metais listados.
3. A *prata* é um metal nobre, mas não tão valioso quanto o ouro. O *bronze* é ainda menos valioso, porém mais forte que a prata. Provavelmente está em vista o *cobre,* que, misturado com o estanho, fica mais forte do que o simples cobre, e essa liga produz o bronze.
4. O *ferro* é o mais forte e o mais útil dos metais listados, mas essa força é debilitada pela mistura com o barro, ou melhor, com o barro cozido, duro, mas não tão duro quanto um metal. O barro cozido fala de *vulnerabilidade* e fraqueza inerente, a despeito da demonstração de força. Todos os reinos, como é natural, têm os pés feitos de barro.
5. Os quatro reinos representam toda a história da humanidade, contada rapidamente, e o Reino de Deus é o quinto reino. A vasta porção da história do mundo é deixada de fora. A visão é um símbolo do que acontece no mundo e mostra as limitações do escopo do profeta, que só podia ver *essa parte* do total, e teve de fazê-la *representar* os reinos do mundo, ou os tempos dos gentios (ver Luc. 21.24).

2.34

Quando estavas olhando, uma pedra foi cortada. Temos aqui, na "pedra", o *quinto império,* não feito por mãos humanas. A pedra era uma Grande Pedra, que demoliu a imagem, em suas partes de metal. A imagem e suas diversas partes eram produtos humanos e, por isso mesmo, teriam de chegar ao fim. Eram apenas temporais. Já a Grande Pedra é eterna, e não está sujeita à dissolução. Com um simples golpe nos pés, ela levou a imagem feita pelo homem a cair em forma de poeira, ou seja, de forma irrecuperável. A interpretação sobre essa Pedra aparece nos vss. 44-45.

2.35

Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro. Continua aqui o poder destruidor da Grande Pedra. Os metais, de várias qualidades, não puderam resistir ao golpe da Grande Pedra, e todos se reduziram a uma poeira finíssima, que o vento levou embora. As eiras eram lugares abertos situados de tal maneira que podiam ser tangidos por qualquer brisa que passasse, para que o grão, lançado ao alto, fosse facilmente separado da palha, que era então levada pelo vento. Essa é uma figura usada com freqüência nas Escrituras. Cf. Osé.13.3; Sal. 35.5; Jó 21.18; Isa. 41.15,16; Mat. 3.12. "Os fragmentos desapareceram tão completamente que nem um traço deles podia ser encontrado. Assim mostram Sal. 103.16; Jó 7.10; 20.9 e Apo. 20.11. A *finalidade* do golpe desfechado pelo Pedra foi assim indicada, uma característica da literatura apocalíptica" (Arthur Jeffery, *in loc.*). A Pedra veio a tornar-se uma grande *montanha,* que encheu toda a terra. Ver comentários sobre os vss. 44-45.

> *Os ímpios... são como a palha que o vento dispersa.*
>
> (Salmo 1.4)

2.36

Este é o sonho. O sonho foi descrito nos vss. 31-35. A interpretação é dada agora, nos vss. 37-45.

A Cabeça de Ouro (2.37-38)

2.37

O autor deixa claro que Nabucodonosor e seu império babilônico eram a cabeça de ouro. Esse monarca era um rei de reis entre os homens, pleno de grande força e glória. Foi o "Deus do céu" (ver as notas em Dan. 2.18) que predestinou esse reino e seu rei. Pois Yahweh é quem se encarrega dos destinos humanos, individuais e coletivos (as nações). Deus é soberano (ver sobre *Soberania,* no *Dicionário*). Ele é tanto o Criador como o Interventor em Sua criação, recompensando, punindo e dirigindo em consonância com a lei moral. Ver a respeito o artigo chamado *Teísmo,* no *Dicionário.*

"Rei de reis" era um título comumente dado aos reis da Pérsia (ver Esd. 7.12). Encontra-se em inscrições do antigo Oriente Próximo e Médio, incluindo o caso de reis vassalos, como os reis armênios ou os reis selêucidas. É usado para indicar Nabucodonosor, em Eze. 36.7 e Isa. 36.4. O título, claramente, é atribuído a Yahweh e, então, a Jesus, o Rei-Messias. Cf. Dan. 47.5; Jer. 27.6,7; Apo. 17.14 e 19.16. Cf. Jer. 52.32.

2.38

A cujas mãos foram entregues os filhos dos homens. Continua aqui a descrição do poder do "rei dos reis" (Nabucodonosor). A *cabeça de ouro* era a cabeça de tudo em seus dias. Yahweh havia entregado todas as coisas em suas mãos, tanto os seres humanos como os animais. Nabucodonosor se tornou o governante universal do mundo conhecido em sua época, através de muitas e brutais conquistas que não deixaram adversário de pé. Os "animais do campo" são animais ferozes, e não domesticados. Cf. Jer. 27.6; 28.14. Ver também Isa. 56.9; Deu. 7.22 e Jó 40.20. A Septuaginta adiciona "e os peixes do mar", o que, obviamente, é secundário. Os monarcas antigos do Oriente Próximo e Médio (incluindo Salomão) tinham seus jardins zoológicos particulares, onde criavam toda a espécie de animais estranhos, desconhecidos nas regiões onde esses reis governavam. A expressão, seja como for, enfatizava a *universalidade* do governo de Nabucodonosor. A vida, tanto animal quanto humana, foi posta a seus pés. Cf. isso com o vs. 44 deste mesmo capítulo e também com 7.17,24.

O império neobabilônico durou de 626 a 539 A. C., ou seja, oitenta e sete anos. Quanto a descrições completas, ver o artigo do *Dicionário* chamado *Babilônia. Ouro* provavelmente refere-se às *riquezas* da Babilônia, e não à sua força. *Dignidade e glória* fazem parte da figura como descrições que os versículos esclarecem.

O Peito e os Braços de Prata (2.39a)

2.39a

Depois de ti se levantará outro reino. Este *segundo reino* (mencionado em meio versículo) significa: 1. os medos e os persas; ou 2. De acordo com alguns intérpretes antigos e modernos, apenas os *medos*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Média (Medos)*. O império medo-persa, em seu conjunto, perdurou por mais de duzentos anos (539-330 A. C.). Eles conquistaram a Babilônia em 539 A. C.

O Ventre e as Coxas de Bronze (2.39b)

2.39b

Esse *terceiro reino,* de acordo com vários intérpretes antigos e modernos é formado: 1. pelos *persas,* em distinção aos medos; ou 2. pelo *império grego.* O leitor deve tomar consciência de que a identificação do quarto império como Roma não aconteceu senão quando Roma realmente apareceu, e então a interpretação do *quarto* império foi ajustada a esse fato. O quarto rei dos medos, Artiages, foi traído por suas próprias tropas em 550 A. C., e seu poder foi entregue a Ciro, o persa, que tinha sido um de seus vassalos. Foi dessa forma que Ciro se tornou o cabeça do reino medo-persa. Assim também, nos capítulos 5 e 6 de Daniel, essas duas potências aparecem intimamente ligadas. Ver as *observações* sobre os vss. 32-33, que preenchem detalhes quanto à natureza desses reinos.

As Pernas de Ferro, com os Artelhos em parte de Barro Cozido (vs. 40)

2.40

O quarto reino será forte como ferro. Esse quarto reino era: 1. ou o império de *Alexandre*; 2. Ou *Roma*. No início prevalecia a primeira dessas posições, mas a segunda passou a predominar quando Roma apareceu. O quinto capítulo sofre a mesma variação quanto à interpretação. O ferro é o mais forte dos metais, e certamente essa interpretação se adapta à Grécia ou a Roma. Mas a mistura de ferro cozido com ferro (vs. 41) fala de uma fraqueza inerente e, provavelmente, de divisão, como quando o império grego foi dividido entre os quatro generais de Alexandre. A descrição do vs. 40 pode aplicar-se igualmente bem a Alexandre ou aos romanos, pois ambos se ocuparam de uma conquista mundial, quebrando e subjugando os povos.

Como o ferro quebra todas as cousas. "Todos os outros reinos" é a tradução da NCV, que contudo provavelmente está incorreta. A idéia não é que esse poder esmagaria todos os reinos que existiram antes, mas, antes, que esmagaria todos os oponentes de sua própria época e, assim, obteria domínio mundial. Alexandre derrotou todos os oponentes e espalhou o idioma e a cultura grega por todas as partes. O mundo foi "helenizado". Mas outro tanto sucedeu com Roma, que se transformou no maior dos impérios antigos, quando o mar Mediterrâneo se tornou o "lago" romano. O latim veio a tornar-se outro idioma universal, e, através do latim vulgar, espalhou-se por toda a Europa. Linguagens separadas surgiram a partir do latim vulgar, incluindo o nosso idioma português, a última das línguas neolatinas a desenvolver-se, sendo a caçula desses idiomas.

2.41,42

Quanto ao que viste dos pés e dos dedos. Esse poderoso *quarto império* tinha herdado fraquezas porque seus pés eram feitos de ferro e barro cozido, um misto de fortalezas e fraquezas. Neste ponto não são mencionados os *dez* artelhos, mas é natural vinculá-los aos *dez chifres* de Dan. 7.24. Se a Grécia está em vista, então a *divisão* do reino significa a distribuição do império de Alexandre entre os seus quatro generais, quando ele morreu. As duas pernas, nesse caso, apontariam para as *duas* principais divisões dessa divisão, os selêucidas e os ptolomeus. Mas a palavra "dividido", aqui usada, poderia ser mais bem traduzida por "composto", uma referência à mistura do ferro e do barro cozido que representa fortaleza e fraqueza.

Mas se *Roma* está em pauta, então pode estar em mira a divisão desse império em dez partes subordinadas. A visão dispensacionalista deste versículo, em seguida, liga os dez artelhos, e os dez chifres, aos *dez chifres* de Apo. 17.3. Esses dez chifres, por parte de alguns estudiosos, são então as dez nações do Mercado Comum Europeu, ou dez centros de poder no mundo, concebidos como um reavivamento do império romano nos últimos dias, o qual será encabeçado pelo anticristo. Visto que o Mercado Comum Europeu consiste agora em mais do que dez nações membros, a teoria do "poder central" atualmente é mais popular. Não sabemos o quanto dessa forma de interpretação está correta e quanto dela não passa de fantasia. Os críticos pensam que é ridículo tentar adaptar tais profecias (ou história!) ao mundo conhecido atualmente. Ver as notas em Apo. 17.3 no *Novo Testamento Interpretado*.

Barro de oleiro. Dizem assim muitas traduções, mas barro cozido (ver o vs. 33) provavelmente é o que está em vista. O barro cozido é aparentemente duro, mas inerentemente fraco, e o fato de estar misturado com o ferro tornava a liga mais precária. O barro cozido é *quebradiço,* embora *pareça* ser forte. O vs. 43 diz "barro cozido" (NIV), mas algumas traduções dizem "barro de lodo", conforme se vê em nossa versão portuguesa.

2.43

Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo. O ferro e o barro são elementos precários quando se misturam, sem importar se o barro estiver cozido ou em sua forma semilíquida. O resultado é a *fraqueza*, conforme vimos nas notas sobre o vs. 42. Houve uma mistura dos homens fortes de Alexandre com as filhas das nações, pelo que o caráter grego distintivo foi poluído. O próprio Alexandre encorajava casamentos mistos, com povos conquistados, em sua visão universalista das coisas, e ele, como é natural, seria o rei do império mundial. Os reis selêucidas e ptolomeus continuaram a política dos casamentos mistos, e em breve o que era grego transformou-se em apenas outra forma de expressão gentílica. Se Roma está em mira, então temos o declínio gradual da força romana. A descentralização destruiu o império romano. A anarquia passou a reinar em alguns lugares: houve o governo da *plebe,* ou seja, das classes populares. Em outros lugares, a democracia enfraqueceu o poder centralizado, e o resultado foi a *fragmentação*. Portanto, vários tipos de "casamento" debilitaram o que antes fora muito forte. Não está em vista a mistura do cristianismo com o paganismo, na época da igreja, embora certamente isso tenha acontecido e continue acontecendo.

2.44,45

Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino. O *quinto reino* é o Reino Divino da era do reino e do Messias. Este versículo interpreta a Grande Pedra dos vss. 34-35. O reino universal de Deus destruirá todos os outros reinos, reduzindo-os a um pó tão fino que qualquer brisa será capaz de soprar para longe. Mas o próprio reino do Messias será invencível e indestrutível. Perdurará para sempre. Tornar-se-á ímpar e único. Os dispensacionalistas vêem os *dez artelhos* como, especificamente, reinos a serem esmigalhados. A Grande Pedra é a Rocha, o Messias. Cf. Sal. 118.22; Isa. 8.14; 28.16; I Ped. 2.6-8. A Grande Pedra tornou-se uma *montanha,* tão poderosa e imensa será (ver Dan. 2.35). Essa montanha encherá toda a terra. A *montanha* simboliza um grande *reino*. Essa montanha é distinta da imagem. É de origem divina e tem uma qualidade eterna, ao passo que a imagem feita pelo homem é reduzida a pó.

"Os reinos anteriores tinham sido destruídos ou pela corrupção interna ou por algum conquistador vindo de fora. Mas esse novo reino nunca será destruído, pois permanecerá para sempre. A soberania de Deus jamais passará... O escritor sacro, pois, estava dizendo que o Novo Reino não será apenas outro reino, que chegou e logo passará. Não estará nas mãos de algum grupo nacional, mas nas mãos de Deus" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Esse intérprete passa então a fazer do quinto reino a nação de *Israel,* o que, em certo sentido, é verdadeiro, porquanto o reino do Messias será manifestado através da restaurada nação de Israel. No entanto, será mais do que isso.

"Por ocasião de Sua volta, o Messias subjugará todos os reinos a Seus pés, levando-os assim ao fim (ver Apo. 11.15; 19.11-20). E então Ele governará para sempre no milênio e no estado eterno" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). Os amilenistas acreditam que o reino milenar foi estabelecido por Cristo em Seu primeiro advento, e que a Igreja é esse reino. Eles também imaginam que o cristianismo crescerá até tornar-se uma grande montanha. Os pré-milenaristas acreditam que o reino messiânico será estabelecido por ocasião do segundo advento de Cristo. Ver no

Dicionário os verbetes *Amilenismo* e *Milênio,* onde essas questões são mais detalhadas.

História ou Profecia? Alguns intérpretes crêem que as chamadas profecias de Daniel são, de fato, "declarações de fatos já acontecidos". Também supõem que o autor não tenha sido o profeta Daniel, que viveu entre os judeus cativos na Babilônia, e, sim, um pseudo-Daniel, que teria vivido em cerca de 165 A. C., durante o período dos macabeus. O autor sagrado teria falado sobre coisas que já haviam acontecido, exceto o império romano, que foi então adicionado às tradições interpretativas, quando surgiu em cena. E eles pensam de evidências históricas para essas tais afirmações. Ver a introdução a este livro, seção III, *Autoria, Data e Debates a Respeito.* Seria útil ao leitor ler toda a *Introdução*, pois há inúmeras observações sobre o livro de Daniel.

Epílogo (2.46-49)

2.46

Então o rei Nabucodonosor se inclinou. O impacto das palavras de Daniel sobre Nabucodonosor foi muito grande. Ele sabia que o que Daniel tinha dito era verdadeiro, e o rei tremeu diante de uma genuína demonstração do poder de Yahweh. Essa é uma das lições que o autor do livro de Daniel queria que aprendêssemos: a superioridade de Yahweh sobre os deuses pagãos; e também a superioridade dos judeus sobre os pagãos. Daniel tinha afirmado a verdade do que ele dissera (vs. 45), e Nabucodonosor reconheceu, em seu coração, que recebera excelente revelação de Yahweh, que nem ao menos fazia parte do seu panteão. Os judeus, que receberam o livro de Daniel, estavam sob o amargo domínio de um poder pagão, mas seriam livrados desse domínio e triunfariam no fim. Essa é outra lição do texto. O rei de reis, Nabucodonosor, humilhou-se diante de Daniel, o cativo judeu! Cf. Gên. 41.37 ss. e Est. 10.3.

O medo do rei soltou seus músculos e ele perdeu o autocontrole, pelo que caiu de cabeça no chão. E prestou homenagem a Daniel, ou talvez até o tenha adorado, conforme dizem algumas traduções. Talvez tenha pensado que um *deus* aparecera de súbito em seu reino, disfarçado de cativo judeu, e essa talvez seja a razão pela qual lhe ofereceu oferendas e incenso. Ou então, conforme o vs. 47 parece dar a entender, o rei ofereceu essas coisas a Elohim, que é o Deus dos deuses, ao honrar a Daniel. Seja como for, a *autoridade divina* de Daniel foi reconhecida. O autor deixa de fora a usual retratação que caracteriza tais histórias, mas provavelmente queria que entendêssemos que Daniel rejeitou as honrarias indevidas que pertenciam exclusivamente a Deus.

2.47

Certamente, o vosso Deus é Deus dos deuses. Por causa da bem-sucedida interpretação do sonho, Nabucodonosor pode ter pensado que Daniel era um deus-mensageiro que representava um *poder ainda maior.* Ele chamou esse poder maior de *Deus de deuses e Senhor de senhores.* A palavra para *Deus*, aqui, é o termo caldaico *Elah,* que pode representar Elohim, o Poder. Seja como for, esse Deus está acima de todos os outros, em Seu poder e dignidade. A autoridade Dele ultrapassa a autoridade de todas as outras alegadas divindades. O rei babilônico não abandonou seu politeísmo, mas elevou o Deus dos judeus acima do resto. Esse Deus era um *revelador de mistérios,* ao passo que os psíquicos profissionais não tinham contato suficiente com os *deuses* (vs. 11), a ponto de serem capazes de invocá-los para serem ajudados. Seus deuses eram deístas, ao passo que o Deus de Daniel era teísta, pois intervinha no curso dos eventos e fazia conhecidos o Seu poder e a Sua vontade. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo.* Marduque, o chefe do panteão babilônico, era chamado, pelos babilônios, de "Senhor dos senhores" e "Senhor dos deuses". Xerxes, nas suas inscrições, falava de um "grande Deus, o maior dos deuses". Portanto, o que os pagãos atribuíam às suas divindades principais agora era atribuído ao Deus dos judeus. E o rei da Babilônia foi forçado a reconhecer que o seu poder derivava de Yahweh-Elohim, uma admissão muito significativa para um rei pagão.

2.48

Então o rei engrandeceu a Daniel. Daniel recebeu o que havia sido prometido aos psíquicos profissionais e aos sábios (vs. 6). Tornou-se um homem rico, alguém considerado dentro do império babilônico. A história babilônica faz silêncio sobre tudo isso. A cidade de Babilônia foi posta às ordens de Daniel, que se tornou seu prefeito. Essa é uma declaração fabulosa, não confirmada pela história secular. O versículo subentende que a autoridade de Daniel se estendia por todo o império babilônico, e não somente sobre a capital do império. Nesse caso, Daniel é retratado como uma espécie de sub-rei, que só prestava contas ao próprio imperador. Além disso, ele se tornou o líder da casta dos sábios, enumerados no vs. 2 deste capítulo.

Alguns estudiosos dizem que temos aqui um notável caso de hipérbole oriental, mas aceitam a essência da hipérbole: Daniel tornou-se grande e rico, e detinha considerável poder. Visto que a Babilônia estava dividida em muitas satrapias, podemos imaginar que Daniel tornou-se sátrapa de uma dessas satrapias, aquela sobre a qual se localizava a casa real. Mesmo assim, a declaração é muito significativa. Por isso, alguns a reduzem à idéia de que Daniel se tornou o *mago-em-chefe,* mas é evidente que a declaração envolve muito mais do que isso.

2.49

A pedido de Daniel, constituiu o rei a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Daniel não esqueceu os amigos que o tinham ajudado com orações no momento da crise (vss. 17-18). Também solicitou que o rei lhes desse posições de autoridade como subsátrapas. Eles seriam delegados de Daniel, enquanto este permanecesse na corte do rei, dirigindo as atividades.

Cf. Est. 2.19,21. Mordecai permaneceu na *porta do rei.* Os papiros elefantinos retratam *Ahiqar* como "posto na porta do palácio". A expressão "diretor da porta do palácio" aplicava-se a certos oficiais da corte de Hamurabi. "O portão originalmente era a entrada da câmara de audiências do rei. Ali os oficiais permaneciam esperando ordens, julgando casos de justiça e dando suas próprias ordens.

Supõe-se que Daniel tenha servido os judeus cativos de modo especial, visto que agora tinha autoridade para assim agir. Ele serviu como mediador e obteve para eles certos privilégios que não seriam desfrutados de outra maneira. Ver as *três deportações dos judeus para a Babilônia, nas notas sobre Jer. 52.28.*

Capítulo Três

O livro de Daniel é essencialmente composto por *seis histórias* e *quatro visões.* As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes a respeito, ver a seção "Ao Leitor", parágrafos quinto e sexto, antes do começo da exposição em Dan. 1.1. Agora chegamos à *terceira história,* a experiência dos três confessores na fornalha ardente. Este capítulo naturalmente se divide em três seções — vss. 1-7; vss. 8-23; e vss. 24-30. Essas seções contam com subseções. No começo de cada uma das seções ofereço um título que dá a essência do que se segue.

Terceira História: Os Três Confessores na Fornalha de Fogo (3.1-30)

Temos aqui uma história que ilustra a convicção judaica de que o martírio é preferível à apostasia. A imagem colossal de Nabucodonosor teria de ser adorada por todos. Essa imagem de ouro (cap. 5) provavelmente representava o panteão do império, e talvez deificasse o próprio rei como seu deus-mensageiro. O sonho do segundo capítulo, em que Nabucodonosor figura como a *cabeça de ouro* da imensa e grotesca imagem, pode ter-lhe sugerido que seria apropriado construir uma imagem dele próprio, para efeitos de autoglorificação. Essa história ignora a humilhação do rei diante de Yahweh-Elohim (vs. 46). Não seria demais que um pagão esquecesse esse incidente. Além disso, era comum que os antigos potentados levantassem tais imagens.

Daniel não aparece nessa história. Seus três amigos foram os perseguidos. Talvez devamos supor que o profeta, em sua glória (ver Dan. 2.48), estivesse fora do alcance do decreto e do designio do rei, mas seus amigos, em posições inferiores, foram assediados.

Prólogo (3.1-7)

A Septuaginta fornece-nos uma data para essa história, a saber, o décimo oitavo ano de governo real de Nabucodonosor. Também são sugeridas razões para a construção da imagem. Foi naquele ano que o rei efetuou a devastação final de Jerusalém, mas essa adição é, obviamente, secundária. Sabemos que o rei erigiu uma imagem a Bel Merodaque (*Registros do Passado,* V, pág. 113), e talvez seja isso o que está em vista aqui. Talvez alguma grande vitória tenha sido comemorada pelo levantamento da imagem. Os vss. 12, 14, 18 e 20 talvez subentendam que alguma divindade estivesse sendo honrada pela imagem.

3.1

O rei Nabucodonosor fez uma imagem de ouro. A imagem erigida foi imensa, tendo cerca de 30 m de altura, equivalente a oito andares de um edifício. Era feita de *ouro.* Talvez o sonho do rei, no qual ele aparecia como a *cabeça de ouro,* tenha influenciado a escolha do metal. A largura era de apenas 3 m, e é provável que a imagem não tivesse o formato de um homem. Se tivesse, seria uma figura muito grotesca. Foi levantada na planície de *Dura* (ver a respeito no *Dicionário,* quanto a detalhes). O termo *dura* era comumente usado na Mesopotâmia para indicar qualquer lugar fechado por uma parede ou por montanhas. Provavelmente o lugar ficava perto da Babilônia. Quanto a detalhes, ver o artigo. Essa construção provavelmente era uma coluna com inscrições, talvez uma imagem esculpida que representasse o deus honrado. Continua em debate a quantidade de ouro que havia nessa coluna. Provavelmente ela era apenas recoberta de ouro.

3.2

Então o rei Nabucodonosor mandou ajuntar os sátrapas. A *importância* da imagem para Nabucodonosor é demonstrada pelo convite geral (ordem, decreto) aos oficiais babilônicos para a dedicação da imagem. Essas comemorações festivas eram comuns na Babilônia. A lista dos oficiais é similar a outras descobertas no antigo Oriente Próximo e Médio. Sargão, em suas inscrições, bem como Esar-Hadom, apresentou listas similares. Os títulos aqui usados eram quase todos persas, e isso tem provocado um problema histórico. Inscrições neobabilônicas não mostram nenhuma influência das palavras persas. Alguns críticos vêem nesta circunstância evidência de uma data posterior do livro.

Nomes:

1. *Sátrapas.* Cf. Esd. 8.36; 3.12; 8.9 e 9.3. Foi Dario I quem dividiu o império em satrapias e suas datas foram 521-495 A. C. Eram os principais representantes do rei, pois eram os cabeças do governo provincial.
2. *Prefeitos.* Cf. Dan. 2.48 e 6.7. Esdras e Neemias usaram o termo para certos oficiais secundários de Jerusalém. Mas alguns estudiosos acreditam tratar-se de comandantes militares.
3. *Governadores.* Ver Esd. 5.14. Esses eram "senhores de distritos", os *bel pahati* dos babilônios. Oficiais importantes e subalternos eram assim chamados, o que significa que essa palavra pode apontar para ambas as coisas. Eram administradores civis de várias categorias.
4. *Conselheiros.* Conforme os nomes persas subentendem, eram conselheiros do povo (*handarza,* conselheiro + *kara,* povo). Essa palavra pode significar qualquer pessoa que tinha a autoridade do governo por ela representada.
5. *Tesoureiros.* Cf. Esd. 7.21, onde a palavra existe com uma variante de diferente soletração. Eles eram administradores dos fundos públicos.
6. *Juízes.* Essa palavra vem do hebraico, *data bara* (sustentador da lei). Eram os especialistas na administração das leis.
7. *Magistrados.* Ao que parece, a palavra deriva-se de um termo persa, *pat,* "chefe". Oficiais militares e palacianos eram assim chamados, mas alguns estudiosos vinculam esse ofício com o de número seis, supondo que eles fossem executores da lei.
8. *Todos os oficiais.* O autor sagrado usou essa expressão para evitar deixar de lado qualquer oficial que tivesse autoridade. Ninguém que tivesse um mínimo de importância foi ignorado no convite (ordem, decreto). Todas as autoridades da terra se puseram de pé diante da imagem, dando a ela sua sanção e aprovação, confirmando o decreto de que todos os habitantes do reino deveriam adorar àquela monstruosidade. Toda idolatria é *abominação.* Nabucodonosor teve sua *abominação forçada,* e não permitiria uma única voz discordante. Os desobedientes seriam brutalmente executados, conforme o restante da história demonstra claramente.

3.3

Então se ajuntaram os sátrapas... O decreto real foi autenticado pela liderança coletiva da nação. Este versículo repete os nomes dos oficiais do versículo anterior, para compreendermos que todos aqueles oficiais concordaram com o decreto. Não houve absolutamente voto democrático. Nem havia permissão para que alguém desobedecesse às ordens reais. Desobedecer seria considerado uma *traição* ao estado. Foi assim que o rei pensou em um absurdo, e a liderança secundária inteira promoveu a causa com entusiasmo. Os oficiais do governo vieram de *todos os lugares.* Nenhum oficial seria capaz de ocultar-se e escapar dessa prática idólatra. Aqueles homens ridículos *ficaram de pé* enquanto a imagem era dedicada, pois seria considerado um sacrilégio alguém sentar-se. Eles respeitaram o que não deveria ser respeitado. Ninguém proferiu um comentário crítico contra a imagem, e certamente ninguém lhe deu pontapés. A lealdade foi jurada àquele culto, a qual seria a "religião do estado" em todos os lugares do império.

3.4

Nisto o arauto apregoava em alta voz. Um *arauto* foi comissionado para exprimir a convicção da liderança babilônica. Visto que fora o rei quem ordenara aquele culto, todos eram cem por cento favoráveis. Todos os povos dentro dos limites do império babilônico foram obrigados a adorar a imagem. Isso significa que praticamente todo o mundo então conhecido foi forçado a adorar o monstro da planície. Quanto a "povos, nações e línguas", cf. os vss. 7 e 29; 4.1; 5.19; 6.25 e 7.14. Isso fala em *universalidade.* Judite 3.8 pinta Nabucodonosor decidido a eliminar todas as religiões não-babilônicas. Isso se tornou um ato de patriotismo. Talvez exista um paralelo aqui a Antíoco (ver Dan. 11.36). A ordem era "ou obedece, ou é queimado".

3.5

No momento em que ouvirdes o som da trombeta. "A música daria o sinal para o ponto alto do culto de dedicação. Isso ocorreria não somente porque todos os reunidos deviam saber o momento preciso em que deveriam obedecer ao decreto real, mas também porque, na antiguidade, era costume que instrumentos musicais acompanhassem as cerimônias públicas" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

Os nomes dos instrumentos foram dados em grego, talvez outra indicação da data tardia do livro de Daniel. Cf. as palavras empregadas para os oficiais, no vs. 2. Pode-se argumentar que as edições posteriores do livro mudaram os nomes desses instrumentos para que se tornassem inteligíveis aos leitores da época — mas esse é um argumento fraco. Além disso, era cedo demais para os críticos afirmarem que palavras gregas influenciaram uma lista inteira de instrumentos da época de Nabucodonosor. Logo, que o problema fique como está, e que aqueles que quiserem incomodar-se com ele, que se incomodem.

"A orquestra incluiu instrumentos de sopro (a trombeta e o pífaro, cf. Dan. 3.10,15); um instrumento de palheta (a flauta); e instrumentos de corda (a harpa, a cítara e o saltério)" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

3.6

Qualquer que se não prostrar e não a adorar. Um modo temível de execução esperava os desobedientes ao decreto. O tipo de fornalha evidentemente recebia o combustível pelo alto, ao passo que era fechado por tijolos nos quatro lados. Execuções pelo fogo eram comuns entre os antigos, em altares munidos de fogueiras, grelhas em brasa, na fogueira ou em fornalhas. O código de Hamurabi (25,110,157) menciona as fornalhas, embora essa forma de execução parecesse reservada a criminosos especialmente perigosos. Heródoto (Hist. I.86; IV.69) diz-nos que Ciro e os citas executavam dessa maneira bárbara. Ver Diodoro Sículo (I.58.1-4; 77.8). Os hebreus antigos também não devem ser isentados. Ver Gên. 38.24; Lev. 21.9; Jos. 7.15,25; Jer. 29.22; Jubileus 20.4; 30.7. E II Macabeus 7.3 ss. e IV Macabeus 18.20 mostram-nos que essa forma de execução foi usada nos tempos dos monarcas selêucidas. No caso presente, a alegada impiedade religiosa era punida dessa maneira, e podemos supor que a desobediência era considerada um crime sério contra o Estado.

3.7

Portanto, quando todos os povos ouviram o som da trombeta. *A Adoração da Imagem.* Ao ouvir o som de todos os instrumentos listados no vs. 5 (com a exceção única da gaita de foles), todos os povos, de todas as classes, de todas as nações, prostraram-se e adoraram a grotesca imagem de Nabucodonosor. Quem enfrentaria o horroroso castigo ameaçado contra os desobedientes à ordem real? Representantes de todo o povo adoravam, e em breve todos "lá fora" estavam fazendo a mesma coisa. A superstição e a idolatria ganharam o dia. Mas ainda raiaria outro dia quando a bondade e a justiça seriam as vitoriosas.

A Provação dos Confessores (3.8-23)

A Acusação (3.8-12)

3.8

Ora, no mesmo instante, se chegaram alguns homens caldeus. O rei se fizera entender claramente. Ninguém poderia dizer-se ignorante da lei. Alguns oficiais provinciais observaram que havia três jovens judeus que não cumpriam seus "deveres religiosos". Esses jovens estavam cometendo um claro ato de traição. Não temos aqui menção ao grupo de judeus no cativeiro, mas somente aos três jovens companheiros de Daniel, o que indica claramente que as massas dos judeus estavam obedecendo ao edito real. O três tinham sido colocados em posição de autoridade (ver Dan. 2.49 e 3.12), o que os tornara conspícuos.

E acusaram os judeus. Diz a Revised Standard Version: "acusaram maliciosamente". Isso é justificado pelas palavras literais: "e comeram seus pedaços" (ver também Dan. 6.24). Esta é uma expressão idiomática no aramaico, que comumente significava "acusar", o que demonstra uma atitude virulenta. O aramaico também usava a expressão "comeram a carne deles" (*Quran,* 49.12). Cf. as palavras *akalo karsi,* das cartas de Tel-el-Amarna (e ver Sal. 27.2). Pode ter havido inveja política na questão, em que um partido tentava derrubar outro. A única coisa pior do que a perseguição política é a perseguição religiosa.

3.9

Disseram ao rei Nabucodonosor. Aqueles pequenos oficiais locais, em sua tremenda inveja, certificaram-se de que o rei ouvisse sobre a *clara infração* que tinham descoberto. Dessa maneira, demonstraram quão competentes e patriotas eram revelando a questão assim que puderam. Demonstraram respeito pelo rei, desejando que ele "vivesse para sempre", e não dando valor algum à vida dos três "criminosos".

"Um prefácio de lisonja foi seguido de perto pela crueldade. Assim também, em Atos 24.2,3, onde Tértulo, ao acusar Paulo diante de Félix, começou lisonjeando o governador romano" (Fausset, *in loc.*).

O restante dos judeus acompanhava o movimento de apostasia; Daniel era importante e favorecido demais para alguém tentar atingi-lo. Assim sendo, a ira recaiu sobre os três amigos de Daniel, que são mencionados por nome no vs. 12.

3.10

Tu, ó rei, baixaste um decreto. Aqueles *réprobos* lembraram a Nabucodonosor que fora ele próprio quem decretara, de modo "justo e sábio", que, ao começarem a tocar os instrumentos musicais (já listados por duas vezes nos vss. 5 e 7), todos deveriam prostrar-se e adorar a imagem feita pelo monarca. Os instrumentos tinham sido tocados. O decreto entrara em efeito. Mas certos jovens preferiram desobedecer ao decreto real. Este versículo é uma repetição virtual do vs. 5, onde são oferecidas notas expositivas.

3.11

Qualquer que não se prostrasse e não adorasse. Este versículo repete essencialmente o vs. 6 — o *resultado* para quem não obedecesse ao decreto, ou seja, a fornalha ardente. Ver notas ali. Aqueles homens ímpios e desvairados agora "exigiam" que a execução ocorresse. Provavelmente eles seriam galardoados de alguma maneira, ainda que somente com a satisfação de ver a queda dolorosa de inimigos políticos que, além do mais, eram estrangeiros desprezados.

3.12

Há uns homens judeus. Os réprobos não demoraram a identificar os "traidores": eram aqueles três estrangeiros, os desprezíveis cativos judeus, a saber, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, homens desobedientes e ímpios que ousavam desafiar o rei e o seu decreto, dignos da punição ameaçadora. Quanto aos nomes desses três homens, seus nomes hebraicos originais e seus novos nomes babilônicos, ver Dan. 1.6,7. O texto não menciona a razão pela qual Daniel (que também, sem dúvida, desobedecera ao decreto real) não estava entre os acusados. Por isso floresceram várias conjecturas: 1. Daniel era alto demais para ser tocado; 2. ele estaria viajando; 3. ele teria seu próprio julgamento severo (capítulo 6), pelo que pôde ter-se mostrado culpado no caso, mas fora deixado em paz propositadamente.

A Audiência (3.13-15)

3.13

Então Nabucodonosor, irado e furioso. O rei, como se fosse um louco, reagiu como era previsto. Sua cólera desconheceu limites. Ele reagiu com "ira furiosa" (Revised Standard Version) e requereu que os "criminosos" fossem trazidos imediatamente à sua presença. Ele os julgaria "com justiça". A alta estima que o rei lhes devotara (ver 1.20) agora não teria efeito algum sobre o louco rei. Ele faria um caso exemplar daqueles três traidores, a fim de lançar o medo no coração do restante de seus súditos. Eles seriam executados publicamente. A grande fúria dos potentados orientais sempre faz parte de tais histórias. *Grandes homens* sempre estão envolvidos em casos de *grandes iras*. Cf. Est. 1.12; 7.7; Tobias 1.18; Juí. 5.2; II Macabeus 4.38; 7.3. Heródoto (*Hist.* VII.39) e Plutarco (*Solon*, 27) oferecem exemplos seculares do mesmo fenômeno.

3.14

Falou Nabucodonosor, e lhes disse. O rei queria certificar-se de que as acusações eram verazes, a fim de não perpetrar alguma injustiça. Por isso, perguntou aos acusados se eles tinham desobedecido à sua ordem de adorar a imagem. Eles tinham a obrigação de servir os deuses do rei, ou seriam considerados traidores do Estado. Sempre são más as notícias quando governos têm religiões oficiais, quando igreja e Estado se unificam. Até mesmo em países modernos, que se consideram democráticos, ainda mantêm, em suas atitudes e atos, "religiões do Estado", que causam a perseguição dos dissidentes. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Igreja e Estado*.

3.15

Agora, pois, estais dispostos...? O rei mandaria novamente tocar a *música*, dando aos pobres cativos outra chance de obedecer à lei. A lista dos instrumentos é repetida pela quarta vez (ver os vss. 5,7,10). O mundo vive sempre a tocar a música da tentação e da traição, e as massas vivem sempre se prostrando. Poucos são os heróis que se rebelam contra a corrente da opinião e da prática pública. Contudo, a maioria raramente tem razão. O rei fez-lhes então um desafio: O Deus deles teria algum poder contra a sua fornalha superaquecida? Isso me faz lembrar das histórias de execução por afogamento. As vítimas eram amarradas a pesos e então lançadas dentro de lagos. Se fossem inocentes, Deus as salvaria, fazendo-as flutuar na superfície. Caso contrário, elas morreriam. A questão era retórica. O rei não estava pensando em termos de alguma intervenção divina. Sua atitude, referida em Dan. 2.47, há muito havia sido esquecida, conforme os ímpios esquecem a maior parte de seus sentimentos espirituais. Cf. este versículo às zombarias de Senaqueribe (II Reis 18.35). Ver também a atitude similar do Faraó (Êxo. 5.2).

A Defesa (3.16-18)

3.16

Responderam Sadraque, Mesaque e Abede-Nego ao rei. O rei não precisou mandar tocar de novo a música, nem os três cativos vacilaram, debateram e ficaram jogando na tentativa de escapar do inevitável, por meio de argumentos espertos. O caso era fácil: eles precisavam ser fiéis a Yahweh e entregaram sua vida nas mãos Dele, incondicionalmente. Assim, os três judeus responderam que não tinham necessidade de defender-se. A defesa deles era Yahweh, ou então não tinham defesa alguma. Se ser alguém leal a Yahweh era um crime, então eles eram os piores criminosos, pois a lealdade deles era grande e sem hesitações.

"A hesitação ou a parlamentação com o pecado é fatal. Uma decisão sem hesitação é a única vereda segura quando a vereda do dever é clara (ver Mat. 10.19,28)" (Fausset, *in loc.*). "Há certa demonstração de orgulho aqui, como no caso da resposta de Daniel ao rei, em Dan. 5.17. Era um orgulho derivado da consciência de que, na qualidade de servos de Deus, eles eram superiores a qualquer potentado, e, assim, não precisavam de sua clemência ou de seus dons" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

3.17

Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos... Elohim, o Poder (relativo a *Elah*, a palavra caldaica que aparece neste versículo), era capaz. Eles estavam dispostos a submeter o Senhor a teste. Esperavam livramento — *ser tirados da fornalha*, e não postos dentro dela. Esse seria um livramento da mão perversa do rei idólatra. A tarefa era impossível para a instrumentalidade humana. Nesse caso, somente o Ser divino poderia fazê-lo. Ocasionalmente, todos os homens enfrentam situações em que "somente Deus é capaz" e então são obrigados a entregar a vida nas mãos Dele.

Por todo o caminho meu Salvador me guia,
Que devo eu pedir além disso?
Posso duvidar de Suas ternas misericórdias,
As quais, por toda a minha vida, têm sido meu guia?
Pois sei que, sem importar o que me aconteça,
Jesus faz bem todas as coisas.

(Fanny J. Crosby)

Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Ao serem submetidos a teste, eles também estavam submetendo Yahweh a teste.

3.18

Se não, fica sabendo, ó rei. Se eles seriam livrados ou não, não fazia nenhuma diferença. Eles sabiam que a idolatria estava errada, mesmo quando se tratasse da idolatria do governo, a lei da terra, mas eles não se envolveriam nisso, sem importar o que essa atitude lhes custaria. O tema principal da história, pois, emerge: O martírio é preferível à apostasia, uma lição que poucos judeus, na época do ataque babilônico e do cativeiro, tinham aprendido. Judá estava perdida em sua idolatria-adultério-apostasia. Este livro praticamente não usa o nome divino *Yahweh*, o qual, para os judeus piedosos, tinha-se tornado santo demais para que fosse proferido. Portanto, o nome *Deus* é usado aqui, e aquele título especial é evitado.

A Sentença e a Execução (3.19-23)

3.19

Então Nabucodonosor se encheu de fúria. Agora o rei estava realmente colérico, a tal ponto que seu rosto se contorceu. Cf. o vs. 13. Imediatamente ele baixou o temido decreto e quis uma fornalha superaquecida. Tanto combustível foi posto na fornalha que sua temperatura, segundo o rei esperava, seria *sete vezes* superior ao normal, o que a levaria quase ao calor atômico. Uma fornalha muito quente mataria os três jovens judeus prontamente, mas o autor estava pensando em termos de *aumento* de temperatura, e não no decréscimo do sofrimento. O rei não ordenou uma investigação científica para ver como seria possível aumentar a dor dos três jovens. Ele simplesmente pensou: "Quanto mais quente, melhor". Na

mitologia-demonologia dos babilônios, havia sete demônios chamados *Maskim.* Eram os mais formidáveis poderes infernais. Talvez o número "sete", que aparece no texto presente, aluda a isso. Em caso contrário, serve de ilustração de como o rei, com sua fisionomia distorcida, estava perpetrando um ato demoníaco.

3.20

Ordenou aos homens mais poderosos que estavam no seu exército. Aproximaram-se agora os *executores temíveis,* homens fortes contra os quais ninguém podia resistir. Sem dúvida eles faziam parte da guarda de elite do rei. Eles amarraram aqueles infelizes hebreus de modo que os jovens não pudessem mover um músculo. Seja como for, não houve resistência da parte dos jovens. A vida deles estava entregue nas mãos do Todo-poderoso. As coisas tinham fugido ao controle deles. Isso posto, eles fizeram o que podiam. Lançaram a situação inteira aos cuidados do Poder (Elohim), em quem confiaram que faria bem todas as coisas.

Cf. este versículo com Dan. 2.14. Os gregos, ao enfrentar casos impossíveis, com freqüência falavam "em lançar-se aos cuidados dos deuses e da oração".

3.21

Então estes homens foram atados com os seus mantos. "Era costume desnudar os criminosos antes de sua execução, pois suas vestes tornavam-se propriedade dos executores (Mat. 27.35; Sal. 22.18). Lançá-los na fornalha vestidos pode ter sugerido que aquela era uma maneira peculiarmente eficaz de impedi-los de escapar. Mais provável, porém, é que esse detalhe tinha por intuito fomentar o caráter milagroso de seu livramento, visto que as vestes são altamente inflamáveis. Na arte cristã antiga, os três confessores comumente são representados nus no meio das chamas" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Aqueles homens estavam usando uma espécie de turbante. Há uma curiosidade vinculada a este texto. Certa denominação evangélica no Brasil, durante muitos anos, usou esse texto para mostrar que os homens crentes devem usar chapéus! Mas a idéia, finalmente, desgastou-se, e os homens daquela denominação deixaram de usar chapéus.

A fornalha, sem dúvida, era aberta no topo, pelo que o propósito era fazer pontaria e lançar os três homens pelo gargalo abaixo, sem chegar muito perto. Ver as notas do vs. 6.

3.22

Porque a palavra do rei era urgente. Os soldados do rei aqueceram de tal modo a fornalha que foram mortos no processo, ao lançar dentro dela os hebreus, um caso de divina *Lex Talionis* (ou seja, castigo segundo a gravidade do crime cometido; ver no *Dicionário*). Esse tipo de coisa se repete em Dan. 6.24. Os acusadores de Daniel foram quem os leões eventualmente devoraram.

É uma característica das histórias dos mártires que os executores e perseguidores recebam uma dose de sua própria medicina. Hamã foi enforcado na própria forca que havia preparado para Mordecai (ver Est. 7.10). Usualmente, as coisas não terminam como nas histórias, mas continuamos confiando que Deus fará o que é certo, e continuamos confiando na *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Também continuamos confiando na imortalidade, em que os erros são corrigidos, os sofrimentos são anulados e a glória brilha. Uma emenda apócrifa diz-nos que as chamas saltaram 24,5 m para fora da fornalha e devoraram aqueles homens, mas isso é um tremendo exagero.

3.23

Estes três homens, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Os três jovens hebreus foram *lançados* dentro da fornalha. A pontaria foi certeira, e eles caíram exatamente dentro da fornalha. Eles estavam amarrados, mas de que adiantaria isso? Eles não seriam mesmo capazes de saltar para fora do fogo. Foi um ato precipitado, perpetrado por uma mente doentia. Somente Deus poderia ajudar aqueles jovens contra poderes tão malignos. Por outro lado, só existe um Poder, e esse Poder está ao lado da bondade.

Neste ponto, a Septuaginta, a Vulgata, o siríaco e o árabe adicionam o *Cântico de Azarias,* com seus 67 versículos, dele e de seus companheiros na fornalha. Essa adição obviamente foi feita por algum editor, sendo provável que tenha começado na Septuaginta. Azarias era o nome hebraico que foi mudado para Abede-Nego. Ver sobre Dan. 1.6,7.

Epílogo (3.24-30)

3.24,25

Então o rei Nabucodonosor se espantou. Ali estavam eles, o rei e outros, olhando para dentro da fornalha, esperando que as chamas consumissem aqueles homens infelizes. Mas, para espanto do monarca, ele viu *quatro,* e não três homens. Provavelmente algum tempo já se havia passado, e o rei pensou que veria três corpos quase inteiramente consumidos pelo fogo. Mas, em vez de três, ele viu quatro homens *soltos, andando* entre as chamas (vs. 25). Foi um fenômeno notável, e o rei pediu confirmação se não tinham sido somente *três* homens os que tinham sido lançados na fornalha. O *quarto homem* (vs. 25) tinha um aspecto de poder e era como um "filho dos deuses". Algumas traduções dizem aqui "o Filho de Deus", cristianizando o texto, e os intérpretes apontam uma manifestação do Logos no Antigo Testamento. É provável que estivesse em vista um anjo, um ser celestial, alguma pessoa divina. Nos textos ugaríticos encontramos as palavras "filhos de Deus". "Era inevitável que a exegese cristã visse na quarta personagem uma aparição anterior à reencarnação do Redentor. O escritor, entretanto, não tencionava sugerir outra coisa senão que se tratava de um anjo de Deus" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

"Vs. 25... 'o Filho de Deus...' é uma tradução eminentemente imprópria. Que noção poderia ter aquele rei idólatra do Senhor Jesus Cristo, que é a compreensão de milhares de pessoas? *Bar alahim* significa "filho dos deuses", uma pessoa divina, um anjo, que foi como o rei o chamou, no vs. 28" (Adam Clarke, *in loc.*). Os anjos, naturalmente, eram chamados de "filhos de Deus", e não devemos compreender neste texto mais do que isso. Ler além disso seria uma *eisegese,* e não uma *exegese,* pois a eisegese significa "ler em um texto aquilo que queremos que ele diga", em vez de derivar do texto somente o que ele diz.

"Os caldeus acreditavam em famílias de deuses: Bel, o deus supremo, geralmente era acompanhado por Milita, a deusa. Portanto, a declaração deste versículo pode significar derivado e enviado pelos deuses" (Fausset, *in loc.).*

Basta-nos entender que existem poderes superiores, agentes divinos que podem intervir e, algumas vezes, realmente intervêm em situações que ultrapassam nosso controle, e operam milagres notáveis em nosso favor. Isso faz parte da doutrina do *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), que ensina que o Criador não abandonou Sua criação, antes intervém nos eventos humanos, recompensando e punindo. Note também o leitor que alguma luz é lançada sobre o *Problema do Mal:* Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem? Ver sobre esse título no *Dicionário,* quanto a uma discussão detalhada.

3.26

Então se chegou Nabucodonosor à porta da fornalha. *O Livramento.* O rei chegou tão perto da fornalha quanto o calor lhe permitiu, e chamou por aqueles servos do *Deus Altíssimo.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Altíssimo,* quanto a plenas informações sobre esse título. Note o leitor que aqui o nome divino caldaico *Elah* toma o lugar do termo hebraico *Elohim,* quanto ao Poder dos céus. O equivalente hebraico desse título é *El Elyon.* O equivalente grego é *Theos upsistos.* Filo de Biblos diz-nos que os fenícios reverenciavam *Elion,* chamado *Upsistos,* e esse parece ser um dos mais antigos nomes semíticos do Ser Supremo. Esse título ocorre por treze vezes no livro de Daniel, mais do que em qualquer outro livro do Antigo Testamento, excetuando os Salmos. Ver Dan. 3.26; 4.2,17,24,25,32,34; 5.18,21; 7.18,22,25,27. Nabucodonosor volta aqui a seus discernimentos de Dan. 2.46,47.

Um Teste Moderno por meio do Fogo. Meu irmão, que por muitos anos foi missionário no Congo e, mais tarde, no Suriname, passou por uma prova de fogo. Neste último país, os médicos-feiticeiros desenvolveram o poder de andar sobre carvões em brasa e de quebrar garrafas de vidro com os pés descalços. Certa ocasião, meu irmão foi convidado a assistir a uma demonstração. Em meio à demonstração, ele soube por quê. Ele foi desafiado a fazer a mesma coisa. Enviando uma rápida oração, ele tirou os sapatos e marchou por cima das brasas vivas. Em seguida, pisou em cima de garrafas de cerveja quebradas. E disse que, quando viu que os vidros quebrados não lhe estavam cortando os pés, pisou com mais força e quebrou as garrafas em pequenos pedaços. A demonstração terminou em muita discussão, e então o povo voltou para casa. Naquela noite ele se ajoelhou em oração e disse: "Oh, Senhor, se amanhã eu tiver queimaduras e cortes em meus pés, Tu terás sofrido uma grande derrota". No dia seguinte, as pessoas vieram da aldeia e disseram: "Missionário, mostre-nos os seus pés". E ele mostrou. Não havia nem golpes nem queimaduras. E o povo disse: "Oh, Deus é poderoso!".

Há uma antiga e admirável referência a andar sobre o fogo, em Virg. *Aen.* xi.785. *Febo* foi honrado por esse feito, que era realizado por seus devotos.

Enquanto o pinho santificado estalava,
Aqueles homens caminharam por meio do fogo
Em honra ao teu nome,
Sem ferimentos, sem manchas pelo fogo sagrado.

3.27

Ajuntaram-se os sátrapas. *Testemunhas.* Não havia nem esperança nem hipnose em massa. Aqueles que se tinham reunidos para assistir ao espetáculo (os maiores e menores oficiais babilônicos) viram o que acontecia. Eles compartilharam do espanto do rei, diante de um episódio sem igual. O milagre foi tão completo que nem ao menos o *cheiro* do fogo se tinha apegado a eles, nem suas

roupas estavam chamuscadas. O fogo simplesmente não exerceu poder algum sobre eles. Foi, como é claro, um poderoso milagre. O vs. 2 enumera *oito* classes de homens, mas aqui são mencionadas somente *quatro*. A lista é abreviada e simboliza a todos os oficiais. Os que apoiaram o decreto real viram que tinham perseguido homens inocentes e espiritualmente poderosos. Havia um Deus maior do que os seus deuses. Ele intervém na história humana e não se afasta dos homens. Somente uma peça de roupa é aqui mencionada, o *sarbal*, manto que teria sido a primeira peça de tecido a ser consumida. Mas não era isso que tinha acontecido, e nenhuma outra peça de suas vestes se queimara. Devemos compreender que aqueles homens estavam simplesmente imunes ao fogo. Ver Heb. 11.34, quanto a uma alusão a essa história, no Novo Testamento.

3.28

Falou Nabucodonosor, e disse: Bendito seja o Deus... *A Exaltação de Deus.* Os vss. 28-30 nos dão os resultados esperados do incidente. O rei Nabucodonosor cantou uma doxologia ao Deus dos judeus. Cf. as palavras da rainha de Sabá (II Reis 10.9), bem como as de Hurão, rei de Tiro, em II Crô. 2.12, que são um tanto análogas. Aqui, o filho de Deus, conforme o vs. 25, é chamado de *anjo*. Portanto, essa é a interpretação que o próprio rei deu às suas palavras anteriores. O Deus Altíssimo, o Deus dos judeus, foi louvado pelo rei Nabucodonosor, pois era digno de louvor. Ele mostrou Seu poder, enquanto os *deuses* da Babilônia ficavam inativos (ver Dan. 3.12). Ele fez algo tremendo em favor dos hebreus que Nele tinham confiado. E assim fez porque eles se mostraram leais a suas convicções de não se imiscuir com nenhum tipo de idolatria, mesmo que isso fosse exigido pelo rei de reis (Dan. 2.36), Nabucodonosor. Eles se dispuseram a tornar-se mártires de sua causa, o que é melhor do que a apostasia. "Que honra o Senhor deu àqueles que se mostraram constantes em sua fé!" (Adam Clarke, *in loc.*). O rei moveu-se na direção de um monoteísmo piedoso, mas é inútil falar aqui em algum tipo de conversão. Aqueles hebreus "apresentaram seu corpo" como sacrifício a Yahweh (ver Rom. 12.1). Ele ficou satisfeito e os devolveu sem ferimentos e sem sequer terem sido chamuscados pelo fogo. Eles se dispuseram a fazer o sacrifício final e a vida deles foi protegida e, em certo sentido, devolvida. Essas são as lições morais e espirituais que aprendemos da história. Aqueles jovens obedeceram a Deus, e não aos homens (ver Atos 5.29).

3.29

Portanto faço um decreto. *Um novo e destruidor decreto,* ordenado pelo rei, protegeu os judeus em geral. Qualquer homem que falasse contra o Deus dos judeus seria despedaçado (talvez servido como alimento aos leões), e sua casa seria demolida. Isso repete o que já tínhamos visto em Dan. 2.5 como uma ameaça contra os sábios, caso falhassem em dar a interpretação do sonho do rei sobre a imagem. Desse modo, o rei concedeu uma *posição oficial* ao judaísmo. A fé dos judeus podia ser praticada sem perseguição. O rei continuaria a reconhecer outros deuses e estava certo de que nenhum outro deus faria o que ele vira o Deus dos judeus fazer. A história secular da Babilônia não nos conta sobre tal decreto e nem sobre algum favor especial feito por Nabucodonosor aos judeus. Mas não perdemos o valor da história pela falta de confirmação secular. Nesse ponto, parece que o decreto concernente à adoração da imagem passou para o esquecimento, embora o texto sagrado nada diga a respeito. "A decisão em favor de Deus finalmente obteve o respeito até de pessoas mundanas (Pro. 16.7)" (Fausset, *in loc.*).

3.30

Então o rei fez prosperar a Sadraque, Meseque e Abede-Nego. Os três hebreus já tinham recebido altos ofícios por influência de Daniel (2.4 9), mas agora foram promovidos. O autor não informa no que consistiu essa promoção, nem dá pistas quanto a seus novos deveres de estado. A Septuaginta, porém, estipula: "Ele os considerou dignos de presidir a todos os judeus que havia no reino", mas não há que duvidar que temos nisso uma glosa. Alguns vêem uma profecia na história do anticristo em seu relacionamento com o remanescente judeu crente, no período da Grande Tribulação. Pelo menos, podemos *aplicar* a história dessa maneira. Não se trata de uma profecia sutil. Antes, devemos supor que esse incidente ajudou outros judeus do cativeiro a evitar a idolatria babilônica, mas quanto a isso coisa alguma nos é dita. A história foi escrita como um nota geral que mostra que a idolatria é um grande mal, e que morrer como mártir é mil vezes preferível a contaminar-se com a idolatria.

Capítulo Quatro

O livro de Daniel compõe-se essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões*. As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes sobre esse arranjo, ver a seção "Ao Leitor", parágrafos quinto e sexto, apresentados imediatamente antes do começo da exposição sobre Dan. 1.1. Agora chegamos à *quarta* história, que versa sobre a *loucura de Nabucodonosor*. Este capítulo naturalmente tem três divisões: vss. 1-9; vss. 10-27 e vss. 28-37. Há um título no início de cada uma dessas divisões, dando a essência do que se segue.

A Insanidade de Nabucodonosor (4.1-37)

Esta quarta história aparece sob a forma de uma epístola de Nabucodonosor a seus súditos. O material move-se do *passado* (seu sonho-visão interpretado por Daniel) para o *presente* (a profecia sobre a insanidade do rei). A lição moral e espiritual a ser comunicada é que até o maior dos poderes pagãos mostra-se impotente diante da história e das vicissitudes que estão sob o controle de Yahweh. Nabucodonosor foi reduzido ao estado dos animais, completamente humilhado pelo decreto divino que anulou tudo quanto ele era e podia fazer. No entanto, manifesta-se nessa história a misericórdia divina, pois o rei recebeu permissão de voltar e recuperar sua antiga glória. Os registros babilônicos nada dizem sobre isso, nem sobre um período de insanidade para o rei, nem sobre sua ausência do trono por algum tempo, por alguma razão. Há um relato sobre Nabonido, o último rei neobabilônico, que esteve afastado da capital por vários anos, tendo vivido no deserto; mas certamente Nabucodonosor não está em pauta nesse relato secular. Por esse motivo, os críticos supõem que a história encontrada no livro de Daniel seja uma adaptação do incidente histórico de Nabonido, mas isso é apenas uma conjectura. Seja como for, sem importar o que possamos pensar sobre a historicidade do evento, não devemos permitir que a falta de confirmação secular nos furte de lições espirituais e morais.

Eusébio (*Preparações para o Evangelho,* IX.41) relatou a curiosa história de como Nabucodonosor, em estado de êxtase, previu que a Mula Persa se apoderaria dele. A mula era ajudada por uma mulher midianita. A história é interessante, mas não sabemos se reflete algum incidente real na vida de Nabucodonosor.

Prólogo (4.1-9)

Nabucodonosor escreveu sua epístola e contou sua história, segundo sumário nas notas acima. Ele quis dar um testemunho pessoal, a todos os seus súditos, sobre as coisas admiráveis que lhe aconteceram. Alguns antigos monarcas vãmente imaginaram que podiam estender suas mãos sobre *toda a terra*. Mas a verdade é que mesmo um grande rei pagão nada é contra o Deus de Israel. A história de Nabucodonosor ilustra esse fato de maneira bastante gráfica. A história humana inteira ilustra a mesma verdade. Este capítulo é uma apologia da superioridade do judaísmo sobre o paganismo, principalmente porque o judaísmo conta com a ajuda do verdadeiro Deus, ao passo que o paganismo é "guiado" por não-deuses.

A Carta do Rei (4.1-3)

4.1

O rei Nabucodonosor a todos os povos. Esta carta foi enviada a todos os povos e terras sujeitados à Babilônia, bem como ao próprio povo babilônico, uma grande massa de gente de "toda a terra". Ver Dan. 3.4 quanto a uma declaração similar. O rei lhes desejou a "paz", uma introdução comum nas cartas do antigo Oriente Próximo e Médio. Esse era o homem que fizera guerra universal, mas agora descrevia seu avanço espiritual, por meio de experiências incomuns. Por assim dizer, essa carta foi uma epístola pastoral, na qual o rei figura como o pastor de seus súditos-ovelhas. Cf. a saudação de *paz* em Esd. 4.18 e 7.12. No Novo Testamento, a saudação tornou-se uma saudação espiritual. Ver Rom. 1.7; I Cor. 1.3; Gál. 1.3; Col. 1.12; I Ped. 1.2 e Apo. 1.4 etc.

4.2

Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas. Para o rei pagão, o Deus *Altíssimo* (ver no *Dicionário* e em notas adicionais sobre Dan. 3.26) comunicara importantes mensagens. Esse título aparece treze vezes no livro, conforme mostro nas notas sobre o versículo citado. É feito um contraste entre os "deuses" deste mundo, que não passam de ilusão (ver Dan. 2.11), razão pela qual freqüentemente desapontam os homens, e o Deus dos israelitas. Em contraste, o Deus dos judeus tinha exibido diante do rei grandes sinais e maravilhas, em visões que Daniel autenticara e interpretara. Quanto aos sinais e maravilhas, ver também Dan. 6.27. Cf. Deu. 4.34; 6.22; Isa. 8.18. No Novo Testamento, ver Mar. 13.22 e Rom. 16.19.

4.3

Quão grandes são os seus sinais. Os sinais do Deus Altíssimo são *grandes,* e suas maravilhas são *poderosas,* em contraste com os deuses-ídolos dos pagãos. O Deus Altíssimo também tem um reino que é eterno e, finalmente,

destruirá e substituirá todos os reinos da terra (Dan. 2.44,45). Seu domínio, em contraste com o dos reis da terra, continua interminavelmente, passando de uma geração a outra. A *lição espiritual* assim ensinada é que o Deus dos judeus é incomparável. O paganismo e a idolatria são atacados. A *lição moral* é que devemos lealdade ao Deus Altíssimo, ao mesmo tempo que podemos ignorar, com segurança, todas as imitações. O vs. 3 tem linhas métricas, e estas assumem a forma de um hino de louvor. Cf. Sal. 145.5,13.

"Esses são excelentes sentimentos que mostram quão profundamente sua mente ficara impressionada com a majestade de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Incapacidade dos Magos e o Sucesso de Daniel (4.4-9)

4.4

Eu, Nabucodonosor, estava tranqüilo em minha casa. A Septuaginta data os acontecimentos descritos no décimo oitavo ano do reinado de Nabucodonosor. Trata-se, porém, como é claro, de uma glosa.

O rei diz-nos quão pacífica e livre de cuidados era sua vida pagã, a qual foi perturbada pela intervenção do Deus de Israel, o Deus Altíssimo. Ele *descansava* em seu palácio. Suas conquistas tinham sido essencialmente realizadas. Ele estava apreciando a boa vida, em todos os seus prazeres e excitações. De repente, tornou-se instrumento da revelação divina. O impacto foi tão grande que esta carta saiu inspirada. Ele precisava contar a seus súditos as maravilhas que tinham sacudido sua vida. Tal perturbação espiritual, porém, produziria mudanças para melhor e, através dessa mudança, outras pessoas seriam instruídas. O homem estava *florescendo em sua vida material, mas estava em um deserto* quanto à sua vida espiritual.

4.5

Tive um sonho, que me espantou. A *agitação da revelação,* através de um sonho-visão, perturbou a vida descansada do rei. As experiências místicas com freqüência aterrorizam no começo, e foi isso o que ocorreu. Após o primeiro susto, a mente do homem foi tomada de ansiedade. Ele sabia que algo importante havia sido comunicado, mas não tinha capacidade de interpretar o sonho. Os fantasmas da visão continuaram a circular por seu cérebro e não lhe deram descanso. Ele estava *alarmado* e espantado. Ver Dan. 3.24 e o vs. 19, em seguida. A mesma palavra também é usada em Dan. 5.6,9,10; 7.15,28, sempre para falar de uma mente perturbada. Em contraste com Joel 2.28, este livro não parece fazer diferença entre sonhos e visões espirituais. Ver no *Dicionário* os artigos *Sonhos* e *Visão (Visões).* Ver também as notas em Dan. 2.1,2.

4.6,7

Por isso expedi um decreto. Para tentar compreender a nova visão, o rei (ele não mencionou a primeira, sobre a imagem, cap. 2) usou o mesmo procedimento que antes. Ele expediu um decreto, convocando todos os psíquicos profissionais e outras classes de sábios a interpretar o sonho-visão. O vs. 7 lista esses sábios, mas há uma lista mais ampla em Dan. 2.2. Aqui foram adicionados os "encantadores", mas devemos subentendê-los no capítulo 2. Os *caldeus* são a *casta coletiva* dos sábios. Esta narrativa ignora a questão das ameaças de morte para os sábios e seus familiares, caso houvesse falha na interpretação (ver Dan. 2.5). E o apelo passa diretamente a Daniel, uma vez constatado que os sábios não podiam solucionar a enigmática visão do rei. Cf. este versículo com Dan. 2.27, onde a enumeração da casta dos sábios se parece mais com a dos presentes versículos.

4.8

Por fim se me apresentou Daniel. Esta história deixa de lado a busca por Daniel, conforme se vê no capítulo 2, como se ela não tivesse ocorrido. É provável que as duas histórias sejam independentes. Este quarto capítulo por certo não é visto como dependente do segundo, de modo algum. Não apresenta nenhuma progressão. Faz-nos pensar que o rei, em seguida, descobriu Daniel. Daniel também é chamado de *Beltessazar.* Ver a mudança do nome de Daniel em Dan. 1.7. Ele recebeu novo nome de acordo com Bel (Marduque), o principal deus da Babilônia. E, acima de todas as pessoas que o rei conhecia, Daniel estava cheio do Espírito dos deuses santos. Essa linguagem é pagã, naturalmente. O rei deveria ter dito "cheio com o Espírito de Deus". Daniel era um homem inspirado, um gigante espiritual de quem se poderia esperar toda a forma de maravilhas, acima do que se poderia esperar de qualquer homem mortal. O Ser divino estava com ele, e isso o tornava um homem extraordinário. O rei aferrou-se ao seu paganismo e às suas expressões, mas reconheceu que tinha muito para aprender de Daniel e sua fé hebraica.

4.9

Beltessazar, chefe dos magos. Continuando a usar seu vocabulário pagão, o rei chamou Daniel de "chefe" da casta dos sábios. Ele era o melhor dos psíquicos profissionais. O *espírito dos deuses, segundo dizia o rei, estava com Daniel,* pelo que ele atuava acima das capacidades de um homem normal. Ele era um *intermediário* do Ser divino. Era tão poderoso que conhecia todos os mistérios. Ele podia interpretar as visões ou sonhos do rei. O que o rei disse era muito complementar, mas podemos estar certos de que eram elogios sinceros, ou ele não se teria incomodado em convocar Daniel. Cf. este versículo com Dan. 2.48 e 5.11. Nenhum mistério era difícil demais para Daniel (ver Dan. 2.19). Cf. Eze. 28.3, que se refere a um antigo sábio chamado Daniel, que alguns supõem ser o profeta bíblico. Quanto ao espírito dos deuses santos, cf. o vs. 18 e também Dan. 5.11,14.

O Sonho e Sua Interpretação (4.10-27)

4.10

Eram assim as visões da minha cabeça. Em contraste com a história do capítulo 2, Daniel não foi solicitado a recuperar a visão do rei, para então interpretá-la. O rei lembrava o sonho, pelo que a tarefa de Daniel foi apenas de interpretá-lo. O rei tinha consciência de seu sonho-visão, uma árvore grande e impressionante cujo topo chegava ao céu, quase fora de vista. Os sonhos e as visões geralmente operam através do *fomento* do tamanho. Isso nos diz: "Olhai para essa árvore gigantesca" e prepara a nossa mente para algo grande. Os símbolos dos sonhos e das visões são idênticos, pelo que a pessoa capaz de interpretar sonhos também é capaz de interpretar visões. Cf. esta passagem com Eze. 31.3-14, onde a visão do grande cedro é mais ou menos parecida. O rei da Assíria está em vista aqui. Heródoto (*Hist.* VII.19) conta uma visão de Xerxes, na qual ele viu a si mesmo *coroado com os ramos de uma oliveira que enchia a terra inteira. Uma árvore é uma* figura comum que representa um homem, no Antigo Testamento. Ver Sal. 1.3; 37.35 e Jer. 17.18. Havia um conceito oriental sobre a *árvore mundial,* que era retratada como se crescesse do umbigo da terra. Essa árvore subia até o alto da cúpula da taça invertida do firmamento. O rei e seu reino, naturalmente, eram a *grande árvore de seu tempo,* mas nenhuma árvore era permanente, a despeito de sua glória.

4.11

Crescia a árvore, e se tornava forte. A imensa árvore florescia. Seus ramos chegavam aos céus; ela era tão alta que podia ser vista de qualquer ponto da terra. Era a *árvore universal.* Coisa alguma se comparava a ela; toda outra vegetação era minúscula. Nada era tão tirânico, tão diabólico, tão poderoso e tão todo-governante como aquela árvore. Suas raízes enchiam a terra; seus galhos ocupavam o céu. A Septuaginta diz que o *sol* e a *lua* nela habitavam, e *dali* davam luz ao mundo inteiro. Cf. Isa. 14.14: "Subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo".

4.12

A sua folhagem era formosa. A *maciça árvore* tinha grande quantidade de folhas pelas quais respirava. Essas folhas eram bonitas de ser vistas e saíam de ramos que produziam toda a espécie de frutos bons, em abundância. Os animais dos campos faziam sob a árvore suas covas, e as aves do céu punham seus ninhos próximos a seus ramos. Cf. Eze. 17.23 e 31.6. O significado dessa visão é *que todo o mundo, com todas as suas nações e povos, tornaram-se dependentes* daquela gigantesca árvore, que supria a todos, sendo o poder dominante que sujeitara a si mesmo todos os povos.

4.13,14

No meu sonho quando eu estava no meu leito. Enquanto o rei observava, viu um extraordinário fenômeno manifestar-se nos altos céus. Um *vigilante,* um ser santo e divino, desceu do céu. Esse vigilante não gostou do que viu, e ordenou que a árvore fosse decepada e que seus ramos fossem desnudados — a dispersão de seus frutos e a expulsão dos vários animais que tinham feito da árvore o seu quartel-general. A palavra aqui traduzida por *vigilante* vem de uma raiz que significa "estar acordado". A tradução da Vulgata Latina é "vigilante". Os vigilantes eram uma classe especial de anjos, na angelologia dos hebreus, pelo que a moderna tradução da NCV diz aqui "anjo", em lugar de "vigilante". A destruição, que poupou apenas a cepa da árvore (para que pudesse crescer novamente), não fala de como a Babilônia foi conquistada pelos medos e persas, mas somente da queda de poder temporário de Nabucodonosor, por causa de sua insanidade. Ele voltaria a ocupar o trono. Cresceria de novo, depois de ter aprendido sua lição. Ver os vss. 23 ss. O vs. 25 fornece a estranha distorção de que *o rei* é que foi expulso do trono, por ser ele a árvore, ao passo que a descrição se ajusta melhor ao final do império babilônico, com o fim da dependência do mundo a esse império.

4.15

Mas a cepa com as raízes deixai na terra. A *árvore, embora tivesse sido* decepada e aparentemente destruída, precisava viver novamente e cumprir o

propósito de Deus para ela e para todos os envolvidos. Portanto, a *cepa* foi deixada. Algumas árvores podem regenerar-se a partir de um toco, enquanto outras não podem fazê-lo. Algumas pessoas podem dizer-nos quais árvores são essas, mas não me darei ao trabalho de consultá-las. O toco da árvore falava em *restauração,* mas o ato de amarrar a árvore com cadeias de ferro e bronze fala da divina *restrição,* sem importar o tempo envolvido. Alguns estudiosos vêem nessas palavras a garantia de que o trono do rei ficaria guardado para ele: o reino seria amarrado e fortalecido com esse propósito. Outros vêem a idéia da *severidade* na punição simbolizada por três correntes e apontam para Deu. 28.48; Jer. 1.18 e Miq. 4.12. É provável que se faça aqui referência às experiências restringidoras, humilhantes e rigorosas que os homens passaram durante o tempo da insanidade de Nabucodonosor. A interpretação que se segue não comenta especificamente esse item, mas a própria história o ilustra.

Seja como for, Nabucodonosor tornou-se semelhante a um animal que vivesse no campo, desprotegido em relação ao orvalho do céu, vivendo entre a tenra relva e usando-a como alimento. O homem perdera o *poder do raciocínio,* a principal distinção do homem, e tornou-se como os animais do campo.

4.16

Mude-se-lhe o coração. A mente extraordinária do rei foi mudada para tornar-se a mente de um animal irracional. *Sete tempos* (anos) passaram por ele, significando que a sua insanidade duraria esse período. A Septuaginta e Josefo (*Antiq.* X.10.6) interpretaram esses tempos como anos. Cf. Dan. 7.25. O número *sete* naturalmente é significativo, subentendendo um teste *perfeito* e *completo* ordenado pelo Ser divino para produzir mudança no rei. Seria necessária uma semana de anos para devolver ao rei o bom senso espiritual.

4.17

Esta sentença é por decreto dos vigilantes. Aqui *vigilante* torna-se *vigilantes,* e *santo* torna-se *santos,* sendo provável que esteja em vista a classe de anjos assim chamados. Ver as notas sobre o vs. 13. Aqui os vigilantes são vistos como uma espécie de concílio celeste, tomando decisões que afetam os homens. Eles têm o poder de baixar decretos. Naturalmente, subordinam-se ao Deus Altíssimo (ver as notas em Dan. 3.26). Esse título divino — Deus Altíssimo — ocorre por treze vezes neste livro. Listei as referências no vs. 13. O Deus Altíssimo é visto como tendo uma espécie de conselho de consulta, conceito que pertencia ao judaísmo posterior. Ver *Senhedrin,* 38. Nessa mesma obra, em 94a, temos esse conselho fazendo oposição ao próprio Deus! Mas isso está fora da linha principal da fé judaica. Cf. Jó 1.6,12; 2.1,7; Sal. 89.6,7; Jer. 23.18, onde encontramos idéias similares.

O Julgamento Divino Estava Chegando. A lição de que Deus é o verdadeiro Rei do mundo deve ser aprendida por homens altivos, entre os quais se destacava Nabucodonosor. Deus dá poder a quem Ele quer, e tira esse poder quando isso Lhe parece bem. Isso reflete o *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O Criador não abandonou Sua criação (conforme afirma o *Deísmo*). Pelo contrário, Ele está presente para recompensar, punir e intervir. Ele é soberano. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Soberania de Deus.*

O Rei Pede a Daniel que Interprete a Visão (4.18)

4.18

Isto vi eu, rei Nabucodonosor, em sonhos. Os psíquicos profissionais e a classes dos sábios em geral (ver o vs. 7) tinham fracassado. A visão continuava sendo um enigma. Foi necessária a *habilidade especial* do *chefe da casta* (vss. 8-9) para deslindar o significado. Este versículo repete a idéia já vista naqueles versículos. Nada é dito sobre o sucesso anterior de Daniel ao interpretar a visão da imagem do capítulo 2. A história foi contada como se o rei tivesse acabado de descobrir os talentos especiais de Daniel.

Daniel Provê a Interpretação (4.19-24)

4.19

Então Daniel, cujo nome era Beltessazar. Daniel ficou *assustado* pela visão, não tanto por causa de suas vívidas imagens, mas por causa do seu significado. Ele sentiu prontamente o que estava sendo comunicado, e isso o fez silenciar-se. Grandes emoções podem paralisar as cordas vocais e estontear a mente. Assim sendo, por uma hora inteira Daniel nada disse. Recuperando o autocontrole, o profeta emitiu um desejo impossível: que aquilo que tinha sido visto acontecesse aos inimigos do rei, não ao próprio rei. Esse desejo não lhe seria concedido, mas a verdade é que fora um desejo inspirado pela melancolia do momento. O profeta proferiu sua "fórmula a fim de desviar o mal", algo comum no Oriente, quando se proferiam palavras potencialmente daninhas. Mas a fórmula de Daniel seria inútil, ao passo que a profecia propriamente dita seria cumprida de modo preciso. Não é fácil prever uma grande provação sobre um ente amado, ou um amigo, e é ainda menos fácil contá-la. Não obstante, a oração é mais forte que a profecia, de modo que a profecia pode ser anulada. Que esse sempre seja o nosso caso! Nabucodonosor tinha de passar por uma provação, da qual sairia melhor. Os julgamentos de Deus são dedos de Sua mão amorosa.

4.20,21

A árvore que viste, que cresceu. Os vss. 20-21 retomam os detalhes da visão explicada nos vss. 10-12. O profeta repetiu todos os detalhes, antes de dizer o temível "és tu, ó rei" (vs. 22).

"Daniel recapitulou a questão do sonhos. As pequenas variações em relação ao que é dito nos vss. 10-17 não devem ser consideradas significativas" (Arthur Jeffery, *in loc.*). A interpretação adiciona alguns detalhes que não aparecem no relato original.

4.22

És tu ó rei, que cresceste. A árvore, antes tão exaltada, mas depois humilhada até o quase nada, falava do *próprio rei.* Para apreciar a grandeza da Babilônia e de seu rei, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Babilônia.* O rei era alto e forte e espalhou-se como os galhos de uma árvore por todas as partes do mundo então conhecido. Neste ponto, a Septuaginta tem uma longa adição que quase certamente relaciona o texto presente ao período dos macabeus. O império babilônico foi o maior e mais poderoso que houve até aquele tempo, conforme demonstra o artigo citado. Era pequeno segundo os padrões modernos, mas gigantesco para os padrões antigos. Cf. este versículo com Jer. 27.6-8. "Ele ultrapassou a todos os reis da terra, em poder e honra, e aspirou atingir a própria divindade, conforme seus galhos se estendiam até os confins da terra (vs. 11)" (John Gill, *in loc.*).

4.23

Quanto ao que viu o rei, um vigilante. Este versículo repete os elementos dos vss. 13-16, onde ofereço notas expositivas. A repetição faz parte do estilo literário do autor.

4.24

Esta é a interpretação, ó rei. Os vss. 24-25 passam a interpretar os vss. 13-16 (repetidos no vs. 23). O que aconteceria ao rei devia-se a um decreto do *Deus Altíssimo.* Quanto a notas sobre esse título divino (que aparece treze vezes no livro), ver Dan. 3.26. Nabucodonosor tinha de pagar por todos os tipos de pecados, especialmente o pecado do orgulho (vss. 27,30,31). Assim sendo, o decreto divino era justo e precisava ser cumprido. Cf. o vs. 17. O Rei verdadeiro e celestial tinha de ser exaltado e não toleraria competição. Nabucodonosor precisava ser derrubado. Ver o vs. 25.

4.25

Serás expulso de entre os homens. A *derrubada* da árvore faria com que as aves que se tinham alojado em seus ramos saíssem voando. E quando a árvore caísse, os animais que tinham feito suas covas ao pé da árvore correriam para lugares seguros. Os frutos que cresciam em seus ramos cairiam de súbito. Tal descrição pode parecer significar a destruição do império babilônico pelos medos e persas. Mas sabemos que a confusão dizia respeito ao próprio rei. Em sua insanidade temporária (que o deixaria completamente arrasado pelo golpe divino), o rei correria para a floresta e viveria como um animal. Comeria relva como um boi e viveria exposto à chuva e aos elementos da natureza em geral. Nabucodonosor continuaria nesse estado por sete anos. E assim viria a reconhecer quem é o Rei verdadeiro, a saber, o Deus Altíssimo (ver as notas sobre Dan. 3.26). Ver os vss. 14-16, que este versículo interpreta. O governo e os governantes terrenos são levantados e derrubados, conforme chega o tempo de seu governo (ver Atos 17.26), por meio de decretos divinos, e não pelo poder e pelo engenho humano. Jui. 3.8 dá a entender que Nabucodonosor se estabelecera como se fosse um deus e requeria honrarias correspondentes. Foi lembrado pelos judeus não como um grande construtor, mas como quem tinha destruído a cidade sagrada e reduzido a nação a praticamente nada, em seus ataques e subseqüentes cativeiros. Portanto, se havia alguém que precisava ser derrubado, esse homem era Nabucodonosor.

Existe uma desordem mental conhecida como *zoantropia,* segundo a qual a pessoa se imagina um animal e passa a agir como um ser irracional. Talvez esse tenha sido o caso de Nabucodonosor. Sem importar a natureza específica da sua enfermidade, o fato é que ela foi um instrumento da mão de Deus, primeiramente para humilhar e então para restaurar Nabucodonosor. Todos os juízos de Deus são restauradores. Ver as notas em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado,* e também Efé. 1.9,10.

4.26

Quanto ao que foi dito, que se deixasse a cepa. Nabucodonosor voltaria; ele se recuperaria; ele aprenderia a lição e então receberia de volta seu poder e glória. É esse o símbolo da *cepa* da árvore, que *restaria* e teria o poder de reproduzir-se, formando uma nova árvore, desde as raízes. Este versículo interpreta o vs. 15. O rei precisava aprender que o *céu é que governa,* conforme se lê a respeito do Deus *Altíssimo* no vs. 25. Esse uso não se acha em nenhum outro trecho do Antigo Testamento, embora seja bastante comum nos livros dos Macabeus. Ver I Macabeus 3.18,19; II Macabeus 9.21; Aboth 1.3; 2.2.

"Deus governa! Essa é a palavra de esperança para a *nossa* loucura. Devemos aprender que o Altíssimo governa sobre a terra, e que os reis não formam exceção... É uma lição de mordomia... Quando rei Tiago VI, da Escócia, se jactava de seus direitos, Andrew Melville segurou a fímbria de suas vestes e disse: 'Você, tolo vassalo de Deus! Existem dois reinos na Escócia e existem somente dois reis: o rei Tiago e o Rei Cristo Jesus. Nesses reinos, você não é nem Senhor nem Cabeça, mas súdito'" (Gerald Kennedy, *in loc.*).

4.27

Portanto, ó rei, aceita o meu conselho. Os pecados teriam de ser derrotados pela prática da retidão, e a *idolatria* era a principal ofensa. A *opressão* é o pecado especial da classe dominante. Ela teria de ser abandonada e substituída pela justiça social. Se tais coisas fossem feitas, o severo juízo divino dos sete anos de insanidade teria sido evitado. Cf. o conselho deste versículo com Eclesiástico 3.30,31 e Tobias 4.7-11, que dizem coisas similares. Talvez ao rei tenha sido conferido um período de graça (vs. 29), a oportunidade para reverter o curso do pecado. Nabucodonosor tinha de "pôr fim aos seus pecados", ou seja, literalmente, teria de "redimir-se". Mas a palavra hebraica *peraq* pode referir-se ao *afrouxamento do jugo.* O rei era cativo de seus pecados e tinha de livrar-se deles, caso quisesse escapar da punição. Além disso, tinha de anular suas opressões pela caridade (possivelmente pela doação de *esmolas*), mas está em vista a prática da lei do amor, que cobre uma multidão de pecados (ver Tia. 5.20). A Septuaginta apresenta aqui o substantivo grego *eleeimosunais,* "esmolas", mas esse é um uso posterior da palavra.

Epílogo: O Cumprimento da Visão (4.28-37)

4.28

Todas estas cousas sobrevieram ao rei Nabucodonosor. Ao que tudo indica, Nabucodonosor não foi sábio o bastante para aproveitar seu período de graça e endireitar a sua vida e substituir seus pecados por atos de bondade. Ele perdeu a oportunidade, pelo que o decreto de julgamento teve de ser implementado.

Tudo quanto fora predito aconteceu, em seus mais minúsculos detalhes. "A interpretação de Daniel foi logo esquecida, e suas exortações foram ignoradas. Nabucodonosor continuou em seu orgulho pecaminoso. O rei não se arrependeu, conforme lhe ordenara o profeta. Continuou dominado pelo egoísmo" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

4.29,30

Ao cabo de doze meses. Talvez esses *doze meses* (um ano) tenham sido mencionados por formarem o período de graça concedido ao rei para limpar sua vida, alterar suas atitudes e substituir a opressão por atos de bondade. Mas agora vemos Nabucodonosor a andar sobre o eirado plano do palácio real (literalmente, o *palácio do reino*), com o nariz empinado e o peito estufado, como se fosse um galo insensato. Ele caminhava solenemente e falava sobre quão grande era a Babilônia e como *ele* tinha construído seu magnífico palácio. A arqueologia encontrou inscrições de Nabucodonosor que são similares às jactâncias citadas neste versículo. Talvez o autor, ao escrever este versículo, estivesse imitando tal coisa. Expedições militares e matanças tinham feito a Babilônia ser o que ela era, e Nabucodonosor usara todo esse dinheiro para embelezar a cidade e o império. Tudo fora feito por seu "grandioso poder" (no hebraico, *hisnî*) que pode ser traduzido "riqueza").

A grande Babilônia. Até mesmo segundo os padrões modernos, a antiga cidade de Babilônia era uma cidade grandiosa. Era a Nova Iorque do antigo Oriente Próximo e Médio. Tinha uma área de 520 km² e era cercada por muralhas com 26 m de espessura e 102 m de altura. Nas entradas, portões de bronze conduziam a vários terraços que davam frente para o rio Eufrates. Dentro das muralhas havia cidades satélites menores, espacejadas por jardins e plantações que emprestavam beleza estética ao lugar. Havia nada menos que oito templos, e muitos edifícios públicos impressionantes. Quanto a detalhes, ver o artigo do *Dicionário* chamado *Babilônia.*

O Rei é Humilhado (4.31-35)

4.31

Falava ainda o rei quando desceu uma voz do céu. *O período da graça divina* se havia esgotado, pelo que o julgamento adiado foi aplicado. O rei continuava todo estufado em seu orgulho; permanecia imerso em sua idolatria; ainda participava de seus atos opressivos. Sua vida era autocentralizada. Alguma coisa tinha de mostrar-lhe quem era o verdadeiro Rei. Portanto, a Voz veio do céu, a *Bath Kol (Qol)* (ver a respeito no *Dicionário*). Foi uma comunicação divina miraculosa, uma medida da intervenção de Deus. O tempo do cumprimento da visão tinha chegado. O reino sairia do domínio de Nabucodonosor. Em breve o rei teria de afastar-se de seu trono, e passaria a viver com as feras do campo. Cf. este versículo com Isa. 9.8; Testamento de Levi 18.6; II Baruque 13.1; Mat. 3.17. Quando o rei ainda proferia suas palavras profanas, uma Voz quebrou o silêncio e pronunciou a sua condenação. Cf. o vs. 14: o *vigilante* clamou em "voz alta". "Quão terrível foi a voz para um rei vitorioso e orgulhoso: 'O teu reino foi-se de ti! Todos os teus bens e os teus deuses desapareceram em um único momento!'" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.32

Serás expulso de entre os homens. Este versículo repete a essência dos vss. 14-16 e 25 (o sonho e sua interpretação), a respeito da insanidade temporária do rei e sua alienação do reino. Ver as notas, especialmente nos vss. 15 e 25, quanto às idéias aqui apresentadas. Foi o Deus *Altíssimo* (ver a respeito no *Dicionário*) quem decretou a sorte do rei, conforme o vs. 25 diz. Esse título aparece treze vezes no livro. Ver comentários e uma lista de referências nas notas sobre Dan. 3.2. O rei passou viver nos campos, como se fosse um animal. Daniel, mais adiante, adicionou que ele passou viver como um jumento montês (ver Dan. 5.21).

4.33

No mesmo instante se cumpriu a palavra sobre Nabucodonosor. *Instantaneamente* o que tinha sido predito aconteceu. O pobre rei foi expulso dentre os homens, passando a viver nos campos e a comer grama, sujeito às precipitações atmosféricas, esbofeteado pelos animais ferozes, tendo como companheiros outras feras, em vez de outros seres humanos. Nabucodonosor era agora uma fera para todos os propósitos práticos, seus cabelos cresceram como os pêlos de um gorila ou como as penas de uma águia, as unhas das mãos ficaram como garras de felinos ou como das aves de rapina. Em sua loucura, o rei perdeu toda a noção de higiene pessoal. Mas apenas ontem ele era um rei exaltado, caminhando ao redor e jactando-se de tudo quanto tinha feito, o mais esplendoroso dos homens. É provável que seus súditos misericordiosos o tenham escondido em algum parque fechado. O povo não podia assistir a tal cena! Alguns intérpretes vêem aqui uma punição divina mediante a qual o rei passou por uma espécie de metamorfose física, mudando o seu aspecto para uma espécie de homem-lobo, ou *licantropia.* Existe uma insanidade dessa espécie, não ela não transforma, de fato, um homem nessa espécie de fera.

4.34

Mas ao fim daqueles dias eu, Nabucodonosor. O *terrível teste* chegara ao fim. A *temível experiência* de sete anos finalmente terminou. De repente, o rei voltou à boa razão. Portanto, elevou os olhos ao céu e imaginou que via ali o Deus Altíssimo, e reconheceu ser Ele o Rei, e não ele próprio. E Ele bendisse e louvou ao Deus *Altíssimo.* Honrou ao Senhor supremo por Si mesmo e por Seu reino eterno, pois é de Deus que fluem todas as bênçãos que nos atingem. Este versículo repete as palavras do vs. 3 — o reino eterno, que continuará eternamente, de geração em geração. Isso é contrastado com o minúsculo reino da Babilônia, que na época só tinha alguns poucos anos de existência, a despeito de toda a sua grandeza e pompa. A Babilônia havia adquirido tudo isso por meio de matanças e opressão, mas o Reino do Altíssimo existe com base na bondade de Deus. É aí que habita a verdadeira grandeza, *no amor,* e não na brutalidade. "Quando o homem bendiz a Deus, isso significa expressar gratidão a Deus, reconhecer a própria dependência da bênção divina (ver Deu. 8.10; Juí. 5.9; Sal. 103.20-22; I Crô. 29.20). É o *Senhor* que vive eternamente, enquanto os reinos da terra se reduzem ao pó (ver Dan. 12.7; Eclesiástico 18.1; Enoque 5.1; Apo. 4.9,10 e 10.6). Ele é o Deus vivo (ver Dan. 6.26). Seu domínio perdura para sempre. Encontramos aqui uma doxologia similar à de Sal. 145.13, salmo que já tinha sido usado no vs. 3" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Quanto ao título *Altíssimo,* ver Dan. 3.26.

4.35

Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada. *A Doxologia Continua.* Em contraste com o Deus perenemente vivo, os habitantes da terra têm uma vida emprestada, e, em comparação, são apenas poeira. Outrossim, é a vontade divina que controla as coisas, e não os esforços inúteis dos homens. A

vontade Dele controla as hostes celestiais, e é certo que essa vontade prevalece na terra. Não existe poder que consiga entravar Sua mão toda-poderosa, e não existe voz que possa ser levantada para questionar o que Ele faz. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Teísmo*. Há um paralelo próximo deste versículo em Isa. 40.17. Cf. também Jó 33.12,13; Isa. 29.16; 45.9 e Rom. 9.19,20. Ninguém pode impedir a ação da mão de Deus, conforme se lê em Eclesiastes 8.4; Jó 9.12 e Isa. 45.9. Ele controla os céus estelados. As estrelas podem representar as hostes angelicais. Muitos antigos acreditavam que as estrelas eram anjos ou deuses, conforme vemos em Enoque 18.14-16, aludido em Apo. 9.1.

Louvai a Deus de quem todas as bênçãos fluem;
Louvai-O todas as criaturas cá embaixo;
Louvai-O no alto, todos vós, hostes celestiais;
Louvai ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

(Thomas Ken)

Recuperação e Confissão do Rei (4.36-37)

4.36

Tão logo me tornou a vir o entendimento. A razão de Nabucodonosor voltou; ele deixou os campos e retornou ao palácio real; foi-lhe devolvida a realeza; sua anterior pompa e glória foram restauradas; seus ex-conselheiros começaram a procurá-lo de novo e a trabalhar em seu favor; seu reino foi estabelecido; a ninguém fora permitido usurpar coisa alguma do rei; e Nabucodonosor tornou-se maior que antes. Agora, ao caminhar sobre seu eirado plano e ver a magnificência que era a cidade de Babilônia, ele dizia: "Esta é a obra do Senhor e nela me regozijo".

Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele.

(Salmo 118.24)

O *final feliz* desta história nos faz lembrar da história de Jó. Ver Jó 42.10-17. Se isso não tipifica a maior parte das histórias da experiência humana sacudida pela tragédia, contudo algumas vezes é o que acontece. Ver a respeito do *Problema do Mal* no *Dicionário*, quanto a raciocínios sobre por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. Cf. Pro. 22.4 e Mat. 6.33.

4.37

Agora, pois, eu, Nabucodonosor. O rei irrompeu novamente em outra doxologia, dirigida diretamente ao Rei do céu. Ele louvou e exaltou a Deus, pois Suas obras são retas e beneficentes. Deus avilta os orgulhosos, mas, se eles receberem isso de bom grado, serão exaltados pela graça divina. Deus governa de modo absoluto, mas Seu governo está em consonância com os princípios morais, não controlado pelas venetas caprichosas. O governo de Deus é benéfico, em contraste com os orgulhosos que oprimem os semelhantes. Por isso a carta foi encerrada não à maneira usual das missivas, mas com essa doxologia ao Deus dos judeus, o Rei dos céus. Cf. com o "Senhor dos céus" (Dan. 5.23). Ver Deus ser chamado *Rei*, em Sal. 47.2 ss.; Mal. 1.14; I Esd. 4.46; III Macabeus 2.2. Aqui são combinadas a *verdade* e a *justiça*, tal como se vê em Sal. 111.7. A humilhação dos orgulhosos é um tema bíblico comum. Ver também Pro. 16.18; Sal. 18.27; 101.5; Jer. 49.16; Atos 12.20 ss. e Eze. 17.24, que são pertinentes à questão do sonho de Nabucodonosor. Ver o contraste entre os orgulhosos e os humildes, em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32. Ver no *Dicionário* os artigos *Orgulho* e *Humildade*. "Essa ação de graças nos permite supor que o rei abandonou grande parte de suas crenças em anteriores superstições e avançou na direção da... verdade" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Cinco

O livro de Daniel é composto essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões*. As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes sobre esse arranjo, ver a seção "Ao Leitor", parágrafos quinto e sexto, apresentados imediatamente antes do começo da exposição em Dan. 1.1. Mas agora chegamos à *quarta* história, *O Banquete do Rei Belsazar*. Este capítulo, como é natural, divide-se em três partes: vss. 1-4; vss. 5-28; e vss. 29-31. Essas divisões, por sua vez, apresentam subdivisões que anoto ao longo da exposição.

Vários detalhes da narrativa não correspondem ao que se sabe sobre esse período, de acordo com a história secular. "A história faz de Belsazar o filho de Nabucodonosor e seu sucessor imediato. Nabucodonosor, entretanto, foi sucedido por seu filho, Awel-Marduque (o Evil-Merodaque de II Reis 25.27-30). Evil-Merodaque foi substituído por Nergal-Sharusur, e este, por Labasi-Marduque, e este último, por sua vez, por Nabunaide (ou Nabonido), em cujo décimo sétimo ano de governo a Babilônia foi conquistada pelos exércitos de Ciro. Nabonido não tinha nenhum parentesco de sangue com Nabucodonosor. Seu filho, Bel-Sarusur, foi o governante encarregado da Babilônia durante a ausência de seu pai em Taima, na Arábia, mas ele nunca foi rei e, nas inscrições contemporâneas, usualmente aparece somente como *o filho do rei*" (Arthur Jeffery, *in loc.*, ao salientar dificuldades). J. Dwight Pentecoste *(in loc.)* comentou: "Belsazar foi o filho mais velho de Nabonido, nomeado por ele como co-regente. Nabucodonosor aparece como seu pai (ver Dan. 5.2,11,13,18), no sentido de que era seu ancestral ou predecessor. Essa co-regência explica por que Belsazar foi chamado rei (vs. 1) e por que exercia autoridade real, embora Nabonido fosse quem, na realidade, estava sentado no trono". Se essa explicação não satisfaz a todas as objeções históricas, é suficiente para defender a historicidade do capítulo à nossa frente. Quanto a idéias e informações adicionais, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Belsazar*.

Não devemos confundir-nos pela porção histórica do relato, a ponto de perder o significado da história à nossa frente. Ela foi escrita para ensinar-nos a verdade religiosa e moral, especialmente concernente à inevitabilidade da operação da *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). O que os homens semeiam, eles colhem; o que os reinos semeiam, eles colhem. A sofredora nação de Israel foi libertada pela queda da Babilônia, e houve alguma reparação pela destruição de Jerusalém e Judá. Além disso, assegura-se a nós que a vontade divina governa a vida dos homens e das nações.

O Banquete do Rei Belsazar (5.1-31)

Prólogo (5.1-4)

Belsazar (nome que significa "Oh, Bel, protege o rei!") é de origem posterior. A Septuaginta confunde esse nome com Beltessazar. Temos em Belsazar um rei para todos os propósitos práticos, mesmo que ele não tivesse sido um rei no sentido real. As inscrições nunca o mencionam como um rei que estivesse governando. Mas não há razão alguma para duvidarmos do fato de que seu pai o investiu com poderes reais, pelo que a palavra *rei*, que aparece neste texto, pode ser considerada correta o bastante para não estar sujeita a críticas e censura. *Co-regente* é termo forte demais para descrever a situação.

Aqui se demonstra que a vontade divina acaba dominando no fim, e que todo sacrilégio deve ser punido. Ademais, o fim do império babilônico foi o início de uma nova esperança para Judá. Agora os judeus poderiam voltar para reconstruir Jerusalém, por meio dos graciosos decretos de Ciro.

5.1

O rei Belsazar deu um grande banquete. O "rei", que era um homem vão, ofereceu um vasto banquete para mil convidados! O rei continuava a beber vinho na presença dos convidados, que também continuavam a beber só para fazer-lhe companhia. Talvez esteja em vista alguma *festividade oficial* não-identificada. Os vss. 30-31 mostram que tudo isso ocorreu nas vésperas da queda da Babilônia, em 538 A. C. Se supusermos que Daniel tenha sido levado para o cativeiro aos 16 anos de idade (em 605 A. C.), chegaremos à conclusão de que ele tinha cerca de 83 anos por esse tempo. "As inscrições contemporâneas deixam claro que a Babilônia foi capturada sem que se aplicasse um golpe sequer, e que Nabonido foi imediatamente feito prisioneiro. A própria inscrição de Ciro sugere que ele foi recebido com alegria pela população. Uma tradição posterior, entretanto, informa que a cidade foi conquistada por meio de um assalto noturno, enquanto os habitantes celebravam uma festa. Há traços dessa tradição em Heródoto (*Hist.* I.191), bem como em Xenofonte (*Cyropaedia*, VII.5.15-31)" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

A arqueologia descobriu um vasto salão na cidade de Babilônia, com pouco mais de 50 m de comprimento, cujas paredes eram emplastradas. Esse é um lugar de dimensões suficientes para que ali tivesse ocorrido o banquete mencionado, com seus mil convidados.

5.2

Enquanto Belsazar bebia e apreciava o vinho. *O Vergonhoso Sacrilégio.* As taças de vinho que o vão rei usou eram os vasos de ouro e prata que Nabucodonosor (seu "pai") tinha tirado do templo de Jerusalém, no primeiro ataque e cativeiro. Ver Esd. 1.9-11. Houve *três* cativeiros distintos, que anoto em Jer. 52.28. Ver Jer. 52.18 quanto ao arrebatamento do equipamento do templo. O homem vão, seus muitos senhores e até suas esposas e concubinas usavam os vasos sagrados em sua festa de vinho. Usualmente, as mulheres não eram convidadas para tais festas. Heródoto (*Hist.* V.18) e Quintus Curtius (*Hist. de Alexandre* V.1.38) mostram-nos que essa festa, com a presença das mulheres, realmente ocorreu. Cf. a história que envolveu João Batista, em Mat. 14. A presença de dançarinas semidespidas na festa de Belsazar por certo tornou mais interessante e vívida a ocasião!

5.3

Então trouxeram os utensílios de ouro. Este versículo simplesmente relata que se cumpriu a "intenção" aludida no vs. 2, de usar os vasos sagrados do templo na festa de vinho, pelo que foi perpetrado o sacrilégio vergonhoso. Isso, como é claro, precisava ser punido, tendo-se tornado uma das razões da queda do império babilônico. Esse império não sobreviveu à profanação do que era sagrado. De fato, foi um ato de *profanação descabida*" (Fausset, *in loc.*). Foi também um ato ridículo, mediante o qual os babilônios honraram seus ídolos, seus não-deuses, conforme o vs. 4 passa a dizer-nos.

5.4

Beberam o vinho, e deram louvores aos deuses. Aqueles réprobos levaram muito à frente sua tola questão. Não só profanaram precipitadamente o que era santo, mas chegaram a usar os vasos sagrados para honrar suas falsas deidades, tornando os vasos do templo parte de sua adoração idólatra. Foi uma apropriação vergonhosamente indébita do que pertencia a Yahweh. Por tal ato, eles pagaram um preço altíssimo. É provável que a festa não tenha sido religiosa, mas os babilônios misturavam terrivelmente as questões do Estado com as questões religiosas, pelo que em qualquer ocasião poderiam misturar a idolatria com suas atividades. "Até nos banquetes oficiais era costumeiro oferecer libação aos deuses locais, o que era feito com as palavras apropriadas de louvor. Esse detalhe, como é óbvio, aumenta o crime de Belsazar" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Os deuses da Babilônia foram festivamente servidos, havendo presentes toda a espécie de riqueza material, como ouro, prata, bronze, ferro, madeira e pedra, algo que o autor sagrado adicionou a fim de mostrar a extensão das transgressões idólatras dos culpados. "A perda do sentido do sagrado é sempre um dos sinais da decadência moral... Talvez a perda de respeito pelo que é sagrado para outros seja um sinal inevitável de nossas traições interiores" (Gerald Kennedy, comentando sobre como aqueles homens usavam coisas sagradas em suas orgias de vinho).

A Escrita na Parede (5.5-28)

Uma Mão Escreve Palavras de Condenação (5.5-6)

5.5

No mesmo instante apareceram uns dedos de mão de homem. O Espírito de Deus não suportou o que estava acontecendo, pelo que interveio *imediatamente.* A reação de Yahweh foi imediata nesse caso, embora com freqüência ela demore um pouco. No entanto, os moinhos de Deus trituram muito fino, pelo que opera a *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura,* inevitável e necessária. Ver sobre esse título no *Dicionário.*

> *Embora o moinho de Deus moa com extrema lentidão,*
> *Mói excessivamente fino.*
> *Embora Ele espere com paciência,*
> *Com precisão Ele mói a tudo.*
>
> (Henry Wordsworth Longfellow)

Candeeiro. Sem dúvida havia muitos candelabros no salão para mil convidados, e a orgia se deu à noite. O rei era um dos convivas, e o fenômeno sobre a mão ocorreu perto dele. O rei, estando próximo, viu claramente o notável fenômeno — uma mão com seus dedos, separada do corpo, escrevendo na parede perto dele. Barnes vê aqui o candeeiro de ouro do templo de Jerusalém como o objeto em destaque. Isso teria adicionado certa justiça poética ao acontecimento. Mas trata-se de mera conjectura. Seja como for, temos aqui uma ilustração de como o Deus *invisível* realmente contempla o homem e reage de acordo com o que vê, segundo as leis morais.

5.6

Então se mudou o semblante do rei. O rei ficou *estupefacto* e *aterrorizado* com o que viu. Imediatamente passaram os efeitos do vinho embriagador. Nem mesmo em seus sonhos mais desvairados, ele jamais vira algo como aquele fenômeno. Diz aqui o hebraico, literalmente, "seu brilho foi mudado nele", indicando total alteração no colorido e na expressão de seu rosto. O vinho tinha iluminado sua face, e até então ele estivera todo cheio de risos e gargalhadas. De súbito, porém, seu rosto foi coberto como que por uma máscara de terror. Seus pensamentos caíram na consternação e na perplexidade. Ele perdeu o controle muscular, e seus joelhos batiam um no outro. Uma reação neurológica comum de temor é o tremor das pernas, bem como a perda do controle muscular. Essa reação é espontânea e difícil de controlar. Ovídio fala de algo similar em sua obra *Metamorfoses* II,180, *genua intremuere timore.* Ver também Homero, *Odisséia,* IV.703 e *Ilíada* XXI.114. Algumas vezes, as *juntas* são chamadas de "nós", conforme diz aqui o hebraico, literalmente. O temor desfez os *nós* do pobre homem e o deixou a tremer. uma descrição pitoresca, para dizermos a verdade.

Os Psíquicos Profissionais e os Sábio São Chamados (5.7-9)

5.7

O rei ordenou em voz alta que se introduzissem os encantadores. Cada vez que um oficial babilônico caía em dificuldade, chamavam-se os caldeus (a casta dos sábios), alguns dos quais são enumerados neste versículo. Cf. Dan. 1.20; 2.2,4,27 e 4.7 (as listas variam um pouco, adicionando ou deixando de lado uma ou outra das classes; mas está em vista a mesma classe dos sábios em todas essas listas). Esses *sábios* eram sempre chamados, mas sempre falhavam. Então aparecia alguém para lembrar o rei a respeito de Daniel, o solucionador dos problemas que outras pessoas não podiam solucionar. Aqui, tal como em Dan. 2.6, o rei prometeu que o revelador do enigma seria enriquecido e glorificado. Foi prometida também a *veste púrpura,* aquela que denotava alguém como autoridade do governo digna de admiração e respeito. Cf. as vestes púrpura de Mordecai, em Est. 8.15. Entre os persas, essas vestes eram sinal da dignidade real (ver Est. 8.15; I Esd. 3.6; Xenofonte, *Anabasis,* I.5.8). A tintura utilizada era tirada de uma substância vermelho-purpurina de certos moluscos (Plínio, *Hist. Natural* IX.60-62). A *cadeia de ouro* era outro sinal de dignidade principesca, conforme se vê em Gên. 41.42; Xenofonte (*Anabasis,* I.5.8); Heródoto (*Hist.* III.20). Tais correntes de ouro eram dadas pelos reis para honrar certos elementos selecionados por serviços prestados, e só podiam ser usadas como *decoração,* por altas autoridades.

Será o terceiro no meu reino. Esta referência é obscura. Pode dizer respeito a alguma espécie de triunvirato no governo (ver I Esd. 3.9). Ou então está em foco um oficial babilônico, o *saisu.* O rei era o comandante-em-chefe do exército; o oficial à sua mão direita era o segundo no comando; e o oficial que ficava à sua esquerda era o *terceiro.* Mas alguns dizem que Nabonido era o verdadeiro rei; Belsazar era seu governante nomeado; e o terceiro seria alguém que atuaria como principal assistente de Belsazar. Sem importar o que essas palavras queiram dizer, uma altíssima posição no reino foi prometida ao homem que pudesse interpretar a escrita na caiadura da parede.

5.8

Então entraram todos os sábios do rei. Conforme era usual, nenhum membro da casta dos caldeus (os sábios, membros dos quais são especificados em Dan. 1.20; 2.2,4,27 e 4.7) foi capaz de ler e interpretar o escrito. Mas por que eles foram incapazes de ler uma inscrição que Daniel decifrou no primeiro olhar? *Conjecturas:* 1. Os caracteres eram escritos em semítico antigo ou em alguma escrita que os sábios não conheciam; 2. a linguagem da inscrição era desconhecida para eles; 3. as palavras foram escritas em colunas verticais, mas aqueles ineptos eruditos tentaram lê-las horizontalmente; 4. ou então a coisa toda era um enigma autêntico e só podia ser interpretada com ajuda divina, que não estava disponível para aqueles pagãos. A quarta idéia é, provavelmente, a que o autor sacro tencionava.

5.9

Com isto se perturbou muito o rei. Belsazar ficou espantado e perplexo com a ocorrência. Aqueles em quem ele confiava serem capazes de aliviar seu espanto apenas lhe aumentaram a inquietação, pois deixaram um mistério profundo e potencialmente ameaçador. "Havia espaço para alarma, quando sábios profissionais foram incapazes de interpretar a misteriosa escrita na parede. Sem dúvida deve-se compreender que o fenômeno apontava para algo portentoso. A incerteza que havia na questão apenas aumentou a agitação do monarca. "Sua cor mudou, e seus senhores ficaram perplexos" (Revised Standard Version). "Seu rosto empalideceu. Os convidados reais ficaram confusos" (NCV). Cf. o vs. 6. "O terror de Belsazar e de seus senhores foi causado pela impressão de que a incapacidade de os sábios lerem a inscrição era o portento de alguma terrível calamidade que estava prestes a atingir a todos" (Ellicott, *in loc.*).

A Rainha-mãe Faz uma Sugestão Crítica (5.10-17)

5.10

A rainha-mãe, por causa do que havia acontecido ao rei. Está em pauta a mãe de Belsazar, ou sua avó, mãe de Nabonido. Mas talvez esteja em vista sua principal *esposa,* a qual se apresentou como pessoa de autoridade superior às das muitas concubinas do rei. Daniel era conhecido pela corte inteira, incluindo a rainha-mãe, que foi o instrumento para solucionar o mistério.

Embora a mulher fosse esposa, mãe ou avó de Belsazar, ela se prostrou diante do rei e proferiu as palavras apropriadas. Cf. Dan. 2.4; 3.9 e 6.6,21. Tendo

cuidado das formalidades, ela apresentou sua *útil sugestão,* conforme o vs. 11 passa a relatar. O rosto caído do rei e sua tez pálida se recuperaram ligeiramente, mas não por muito tempo. Seria melhor ele não ter ouvido a interpretação da mensagem celeste.

5.11

Há no teu reino um homem. Daniel era cheio do espírito dos deuses santos (cf. Dan. 4.8,9,18). Ele era conhecido como um psíquico extraordinário, o *chefe* dos *sábios* profissionais (a casta dos caldeus). Ver Dan. 2.48 e 4.9. Nabucodonosor tivera seus problemas solucionados por Daniel, e Nabucodonosor é erroneamente chamado aqui de pai de Belsazar. Ver a introdução ao capítulo, quanto a explicações. Seja como for, Daniel era o homem de sabedoria e compreensão que nunca errara em suas interpretações. Ele tinha a sabedoria dos próprios deuses, e nenhum membro da casta dos caldeus — encantadores, magos ou adivinhos — podia comparar-se a ele. Quanto a essa casta e seus vários membros, ver as notas sobre Dan. 1.20; 2.2-4,27; 4.7. Uma vez mais, Daniel foi chamado de chefe dos "sábios".

5.12

Porquanto espírito excelente. Continua aqui o louvor dado a Daniel, revelando sua extraordinária reputação. Ele era um especialista na interpretação de sonhos, capaz de resolver enigmas e problemas. Portanto, que se chamasse Daniel. As habilidades de Daniel na *oneiromancia* compõem o tema dos capítulos 2 e 4 do livro de Daniel. Os *enigmas* (literalmente, "uma coisa fechada ou oculta") eram decifrados por ele. A "solução de problemas", literalmente, é "desmanchar de nós". Ver o vs. 16 e cf. Juí. 14.14 e I Reis 10.2,3. Jesus libertou uma mulher que havia dezoito anos tinha sido amarrada com um nó (ver Luc. 13.16). No Alcorão (113.4), Maomé busca a ajuda de uma mulher que era especialista em "desmanchar nós" e desatá-los. O nome pelo qual Daniel era conhecido na corte — Beltessazar — vincula-o com a informação prestada em Dan. 1.7 e 4.8.

5.13

Então Daniel foi introduzido à presença do rei. A sugestão da rainha-mãe foi bem acolhida. O rei certificou-se de que o homem introduzido à sua presença era o judeu cativo que tanto subira no reino por causa de suas aptidões especiais. O texto exalta indiretamente os judeus e seu Deus, à custa dos psíquicos profissionais e seus deuses. Uma vez mais, Nabucodonosor é chamado de "pai de Belsazar". Ver as notas de introdução ao presente capítulo. Daniel é mencionado como se fosse desconhecido pelo rei Belsazar, o que sugere que o profeta, ocupado nos negócios do Estado, tinha escapado de ser observado até por alguns elevados oficiais do governo. Seja como for, é tolice buscar coerência em tais histórias. Daniel deveria ter, no mínimo, 83 anos de idade, e talvez até tivesse 90 anos, pelo que, como homem idoso, deixara de circular pelo palácio real.

5.14

Tenho ouvido dizer a teu respeito. A *repetição* é uma característica do autor sacro, pelo que ouvimos as extraordinárias habilidades de Daniel saindo dos lábios de Belsazar. A informação dada no vs. 11 é aqui repetida. O vs. 12 oferece uma lista das especialidades que tinham conferido ao profeta tamanha reputação.

5.15

Acabam de ser introduzidos à minha presença os sábios. Este *versículo* é outra repetição, revisando o que já tinha sido dito nos vss. 7 e 8. Os judeus, o Deus deles e o profeta especial deles (no momento) foram exaltados às expensas dos deuses, de seus profetas de nada e de seu culto idólatra. São aqui mencionados dois membros da casta dos sábios, que representam todos os outros. Ver Dan. 1.20; 2.3,4,27 e 4.7.

5.16

Eu, porém, tenho ouvido dizer de ti. Outra repetição lembra-nos que os solucionadores de enigmas seriam altamente exaltados e enriquecidos. Cf. o vs. 7, onde temos a mesma lista de promessas para os psíquicos bem-sucedidos. É ali que dou notas sobre a questão. Cf. Dan. 2.6 e 2.48 (onde Daniel realmente recebeu as coisas prometidas, depois de ter alcançado êxito).

5.17

Então respondeu Daniel, e disse. Daniel não estava interessado nas coisas que os reis pagãos tinham para oferecer. Ele não podia dar o menor valor às glórias e às vantagens do mundo. Era idoso demais para envolver-se em toda aquela exaltação e riqueza. Mas ele trabalharia de graça, de modo que o rei nada teria com que preocupar-se. Ademais, em poucas horas nada existiria do império babilônico. O "rei" perderia tudo, incluindo a própria vida, portanto o que teria para dar a um psíquico bem-sucedido? Antes, porém, de dar a interpretação da mensagem escrita à mão, o profeta pregaria ao "rei" um sermão que teria aplicação direta à questão (a qual fora antecipada na mente de Daniel).

O Sermão de Daniel (5.18-25)

5.18

Ó rei! Deus, o Altíssimo, deu a Nabucodonosor. Esse sermão salientou o notável contraste entre a grandeza de Nabucodonosor, o "pai" de Belsazar, e sua queda vergonhosa, quando foi afligido pela insanidade temporária (capítulo 4). Ele estava dizendo que o Rei verdadeiro faz o que Lhe parece melhor, e o destino dos homens e das nações depende do Ser divino, e não da insensatez, dos esforços e do orgulho dos seres humanos. O profeta estava preparando o homem para ouvir acerca de sua própria queda, provocada pela mão divina. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Soberania de Deus* e *Teísmo.* Deus é o Deus da *intervenção,* e não uma figura distante, conforme ensina o *Deísmo.*

O *Altíssimo* (ver a respeito no *Dicionário*) deu a Nabucodonosor poder, riquezas e glória. E o mesmo Deus do céu tirou dele essas vantagens, devido aos fracassos morais do rei, que foi exaltado em seu próprio poder e esqueceu o Poder celestial. Esse título divino é usado treze vezes no livro. Ver as notas sobre Dan. 3.26. Belsazar, observando o que tinha acontecido ao altivo Nabucodonosor, nem assim aceitou a lição, e caiu no mesmo orgulho ridículo. Seu "pai" teve oportunidade de arrepender-se, por meio de um período de graça divina (ver Dan. 4.29), mas o "rei" presente não teria tal luxo. Ele seria simplesmente cortado.

5.19

Por causa da grandeza, que lhe deu. Nabucodonosor teve poder absoluto, enquanto durou sua autoridade. Ele ampliou seu governo sobre todos os povos do mundo então conhecido. Cf. Dan. 3.4. Todos os povos eram forçados a tremer diante dele, porque sua palavra significava vida ou morte, usualmente a última. A alguns ele elevava; a outros, executava. Os que eram elevados tornavam-se seus escravos, e os executados tornavam-se lições objetivas do que acontecia aos que caíam no desfavor do rei. O louco rei começou a ter ilusões de que era uma divindade ele mesmo. Enquanto se pavoneava no palco da vida, o mundo estremecia, e, no entanto, sua real posição era apenas a de um escravo do Altíssimo, e *ele seria o derrubado pelo poder superior de Deus.* O *mesmo poder que havia* levantado Nabucodonosor cansou-se jogo e derrubou ao rei. Ver o *orgulho* contrastado com a *humildade,* em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32. Ver sobre essas duas palavras no *Dicionário.* Quanto ao grande poder de Nabucodonosor, ver também Dan. 3.4; 4.1; 6.25 e 7.14. Quanto aos decretos imutáveis de rei da Babilônia, ver Dan. 5.19.

5.20

Quando, porém, o seu coração se elevou. O orgulhoso coração (mente) de Nabucodonosor em breve tornou-se *duro,* segundo usualmente acontece. Os homens maus vão de mal a pior. Cf. o clássico caso do orgulhoso Faraó, aquele rei ridículo que continuou em sua ridícula rebeldia até que perder tudo: Êxo. 7.13,14,22; 8.15; 9.7; Sal. 95.8; Deu. 2.30; I Sam. 6.6; Atos 19.9. Da mesma forma que o Faraó foi derrubado pelo Ser divino, conforme sucedeu a Nabucodonosor, por causa do orgulho tolo deles, assim aconteceria agora a Belsazar, em uma questão de horas. Yahweh depôs o rei, e este perdeu subitamente tudo quanto se esforçara por juntar — poder, posição, glória. Portanto, a lei moral de Deus tomou conta dele (ver Dan. 4.27). Seus *pecados* lhe causaram a queda, sobretudo o pecado de orgulho (ver Dan. 4.30).

5.21

Foi expulso dentre os filhos dos homens. Outra repetição lembra-nos o que sucedeu a Nabucodonosor nos campos, ao ficar reduzido ao estado mental de um animal irracional, companheiro de feras, sujeito aos abusos da natureza, molhado pela chuva e pelo orvalho. Cf. Dan. 4.25,32. Obtemos aqui outro detalhe. Ele habitou entre os jumentos monteses, que vivem longe do homem predador. Alguns manuscritos substituem a palavra jumentos por rebanhos, para fazer com que os animais envolvidos fossem domésticos, mas dificilmente isso se ajusta ao terror que se apossou do rei. Para todos os propósitos práticos, o orgulhoso rei tornou-se uma fera feroz, porquanto agira como se fosse um mero animal, possuidor de um espírito bruto e dominado pelas trevas espirituais (ver Dan. 4.27).

5.22

Tu, Belsazar, que és seu filho. Belsazar testemunhara o que aconteceu a Nabucodonosor, mas não aceitou a lição. Um *coração humilde* é o contrário do

coração endurecido (vs. 20). Antes, o "rei" seguia a senda que levara seu "pai" à ruína. O que aprendemos desse relato é que os homens não aprendem através da história. Cada indivíduo apressa-se por cometer seus próprios erros e sofrer sua própria retribuição. O "rei" sabia da história do rei anterior, mas não aprendera nenhuma lição moral do acontecido, nem esse conhecimento mudou a conduta que o estava levando à destruição.

5.23

E te levantaste contra o Senhor do céu. *Os Pecados do Rei.* Acompanhe o leitor estes quatro pontos: 1. Uma forma de orgulho que levou Belsazar a exaltar-se contra Deus, um verdadeiro sacrilégio; 2. o uso vergonhoso dos vasos do templo (que tinham sido levados por Nabucodonosor) em suas orgias de vinho (vss. 3 e 4); 3. sua escandalosa *idolatria* que usava toda a forma de materiais, empregados para moldar intermináveis deuses de nada (vs. 4); 4. ele deixara de *honrar* o verdadeiro Rei, o Deus Altíssimo. O *resultado* foi que a mão de Deus não demorou a derrubá-lo do templo. Talvez haja aqui um jogo de palavras intencional: uma mão escrevera sua condenação na parede, e a Mão divina haveria de derrubá-lo. Ver sobre *mão* em Sal. 81.14 (e também no *Dicionário*) e sobre *mão direita* em Sal. 20.6. Ver sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1.

O vs. 23 descreve uma conduta vergonhosa e totalmente imprópria para um homem dotado de poder, que, supostamente, deveria possuir sabedoria incomum.

Todos os teus caminhos. A própria vida de um homem, a sua *respiração*, é dom de Deus. O homem é criado e sustentado pelo Poder do alto (ver Col. 1.16,17). Além disso, os dias, os atos, os esforços e a vida como um todo, que perfazem o *destino* de cada indivíduo — está tudo nas mãos de Deus.

Sentimos que Nada Somos

Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti;
Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;
Sabemos que nada somos — mas Tu nos ajudas
a ser algo.
Bendito seja o Teu nome — Aleluia!

(Alfred Lord Tennyson)

5.24

Então da parte dele foi enviada aquela mão. Foi por causa da *quádrupla infração* do rei (vs. 23) que a misteriosa mão escreveu a mensagem na parede, bem perto de Nabucodonosor, próximo ao candeeiro que iluminava a mesa do rei (vs. 5). Agora aprendemos que a mão fantasmagórica era a mão de Deus Altíssimo, que se tinha cansado do jogo feito por Belsazar. Portanto, o escrito na parede foi um *decreto divino* contra Belsazar, e esse decreto se cumpriria em cada detalhe espantoso.

5.25

Esta, pois, é a escritura que se traçou. A escrita era simples: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM, que significa, literalmente: *numerado, pesado, dividido.* Essas palavras, em seguida, tiveram de ser interpretadas, o que forma a substância dos vss. 26-28. O texto massorético dá o duplo MENE, MENE, mas a Septuaginta, a Vulgata e Josefo dão apenas um MENE, formando *três palavras*, e alguns supõem ser esse o texto original. Algumas vezes as versões, especialmente a Septuaginta, preservam o texto original contra o texto massorético padronizado. Os Papiros do Mar Morto, manuscritos hebraicos de mil anos antes que aqueles usados para a compilação do texto padronizado, têm textos que concordam com as versões e discordam do texto hebraico padronizado. Talvez a margem de erro do texto massorético atinja 5% do total. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Ver também *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* Nesse último artigo dou informações sobre como o textos são escolhidos quando aparecem variantes. Devemos lembrar que as versões foram traduzidas de manuscritos hebraicos muito mais antigos do que aqueles que formaram o texto massorético padronizado. Portanto, não é de causar admiração que, algumas vezes, eles sejam melhores do que a Bíblia hebraico moderna.

"Essas são palavras caldaicas, que podem ser traduzidas literalmente como: numerado, pesado, dividido" (John Gill, *in loc.*). Por que os sábios babilônicos não puderam ler essas palavras, é desconhecido. O que é dito sobre o assunto é dado nas notas do vs. 8.

"*MENE*, substantivo aramaico que se refere a um peso de 50 siclos (uma mina, igual a 567,5 g de peso). Deriva-se do verbo *menah*, 'numerar', 'computar'. *TEQUEL* é um substantivo que se refere a um siclo (28,35 g). Vem do verbo *teqel*, 'pesar'. *PARSIM* é um substantivo que significa meia mina (25 siclos, ou seja, 283,75 g de peso). Deriva-se do verbo *peras*, 'dividir pelo meio'. A palavra *uparsin* significa 'e parsim' (*u* é a partícula conectiva 'e')" (J. Dwight Pentecoste, *in loc.*).

A Solução do Mistério (5.26-28)

5.26

Esta é a interpretação. Embora as próprias palavras fossem tomadas para referir-se a pesos, podendo simbolizar algo como o julgamento político e a justiça popular, a elas foi dada uma direção inteiramente nova, que se aplicava diretamente ao próprio rei. Preservada na questão dos pesos está a balança que pesara o rei e o achara leve demais para poder derrubá-lo. Em outras palavras, ele era tão leve que o Vento de Deus estava pronto a soprá-lo para longe como se fosse feito de palha. Ele era apenas um saco de vento profano. Não tinha substância que atraísse o favor divino.

MENE: Contou Deus o teu reino. Este versículo aborda a questão da interpretação da palavra MENE. Deus *contou os dias* (do reinado de Belsazar) e determinou que poucos tempo lhe restava. O fim daquele governo tinha chegado. "Deus contou os dias e o teu reino terminará" (NCV). Aquele reino havia alcançado o número determinado de seus dias, mas obtemos aqui a idéia de *cortar*; o reino perdurou menos tempo do que poderia ter perdurado. O julgamento de Deus decepou o reino da Babilônia.

Fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação.

(Atos 17.26)

Isso pode parecer determinismo absoluto, mas muitas são as Escrituras que nos mostram que acontecem aos homens e às nações muitas coisas segundo a *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), que opera conforme os homens obedecem ou desobedecem às leis morais de Deus. A presente história é, na realidade, uma ilustração precisa disso.

5.27

TEQUEL: Pesado foste na balança. Este versículo interpreta a palavra *TEQUEL*. Deus pôs o rei na balança de Sua justiça e achou que ele era mais leve do que a poeira. Para ser aprovado, o homem teria de ser pesado o bastante para fazer o prato da balança baixar em seu favor — essa é a idéia da metáfora. Um homem tem de pesar mais do que seus pecados e fracassos, ou seja, mostrar que tem algum *valor* que pese mais do que suas maldades.

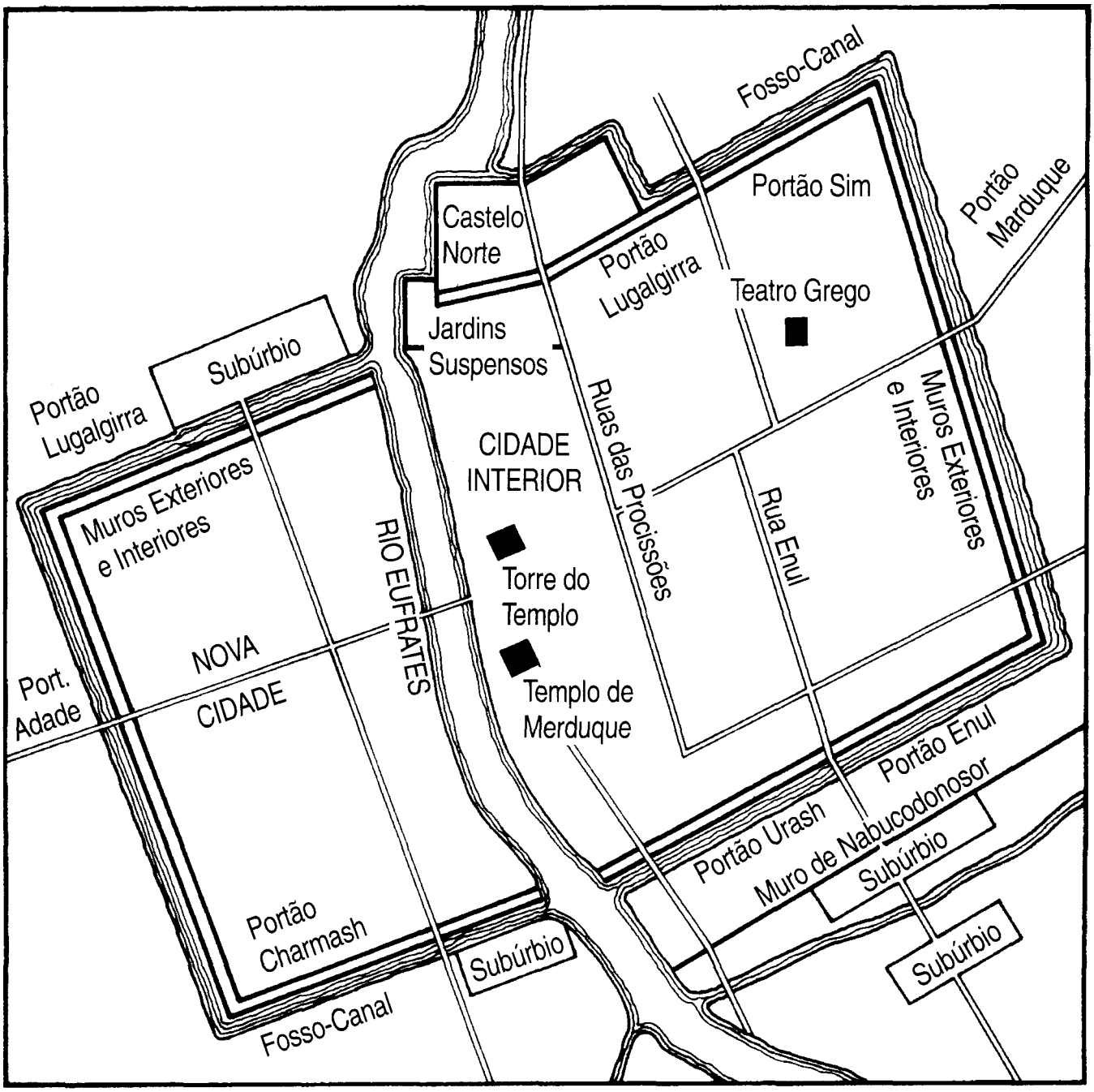
"Foste pesado na balança e ficou demonstrado que não és bom o bastante" (NCV). Ou seja, Belsazar não era suficientemente bom para escapar do julgamento que sobreviria naquela mesma noite. Esse juízo veio porque as maldades do rei ultrapassavam suas bondades. "A noção da conduta humana ser pesada em uma balança é muito antiga e ilustra lindamente as cenas do Egito antigo, onde os mortos ficavam de pé defronte da balança, enquanto o registro era feito. Passagens bíblicas como Jó 6.2,3; 31.6 e Pro. 62.9 refletem essa idéia. Cf. também Sal. 5.6; Enoque 41.1; 61.8, bem como o *Quran Sura* 21.48" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

"Você foi pesado na balança da justiça e da verdade, na santa e justa lei de Deus, tal como o ouro, as jóias e as pedras preciosas são pesados para se determinar o seu valor... e você foi encontrado em falta, como se fosse ouro adulterado, escória de prata, moedas falsas e pedras preciosas falsificadas, encontrado como inútil como homem, príncipe iníquo, a quem faltam as qualificações necessárias da sabedoria, da bondade, da misericórdia, da verdade e da justiça" (John Gill, *in loc.*). Essa citação nos faz sentir o que está envolvido nos julgamentos divinos, não somente no que diz respeito àquele pobre homem, mas no que se refere a nós, igualmente. Qual é o peso de nossa sabedoria, bondade, misericórdia, verdade e justiça?

5.28

PERES: Dividido foi o teu reino. Este versículo interpreta a palavra PERES. Estritamente falando, o reino não foi dividido; simplesmente foi conquistado pelos medos e persas. Mas talvez a idéia seja que essas duas potências dividiram entre si o império da Babilônia. De fato, a Média e a Pérsia eram potências distintas que se uniram mediante a conquista da segunda pela primeira. Ver os comentários sobre Dan. 2.39. O terceiro reino do sonho de Nabucodonosor — o ventre e as coxas de bronze — é interpretado por alguns como o poder persa, em distinção ao poder da Média. Portanto, a palavra *PERAS* pode significar "quebrar", e, como é lógico, a Babilônia foi quebrada em dois pela derrota que sofreu. Os medos aparecem em II Reis 17.6; Esd. 6.2 e nos livros proféticos. Os medos e os persas são mencionados juntos aqui, tanto quanto no capítulo 6 deste livro, porque os judeus, à semelhança dos gregos, consideravam aqueles dois povos iranianos intimamente associados. Nos escritos gregos, os termos *ta Persika* e *ta Medika* tornaram-se sinônimos virtuais, intercambiáveis. Quanto a informações gerais, ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Média (Medos)* e *Pérsia.*

A CIDADE DE BABILÔNIA



Observações:

A cidade de Babilônia era altamente fortificada e protegida. Tinha dois muros, um exterior e outro interior. Tinha também um muro de água, o fosso-canal que cercava a cidade. Mas quando seu dia designado por Deus chegou, nada a salvou.

Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.

Salmo 127.1

Esta é a interpretação de Dan. 5.25:

MENE: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele.
TEQUE: Pesado foste na balança e achado em falta.
PERES: Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas.

Naquela mesma noite foi morto Belsazar, rei dos caldeus.
E Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino (Dan. 5.26-31).

Talvez haja um jogo de palavras intencional aqui, baseado em *peres* (quebrar) e *Paras* (Pérsia). Os persas foram os instrumentos da quebra do império babilônico.

Epílogo (5.29-31)

5.29

Então mandou Belsazar que vestissem Daniel de púrpura. Mantendo a promessa de alta recompensa, o rei baixou decretos com essa finalidade. Ver os vss. 7 e 16, que o presente versículo praticamente duplica. Mas esse cumprimento foi inútil, pois naquela mesma noite nada mais restaria a Belsazar para dar a Daniel. Era iminente uma grande "mudança de mãos". Os medos e os persas dentro de poucas horas seriam os próximos insensatos que estariam saltitando no palco da história.

Nossos pequenos sistemas têm sua época,
Eles têm seu dia, mas logo passam.
São apenas lâmpadas bruxuleantes ao lado
Da Tua luz, ó Senhor.

(Russell Champlin)

5.30

Naquela mesma noite foi morto Belsazar, rei dos caldeus. *O golpe divino* atingiu o rei de modo súbito e brutal. Belsazar não chegou a atravessar vivo aquela noite. O fraseado usado neste versículo indica um *ataque noturno*, declaração confirmada tanto por Heródoto quanto por Xenofonte. Este último mencionou especificamente que o ataque foi desfechado à noite, durante uma festa de vinho (*Cyropaedia*, I.7, sec. 7, sec. 23 e 23). "Ciro desviou as águas do rio Eufrates para um novo canal e, guiado por dois desertores, Gobiras e Gadatas, marchou pelo leito seco do rio e entrou na cidade... Ver também Isa. 21.5; Jer. 50.38,39 e 51.36. Quanto ao fato de que Belsazar foi morto, cf. Isa. 14.18-20; Jer. 50.29-35 e 51.57. A cidade foi cercada, e Ciro estava preparado para um longo cerco. A cidade tinha comida estocada para vinte anos! Belsazar não temia o exército persa, que era dirigido por Ugbaru. O truque das forças atacantes foi o desvio do rio, que levou o drama a um desfecho tão rápido e inesperado, cumprindo a temível profecia de Daniel. Ver também Isa. 47.1-5. A queda da cidade de Babilônia pode ser datada com precisão. Ocorreu a 16 de tisri (12 de outubro de 539 A. C.). Chegamos agora à segunda fase do governo dos gentios (ver Dan. 2.39), em consonância com o sonho da imagem de Nabucodonosor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Soberania de Deus*, a qual recebeu uma demonstração dramática e significativa. O Rei é quem levanta e derruba monarcas humanos.

5.31

E Dario, o medo, ... se apoderou do reino. Os críticos encontram neste versículo um equívoco importante, cometido pelo autor sacro, assegurando-nos que nunca houve alguém como *Dario, o medo*. Eles supõem que esse seja um detalhe registrado por um escritor mal informado das circunstâncias que envolveram os medos e os persas. "Têm havido tentativas para identificá-lo com Ciaxares II, o tio de Ciro; com o próprio Ciro, com Gobrias, o general que realmente tomou a cidade de Babilônia e a governou por algum tempo; com Cambises, filho de Ciro; e com Astiages, o último rei dos medos. Todas essas identificações propostas naufragam sobre os fatos de que, neste livro, Dario foi um medo (Dan. 5.31); filho de Xerxes (10.1); antecessor imediato de Ciro (6.28 e 10.1). Portanto, ele é uma personagem de ficção e não uma figura histórica, e não há dificuldade alguma em ver como esses relatos sobre indivíduos fazem com que Ciro, que tomou a Babilônia em 538 A. C., veio a ser confundido com a personagem de Dario I, que a capturou em 520 A. C. A teoria dos quatro impérios exigia que o império medo existisse antes do império persa, e a profecia predissera a derrubada da Babilônia por parte dos medos (ver Isa. 13.17; 21.2; Jer. 51.11,28), pelo que temos a figura indistinta de Dario, o medo, como sucessor imediato de Belsazar. É perfeitamente possível que memórias reminiscentes tanto de Gobiras quanto de Cambises tenham contribuído para formar essa figura" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

Quanto a como esses argumentos têm recebido contra-argumentos, ver na *Introdução* ao livro, em III, *Autoria, Data e Debates a Respeito*, primeiro ponto. Ver também no *Dicionário* o artigo denominado *Belsazar*, onde é apresentada uma discussão mais completa.

Harmonia a Qualquer Preço. Se existem erros históricos nos livros da Bíblia, isso nada tem que ver com a teoria da inspiração, que não requer perfeição verbal e histórica. Devemos lembrar que é a *teoria do ditado* que faz tais exigências. Não há razão para duvidarmos de que algumas Escrituras foram produzidas através desse método, mas também não há razão para acreditarmos que as Escrituras, em sua inteireza, foram assim produzidas. Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre *Inspiração e Revelação*, o qual entra nas questões relativas ao *modus operandi* da *inspiração*. Sabemos que quase todos os autores das Escrituras cometerem erros gramaticais e que existem, aqui e acolá, versículos confusos que permaneceram sem revisão. A perfeição verbal, na realidade, é um mito, e as pessoas que lêem os originais sabem que essa perfeição é uma falsidade. Tais coisas, no entanto, nada têm que ver com as mensagens apresentadas, e não devem deixar um crente sem dormir à noite, com excessiva ansiedade. Algumas vezes a harmonia é defendida em detrimento da honestidade.

Com cerca de sessenta e dois anos. Talvez esteja em vista Gobrias, e a idade fosse dele. Alguns dizem que a idade de Daniel é que está em foco, mas na época ele tinha entre 80 e 90 anos de idade. A Septuaginta simplesmente deixa essas palavras fora do texto sagrado. Xenofonte (*Cyropaedia*, viii.5,19) atribui essa idade a Ciaxares II, tio de Ciro.

Capítulo Seis

O livro de Daniel compõe-se essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões*. As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes sobre esse arranjo, ver a seção "Ao Leitor", parágrafos quinto e sexto, apresentada imediatamente antes do começo da exposição sobre Dan. 1.1. Chegamos agora à mais bem conhecida das seis histórias, a sexta, *Daniel na Cova dos Leões*. Este capítulo divide-se naturalmente em três partes: vss. 1-3; vss. 4-24 e vss. 25-28. Há poucas subdivisões notórias. Ofereço títulos introdutórios que projetam a essência das seções.

O vs. 6.1 é uma espécie de pós-escrito ao capítulo 5 e continua a falar em *Dario, o medo*. Mas não existe nenhuma evidência histórica, fora da Bíblia, para o governo de um homem com esse nome. Ver a discussão sobre esse Dario no vs. 5.31.

A história deste capítulo é similar à idéia do capítulo 3, que conta as aventuras dos três amigos hebreus de Daniel na fornalha de fogo. Eles foram libertados de uma situação desesperadora através de um milagre notável. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milagre*. Dessa forma Daniel, ao *enfrentar leões*, foi capaz de sobreviver mediante intervenção divina. Essa é uma visão teísta (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*), que ensina que o Criador continua presente no mundo dos homens, punindo, recompensando e orientando os eventos. Contrastar isso com o *Deísmo* (ver o artigo no *Dicionário*), que supõe que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação ao controle das leis naturais.

"A lição desta história é a lição da lealdade aos mandamentos de Deus sobre a fé religiosa. Ele sempre honrará os que observarem fielmente esses preceitos. A religião consiste não somente nas observâncias públicas, mas também nas devoções particulares. No cativeiro, os judeus tinham poucas oportunidades de realizar a parte pública de suas práticas cúlticas. Portanto, as devoções pessoais e particulares tiveram de ocupar o lugar da devoção pública. Potentados poderosos, ou mesmo grupos de pessoas, que manobravam o Estado ocasionalmente esforçaram-se por interferir na fé particular... Antíoco Epifânio fez precisamente isso (ver I Macabeus 1.42; II Macabeus 6.6). No entanto, Deus pode intervir e realmente intervém em favor dos que permanecem fiéis. Ele pode humilhar e realmente humilha governantes poderosos" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

Este relato bíblico também tem por finalidade assegurar-nos que os judeus, embora oprimidos, foram ajudados por Yahweh e exaltados a despeito dos ataques pagãos. Os deuses e a idolatria pagã não podiam igualar tais feitos, pelo que o paganismo saiu derrotado, enquanto o judaísmo foi exaltado, por meio das *seis histórias* do autor sagrado (Dan. 1-6).

Daniel na Cova dos Leões (6.1-28)

Prólogo (6.1-3)

6.1

Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino. O autor sacro recupera aqui o fio de Dan. 5.31, e agora nos diz como Dario, o medo, perpetrou um ato abominável contra o profeta Daniel, instigado pelas classes governantes invejosas do "cativo de Judá" que tinha subido tão alto no favor divino. Foi Dario I quem estabeleceu satrapias (isto é, províncias), cada qual com seu governador. Mas Dario aqui é o medo referido em 5.31, onde apresento notas expositivas. Ver também o artigo no *Dicionário*, onde comento sobre *Dario I* (o primeiro da lista) e *Dario, o medo* (o quarto da lista). Em Dan. 5.31 e no artigo mencionado, discuto os problemas históricos que circundam o *Dario* deste texto.

A divisão do país em satrapias foi descrita por Heródoto (*Hist.* III.89-94), que afirmou que Dario I dividiu o reino em vinte divisões. Essa mesma informação figura em inscrições da época. As tradições judaicas, no entanto, aumentam esse número para 127 divisões (ver Est. 1.1; 8,9). Josefo então aumentou o número das satrapias para 120! (*Antiq.* X.11.4). É provável que os judeus usassem o

termo "satrapias" em um sentido mais amplo do que faziam os persas. Note o leitor que o vs. 1 deste capítulo dá o número judaico de 120 satrapias.

6.2,3

E sobre eles três presidentes. "Uma das primeiras responsabilidades de Dario foi reorganizar o reino da Babilônia recentemente conquistado. Ele nomeou 120 sátrapas (cf. Dan. 3.2) para governar o reino e colocou-os sob as ordens de três administradores, um dos quais era Daniel. Os sátrapas eram responsáveis diante dos três presidentes ou administradores, talvez 40 sátrapas para cada presidente. Daniel foi um administrador extraordinário, em parte por causa de sua experiência de 39 anos sob Nabucodonosor (ver Dan. 2.48). Assim sendo, Dario planejava torná-lo responsável pela administração do reino inteiro. Isso, naturalmente, criou atrito entre Daniel e os outros administradores e os 120 sátrapas" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

Daniel tinha um "espírito excelente", provável alusão a como o espírito dos deuses (segundo a terminologia pagã) estava com ele (ver Dan. 4.8,9,18). Cf. Dan. 5.12, que nos transmite a mesma mensagem. Daniel era "preferido acima de outros administradores, ou, literalmente, brilhava mais do que eles".

O Teste do Homem de Deus (6.4-24)

6.4

Então os presidentes e os sátrapas. Daniel voava alto demais; as coisas corriam bem demais; o homem precisava ser submetido a teste. Ele era um administrador bom demais para que seus rivais encontrassem falhas nele. Portanto, a solução foi levantar o antigo espírito de *perseguição religiosa*. O homem sustentava sua fé judaica em meio à idolatria pagã; seus inimigos manipulariam isso para vantagem própria, e fá-lo-iam ser executado oficialmente pelo Estado, por meio de Dario, o medo, naturalmente. Dario tinha reputação de ser fraco e vacilante, pelo que a tarefa deles seria fácil. Era preciso, porém, encontrar *motivos* para acusar Daniel com uma *'illah,* ou seja, uma acusação legal. Eles não queriam apenas diminuir o ritmo de Daniel. Queriam vê-lo morto. E buscaram encontrar alguma *falha* (no hebraico, *shehithah,* "ação incorreta") ou *erro* (no hebraico, *shalu,* algum "deslize" ou "remissão"), mas Daniel e seu trabalho mostravam-se imaculados. Cf. Esd. 4.22 e 6.9, onde temos as idéias de *negligência* ou *relaxamento* na execução das ordens oficiais. Daniel, porém, estava acima dessas pequenas falhas humanas.

6.5

Disseram, pois, estes homens. O judaísmo nada era sem a prática da lei mosaica, que exigia, antes de mais nada, lealdade a Yahweh, protesto contra qualquer forma de idolatria e observância de uma longa série de leis e regulamentos que governavam toda a vida. Ver sobre a *distinção* de Israel, em Deu. 4.4-8. O termo "lei" usado neste versículo é o vocábulo iraniano *dath,* que indica a *torah* dos hebreus, a lei como código ou conjunto de preceitos e práticas religiosos (cf. Dan. 7.25). Ver também Esd. 7.12,14. Daniel era conhecido pelos frutos que produzia tanto em sua vida profissional como em sua vida pessoal. Seus oponentes haveriam de distorcer as coisas, colocando-o em uma situação perigosa. Tentariam desacreditá-lo e livrar-se dele, o que é o abc da política. Eles diriam a "grande mentira", o instrumento mais usado pelos políticos. Por outra parte, "a vida correta é mais importante que o rótulo correto. O público, entretanto, por muitas vezes anela escolher o rótulo acima da realidade" (Gerald Kennedy, *in loc.*).

6.6

Então estes presidentes e sátrapas foram juntos ao rei. Aqueles réprobos formaram uma *conspiração.* Todos estavam na mesma equipe (pelo momento) porque tinham um inimigo comum, ao qual queriam derrubar. E apresentaram ao rei Dario, o medo, a questão que tinham planejado. Aproximaram-se do rei com o louvor usual, incluindo a costumeira saudação "Vive para sempre!" (ver Dan. 2.4). O vs. 21 deste capítulo mostra Daniel a dizer a mesma coisa. Essa saudação fazia parte da "etiqueta da corte".

6.7

Todos os presidentes do reino. A *Ridícula Conspiração.* O fraco e vacilante monarca tornar-se-ia o *único deus* pelo espaço de 30 dias. Nem mesmo Bel (Marduque) receberia atenção durante esse tempo, assim como Yahweh, o Deus dos judeus. Haveria uma maravilhosa *lei de 30 dias,* reforçada por um decreto real. Podemos entender que os reis medo-persas já estavam levando-se demasiadamente a sério, pensando em si mesmos como se fossem deuses, pelo que ser o *único deus* por um curto tempo parecia ser algo lógico e elogioso. Ademais, isso apelava para a vaidade e o orgulho ridículo de Dario, fraquezas típicas dos políticos. O conluio era ridículo, e seria necessário um homem absurdo para cair diante dele. Mas o que o rei fez foi cair. Qualquer pessoa que desobedecesse seria entregue aos leões famintos, os quais, inocentemente, cumpririam os desejos dos conspiradores.

Seja lançado na cova dos leões. Um surpreendente número de antigos monarcas (incluindo Salomão) tinha jardins zoológicos particulares para os quais traziam toda a espécie de criaturas exóticas a fim de admirá-las. Note o leitor a imagem do profeta, em Eze. 19.1-9, onde um leão é posto em uma gaiola e levado para a Babilônia. Dario tinha alguns leões de estimação. O termo aqui traduzido por "cova" corresponde à palavra hebraica traduzida por "cisterna", pelo que devemos pensar em uma espécie de *buraco* que formava a cova dos leões. Nenhuma pessoa que caísse naquela cova poderia esperar voltar dali.

Desde os tempos mais remotos, na Mesopotâmia, os reis vinham sendo apodados de *divinos* e eram adorados. Ver o ato de adoração de Nabucodonosor por Daniel, em Dan. 2.46. Isso é muito revelador quanto ao tipo de atitudes que as pessoas tinham naqueles dias, acerca dos indivíduos potencialmente divinos.

6.8

Agora, pois, ó rei, sanciona o interdito. O rei, *em sua vaidade* e agindo de acordo com os costumes, recebeu bem a sugestão e imediatamente a implementou. O decreto saiu: durante 30 dias, o *único deus* seria Dario, o medo. Para a população em geral, não faria diferença qual dos deuses receberia atenção especial durante um mês. Havia tantas divindades e os cultos eram tão variegados que uma variação a mais não perturbaria a paz de ninguém, exceto, naturalmente, uma pessoa como Daniel, que rejeitava toda a falta de bom senso dos pagãos.

Temos aqui uma *lei escrita* e, conforme todos sabemos, a lei dos medos e persas não se alterava. Essa parte do versículo tornou-se famosa e muito repetida, como um *provérbio* que indica coisas imutáveis. Ver os vss. 12 e 15, onde a afirmação é reiterada. Isso deve ser contrastado com o Brasil, a terra das *novas leis.* Em Est. 1.19 e 8.8 também encontramos a lei imutável daquele povo. O rei Dario foi *infalível* por 30 dias. O mito da infalibilidade humana é outra mentira que até pessoas bem-intencionadas gostam de promover.

6.9

Por esta causa o rei Dario assinou a escritura e o interdito. Dario assinou a lei que os governadores tinham traçado, pelo que ali estava ela, *escrita e fixa.* Diodoro Siculo (XVII.30) diz-nos que Dario III chegou a reconhecer a lei como perigosa e errada, mas até mesmo um rei não tinha poder para alterar uma lei decretada. E então Heródoto (*Hist.* V.25) informa-nos que um certo *Sisamnes,* juiz real, aceitou suborno para manifestar-se contra a lei e favorecer um cliente. Mas foi apanhado e esfolado vivo. Sua pele foi então usada para forrar um assento do tribunal, onde se assentariam outros juízes. E esses, podemos estar certos, não seguiriam o mau exemplo deixado por aquele juiz!

6.10

Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada. *Entrega o Teu Fardo ao Senhor.* Daniel tinha por costume orar três vezes ao dia, e parte de seu ritual era recolher-se em seu pequeno quarto especial de oração, abrir as janelas na direção de Jerusalém, sua terra natal e sede de Yahweh, ajoelhar-se e orar. Parte de suas orações consistia em ações de graças. Assim, estando agora ameaçado, ele continuou suas práticas, que eram bem conhecidas. Agora, porém, o homem era vigiado, com o objetivo de constatar se ele interromperia seus costumes de fé religiosa durante aquele período crítico de 30 dias. Mas Daniel não interrompeu sua prática, pelo que foi facilmente descoberto e acusado. Cf. isso com o quarto construído para Eliseu pela mulher sunamita (ver II Reis 4.10). Essas câmaras eram edificadas no elevado plano das casas, provendo um lugar fresco e recluso para que ali o proprietário se ocupasse da adoração, oração e meditação. Cf. Isa. 2.1; Sal. 102.7; I Reis 17.19; II Reis 1.2; Juí. 8.5; Atos 1.13; 9.36,39. Daniel gostava de orar diante da janela aberta, enviando suas orações na direção de onde estivera o templo de Jerusalém. Da mesma forma Sara, em Tobias 3.11, orava defronte da janela aberta de sua casa. Berakhoth 4.1 menciona os *três* períodos de oração, e o costume se generalizou no judaísmo posterior. Ver I Reis 8.35,44,48; Sal. 5.7; 138.2; I Esd. 4.58. O trecho de Eze. 8.16 menciona o costume de orar na direção do Oriente, a câmara do sol nascente, mediante o qual toda vida terrena é sustentada.

... se punha de joelhos. Esta é uma das posturas comuns na oração, embora orar de pé parecesse ser a mais comum. Quando alguém ora de pé, tem mais energia para orar e não dorme. Mas ajoelhar em oração indica humildade e súplica intensa. Cf. I Reis 8.54; II Crô. 6.13; Esd. 9.5; Luc. 22.41; Atos 9.40; 20.36; 21.5. Quanto à posição de pé na oração, ver Mat. 6.5 e Mar. 11.25.

Diante do seu Deus. É precisamente neste ponto que encontramos o "crime" de Daniel. Ele tinha desobedecido à ímpia regra dos 30 dias, e logo estaria à

mercê dos leões sem misericórdia. O verbete chamado *Oração,* no *Dicionário,* apresenta notas que podem ilustrar e embelezar o texto presente.

Vemos pois o idoso homem Daniel, agora com mais de 80 anos, perseverando até o fim em suas *práticas piedosas,* a despeito das perseguições que lhe ameaçavam a vida.

Só disto eu sei:
Conto a Ele todas as minhas dúvidas,
Minhas tristezas e meus temores.
Com quanta paciência Ele me ouve,
Animando minha alma encolhida.
No segredo de sua presença
Como minha alma deleita-se em esconder-se.

(Ellen Lakshmi Goreh)

6.11

Então aqueles homens foram juntos. Como leões, aqueles homens estavam de emboscada, prontos a golpear o idoso homem assim que ele mostrasse que não desistiria de suas práticas religiosas, nem mesmo por 30 dias. Eles continuaram a observá-lo — e realmente ali estava ele, oferecendo suas abomináveis orações. Os leões o atacaram, contando com várias testemunhas do "crime". Os pecados geralmente são cometidos em segredo, e por isso os culpados não são detectados. Mas Daniel praticara seu "pecado" abertamente e logo foi apanhado com a mão na massa.

6.12

O traiçoeiros governantes tinham o homem nas mãos. Conseguiram provas de suas acusações. Triunfantes, eles correram para contar ao rei a ousada infração de Daniel contra a lei real que não podia ser mudada nem retirada (vs. 8). O rei precisou concordar que o decreto se tornara oficial e não podia ser alterado, uma repetição do vs. 15. O rei foi apanhado (contra a própria vontade) por seu decreto, tal como a filha de Herodias conseguiu apanhar Herodes (ver Mat. 14.3). Essa foi uma maneira crua mas eficaz de negociar. "Nabucodonosor estava acima da lei, mas Dario, o medo, tinha de obedecer às leis dos medos e persas. Isso ficou subentendido no contraste entre o ouro e a prata, na imagem do sonho de Nabucodonosor (ver Dan. 2.32,39)" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

6.13

Então responderam, e disseram ao rei. A acusação assacada contra Daniel foi *traição.* Ele teria ignorado deliberadamente o ímpio decreto e continuado com *suas orações três vezes ao dia. Ele sabia que uma lei oficial e temporária tinha* sido assinada, mas desobedeceu abertamente. Além disso, ele era um daqueles desprezíveis "estrangeiros" (um humilde cativo de Judá) em quem ninguém podia confiar, conforme agora era comprovado. Cf. o preconceito contra os estrangeiros, em Dan. 2.25 e 5.13. "Ali estava um estrangeiro que tinha recebido os maiores favores por parte da corte, mostrando-se antagônico às leis do reino!" (Ellicott, *in loc.*). "... um cativo judeu, dentre todos os povos o mais odioso..." (John Gill, *in loc.*).

6.14

Tendo ouvido o rei estas cousas. O rei tinha sido iludido e agora ficara "penalizado" por ter-se permitido cair em tão ridícula situação. Ele era esperto o bastante para reconhecer a razão *real* de ter sido tratado como *um deus por um mês.* A exaltação ao rei não era sincera, mas objetivava a derrubada de Daniel. Tinha sido apenas um daqueles jogos doentios que os políticos geralmente jogam. O rei insensato não era mais que um animal que fora apanhado na rede por caçadores maliciosos. O rei saiu totalmente *humilhado* do episódio. Para seu crédito, Dario tentou, até o pôr-do-sol, livrar-se da rede, livrando também Daniel. "Ele resolveu salvar Daniel. Ficou trabalhando até o ocaso imaginando como poderia salvá-lo" (NCV). Mas todo esforço foi inútil por causa da teoria de que a lei dos medos e persas nunca muda. Caros leitores, esse incidente se parece com os dogmas de algumas pessoas. De fato, há pessoas que passam a vida toda sem mudar de mentalidade sobre coisa alguma. Porém, a verdade é que não existe *crescimento* sem que haja mudanças.

6.15

Então aqueles homens foram juntos ao rei. Aqueles réprobos novamente foram lembrar ao rei a natureza imutável das leis dos medos e dos persas (o que já fora dito nos vss. 8 e 12). Isso pôs fim aos esforços do rei por livrar tanto a si mesmo como a Daniel da maliciosa situação. Este versículo enfatiza a impotência *do homem perante o mal, a menos que alguma intervenção divina o livre.* O texto também ilustra que algumas leis são injustas, sendo também verdade que homens injustos ditam leis visando seu *próprio benefício.* Portanto, quando alguém diz "Assim determina a lei", essa pessoa não está emitindo necessariamente um julgamento moral. Além disso, é melhor obedecer a Deus do que às leis dos homens, *quando essas leis entram em conflito com a verdadeira avaliação do que* é justo (ver Atos 5.29).

A Provação e o Livramento de Daniel (6.16-23)

6.16

Então o rei ordenou que trouxessem a Daniel. O rei, impotente, e confessando sua impotência, com relutância ordenou que Daniel fosse trazido e *lançado* na cova onde os leões viviam, tal como os três amigos do profeta tinham sido lançados na fornalha ardente (ver Dan. 3.11,21). Quando Daniel estava sendo arriado na cova dos leões, o rei expressou o desejo de que Deus o protegesse, pois Daniel confiava nele. Isso duplica a situação dos três amigos (ver Dan. 3.17). Ver também Dan. 6.20. A história, como é claro, exalta Judá e Yahweh, à custa do paganismo e de seus inúmeros deuses de nada. E Daniel, profeta genuíno, também é exaltado, às expensas dos profetas do paganismo. O livro de Daniel, em certo sentido, é uma *apologia* do judaísmo e de sua fé monoteísta tradicional.

6.17

Foi trazida uma pedra e posta sobre a boca da cova. A cova dos leões era uma espécie de abismo, conforme a palavra usada dá a entender. Ao que tudo indica, só havia uma saída, pelo que uma pedra tampou a cova, impedindo que Daniel fugisse. Naturalmente, o idoso profeta não correria muito, mesmo que os leões viessem em sua perseguição! A pedra foi selada com argila, e o pobre rei "assinou" sobre ela com seu sinete, talvez fazendo uma impressão no barro com seu anel real. Isso dizia às pessoas que se mantivessem afastadas sob pena de morte. Ninguém ousaria tentar salvar Daniel, pois, se violasse a marca do anel do rei, essa pessoa seria a próxima a descer à cova. Heródoto (*Hist.* I.195) mencionou o costume babilônico de fechar covas e selar a tampa, e esse costume continuou com os persas (Est. 3.12; 8.8,10). Dario afixou seu selo a documentos oficiais, conforme informou Heródoto (ver *Hist.* III.128). Cf. I Reis 21.8 e Mat. 27.66.

6.18

Então o rei se dirigiu para o seu palácio. O *pobre rei* Dario ficou extremamente desanimado. Ele perdeu o apetite e nada comeu. Talvez ele estivesse ocupado em um *jejum religioso,* mediante o qual esperava salvar Daniel "de alguma maneira". Naquela noite ele não quis que houvesse a música, a dança e os entretenimentos que faziam parte regular das "noites do rei". Ele não dormiu, e suponho que ele muito orou ao Deus dos judeus, a despeito do decreto restringidor. Sem dúvida o rei não estava confiando em si mesmo naquela noite. Este versículo combina admiravelmente com a experiência humana. Há tempos em que as coisas saem de nosso controle, e somente Deus pode fazer alguma diferença. Assim sendo, lançamos tudo sobre Ele, em oração. Cf. Dan. 2.1 quanto ao desassossego de Nabucodonosor, e ver algo similar em Est. 6.1. Mas existe uma profunda agitação "lá fora", pois as pessoas são envolvidas por situações impossíveis e não têm fé suficiente para livrar-se delas.

Esconder-me-ei na Rocha fendida,
Até passarem as tempestades da vida;
Segura nesse bendito refúgio,
Não dando atenção à explosão mais feroz.

(Mary D. James)

6.19

Pela manhã, ao romper do dia. O rei agitou-se e rolou em seu leito real a noite inteira, em meio a uma ansiedade nada real. Assim que o sol surgiu no horizonte, ele foi com coração pesado dar uma olhada na *miserável* cova dos leões. Ele temia olhar para dentro da cova. Talvez só houvesse ossos e pedaços do profeta Daniel. Porém, em seu desespero, ele correu para a cova. Somos lembrados de como certas mulheres, e então um grupo de discípulos, correram para o túmulo de Jesus, pois se espalhara a notícia de que ele tinha *escapado daquele lugar miserável por meio de um milagre (ver João 20.4).* "Elevados oficiais, nos países do Oriente, moviam-se com pomposa lentidão, como sinal de sua dignidade. Se alguém era uma grande figura, não precisava andar com pressa. Portanto, a pressa, por parte do rei, foi um elemento do efeito dramático deste relato" (Arthur Jeffery, *in loc.*). "Dario esperava... que o idoso estadista teria sido salvo por Deus, a quem servia (ver Dan. 3.17; 6.16)" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

6.20

Chegando-se ele à cova, chamou por Daniel com voz triste. Chegando à cova, o rei era um destroço nervoso e, com voz chorosa, lamentável de ser ouvida, ele gritou pelo buraco, na esperança de que um homem vivo ouvisse e respondesse. O rei estava todo entusiasmado com a idéia de que o Deus vivo e verdadeiro dos judeus, sobre o qual ele tinha ouvido, realmente teria algum poder, a ponto de reverter a miserável situação de Daniel. Daniel tinha servido bem esse Deus e estava disposto a ser um mártir, para evitar tornar-se um apostatado. Talvez por essa razão, Deus tivesse baixado Sua mão poderosa e fechado a boca dos leões. Por isso o rei perguntou: "Estás vivo, Daniel? Teu Deus fez algum grande feito em teu favor? Grita de volta se puderes!". "Teu Deus, a quem sempre tens adorado, te salvou dos leões?" (NCV). Quanto à frase, *o Deus vivo* (que é judaica, e não iraniana), ver Deu. 5.26; Jos. 3.10; Sal. 42.2; Mat. 26.63; Atos 14.15; I Tes. 1.9. Cf. este versículo com Dan. 3.17 e 6.16.

6.21

Então Daniel falou ao rei: Ó rei, vive para sempre! Para profunda *admiração* do rei, uma voz saudável e forte, a voz do próprio Daniel, respondeu. Ficamos sempre surpresos quando Deus faz outro feito em nosso favor, que ultrapassa tudo quanto poderíamos fazer por nós mesmos. De fato, continuamos a ser surpreendidos, sem importar quantas vezes isso volte a acontecer. Portanto, Senhor, continua enviando surpresas. Um homem tem de crer em tudo quanto vem de Deus, pois é Dele que os milagres provêm. Sempre é melhor crer de mais do que crer de menos. Oh! Senhor, concede-nos tal graça! Ademais, tudo quanto temos a fazer é pedir. "... foi algo tão grande, que encheu o rei de admiração. A coisa foi realmente extraordinária e admirável" (John Gill, *in loc.*).

Daniel introduziu o que tinha a dizer acerca de sua libertação com uma típica saudação segundo a *cortesia da corte:* "Ó rei, vive para sempre".

6.22

O meu Deus enviou o seu anjo. Deus, o Poder, a Deidade dos judeus, foi o libertador de Daniel, e o anjo foi o Seu instrumento. O anjo tinha o poder de manter os leões tranqüilos e sem vontade de atacar o profeta, e foi isso o que ele fez, conforme se entende pelas palavras "fechou a boca aos leões". Este versículo ensina a realidade do ministério do anjos. Ver as notas sobre *Anjo,* no *Dicionário,* bem como em Heb. 1.14, no *Novo Testamento Interpretado:*

> *Não são todos eles espíritos ministradores enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?*

O fato de Daniel ter sido livrado deveu-se à sua inocência diante de Deus e diante do rei. O rei é que tinha pecado, assinando o ridículo decreto e assumindo uma posição divina, o que não é certo ao homem fazer. Anjos já tinham estado ativos em circunstâncias nas quais os amigos de Daniel estiveram envolvidos (ver Dan. 3.28). A história de Daniel na cova dos leões ilustra um dos atos de fé, conforme registra Heb. 11. Ver o vs. 33. Daniel era inocente e leal a Deus, pelo que Deus usou Sua graça para conceder aquele grande milagre. É um exagero fazer aqui do anjo o Cristo pré-encarnado, como se fosse o mesmo anjo que esteve na fornalha ardente. Cf. o versículo com Sal. 34.7,10. O poder de Deus fecha a boca do "leão que ruge" (I Ped. 5.8).

6.23

Então o rei se alegrou sobremaneira. Daniel nunca mais foi sujeitado a abusos. O rei ordenou que tirassem o profeta daquele buraco miserável. Ele não tinha sofrido nenhum dano físico, porquanto havia confiado em seu Deus, na hora de provação. Antes disso, porém, havia demonstrado extraordinário grau de lealdade, pelo que era o tipo de pessoa da qual se podia esperar um milagre. O paralelo, naturalmente, é a história dos três amigos de Daniel que foram libertados da fornalha ardente, e as mesmas qualidades morais governaram os dois incidentes. Cf. Sal. 57.4-6 e 91.11,15.

Este versículo ilustra como o Criador intervém em Sua criação, recompensando e punindo, e também guiando os acontecimentos individuais e nacionais (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Teísmo*). Cf. I Ped. 4.19.

Os Inimigos de Daniel São Punidos (6.24)

6.24

Ordenou o rei, e foram trazidos aqueles homens. Os rivais de Daniel obtiveram exatamente o haviam planejado para ele. Lançados na cova, foram despedaçados e consumidos pelos leões. A mesma punição alcançou suas esposas e seus filhos, pois esse era um modo comum de *retribuição* na antiguidade. Foi aplicada a *Lex Talionis* (retribuição segundo a gravidade do crime), uma subcategoria da *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura.* Ver sobre ambos os títulos no *Dicionário.*

Temos de considerar que todas aquelas pessoas foram separadas para serem refeições de leões por considerável tempo, e isso só aumenta o horror da história. A Septuaginta limita o "consumo" de carne humana a dois governadores, presumivelmente os líderes da conspiração. A *voracidade* dos leões ilustra que a Daniel foi concedido um milagre. Nada houve de errado com os leões. Quando eles *não* comeram Daniel, isso resultou da ação de um anjo do Senhor. Quanto aos familiares de pessoas culpadas que tiveram de sofrer juntamente com elas, ver Jos. 7.24,25; II Sam. 14.5 ss. e 21.5-9. Ver também o relato de como os filhos de Hamã sofreram juntamente com ele, segundo conta o livro de Est. 9.13,14. Heródoto narrou algo similar em sua *História* III.119. Quanto a alguém sofrer pelos pecados dos pais, ver Êxo. 20.5.

Epílogo (6.25-28)

6.25

Então o rei Dario escreveu aos povos. "Assim como Nabucodonosor, no terceiro capítulo, sentiu-se impelido a assinar um decreto no qual reconhecia a grandeza do Deus dos judeus e convocava todos os seus súditos a respeitá-Lo, também Dario se sentiu impulsionado a fazer o mesmo, depois do milagre que ocorreu com Daniel. De fato, os detalhes desse decreto seguem de perto o padrão de Dan. 3.29 ss., usando palavras e frases que já havíamos encontrado em Dan. 2.44; 4.1-3 e 5.19" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Quanto aos *decretos* reais, cf. Dan. 3.10,29 e 4.6. Quanto à universalidade do reino e do poder do rei, ver sobre "povos, nações e línguas", em Dan. 3.4,29 e 4.1. A *terra* era o que eles conheciam. O império persa era bastante amplo e abarcava a maior civilização da época. Foi irônico que o homem que tinha acabado de assinar um decreto, tornando a si mesmo um deus pelo espaço de 30 dias, tenha precisado admitir que existe um Deus verdadeiro, vivo e eterno (ver o vs. 20), que governa o tempo todo e para sempre e merece a adoração dos homens. A *paz* foi multiplicada ao povo, quando foram libertados do primeiro decreto e sujeitados ao segundo. A paz na terra resulta da paz espiritual, quando os homens endireitam os seus caminhos diante de Deus (Rom. 5.1).

6.26,27

Faço um decreto. O Deus dos judeus faz-se sempre presente com os homens em Sua criação, punindo e recompensando. Isso, no caso de Daniel, livrou-o de maneira miraculosa. O relato é uma apologia em favor do Deus dos judeus e contra os não-deuses dos pagãos. Cf. este versículo com Dan. 3.29. O Deus *libertador,* que opera milagres diante dos homens, é o Deus vivo (ver o vs. 20), em contraste com os ídolos mortos que nada podem fazer. Ele encabeça um reino que é permanente e eterno o tempo todo. Embora a destruição seja a sorte dos reinos terrenos, ela não tem efeito sobre o reino de Deus. Deus domina até o fim, até onde o olho pode enxergar ao longo dos corredores do futuro, em contraste com os reis terrenos, que aparecem e desaparecem. O rei tentara libertar Daniel, mas fora impotente para isso (vs. 14). Deus é quem salva tanto o corpo como a alma (cf. com o vs. 16 e Dan. 3.28,29). Ele emprega *sinais e maravilhas* (ver Dan. 4.2). "Que excelente elogio ao grande Deus e ao Seu servo fiel!" (Adam Clarke, *in loc.*).

6.28

Daniel, que por essa altura estava com mais de 80 anos de idade, recebeu certo número de *anos a mais,* a fim de terminar seu trabalho, prosperar e continuar a buscar e a servir o seu Deus. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ele continuava vivo no começo do reinado de Ciro. Essa informação já fora dada em Dan. 1.21, cujas notas devem ser consultadas. Dan. 10.3 mostra-nos que Daniel continuava vivo no terceiro ano do reinado de Ciro. Daniel tinha prosperado e continuava a prosperar, porque o Espírito de Deus estava com ele.

Guia-me, Luz gentil, na melancolia circundante,
Continua a guiar-me!
A noite está escura e estou longe de casa;
Continua a guiar-me!
Guarda os meus pés.
Não te peço para ver a praia distante.
Um passo só é bastante para mim.
Por muito tempo Teu poder me tem abençoado,
E por certo ele continuará a guiar-me.

(John H. Newman)

Capítulo Sete

O livro de Daniel compõe-se essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões*. As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes sobre esse arranjo, ver a seção "Ao Leitor", parágrafos quinto e sexto, apresentados antes da exposição sobre Dan. 1.1. Agora chegamos às quatro visões. Dan. 7.1 – 12.13 apresentam um *sonho* e três *visões*. Mas o livro de Daniel não distingue um sonho espiritual de uma visão, conforme se vê em Joel 2.28. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Sonhos* e *Visão (Visões)*. Esse sonho e essas visões foram datados em relação aos governantes da época em que ocorreram: o sonho veio no primeiro ano de Belsazar, e as três visões ocorreram no terceiro ano de Belsazar, no primeiro ano de Dario e no terceiro ano de Ciro. As visões preenchem o esboço histórico dado no capítulo 2. As informações históricas e/ou os materiais proféticos foram cuidadosamente arranjadas, e os críticos pensam que os sonhos e as visões seguiram as declarações "após os fatos" terem acontecido, com histórias transformadas em profecias. Esse ponto de vista naturalmente foi rejeitado pelos eruditos conservadores, que vêem evidências do poder profético em operação.

O Sonho e as Três Visões (7.1 – 12.13)

A Visão dos Quatro Animais (7.1-28)

Esta visão, na realidade, foi um *sonho espiritual*, e, quanto ao título, difere das visões que se seguem nos capítulos 8-12. Novamente encontramos os *quatro impérios*, paralelos às quatro partes da imagem do sonho de Nabucodonosor (capítulo 2).

Os *quatro impérios* são simbolizados pelos *quatro animais* que correspondem aos quatro diferentes metais da visão do capítulo 2. Aqui também achamos uma escala descendente de valor e poder, descendo do leão, passando pelo urso e pelo leopardo, e chegando finalmente a um animal não chamado pelo nome, os quais correspondem ao ouro, à prata, ao bronze e ao ferro da visão anterior. Em ambas as visões, o reino de Deus (que é eterno) vem depois dos reinos terrenos. Há aí um toque escatológico que nos leva à era do reino milenar de Deus.

Atenção especial é dada ao *pequeno chifre*, o último rei do quarto império, o qual é variegadamente identificado. Se os santos do Senhor serão especialmente perseguidos por ele, as páginas do livro da história o encerrarão, ao passo que o Reino de Deus prosseguirá infinitamente depois do milênio.

Este capítulo divide-se naturalmente em *três* partes: vs. 1; vss. 2-7 e vs. 28. Também há certo número de claras subdivisões.

Prólogo (7.1)

7.1

Este versículo atua como um elemento de conexão com a série de histórias anteriores. Belsazar (ver as notas em Dan. 5.31 e 6.1) é identificado como o rei que governava quando o primeiro sonho-visão foi dado a Daniel. O profeta registrou o sonho por ter reconhecido que era uma comunicação séria da parte de Deus que precisava ser publicada. A data foi 554 A. C., o *terceiro* ano do reinado de Nabonido, pai de Belsazar. Por meio deste versículo, em comparação com Dan. 8.1, aprendemos que Belsazar governou pelo menos durante três anos antes da queda da Babilônia. Era prática dos videntes registrar as visões para referências futuras. Cf. Isa. 30.8; Hab. 2.2; Apo. 1.19; Enoque 33.3 e II Esd. 14.42.

O Sonho-visão de Daniel (7.2-27)

7.2

Falou Daniel, e disse. "O sonho de Daniel antecedeu por catorze anos a sua experiência na cova dos leões (capítulo 6), que ocorreu em 539 A. C. ou pouco depois. Quando esse sonho foi dado a Daniel, ele tinha cerca de 68 anos de idade, e fora feito cativo aproximadamente aos 16 anos de idade, 52 anos antes, em 605 A. C." (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). A revelação lhe foi dada por meio de um *sonho*, através de *visões* (cf. Dan. 2.28 e 4.5,10). Daniel tinha sido o intérprete dos sonhos de reis e agora recebeu o seu próprio sonho.

Os quatro ventos do céu. Ou seja, um vento vindo de cada setor do céu. Cf. Zac. 2.6; 6.5; Eze. 37.9. Esses ventos podem estar associados aos quatro ventos do épico da criação. Em Enoque 18.2 esses ventos sustentam o firmamento (a cúpula sólida invertida). E em II Esd. 13.5, as multidões são convocadas pelos quatro ventos das quatro direções da terra. Cf. Dan. 8.8 e 11.4. Esses ventos *agitam* (Revised Standard Version) o *grande mar* dos habitantes do mundo e, assim, produziriam (como se fosse um ato criativo) os quatro grandes impérios mundiais, representados pelos quatro animais. A palavra "agitar", aqui usada, também é usada para indicar o trabalho de parto de uma mulher, em Miq. 4.10. Cf. Jó 38.8. O Grande Mar usualmente é o Mediterrâneo (ver Núm. 34.5; Jos. 1.4 e 15.47). Mas aqui é o *mar do mundo*, de onde todos os eventos são gerados. Pode haver uma alusão à antiga idéia de que a terra era cercada por águas, havendo um grande mar debaixo dela, sobre o qual se repousavam seus pilares. Os sumérios chamavam esse mar de *Nammu*.

7.3

Quatro animais, grandes. A agitação provocada pelos quatro *ventos* (que alguns estudiosos vêem como altos poderes angelicais que agem em favor de Yahweh) produziram (mediante um ato criativo, ou nascimento) os quatro animais, "saídos do mar". "De acordo com o pensamento dos antigos, o *mar* era considerado a sede do mar e a habitação de monstros amedrontadores (ver Gên. 1.21; Amós 9.3; Sal. 104.25,26) e, assim sendo, o lugar apropriado de onde os animais deveriam surgir. Cf. Isa. 27.1; Enoque 60.7; II Baruque 29.4; II Esd. 6.49,50; 11.1 e 12.11. Para os judeus, era convencional retratar as potências pagãs como feras. De fato, representar as nações por meio de feras é comum até hoje. No Antigo Testamento, encontramos esse simbolismo em Ezequiel 17, 19, 29 e 32; Sal. 68.30. E, nos escritos posteriores, isso se repete, como e, Enoque 85-90 e Salmos de Salomão 2.29" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

Talvez devamos pensar que cada um dos quatro ventos trouxe uma das feras, pois o termo *quatro* fala de universalidade, de onde nos vem a idéia dos *quatro cantos* da terra (ver Isa. 11.12). A terra era vista como um quadrado ou retângulo plano. Em termos gerais, o império babilônico originou-se do sul do país anterior; o império persa veio do norte; o império persa veio do oriente, e o império grego veio do ocidente. Mas talvez isso seja ver demais nesse simbolismo. Quatro é um número que simplesmente fala sobre "algo completo".

7.4

A Primeira Fera: o Leão. Esse era um grande animal alado, que representava o *império babilônico*. O leão era o mais nobre e o mais poderoso dos animais ferozes. Corresponde à *cabeça de ouro* da imagem de Nabucodonosor (capítulo 2). Ver Dan. 2.37,38. Da mesma maneira que há um quadro descendente nos metais, do ouro para a prata, para o bronze e para o ferro, outro tanto acontece com as feras, que descem quanto ao poder e à glória. A figura do leão alado nos faz lembrar dos leões alados dos templos e palácios da Mesopotâmia. Cf. Jer. 4.7; 49.19 e 50.17, onde Nabucodonosor é comparado a esse tipo de animal. Na arte da Mesopotâmia, os animais eram, com freqüência, representados na posição ereta, como se fossem seres humanos. O leão da visão da Daniel era uma fera nobre e temível, mas em breve suas asas foram arrancadas, de modo que ele já não podia voar. Em outras palavras, ele foi humilhado, derrotado e substituído. Ele era apenas um homem (pois tinha *coração de homem*) e, assim sendo, era mortal, chegando a seu fim pelo julgamento de Deus.

Pode haver aqui uma alusão à insanidade de Nabucodonosor (ver o capítulo 4 de Daniel), mas a referência foi à humilhação final da Babilônia, sua derrota militar.

7.5

A Segunda Fera: o Urso. Quanto a essa imagem, cf. Pro. 17.12; 28.15; Isa. 11.7; 59.11; Lam. 3.10; Osé. 13.8; Amós 5.19; I Sam. 17.34 ss. O urso corresponde aos braços e ao peito de *prata* referidos em Dan. 2.39, indicando o império medo-persa ou, talvez, somente os medos, sendo os persas o terceiro animal. Certas espécies de ursos são animais temíveis, que matam ao ver a presa, mas esse animal, de qualquer espécie, não se compara ao leão, da mesma forma que a prata é menos nobre e menos cara do que o ouro. O urso estava levantado de um lado, o que sem dúvida significava algo para os primeiros leitores, mas agora deixa os intérpretes a conjecturar. Talvez isso signifique que a fera era um tanto desajeitada, em contraste com a águia que voa alto (a Babilônia). O urso tinha *dois lados*, tal como a porção de prata da imagem tinha dois braços. Talvez esses dois lados representassem os medos e os persas. Ou então um dos lados apontava para os medos, e o outro lado para os persas, como reinos separados, o segundo e o terceiro.

Esse urso era uma fera devoradora, tendo três costelas de sua presa na boca. Os medos eram predadores terríveis (ver Isa. 13.17,18). Alguns vêem aqui três províncias que os medos teriam capturado. Ou então estão em vista o Egito, a Assíria e a Babilônia, como suas vítimas.

7.6

A Terceira Fera: o Leopardo. A terceira fera corresponde ao ventre de bronze e às coxas da imagem de Nabucodonosor (Dan. 2.39b). Novamente, vamos descendo quanto aos valores dos animais e dos metais. Esse leopardo era uma fera terrível, com quatro cabeças e quatro asas, e exercia vasto domínio. Isso pode indicar a *Pérsia*, distinta dos medos, que era a interpretação original antes de Roma ter-se tornado a quarta fera, ou pode significar a *Grécia*. O leitor deve ter consciência de que a Pérsia era a interpretação, até que Roma entrou em cena.

Então o sétimo capítulo é reinterpretado para fazer de Roma a quarta fera, em lugar da Grécia. Tornando-se a Grécia a terceira fera, os intérpretes sentiram-se forçados a combinar os medos e os persas como a segunda fera.

O *leopardo* é mencionado simbolicamente no Antigo Testamento em Cantares de Salomão 4.8; Isa. 11.6; Jer. 5.6; 13.23; Osé. 13.7; Hab. 1.8. A figura também é usada como motivo de arte nas obras mesopotâmicas e persas. As cabeças podem indicar sucessivos reis persas como Ciro, Xerxes, Artaxerxes e Dario, ou seja, está em vista uma dominação mundial. As asas fazem dessa fera um predador rápido e incansável a voar sobre vastas áreas do globo terrestre, o que se deu especialmente com a Grécia. *Quatro* continua a ser um simbolismo neste capítulo, com a idéia de algo completo. Coisa alguma pode comparar-se à maneira completa como Alexandre conquistou o mundo de seus dias, espalhando universalmente a língua e a cultura grega, e criando o que, até aquele ponto da história, foi o mais extenso império.

7.7

A Quarta Fera: Não-identificada. A fera não-identificada corresponde às pernas de ferro (misturado com barro cozido) de Dan. 2.40. Pode significar: 1. o império de Alexandre (o grego); ou 2. Roma. A interpretação original falava na Grécia, mas quando Roma surgiu em cena a interpretação passou a levar em conta esse acontecimento. Em Dan. 2.40, esse é o poder que esmaga todas as coisas, apesar de suas fraquezas inerentes. Ver as notas ali, que também se aplicam aqui. Nesta passagem, em lugar de *dez artelhos,* a imagem tem *dez chifres.* Ofereço interpretações sobre isso em Dan. 2.41,42, pelo que não as repito aqui. Talvez a fraqueza inerente esteja em vista no vs. 8 (ver a respeito nas notas expositivas). Os críticos supõem que as alegadas profecias de Daniel na realidade foram observações feitas "após" a ocorrência dos fatos, por um autor que teria vivido na época dos macabeus, depois que as quatro potências — Babilônia, Média, Pérsia e Grécia — já eram história. Na época do autor, Roma estava erguendo-se, mas ainda não era uma potência mundial, e por esse motivo ele não teria visto "o poder vindouro", em suas "profecias". Mas quando Roma apareceu, a quarta fera apareceu em uma história posterior. Os estudiosos conservadores, porém, têm certeza de que Daniel foi uma figura dos tempos da Babilônia-Média-Pérsia, e de que houve uma profecia genuína escrita acerca dos impérios medo-persa, grego e romano. Quanto a uma completa discussão, ver a seção III da *Introdução* a este livro.

Tinha dez chifres. Quanto à figura dos "chifres", ver Deu. 33.17; Sal. 75.4; 132.17; Eze. 29.21; Zac. 1.18. No livro de Daniel, essa figura aponta para reis ou dinastias. De acordo com alguns, esses dez poderes se seguiram ao império de Alexandre, que se fragmentou. "Os centauros com cabeças humanas, pintados em Persépolis, têm doze chifres cada um, e chifres aparecem nos reis selêucidas" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Alguns eruditos fazem todos esses chifres representar os reis selêucidas, mas outros incluem também os reis ptolomeus. Esse livro teria vindo apenas poucos anos depois da data proposta para a escrita do livro de Daniel. Os dispensacionalistas fazem esse animal ser Roma e seus dez poderes subordinados, sobre os quais apresento notas detalhadas no trecho paralelo de Dan. 2.41,42.

7.8

Estando eu a observar os chifres... subiu outro pequeno. Esse pequeno chifre é interpretado como um símbolo de *Antíoco Epifânio.* Ele pertencia à família dos selêucidas, mas não tinha o direito de apossar-se do trono. No entanto, usurpou o poder arredando seu irmão, Seleuco Filopater, bem como seu sobrinho, Demétrio, o próximo na linha da sucessão. Além disso, ele se livrou do rival Heliodoro, e esses podem ter sido os *chifres arrancados* neste versículo. A Septuaginta acrescenta: "e ele fez guerra contra os santos", salientando as perseguições lançadas contra os judeus de sua época. Cf. Apo. 11.7; 12.17 e 19.19. Os dispensacionalistas fazem o pequeno chifre ser o "anticristo", que foi "prefigurado", conforme eles dizem, por Antíoco Epifânio. Ver outras interpretações em Dan. 7.24,25.

O pequeno chifre é retratado como altamente inteligente, capaz de ver e saber todas as coisas, visto possuir *muitos olhos.* Em seguida, ele diz coisas grandiosas e blasfemas. Ver Dan. 7.25 e Apo. 13.6. É óbvio que o autor do Apocalipse tomou sua linguagem emprestada de Daniel. As profecias têm sido compreendidas de muitas maneiras, havendo tentativas de apontar os eventos históricos. Mas os dispensacionalistas identificam-nas com eventos históricos futuros, alguns dos quais ainda são obscuros e interpretados de diferentes maneiras. Muitas fantasias têm sujeitado nosso texto a confusões, e não há certeza de que alguém realmente saiba o que essas coisas significam, caso não sejam simples representações da história de Alexandre e dos selêucidas (e talvez dos ptolomeus). Muitos intérpretes protestantes identificam o pequeno chifre com o *ofício papal,* e caçam as páginas da história na tentativa de fazer corresponder as ações do papado com essas profecias. Mas essa interpretação certamente é absurda.

7.9

Continuei olhando, até que foram postos uns tronos. Tal como na visão da imagem feita por quatro metais, assim também aqui a coisa inteira é contrastada com a Vinda do Messias e Seu império eterno, que é o *quinto* império em ambos os textos. Ver sobre o vs. 22. Nos textos ugaríticos, *El* (o Poder) é chamado de "rei dos anos". Yahweh é retratado em muitos lugares como um Rei sentado no trono. Ver Eze. 1.26; 43.6,7 e Isa. 6.1. Foi apenas natural Ele ter sido retratado como um homem idoso em Seu trono. Os que estão familiarizados com textos como Jó 36.26; Sal. 102.24 ss.; Isa. 41.4 ou Salmo 90 não se surpreendem com esse tipo de imagem. A idade avançada, neste caso, não significa decrepitude, a qual é sempre associada à idade. A *brancura* dos cabelos não corresponde à degeneração da idade avançada. Antes, Seus cabelos eram brancos como Suas vestes, ou seja, Ele era um ser elevado e puro, santo e livre de todas as fraquezas morais que caracterizam os homens. O trono sobre o qual ele se sentava era como chamas de fogo, pois Sua majestade e juízos eram poderosos e temíveis. Ele é um *fogo consumidor* (ver Deu. 4.24; Heb. 12.29). Quanto ao simbolismo da *neve,* cf. Isa. 1.18; Sal. 51.7. Quanto à *lã,* ver Isa. 1.18. Ver Apo. 1.14 quanto a descrições similares. Qualquer simbolismo que pudéssemos inventar para tentar descrever Deus deve ser fraco e totalmente inadequado, pelo que aquilo que encontramos aqui são apenas alguns símbolos sugestivos, e não descrições literais de Deus. Quanto ao *trono de fogo,* cf. Eze. 1.4-28.

Estas descrições são obviamente *escatológicas.* O autor antecipava a possessão dos reinos terrestres pelo Poder do Alto. Os dispensacionalistas misturam essa questão com o *milênio.* Ver sobre isso no *Dicionário.*

Ver as notas expositivas sobre Dan. 2.45, a Grande Pedra que demolirá as potências da terra e se tornará o quinto e último império. A Pedra tornar-se-á uma grande montanha (ver Dan. 2.35) e ocupará todas as posições de poder.

7.10

Um rio de fogo manava e saía de diante dele. Continuam aqui as descrições sobre Deus e Seu trono. Deus é um fogo consumidor, e assim fogo mana de Seu trono e de Sua presença, como o fluxo de um grande rio. Temos ali um rio de fogo que, em I Enoque, se torna símbolo do julgamento divino. No Novo Testamento (ver Apo. 19.20 e 20.10), esse rio transforma-se em um lago. Em algum ponto ao longo do caminho, as pessoas começaram a tomar esses símbolos apocalípticos como descrições literais de um *lugar* de sofrimentos indescritíveis e eternos. Os antigos criam que o fogo sempre acompanhava as teofanias (ver Sal. 50.3 e Deu. 9.3). Chamas de fogo aparecem em Enoque 14.19. "Os retos são purificados quando passam pelas chamas, mas os iníquos são consumidos pelo fogo. Talvez esse seja o significado do corpo da fera sendo entregue para ser queimado, no vs. 11" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Lago de Fogo.*

"Muitos milhares de anjos O serviam. Milhões de anjos estavam à Sua frente" (NCV), com descrições que aumentam a grandiosidade da cena. Esse é o Rei Verdadeiro, de cuja presença todos os outros fogem. Dessa forma a corte se reúne para julgar, e os livros são abertos, contando tudo sobre todas as coisas. Os textos babilônicos referem-se a tabletes nos quais ficaram registrados todos os feitos bons e maus. Cf. Sal. 56.8; Isa. 65.6 e Mal. 3.16. Ver também Jubileus 30.22; Enoque 81.4; 89.61-64; 98.7,8 e 104.7. O paralelo do Novo Testamento é Apo. 20.12. A abertura do livro refere-se à revisão e ao julgamento da mordomia individual. Assim sendo, Deus, que distribui poder e levanta reinos, também julgará aqueles que Ele levantou como autoridades. A mesma coisa, como é óbvio, aplica-se aos indivíduos, embora o objeto do texto seja o julgamento dos reinos. O julgamento do Grande Trono Branco (Apo. 20) sem dúvida reflete a presente passagem, embora o texto não esteja falando sobre o julgamento final de todos os homens.

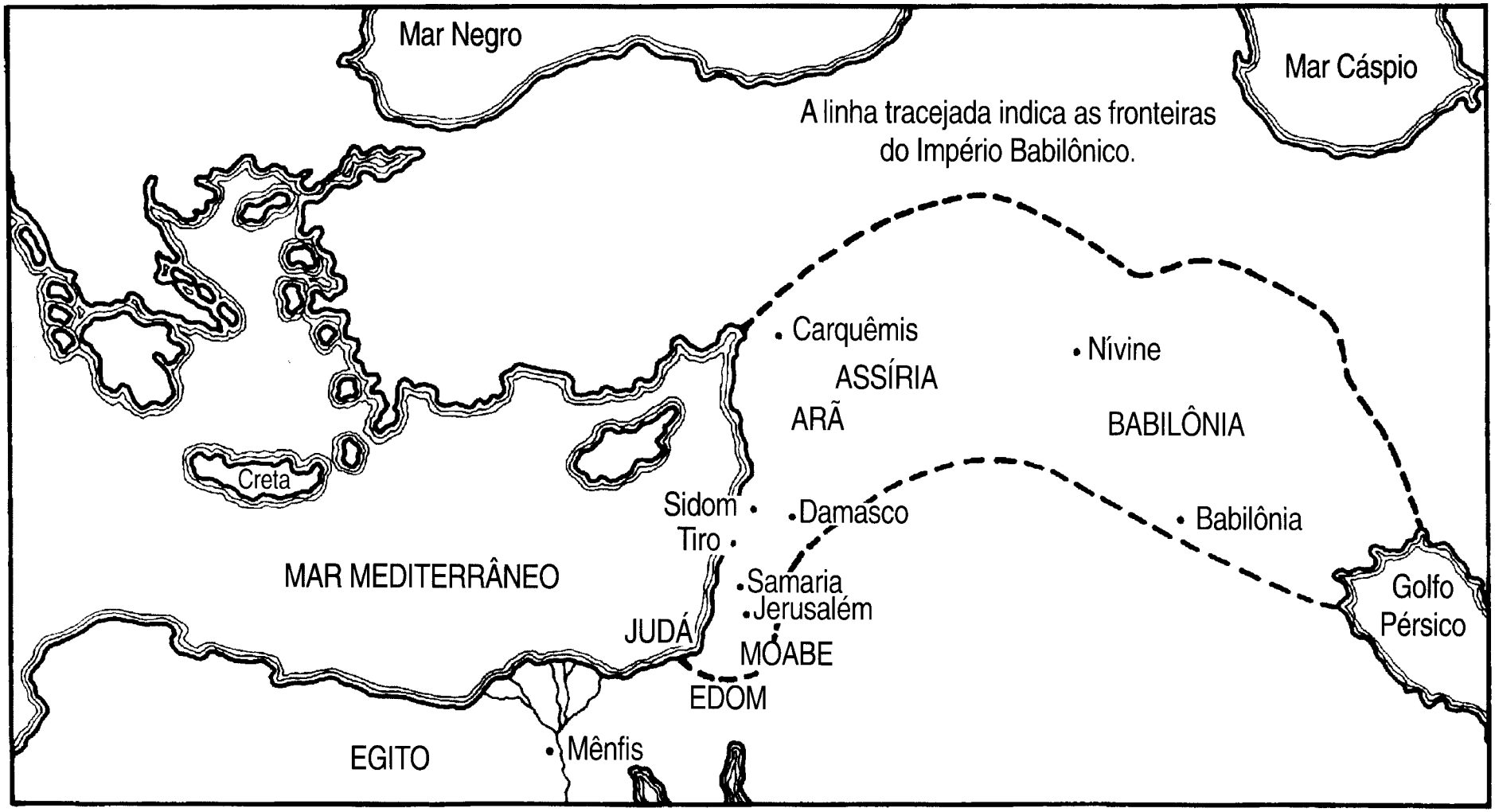
7.11

Então estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras. O pequeno chifre continuou a vangloriar-se, fazendo ouvir sua voz com grandes palavras e discursos eloqüentes, mas bem no meio de tudo eis que, de repente, ele foi morto e seu corpo foi entregue às chamas e consumido, bem diante dos olhos do perplexo profeta. O rio de fogo que saía da presença de Deus consumiu a fera, e esse foi o final definitivo de sua carreira. Cf. Apo. 19.20,21, onde a fera é lançada no lago do fogo. Alguns estudiosos vêem nisso o fim do império grego, o término do império construído por Alexandre, incorporado na pessoa de Antíoco Epifânio. E/ou está em pauta o fim do anticristo, em sua aplicação escatológica. "A quarta fera perderá seu poder não por ser conquistada, mas pelo julgamento divino (cf. Dan. 9.27; Apo. 11.15 e 19.15)" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

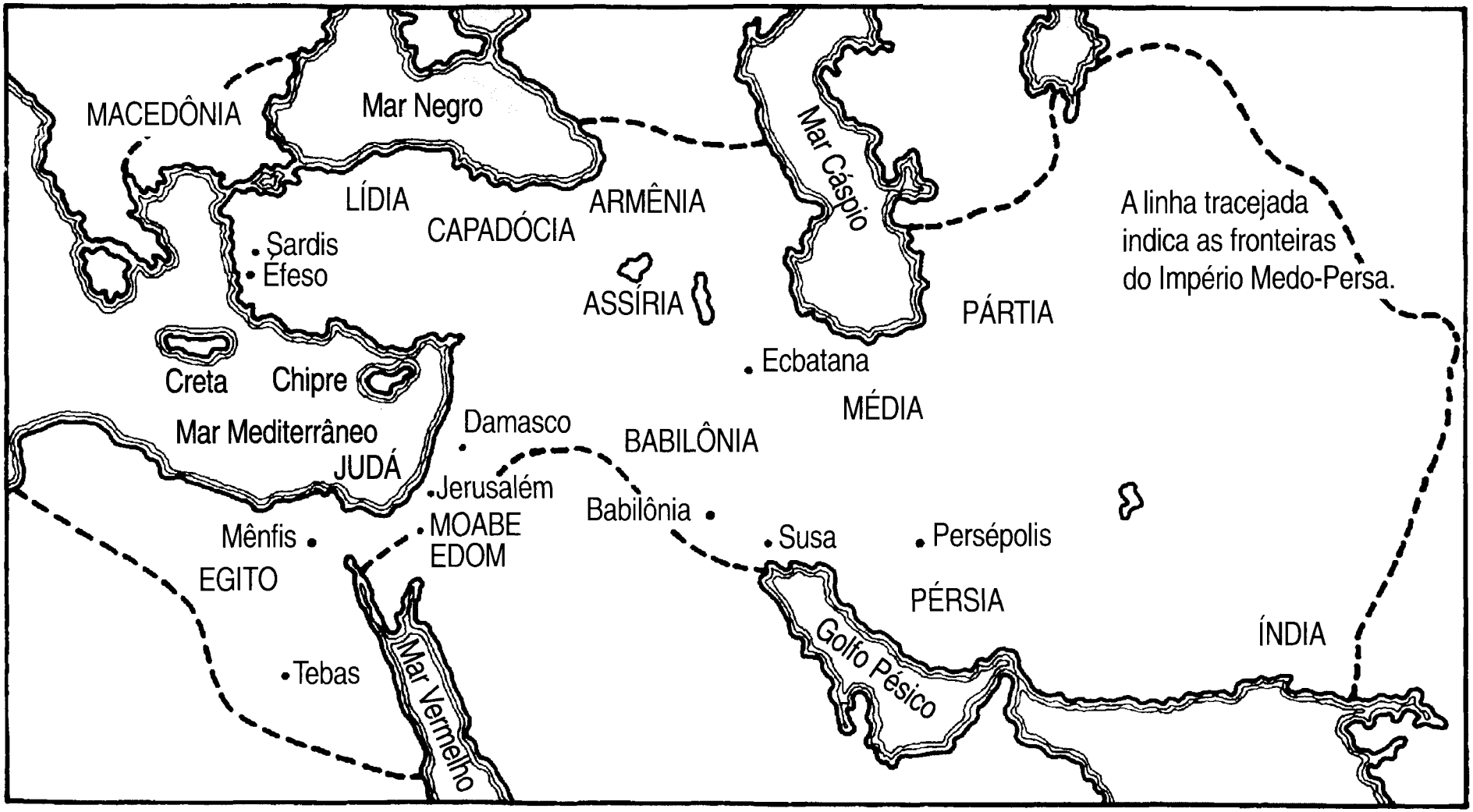
7.12

Quanto aos outros animais. Este versículo é igual em significado a Dan. 2.45, onde a Grande Pedra que se tornou uma montanha (Dan. 2.35) eliminou

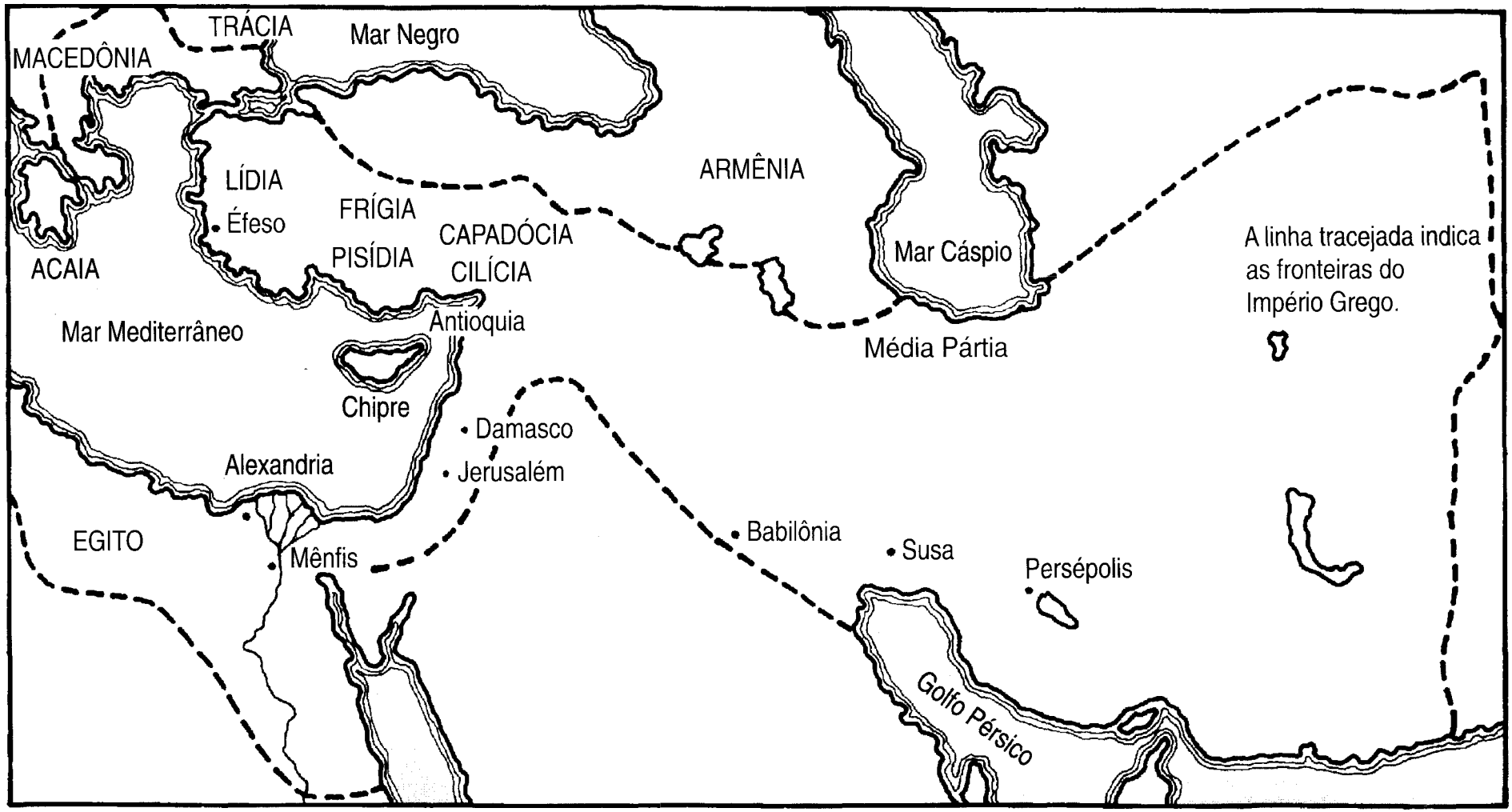
O IMPÉRIO BABILÔNICO



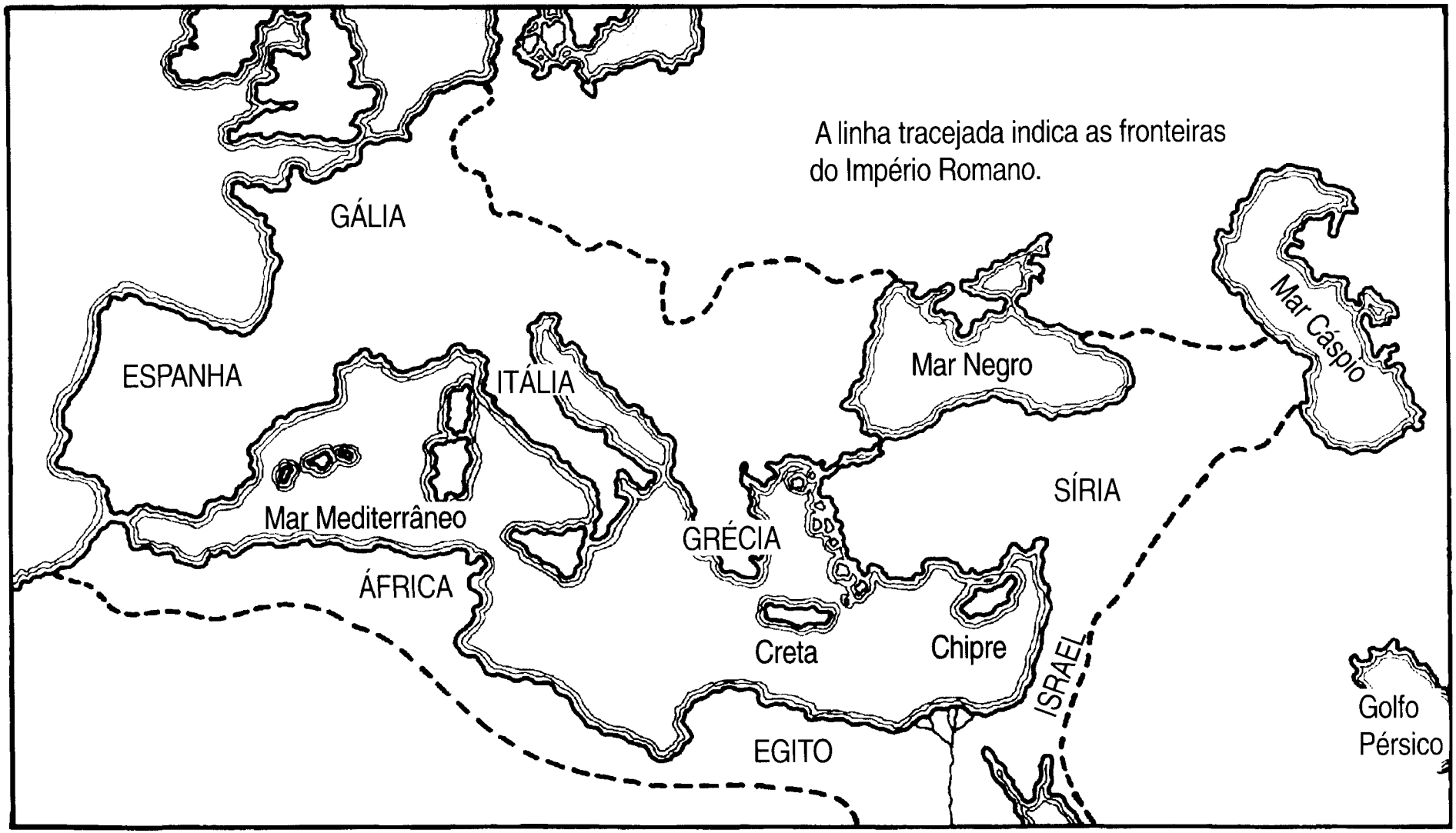
O IMPÉRIO MEDO-PERSA



O IMPÉRIO GREGO



O IMPÉRIO ROMANO



Observações sobre os mapas:

- Israel, em sua história antes de Cristo (1500 até a era cristã), relacionava-se com os *seis* impérios mundiais: egípicio, assírio, babilônico, medo-persa, grego e romano. Todos esses impérios foram, essencialmente, poderes da região mediterrânea. Aquela região era o mundo conhecido da época. Os Impérios Assírio e o Babilônico ocuparam boa parte do mesmo território, embora o Império Assírio se tenha estendido um pouco mais ao oeste e ao sul, tomando até parte do Egito. Todos esses impérios eram pequenos em comparação aos padrões atuais. Embora o Império Romano tivesse mais de 4,5 mil quilômetros de leste a oeste, a maioria do território envolvido era formada de água. O Império Grego se estendeu mais para o leste do que o Império Romano, mas conquistou menos países.

- Além dos quatro mapas referentes aos impérios mundiais que se relacionam ao livro de Daniel, consultar o mapa do Império Assírio no final da Introdução ao livro de Jonas.

- O Império Assírio capturou as dez tribos (Norte de Israel) em 722 A.C. Essas tribos jamais voltaram.

- O Império Babilônico capturou as duas tribos (Sul de Israel), em cerca de 585 A.C. Um remanescente retornou e deu continuidade à história de Israel. Um novo Israel surgiu da tribo de Judá, portanto os judeus tornaram-se um sinônimo de Israel.

- Os medos e os persas (finalmente unidos sob um mesmo reino) assumiram o poder ao derrotar os babilônicos. Ciro foi o instrumento usado por Deus para livrar Israel do cativeiro (Isa. caps. 41-66). Um remanescente retornou a Jerusalém.

- Alexandre conquistou a Palestina em 322 A.C. Seus sucessores dominaram Israel, que ficou sob o domínio da Síria em 324. Em 320, Judá tornou-se parte do Império de Ptolomeu. A Palestina tornou-se parte do Império Sírio, permanecendo sob essa condição até a época dos macabeus (198 A.C. - 40 A.C.)

- Os Macabeus (Hasmoneanos) liberaram Israel em 40 A.C., mas logo os poderes locais tornaram-se tão corruptos quanto os poderes estrangeiros.

- Em 63 A.C., os romanos dominaram Israel. Em 132 D.C., Israel foi exilado mais uma vez e este exílio romano durou até o século XX.

todos os reinos que tinham existido antes dela, e o Ser divino dominou tudo, mediante a eliminação do que era meramente humano. A vida de cada um daqueles animais foi prolongada pela duração de tempo apropriada, a fim de que os propósitos de Deus fossem cumpridos. Mas todos esses animais eram temporais, e seus limites foram fixados. Ver Atos 17.26. O que é humano se aproxima cada vez mais do ideal divino, de forma que, no Ser divino, haja poderosa transformação de posição individual e ordem mundial. Assim sendo, o orgulho humano será humilhado e uma nova e superior ordem prevalecerá.

Vivem,
Pensam que vivem
Embora não tenham conhecido a vida.
Fazem suposições,
Querem dominar tudo,
Mas esquecem de dar o primeiro passo
Para o domínio do mundo interior.
Eu penso que um dia
Todos se voltarão
Para a própria alma
Como quem respira.
Por enquanto, não passam de estátuas,
Que querem ser colocadas nos altos
Para serem adoradas.
Pobre humanidade ausente!

(Maria Cristina Magalhães)

7.13

Eu estava olhando nas minhas visões da noite. Estavam sendo feitos arranjos para que o Reino Eterno tomasse conta dos reinos temporais. Uma grande personagem entra em cena, uma Nova Figura, de forma humana, em contraste com as feras que essa nova personagem estava substituindo. Algumas traduções interpretam a figura dando-lhe o título de Filho do Homem e tornando a referência definitivamente messiânica. A verdadeira tradução é apenas *um filho de homem*, mas isso não elimina, necessariamente, a referência messiânica. O equivalente desse Filho do Homem é a Grande Pedra do capítulo 2, conforme certamente indica o versículo seguinte. Para Jesus, o Cristo, como Filho do Homem, ver Mar. 8.31 e João 1.51. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Filho do Homem*. Enoque 45-57 interpreta o Filho do Homem em sentido messiânico, como também o faz o Talmude, em *Sanhedrin* 98.

O Filho do Homem foi apresentado ao Antigo de Dias (ver o vs. 9). Isso quer dizer que a figura messiânica conta com a aprovação e a direção do Deus dos judeus, o qual deverá triunfar universalmente no fim, inaugurando Seu Reino Eterno.

O Filho do Homem aparecerá com a finalidade de ser investido com Seu reino, conforme demonstra o vs. 14. Haverá um tempo de mudanças universais e radicais quando a vontade humana for absorvida pelo Ser divino. Seguir-se-á então o milênio e, depois disso, a era eterna, quando todos os elevados propósitos divinos terão cumprimento, em consonância com o *Mistério da Vontade de Deus* (ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* Ver também, no *Novo Testamento Interpretado,* o artigo chamado *Restauração,* e ainda Efé. 1.9,10.

7.14

Foi-lhe dado domínio e glória, e o reino. O *Reino Eterno,* que governará sobre todos os seres humanos, povos, nações e reinos, deverá substituir toda a temporalidade, e o Filho do Homem, a Grande Pedra (ver Dan. 2.45) e Montanha (Dan. 2.35), deverá assinalar o fim de tudo que vinha acontecendo antes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Reino de Deus.* Cf. este versículo com Dan. 2.37 e 5.18. As palavras empregadas para o reino são aquelas que foram usadas por Nabucodonosor (ver Dan. 4.22; 5.18), pelo que tudo que antes pertencera aos homens agora pertencerá a Deus e a Seu Messias. Ver também Dan. 3.4; 5.19 e 6.25. Os trechos de Isa. 2.2 ss.; 49.6; Zac. 8.21 ss.; Enoque 10.21; 90.30; Salmos de Salomão 17.31 ss. falam sobre a conversão dos gentios como parte desse esquema. Os Oráculos Sibilinos (3.616 ss.; 710 ss.) têm algo semelhante. "Já Dan. 2.44 declara que o reino vindouro substituirá os reinos terrenos pagãos. Esse novo reino durará para sempre. Portanto, é dito aqui, tanto quanto em Dan. 4.3 e 6.26, que esse reino *não passará.* É notório que a esse reino é dada duração eterna, idéia atribuída até aí somente a Deus" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Cf. Apo. 20.1-6 e I Cor. 15.24-28.

A Agitação de Daniel (7.15-16)

7.15

Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi alarmado. Daniel ficou agitado e perturbado diante do que vira, e desejou muito saber o que aquilo significava. Daniel, como os reis pagãos que também tiveram sonhos perturbadores, não teve descanso e ficou mexendo-se para cá e para lá na cama, durante a noite, pensando em todas as poderosas coisas que vira e não entendera (cf. Dan. 2.1; 4.4,5). Embora lhe tenha sido dada percepção imediata do que significavam as visões do rei, quanto à sua própria visão ele não recebeu resposta imediata. Em ocasião posterior (ver Dan. 8.15), o profeta precisou invocar o anjo (Gabriel?) para interpretar-lhe uma visão. Portanto, aprendemos aqui que até os homens mais espirituais passam por seus momentos de ignorância e ansiedade, pelo que não nos admiremos ter de atravessar tempos de indecisão e trevas relativas. O "espírito dentro em mim" pode aludir a uma entidade separada (imaterial), que é a alma, ou então a palavra "espírito" pode significar apenas "mente", a faculdade do raciocínio em contraste com o corpo material. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Alma* e *Imortalidade.* "Meu espírito dentro de mim, literalmente, *dentro da bainha,* ou então, com uma leve mudança nos sinais vocálicos, *dentro de sua bainha.* A palavra *nidhneh* vem do iraniano *nidana,* 'vaso' ou 'receptáculo'. A palavra ocorre em I Crô. 21.27 e no Targum com o mesmo sentido. A bainha da alma, sem dúvida alguma, é o corpo físico" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

7.16

Cheguei-me a um dos que estavam perto. O profeta reuniu a coragem necessária para aproximar-se do ser celestial que estava nas proximidades e perguntou-lhe o que significava a visão dos animais. Ver o vs. 10. Havia muitos milhares desses seres (anjos). Eles, vivendo perto de Deus, naturalmente teriam maior conhecimento que os melhores dentre os homens. A posição dos anjos desenvolveu-se dentro da doutrina judaica, de tal modo que esses seres com freqüência são referidos como intérpretes dos eventos e profecias de coisas vindouras. Damos muito pouco valor ao ministério dos anjos. Ver no *Dicionário,* e também em Heb. 1.14, no *Novo Testamento Interpretado,* o verbete chamado *Anjo.* Deus fala (Amós 7 e 8; Isa. 6; Jer. 1). Mas o Senhor também usa intermediários, como os anjos (ver Zac. 1.7-6.8). Gabriel era um anjo intérprete especial (ver Dan. 8.16 e 9.21).

A Interpretação da Visão (7.17-27)

7.17

Estes grandes animais... são quatro reis. Nos versículos anteriores, providencio interpretações sobre as visões. Nesta seção, adiciono alguns detalhes. O intérprete angelical oferece somente um sumário amplo, sem entrar em detalhes. Os *quatro animais* são *quatro reis* (vs. 17), embora não saibamos quais reis seriam. Esses animais levantaram-se *da terra,* o mundo humano, e não o mundo celestial, superior, em contraste com a Grande Pedra (Dan. 2) e o Filho do Homem (Dan. 7.13). Isso não contradiz a informação de que eles vieram *do mar* (vs. 3), antes é paralelo a ela. O que estava sendo dito é que esses animais saíram da extremidade *inferior* da criação divina, ao passo que o Filho do homem saiu da extremidade *superior.* Ver os vss. 4-7, onde foram dadas interpretações sobre os animais.

7.18

Mas os santos do Altíssimo receberão o reino. Este versículo sumaria a conquista feita pelo Ser divino, o que já vimos nos vss. 13-14, onde a questão foi comentada. O Filho do Homem é agora substituído pelos *santos* do Deus Altíssimo, visto estarem associados a Ele no reino. "A nação de Israel tinha sido posta de lado pela disciplina divina, no tempo presente dos gentios, iniciados no reinado de Nabucodonosor. Durante o tempo dos gentios, quatro impérios (segundo foi dito a Daniel) se levantariam e governariam a terra e o povo de Israel. Contudo, o pacto de Deus com Davi (ver II Sam. 7.16; Sal. 89.1-4) continua de pé e, finalmente, terá cumprimento. Os *santos* (judeus crentes) desfrutarão o reino, em cumprimento às antigas promessas de Deus a Israel" (J. Dwight Pentecoste, *in loc.*). Não palmilhamos aqui sobre o terreno da igreja. Estão em foco os remidos, e não os anjos. Ver Êxo. 19.6; Deu. 7.6. Israel, o separado povo de Deus, são os santos aqui referidos. Em Dan. 12.7 eles são chamados de "povo santo".

7.19

Então tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal. Daniel quis saber a *verdade* sobre todos os quatro animais, mas ficou perturbado especialmente diante do *quarto* animal, por ser muito diferente dos outros e dotado de terrível aspecto, com dentes temíveis de ferro e garras de bronze! Ele partia todas as coisas ao seu redor e as devorava, esmigalhando os resíduos. Ver as notas sobre os vss. 7 e 8, quanto às interpretações que existem. Este versículo subentende que Daniel fazia uma boa idéia do significado dos outros três animais, mas nada entendia sobre o quarto. E o presente versículo adiciona o detalhe das garras de bronze do quarto animal. Algo similar tinha sido dito sobre Nabucodonosor, em Dan. 4.33.

7.20

E também dos dez chifres que tinha na cabeça. Este versículo revisa os vss. 7 e 8 na questão dos *dez chifres* e do *pequeno chifre*, que também deixaram o profeta perturbado. O pequeno chifre não é chamado aqui de *pequeno*, mas isso é apenas uma variação de detalhe, sem nenhuma significação. Ele era maior *do que os seus companheiros* e tinha uma boca que se jactava em altas vozes que o tornavam especialmente repelente. "Sua aparência era maior que a de seus companheiros, maior em pompa e esplendor, tornando-o um espetáculo maior do que aquele dado pelos outros reis da terra, e afirmando superioridade sobre eles" (John Gill, *in loc.*).

7.21

Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos. Entre suas temíveis realizações, o pequeno chifre, que agora se tornara maior do que os outros, guerreava contra os santos. Essa guerra contra os santos tem sido identificada como: 1. as perseguições de Antíoco Epifânio contra os judeus (ver I Macabeus 1.24-52; 2.7-13; II Macabeus 5.21-27) que 2. prefiguraram as perseguições religiosas do anticristo antes do estabelecimento do reino milenar. O *anticristo* (ver a respeito no *Dicionário*) será o poder que promoverá isso. Cf. este versículo com Dan. 8.9-12,24,25; Apo. 11.7 e 13.7.

7.22

Até que veio o Ancião de dias. O Ancião de Dias (ver as notas sobre o vs. 9) porá fim a essa perseguição. Ele é o *Deus Altíssimo* (ver no *Dicionário* e em Dan. 3.26) e não mais permitirá que Seus *santos* continuem sofrendo nas mãos de homens malignos. Chegará o tempo em que *eles* (os poderes pagãos) possuirão o Reino, conforme somos informados no vs. 18. Note o leitor que essa mudança requererá a *intervenção divina*. O processo histórico jamais poderia produzir tal resultado sem a orientação e a compulsão divina. Deus controla o tempo e os limites de todas as nações (ver Atos 17.26). Ele também controla o tempo e as condições do término dos poderes terrenos e o estabelecimento do governo divino. Cf. Apo. 12.13-17; 17.7; 19.19,20.

7.23

O quarto animal será um quarto reino na terra. Voltamos aqui à visão original, com uma declaração geral sobre o *quarto animal* (vs. 7), não havendo adição de nenhum detalhe novo. Os vss. 23-27 foram compostos em linguagem métrica e podem representar uma minúscula composição separada que foi incorporada à descrição. Ou então o profeta compôs esses versículos como uma composição métrica, inspirado de admiração pelo que lhe estava sendo revelado. A poesia é um veículo de expressão que registra os sentimentos mais excelentes dos homens. Distingue certas passagens em composição prosaica. Esse quarto animal na terra era *diferente* e maior, e conseguiu devorar a terra inteira, uma provável referência às conquistas mundiais de Alexandre. Ou então pode estar em foco o império de Roma, com suas conquistas militares igualmente vastas. O que não foi devorado, foi quebrado em pedaços, o que aponta para um *domínio absoluto*, sem nenhuma dissensão.

7.24

Os dez chifres correspondem a dez reis. Este *versículo é uma simples* repetição dos vss. 7 e 8, nada acrescentando em termos práticos. Ver as exposições sobre esses dois versículos, mais elaborados. A única coisa que foi adicionada é a palavra *diferente*, para falar sobre o imenso poder destruidor e da glória maior do quarto animal. A diferença consiste essencialmente no pequeno chifre, que é diferente dos outros dez chifres, e diferente dos chifres dos outros animais. Note o leitor que, no vs. 2, o quarto animal diferia dos animais que tinham surgido antes; e, no vs. 24, o pequeno chifre é diferente dos outros dez chifres.

7.25

Proferirá palavras contra o Altíssimo. Este versículo acrescenta alguns detalhes acerca de Antíoco Epifânio, e, profeticamente, fala sobre o anticristo. Vemos no vs. 11 que ele se jactará de grandes coisas. Agora vemos que ele não deixará de blasfemar contra o próprio Deus *Altíssimo*. Cf. Dan. 11.36 e Apo. 13.6. Quanto ao Deus *Altíssimo*, ver as notas em Dan. 3.26, bem como o *Dicionário*. *Esse homem "desgastará" os santos por meio de seus constantes ataques.* As perseguições movidas por Antíoco Epifânio também eram incansáveis. Ver as notas sobre o vs. 21. Outro tanto sucederá por ocasião das perseguições movidas pelo anticristo, nos últimos dias.

Cuidará em mudar os tempos e a lei. Esta é uma referência a como Antíoco tentou mudar os costumes e as leis dos judeus, tendo oferecido uma porca no altar dos sacrifícios e estabelecido sua imagem no templo de Jerusalém. Ver I Macabeus 1.41,42. *O trecho de I Macabeus 1.44-49 diz-nos como Antíoco* Epifânio proibiu a observância do sábado, suprimiu os sacrifícios diários e as oferendas e proibiu que fossem observadas as festividades judaicas. E então ele forçou os judeus a seguir seu próprio culto pagão.

Por um tempo, dois tempos e metade dum tempo. Quanto a "tempos", ver Dan. 2.21; 6.10,13. Um "tempo" corresponde a um ano; dois tempos, a dois anos; e metade de um tempo, a meio ano. O sentido original era que o tempo das perseguições de Antíoco se limitaria a três anos e meio. Encontramos aqui um "catálogo das enormidades de Antíoco, com a predição de que elas perdurariam por três anos e meio, ou seja, um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Cf. Dan. 8.14; 9.27 e 12.7,11,12. Depois haverá o fim, quando o esperado reino messiânico será estabelecido" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 25).

Esse período de tempo, naturalmente, tem-se transformado em uma referência escatológica, sendo interpretado pelos estudiosos dispensacionalistas como parte do período de sete anos de tribulação, que se espera ocorra imediatamente antes da Segunda Vinda de Cristo. Cf. Apo. 12.14, "*referindo-se aos três anos* e meio da Grande Tribulação, que ocupara *um tempo*, isto é, um ano, *dois tempos*, ou seja, dois anos, e *meio tempo*, a saber, meio ano. Isso equivale aos 1.260 dias de Apo. 12.6 e aos 42 meses de Apo. 11.2 e 13.5" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

Alguns eruditos fazem os dias significar metade do período de sete anos, e os meses significar a outra metade. Então a combinação de dias e meses faria referência à septuagésima semana da profecia de Dan. 9.27. Exatamente o quanto dessa manipulação corresponderá à verdade, ainda terá de ser verificado. Uma coisa é certa: a Grande Tribulação, que alguns estudiosos modernos tinham predito para a década de 1990, não ocorreu, para consternação de muitos intérpretes bíblicos. A Grande Tribulação teria sido adiada? Nossos cálculos sobre o tempo estariam equivocados? Ou simplesmente estávamos errados quanto à nossa visão sobre o que se deveria esperar? O homem espiritual está sempre disposto a admitir que errou, e que sua compreensão era pequena demais para desvendar coisas tão grandes. Além disso, fazer Daniel ajustar-se aos *fins dos tempos* com *detalhes tão precisos* pode ter sido, desde o começo, uma abordagem equivocada do livro.

7.26

Mas depois se assentará o tribunal. O grande pequeno chifre, tão orgulhoso de seu poder e tão seguro de sua continuação, será repentinamente varrido da cena, e outro tanto sucederá ao quarto animal. Isso exigirá uma *intervenção* por parte do tribunal celestial, que se pronunciará contra a quarta fera e a removerá da cena. É o *tribunal*, presidido pelo Antigo de Dias, que determina o curso da história, o soerguimento e a queda de impérios, e determina o fim de todos esses reinos, quando o Reino Eterno houver de substituir a todos eles. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*, que é a idéia de que o Criador não abandonou Sua criação, mas antes intervém, recompensando, punindo e determinando o destino dos indivíduos, das nações e do universo. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Soberania de Deus*. Cf. este versículo com a cena do tribunal no vs. 10.

Note o leitor que a destruição da fera, no vs. 11, é ignorada aqui. O leitor *cuidadoso tomará isso como fato consumado, sem que a questão precise ser* especificamente repetida.

7.27

O reino e o domínio, e a majestade dos reinos. Este versículo sumaria os vss. 13 e 14 e é essencialmente equivalente ao vs. 14. O Filho do Homem assume o reino, Ele é o vice-regente do Antigo de Dias. Aqui os santos aparecem e agem como os recebedores do Reino, juntamente com as divinas Autoridades e as hostes celestiais. O reino do Deus *Altíssimo* (ver Dan. 3.26 e o artigo com esse nome, no *Dicionário)* é dado por Ele aos santos, conforme vemos no vs. 22. O autor sacro tem em vista um futuro magnificente para Israel, possível mediante intervenção divina direta, pois a história natural jamais poderia produzir tais acontecimentos. Outras nações continuarão a existir, mas subordinadas a Israel, que se tornará então a cabeça das nações da terra. Subordinando-se a Israel, todos os povos serão unidos sob um *único Deus* e prestarão lealdade e adoração a Ele. *Seu conhecimento cobrirá então a face da terra como os mares cobrem os seus* leitos. Ver Isa. 11.9. Haverá grandiosa *restauração* e raiará a Época Áurea.

"Que o Novo Reino será *entregue* aos justos é algo que concorda com o pensamento escatológico geral. Ninguém poderá conquistá-lo. Antes, será um dom de Deus. *O reino deles:* o pronome é singular, e a referência pode ser à Figura Messiânica, quando o reino foi dado, conforme o vs. 14, e portanto "reino dele". É mais provável, entretanto, que se refira ao *governo* do povo dos santos que Dan. 2.44 citou como *eterno*. Todos os outros domínios O servirão e Lhe serão obedientes" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

O Triunfo Final. "O último reino, o reino dos santos, será universal, envolvendo todos os remidos. O triunfo final terá qualidade *remidora*. Afetará todos os

homens e restaurará a correta relação entre Deus e os homens. Essa é grande diferença entre a vitória dos santos e a vitória dos pecadores, que traz somente destruição e caos" (Gerald Kennedy, *in loc.*).

Epílogo (7.28)

7.28

Aqui terminou o assunto. Cf. este versículo com Jer. 51.64; Eclesiastes 12.13 e 5.9,10. Daniel não encontrou as respostas finais sobre o que estava acontecendo em suas profecias, mas conseguiu um avanço. Muita coisa continuava misteriosa. "É o espírito questionador da fé que vemos aqui. Uma *experiência religiosa* não resolve todos os nossos problemas, nem remove todas as nossas perguntas. Mas pode dar-nos indícios essenciais, e sabemos, com base nessas experiências, que nossa inquirição é significativa" (Gerald Kennedy, *in loc.*). "Daniel sofre, como em Dan. 7.15 e 10.8, mas se consola mantendo em seu coração as palavras do anjo, referidas no vs. 17 (cf. Luc. 2.19)" (Ellicott, *in loc.*). "Não estamos limitados ao que os próprios profetas entenderam, ao lidar com as profecias" (Fausset, *in loc.*). Foi o anjo quem disse: "Aqui é o fim do assunto", mas os homens bons estão sempre sujeitos a novas inspirações, no tempo apropriado. A teologia se parece com qualquer outra ciência: vive crescendo. A verdade nunca é final. A verdade é uma aventura, e o homem bom deve *continuar aventurando-se.*

Capítulo Oito

O livro de Daniel consiste essencialmente em *seis histórias* e *quatro visões.* Ver a declaração introdutória chamada "Ao Leitor", imediatamente antes da exposição em Dan. 1.1. Ali ofereço detalhes sobre o esquema do livro.

Chegamos agora à *segunda* das visões: a visão do carneiro e do bode. Ela foi datada dois anos após visão anterior (ver Dan. 7.1 e 8.1). Daniel estava em Susã, capital de inverno dos reis persas, que ficava mais de 320 km a leste da cidade de Babilônia, no *canal do Ulai.* Cerca de um século mais tarde, o rei persa Xerxes construiu ali um magnífico palácio. O livro de Ester se encaixa historicamente naquela época (ver Est. 1.2). Neemias foi copeiro-mor do rei Artaxerxes, naquele palácio (ver Nee. 1.1).

"O carneiro com dois chifres era o império medo-persa (vs. 20), sendo que o avanço dos persas foi irresistível. O bode (Dan. 5.7) vindo do Ocidente era Alexandre, o Grande (vs. 21), que derrubou o império persa. Após a morte de Alexandre, o império foi dividido entre quatro líderes *conspícuos:* Cassandro, Lisímaco, Seleuco e Ptolomeu (vs. 8). Foi da família dos selêucidas que surgiu Antíoco Epifânio, o qual, em 167 A. C., conquistou a Palestina (vss. 8-14). Ele violou o santuário e proibiu que os judeus adorassem ali (vss. 23-25)" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução ao presente capítulo).

O capítulo 8, assim sendo, elabora certos assuntos que figuram no capítulo anterior. A Babilônia não está mais em foco, e até os medos-persas foram mencionados para introduzir o monstro macedônio, Alexandre. Mas a ênfase real recai sobre o pequeno chifre, Antíoco Epifânio. "O propósito deste capítulo é, por um lado, tornar claras algumas questões que haviam sido tratadas de maneira um tanto críptica no capítulo 7; e, por outro, renovar a certeza de que o fim estava próximo. O cálice da iniqüidade de Antíoco estava quase cheio. Esse é o episódio final na grande tribulação que precederá o fim. Deus interviria e o homem do pecado seria destruído. Neste capítulo voltamos ao idioma hebreu, deixando de lado o aramaico" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Os eruditos dispensacionalistas aceitam Antíoco Epifânio como se fosse o anticristo, pelo que parte do capítulo foi colocada dentro de um ambiente escatológico.

Este capítulo naturalmente divide-se em três seções principais: vss. 1-2; vss. 3-25; e vss. 26-27. Há certo número de claras subdivisões. Em cada seção e subseção dou um título que projeta a essência do que se segue.

Segunda Visão: O Carneiro e o Bode (8.1-27)

Prólogo (8.1-2)

8.1

Este versículo data a visão exatamente um ano após a visão do capítulo 7. Cf. Dan. 7.1. Este capítulo desenvolve certas partes do capítulo 7, o que explica as datas vinculadas entre si. Toques concernentes a datas e lugares tendem a assegurar aos leitores a historicidade do relato. Cf. Dan. 10.4; Eze. 1.1; 8.1-3; 11.1 e Atos 10.9 ss. As palavras "depois daquela que eu tivera a princípio" aludem ao capítulo 7 e poderiam ser mais bem traduzidas por "previamente". A história da revelação prossegue. Ver as notas em Dan. 7.28. A verdade nunca fica estagnada. Trata-se de uma aventura contínua.

8.2

Quando a visão me veio. Esta foi a *segunda* visão, depois da primeira apresentada no capítulo 7. A segunda visão foi recebida em Susã, capital de inverno dos reis persas. Quanto a detalhes, ver o detalhado artigo sobre esse lugar no *Dicionário.* A cidade ficava na província do *Elão* (ver a respeito no *Dicionário*). O local específico onde a visão foi dada foram as margens do rio *Ulai* (ver esse artigo no *Dicionário*).

A Visão Geral (8.3-25)

8.3

Então levantei os olhos, e vi. A interpretação da visão aparece nos vss. 15-25, que seguem o mesmo plano que já havia aparecido no livro, onde as declarações das visão foram dadas, seguindo-se então a interpretação. Dou aqui as interpretações juntamente com as declarações, e adiciono algum detalhe nos versículos interpretativos.

8.4

Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o sul. Perto do rio Ulai estava o carneiro com dois chifres, o que fala da união entre os medos e os persas (vs. 20). Um desses chifres era mais alto (mais forte) que o outro. De fato, o poder persa que apareceu mais tarde derrotou e tomou conta dos medos, do que resultou uma espécie de reino com dois povos unidos. A fera de dois chifres, em *seus dias,* foi invencível. Ele arremetia e chifrava o mundo inteiro ao redor, nos seus dias. Todas as direções da bússola são dadas, exceto a direção do *oriente,* mas a história tem demonstrado que a Pérsia também fez conquistas nessa direção. De fato, eles chegaram à Índia. O fato, porém, não interessava ao autor sagrado. Esse carneiro foi uma fera terrível, mas nada em comparação ao bode ameaçador (vs. 5). Ver as notas expositivas adicionais no vs. 20.

8.5

Eis que um bode vinha do ocidente. Trata-se de um bode que percorria longas distâncias, vindo do *ocidente* (a Grécia, vs. 21). Rapidamente ele avançou sobre toda a terra (conhecida), conquistando e saqueando. Avançava tão rapidamente que seus pés não tocavam o chão. Em outras palavras, ele avançava *voando.* Tinha um chifre conspícuo entre os olhos (ou seja, Alexandre). Com velocidade surpreendente, ele conquistou o mundo conhecido de seu tempo. Sua marcha ocorreu essencialmente entre 334 e 323 A. C., quando ele morreu de uma febre (malária?) na Babilônia. "A escolha de um bode como símbolo do império greco-macedônio pode ter-se derivado do fato de que o signo do zodíaco, *Capricórnio,* esteve em uso como sinal dos selêucidas, na Síria. Judeus religiosos também observavam como, em Eze. 34.17 e Zac. 10.3, é traçado o contraste entre o bode rude e a ovelha débil. O unicórnio não deve ter parecido um animal estranho naquela época, visto que a arte da época antiga, no Oriente Próximo e Médio, contava com numerosas representações de animais com um único chifre, que saía do meio da testa" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

8.6

Dirigiu-se ao carneiro que tinha os dois chifres. A batalha entre o bode e o carneiro foi desigual. Coisa alguma podia comparar-se com Alexandre, e, além disso, o propósito de Deus o acompanhava, pois o mundo estava sendo preparado para o evangelho, mediante o idioma grego, que transportaria a mensagem de salvação. Alexandre espalhou a cultura e o idioma grego por todo o mundo conhecido, e o Novo Testamento se espalhou praticamente pelas mesmas regiões por onde Alexandre havia espalhado a cultura e o idioma grego. Isso posto, o bode recebeu a sua fúria por inspiração divina. Ele sabia o que faria e como faria. O mundo já tinha vista o bastante do poder persa. "A admirável rapidez dos movimentos de Alexandre seria inacreditável se eles não tivessem sido tão bem confirmados pela história. Da batalha de Brianico à batalha de Arbela passaram-se somente três anos. Durante esse breve período, o imenso império persa se desfez em pedaços" (Ellicott, *in loc.*). A primeira vitória de Alexandre sobre Dario ocorreu em 334 A. C.

8.7

Vi-o chegar perto do carneiro. O bode ultrapassou o carneiro quanto às manobras, pois era mais rápido, estava mais enraivecido, mais determinado, e moveu-se com decisão por estar sendo inspirado pela vontade do Ser divino, o qual controlava as mudanças de poder que estavam ocorrendo. Os dois chifres do carneiro foram quebrados, e seu reino unificado (Média-Pérsia) entrou completamente em colapso, sem tardança. Não houve aliados que pudessem reverter o

acontecimento no último minuto, pelo que a queda se tornou irreversível. Cf. isso com a descrição sobre o leopardo, animal de grande velocidade (Dan. 7.6). O leopardo tinha asas. O bode era tão rápido que voava.

8.8

O bode se engrandeceu sobremaneira. O bode foi ficando cada vez mais forte, e suas conquistas formaram o mais extenso de todos os impérios, até sua época da história. Seguiu para o oriente e para o ocidente, como a Itália, a Espanha e a Gália. Quanto à direção sul, tomou parte do Egito e outras partes das costas nortistas da África.

Mas então aconteceu algo surpreendente: o grande chifre que tinha efetuado todas essas conquistas foi quebrado (a morte de Alexandre, aos somente 33 anos de idade — ele morreu em 323 A. C.). Em lugar do chifre grande e único, apareceram *quatro* chifres notáveis, a saber, os generais entre os quais foi dividido o império de Alexandre. Eles se chamavam Cassandro, Lisímaco, Seleuco e Ptolomeu, dentre os quais os dois últimos se tornaram proeminentes nas páginas da história do Antigo Testamento (durante o período intertestamentário). Esses *quatro generais ocuparam os quatro pontos cardeais do mundo antigo, referidos* sob o símbolo dos *quatro ventos*. Ver Dan. 11.4; Jer. 49.36 e Eze. 42.20.

A divisão do terceiro império sob os quatro generais foi a seguinte: 1. Lisímaco (Trácia); 2. Cassandro (Macedônia); 3. Seleuco (Síria) e 4. Ptolomeu (Egito). Houve potências menores, com reis inferiores, mas esses quatro representavam o império essencial greco-macedônico deixado por Alexandre. Ver o detalhado artigo sobre *Alexandre, o Grande*, no *Dicionário*.

O Pequeno Chifre e Suas Abominações (8.9-12)

8.9

De um dos chifres saiu um chifre pequeno. A visão agora se afunila para a mensagem principal que queria transmitir. Dentre os *quatro chifres*, emergiu *um chifre*, chamado "pequeno chifre". Isso não significa que o império foi unificado sob um líder, dissolvendo o poder dos quatro chifres. Mas significa que, dentro do *império selêucida, surgiu uma grande abominação* que teria relação especial (mas negativa) com Israel. Cf. Dan. 7.8, onde encontramos o mesmo símbolo. Para obter poder, esse pequeno chifre precisou desarraigar *três* outros, que identifico na passagem paralela. Esse poder desceu ao Egito (o sul) para conquistá-lo. O capítulo 11 dá detalhes sobre essas campanhas sulistas. Cf. I Macabeus 1.18. Quanto a detalhes, ver sobre *Antíoco Epifânio* no *Dicionário*. A referência ao *oriente* provavelmente diz respeito às conquistas daquele homem selvagem no último ano de sua vida, conforme se vê nas descrições de I Macabeus 3.31,37; 6.1-4. Ele também deu atenção à *terra gloriosa*, a Palestina-Israel, onde causou grande confusão e perpetuou grandes abominações no tocante à fé judaica. Em Eze. 20.6,15, a Palestina é chamada de "coroa de todas as terras". Em Enoque 89.40 aparece como "a terra agradável e gloriosa". Cf. Jer. 3.19 e Mal. 3.12. Ver o vs. 13 quanto às perseguições efetuadas por Antíoco Epifânio.

8.10

Cresceu até atingir o exército dos céus. O poder de Antíoco Epifânio fez-se sentir em uma larga faixa do território próximo da Palestina e na própria Palestina. Ele estava transformando as coisas *na terra*. Todavia, não se contentou com isso. Também queria interferir nas "questões celestiais", a fim de controlar os assuntos religiosos. I Macabeus 1.41,42 dá-nos alguns detalhes dessa interferência. Ele interveio no culto de muita gente, e não apenas no culto judaico, no programa de "unificação religiosa" com o qual ele queria helenizar as religiões, e não apenas as culturas. Foi assim que ele "lançou por terra" as estrelas (poderes celestiais) e pisou sobre elas. II Macabeus 9.10 diz algo similar. Ele pensou que poderia tocar "nas estrelas do céu". Cf. Apo. 12.4. Ver Dan. 11.36-39 quanto a algumas de suas inovações religiosas. Ali lemos que ele "se engrandecerá" sobre cada deus. O futuro *anticristo* (tipificado por Antíoco Epifânio) seguirá essa norma política e até blasfemará dos poderes do alto. Cf. Isa. 14.13,14; Jó 29.6; e Heródoto (*Hist.* III.64). O simbolismo das *estrelas* nos faz lembrar da *adoração astral* que era tão comum no antigo Oriente Próximo e Médio. Cf. Gên. 2.1; Deu. 4.19; 17.3; II Reis 21.3.

Antíoco Epifânio interferiu na adoração às estrelas naquela parte do mundo, tendo perseguido todo o tipo de fé religiosa que não se ajustasse ao seu plano de helenização. O judaísmo, com seu Deus dos céus, era um alvo natural. Cf. Apo. 12.4.

8.11

Sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército. *Príncipe do Exército.* Esta expressão significa: 1. *Poderes angelicais* e, especificamente quem estivesse preocupado com o bem-estar de Israel, como Gabriel, por exemplo. 2. Ou o *Sar* (príncipe) pode ser uma *teofania* especial, interessada no bem-estar de Israel. Cf. Jos. 5.13-15, onde o visitante celestial é descrito como "príncipe dos exércitos de Yahweh". Cf. Dan. 10.13,20 e 12.1, onde a palavra empregada se refere aos *príncipes angelicais*. 3. *Ou a referência poderia ser ao próprio Yahweh, embora* esse fosse um uso singular da palavra hebraica *sar*, no Antigo Testamento. 4. Alguns eruditos fazem essa profecia ser essencialmente escatológica, vendo aqui o *Messias*, o príncipe futuro que restaurará a nação de Israel. Nesse caso, Antíoco Epifânio deve simbolizar o anticristo. 5. Ainda outros estudiosos vêem aqui o próprio *Antíoco*, exaltando a si mesmo a ponto de tornar-se o príncipe do exército. "... chamando a si mesmo de príncipe do exército" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). Mas a NIV diz: "Tão grande quanto o Príncipe do Exército". O vs. 25 e Dan. 11.36 *parecem favorecer a terceira dessas cinco interpretações, aquela que fala em Yahweh.*

Em sua oposição às estrelas e a todas as formas religiosas, que ele quis unificar para adaptar-se a seu ideal de helenização, ele interferiu nas oferendas queimadas diárias (ver Êxo. 29.38 ss.; Núm. 28.3 ss.) o *'olath hattamidh* do resto do Antigo Testamento, mas aqui chamado de *tamidh*. O templo de Jerusalém foi contaminado por suas abominações. Ele chegou a sacrificar uma porca sobre o altar. Quanto a uma descrição da conduta de Antíoco Epifânio a esse respeito, ver I Macabeus 1.39,45 e 3.45. Na época, o templo não foi destruído, mas sua adoração e culto sim, algo mais ou menos equivalente. Antíoco saqueou os tesouros do templo, outra abominação.

8.12

O exército lhe foi entregue. Essa fera levou homens a desviar-se de Deus, seja forçando-os a isso, seja por sua influência e exemplo ímpios. Eles fizeram cessar os sacrifícios diários, e "isso foi como lançar a verdade por terra. O chifre foi bem-sucedido em tudo quanto fez" (NCV). Este versículo dá a entender a *apostasia* na qual caíram muitos judeus, e não apenas uma *conformidade forçada*, que estivesse sendo imposta por Antíoco. "É fato conhecido que alguns judeus escorregaram sob as perseguições de Antíoco e se juntaram a seus ritos idólatras" (Ellicott, *in loc.*). A "verdade", a Palavra de Deus, dentro da legislação mosaica, foi lançada por terra e pisada por pés profanos. Ver I Macabeus 1.43-52,56,60. "... a verdade, todo o ritual e religião dos judeus" (Adam Clarke, *in loc.*). E embora fosse tão abominável, o homem prosperou por algum tempo, até que o juízo de Deus, finalmente, o cortou. Ele foi bem-sucedido no programa de universalização sob sua própria forma de idolatria, durante algum tempo. II Macabeus 6.6 diz-nos que ele alcançou tamanho êxito que nem se podia guardar o sábado, nem celebrar as festividades comuns dos judeus. De fato, um homem nem ao menos podia admitir ser judeu, distinguindo-se de outros homens. Foi assim obliterada a distinção que a lei de Moisés determinava entre um judeu e um pagão (ver Deu. 4.4-8).

A Predição Celestial (8.13-14)

8.13

Depois ouvi um santo que falava. A pergunta vexatória dos judeus, no tempo das perseguições de Antíoco Epifânio, era: *Por quanto tempo* perdurarão essa perseguições? Isso seria respondido pela revelação angelical. Assim sendo, temos no vs. 13 um anjo falando com outro sobre a questão, e a revelação é dada no vs. 14. Quanto ao "santo" como um anjo, ver Deu. 33.2; Sal. 89.5; Zac. 14.5. Aquele que respondeu (*palmoni*) proveu a resposta. As versões grega e siríaca compreendem essa palavra, *palmoni*, como um nome próprio. Em resultado, temos Palmoni como um nome divino nas *Constituições Apostólicas* VII.35. *Por quanto tempo?* tornou-se uma expressão escatológica padronizada. Cf. Dan. 12.6; II Esd. 6.59; Apo. 6.10. O termo já tinha sido usado em contextos não-apocalípticos, como em Sal. 6.3; 80.4; 90.13; Isa. 6.11 e Hab. 2.6.

8.14

Até duas mil e trezentas tardes e manhãs. Esta declaração tem sido variegadamente entendida: 1. Poderia significar muitos *dias*, mais de seis anos. Nesse caso, 2.300 tardes e manhãs (os tempos normais em que se ofereciam sacrifícios diários) significariam muitos ciclos completos de 24 horas, o que, em termos, fala do tempo que se passaria *antes* da purificação do santuário. 2. Ou estão em foco 2.300 sacrifícios, dois a cada dia, dando-nos o total de 1.150 dias. Isso equivaleria a alguns poucos meses menos do que os três anos e meio de Dan. 7.25 e 12.7. Talvez o ponto de partida seja diferente, mas o fim seria o mesmo. Nesse caso, os 2.300 sacrifícios ocupariam o mesmo tempo que os três anos e meio. Historicamente falando, estaria em vista o tempo da contaminação do templo por parte de Antíoco Epifânio, a 16 de dezembro de 167 A. C., até que o templo foi purificado e rededicado por Judas Macabeu, nos fins de 164 A. C., já entrando no ano de 163 A. C., quando todos os rituais judeus foram completamente restaurados e os judeus obtiveram um período de independência da dominação estrangeira. 3. Os dispensacionalistas transferem então esse período para os últimos dias, vendo o *anticristo* em ação conforme fez Antíoco Epifânio, e o

período de tempo em foco seria parte da Grande Tribulação. O Príncipe dos príncipes, ou Príncipe do Exército (vs. 11), nesse caso, faria parte de uma profecia messiânica. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Anticristo.*

A interpretação da Visão (8.15-20)

8.15

Havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei entendê-la. Ao longo do caminho, já dei as interpretações, pelo que aqui só adiciono alguns detalhes. O padrão do livro: a *declaração* da visão, e então sua *interpretação.* Cf. com Dan. 7.2-14 (a visão), e então Dan. 7.17-27 (a interpretação).

Novamente, Daniel caiu perplexo e com o espírito conturbado. Ele recebera a visão, mas não a compreendera. Havia um ser parecido com um homem, de pé perto dele, que era o revelador. A interpretação tinha de vir por intervenção divina. Daniel não poderia ser o próprio intérprete. Esse ser celeste parecia ser um homem, mas não era; e esse é um acontecimento apocalíptico comum. Temos as histórias de Jacó (Gên. 32.24-32), de Manoá e sua esposa (Juí. 6.11 ss.), além de outros em que o mesmo tipo de manifestação é mencionado. O anjo se chamava *Gabriel,* no vs. 16.

8.16

E ouvi uma voz de homem de entre as margens do Ulai. Então foi ouvida a voz de uma pessoa misteriosa, sem dúvida um anjo, que clamou a *Gabriel* e lhe ordenou que interpretasse para Daniel a visão. Isso ocorreu às margens do rio Ulai, no mesmo lugar onde a visão fora recebida (ver Dan. 8.2) e provavelmente pouco tempo depois disso. Portanto, aprendemos a importante verdade de que Deus tem por tarefa revelar e esclarecer. Somos instruídos no sentido de que, se a algum homem falta sabedoria, tudo quanto ele precisa fazer é pedi-la a Deus, que a receberá (ver Tia. 1.5). Muitos mistérios continuarão existindo, mas compreenderemos grandes verdades e obteremos direção para nossa vida. Ademais, haverá crescimento espiritual quando o Espírito do Senhor se aproximar de nós. Ver no *Dicionário* o artigo *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.* O toque místico é um desses meios. Que teria acontecido à missão de Daniel se ele não contasse com o toque místico? Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo.*

Gabriel. Dou um artigo detalhado com esse título, no *Dicionário,* pelo que não repito aqui o material.

8.17

Veio, pois, para perto donde eu estava. Quando *Gabriel* se aproxima de nós, caímos tremendo, de rosto em terra, e foi isso que aconteceu a Daniel. Ele é um grande Ser de Luz, um dos poderosos arcanjos. Ver o artigo do *Dicionário* chamado *Anjos.* Ver também sobre *Gabriel* e *Rafael,* onde dou uma lista dos sete arcanjos tradicionais. Eles são pintados como generais dos exércitos celestiais. A Gabriel são atribuídas tarefas especiais em favor de Israel. A compreensão que deveria ser comunicada a Daniel é que a visão estava ligada ao "tempo do fim". Cf. Hab. 2.3: "Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado". Alguns intérpretes, por essa razão, insistem em que a visão tem um sentido *escatológico,* e os eventos futuros culminarão na inauguração do Reino de Deus. Mas outros limitam a questão ao "fim das coisas", quando Antíoco Epifânio fosse descartado e iniciasse um novo dia para Judá. Se haveria um fim relativo a Antíoco Epifânio, também haveria um fim para a figura temível que ele representava, o *anticristo.*

Cf. este versículo com o vs. 19, logo abaixo; Dan. 11.35 e 12.4,9,13. As outras referências quase certamente olham para o fim dos tempos, dando uma dimensão escatológica ao livro de Daniel, pelo que é provável que este versículo deva ser visto como incluindo essa idéia. O atual sistema de coisas será destruído para dar lugar a uma nova ordem, pois o novo dia será trazido pelo alvorecer divino. Um reino eterno está aproximando-se de nós (ver Dan. 7.14,18,22,27), que raiará nos últimos dias. "É difícil resistir à sensação de que a expressão 'tempo do fim' significa o fim dos tempos e o começo da eternidade" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Cf. Baruque 29.8 e 59.4, onde esse sentido, como é óbvio, está presente. A escatologia judaica estava em desenvolvimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escatologia.*

8.18

Falava ele comigo quando caí sem sentido. O efeito da fala de Gabriel sobre o profeta foi tão poderoso que Daniel desmaiou e caiu no chão, entrando em um estado de sono profundo. O pobre homem teve um passamento. Cf. Dan. 10.9. Somente quando o arcanjo tocou em Daniel é que ele voltou a si. Ele tinha caído em um sono profundo, o *nirdam* da noite. Cf. Juí. 4.21; Jon. 1.5; Pro. 10.5. Em Sal. 76.6 está em pauta o sono da morte, quando essa palavra hebraica é usada. O arcanjo reanimou o profeta com seu toque e o pôs de volta sobre os pés, pelo que o ministério angelical estava realizando tudo quanto era necessário para que a interpretação da visão chegasse a bom êxito. Não era estético que Daniel continuasse a dormir ali, para ouvir a mensagem. Ele precisava estar de pé, uma posição mais digna.

8.19

Eis que te farei saber o que há de acontecer. Este versículo amplia o vs. 17. A visão dizia respeito ao fim, o tempo da *ira.* No hebraico temos a palavra *za'am,* "ira", "cólera". Cf. Dan. 11.36. Está em foco o fim da *opressão* de Antíoco. A ira de Deus se manifestaria contra aquele homem iracundo e desfaria tudo quanto ele fizera, levando Antíoco a seu fim. Excetuando Osé. 7.16, a palavra aqui usada é empregada para indicar a ira de Deus, pelo que o julgamento divino está em vista. A expressão finalmente tornou-se um termo técnico para indicar os julgamentos de Deus, mormente Seu julgamento final. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Ira de Deus,* quanto a detalhes. Cf. este versículo com Isa. 10.25. A taça da indignação de Deus contra Antíoco estava quase cheia e em breve começaria a derramar-se. Antíoco já havia prosperado (vs. 12) por tempo suficiente.

Esta visão se refere ao tempo determinado do fim. Ver a discussão sobre *o tempo do fim,* no vs. 17. Este versículo quase certamente faz o escopo desta profecia incluir o elemento escatológico, e não meramente os dias de Antíoco. A expressão (no hebraico, *mo'edh*) volta a aparecer em Dan. 11.27,29 e 35, o que reforça a interpretação escatológica.

8.20

Aquele carneiro que viste, com dois chifres. Este versículo interpreta os vss. 3 e 4, onde comento sobre a interpretação. Cf. Dan. 7.3. Os reis representam reinos, e não somente o reino pessoal de um rei. Dan. 7.17 chama os quatro impérios de quatro reis. A Média se levantou alguns séculos antes da Pérsia, a qual veio a tornar-se potência mundial em cerca de 559 A. C. As duas nações tornaram-se associadas, mas a Pérsia finalmente ultrapassou a Média. Portanto, o segundo chifre era maior (mais forte) do que o primeiro. A Pérsia tinha mais de dois milhões de homens e estendeu seu poder para o ocidente, para o norte e para o sul. Quanto a plenas informações, ver os artigos chamados *Média (Medos)* e *Pérsia.*

8.21

Mas o bode peludo é o rei da Grécia. O bode peludo é o rei da Grécia, ou seja, o reino que Alexandre estabeleceu e lançou a uma conquista mundial. Entre suas vítimas estavam os persas. Isso já foi visto e comentado nos vss. 5-13, pelo que não repito o material aqui. Cf. Dan. 10.20 e 11.2. A Septuaginta e a Vulgata Latina apresentam o mesmo texto do vs. 5, e isso pode significar que o texto massorético seja uma glosa. Ver no *Dicionário* o verbete *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Algumas vezes as versões são corretas contra o texto hebraico padronizado (o texto massorético). Devemos lembrar que as versões traduzidas do original hebraico usaram manuscritos mais antigos que o texto padronizado. Os Papiros do Mar Morto comprovam que as versões algumas vezes se mostram corretas, em lugar do texto hebraico padronizado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* o qual presta informações sobre como os textos são escolhidos quando surgem variantes. Como é óbvio, usualmente o texto hebraico massorético e as versões concordam entre si. Mas quando não concordam, talvez as versões estejam corretas em 5% do volume total. Isso significa que o texto hebraico padronizado perdeu o texto original nessa proporção.

8.22

O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele. Este versículo interpreta o vs. 8, onde ofereço as explanações. Temos aqui um comentário adicional: "mas não com força igual à que ele tinha". Como é claro, Alexandre era mais poderoso e maior conquistador que os seus sucessores. Seu império não manteve a unidade, mas foi dividido em quatro reinos vassalos, geralmente em competição mútua. Os ideais universalistas de Alexandre foram esquecidos, conforme a história avançou. Cf. Dan. 11.4.

8.23

Mas, no fim do seu reinado. Nos tempos finais do reino selêucida, Antíoco Epifânio se ergueria. Os vss. 23-25 interpretam a profecia do *pequeno chifre* que aparece nos vss. 9-13. Talvez os *prevaricadores* sejam aqueles reis que continuariam reinando, depois que o cálice da iniqüidade se enchesse, e só mais tarde seriam removidos. Mas alguns estudiosos vêem aqui os judeus helenizados, que caíram na apostasia e precisavam ser purificados pelo fogo das perseguições pagãs. Parte dessa purificação ocorreu por meio do castigo do *pequeno chifre.*

Esse rei era homem de rosto duro e atos irracionais e destruidores. Altamente inteligente e capaz de resolver qualquer tipo de quebra-cabeça, usaria seu brilhantismo para promover a miséria. "... um rei ousado e cruel surgirá. Esse rei dirá mentiras. Isso acontecerá quando muita gente tiver se voltado contra Deus" (NCV). Talvez, conforme dizem alguns eruditos, o futuro *anticristo* seja tipificado por esse homem vil e poderoso, Antíoco Epifânio. "Antíoco tornou-se o senhor do Egito e de Jerusalém, sucessivamente, mediante sua *astúcia* (I Macabeus 1.30; II Macabeus 5.24)" (Fausset, *in loc.*). "Antíoco era adepto da conversa dúbia (I Macabeus 1.30), e assim, sendo um especialista na linguagem ambígua (cf. Dan. 11.27,32), é bem descrito como um mestre da intriga... era um adepto dos truques, vs. 25" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Antíoco Epifânio reinou por pouco mais de doze anos, pelo que teve tempo de espalhar muita confusão.

8.24

Grande é o seu poder. A essência dos vss. 9-13 continua em vista, falando dos atos do abominável pequeno chifre. Ele tinha grande poder, que usava para destruir, pois se tornara um especialista na destruição. Ele obtinha sucesso em tudo em que punha as mãos: "Ele agia e prosperava" (Revised Standard Version), diz o vs. 12. Ele conseguiu aniquilar exércitos poderosos e perseguiu e destruiu o povo judeu. "*Temíveis destruições* foram causadas por seus exércitos, não somente durante o massacre em Jerusalém (ver I Macabeus 1.24,31; II Macabeus 5.11-14), mas também no decurso das campanhas por toda a terra. Os feitos de Antíoco são chamados de "maravilhas" (ver Dan. 12.6)... *destruirá homens poderosos* e o povo dos *santos*, seus adversários políticos e os judeus. Outros pensam que os primeiros apontam para as classes superiores... que os santos... são os judeus, e que o fato de ele tê-los *destruído* é paralelo ao fato de que os *magoará* (Dan. 7.25,27)" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Essas coisas "serão plenamente cumpridas pelo anticristo, o qual operará *pelo poder de Satanás*. Ele terá licença irrestrita para isso. Ver Apo. 17.13 e II Tes. 2.9-12" (Fausset, *in loc.*).

Mas não por sua própria força. Assim diz o texto em alguns manuscritos hebraicos, que parece ter invadido o texto com base no vs. 22. Muitos manuscritos antigos da tradição hebraica, bem como os melhores manuscritos da Septuaginta, omitem essas palavras. Se elas forem genuínas, devemos supor que Antíoco operava através do poder de Satanás, ou então Yahweh, para punir os povos que esse rei destruiu, foi o poder por trás de suas campanhas, tal como foi dito sobre as destruições provocadas por Nabucodonosor.

8.25

Por sua astúcia nos seus empreendimentos. O pequeno chifre operaria através da *astúcia*, uma espécie de inteligência maligna, diabólica. Ele não foi um ser humano ordinário. Praticava o *ludíbrio* para obter o que queria, não tendo código moral exceto o que o levava a servir a si mesmo e a seus desígnios maliciosos. Em Miq. 6.11, essa palavra, aqui traduzida por "astúcia", é usada para indicar pesos falsos. Cf. também Gên. 27.35 que fala da "astúcia" de Jacó. Encontramos uma afirmação similar em Dan. 11.23. Na forma moderna de falar, usamos a expressão "negócios dissimulados". "Em seu coração ele pensará grandiosamente", tradução literal para "se engrandecerá". "Ele se considerará muito importante" (NCV). Ferirá e matará subitamente, sem nenhuma advertência ou razão. Ele será imprevisível e traiçoeiro. Apoônio, seu principal coletor de impostos, foi a Jerusalém e falou pacificamente, aquietando as apreensões. Mas quando os judeus estavam relaxados e nele confiavam, de súbito ele ordenou grande matança (I Macabeus 1.29,30; II Macabeus 5.23-26).

Antíoco Epifânio chegou mesmo a levantar-se contra o *Príncipe dos príncipes*, título paralelo a "príncipe dos exércitos" usado no vs. 11, onde dou comentários. Ele chegaria a atacar Yahweh (a interpretação mais provável), através de suas perseguições religiosas aos judeus, povo de Deus. Ou, escatologicamente falando, ele guerrearia contra o Messias e Seu povo. Esse será o ponto culminante de seus atos audaciosos. Devemos compreender aqui que Antíoco Epifânio se *endeusaria e atacaria tudo quanto é sagrado*.

Será quebrado sem esforço de mãos humanas. Ou seja, Antíoco Epifânio (e seu antítipo, o *anticristo*) seria morto por algum tipo de intervenção divina, como um acidente, uma enfermidade etc., usada por Deus para pôr fim àquele homem abominável. Cf. Dan. 2.34. Existem várias tradições sobre como Antíoco Epifânio teria morrido. Uma delas diz que ele foi atacado por vermes e úlceras, *quando estava a caminho da Judéia para tomar vingança* contra os judeus que, sob as ordens dos Macabeus, tinham derrotado seu exército (ver II Macabeus 9.5; Josefo, *Antiq.* XII.9.). Mas Políbio (*Hist.* XXXI.9) diz que ele morreu de súbito, de insanidade, em Tabae, na Pérsia, em 164 A. C., poucos meses depois de os macabeus terem rededicado e purificado o templo de Jerusalém. I Macabeus 6.8 ss. conta uma história similar. Algum ato divino aterrorizante, alguma intervenção sobrenatural, também porá fim à vida do anticristo (ver II Tes. 2.8).

Epílogo (8.26-27)

8.26

A visão da tarde e da manhã. Aqui é afirmada a verdade da designação temporal dos 2.300 dias (vs. 14). O santuário será limpo e purificado, e o tempo da perseguição terminará, para que Deus possa continuar com Seus planos relativos ao povo de Israel, sem assédio por parte de estrangeiros. Mas isso não acontecerá imediatamente. Por isso a visão foi "selada", ou seja, *não foi concluída*. Este versículo não indica que a profecia deveria permanecer em segredo, mas que ela não teria cumprimento por algum tempo. Em alguma "era distante", porém, ocorreria seu cumprimento. Ver Eze. 12.27. Cf. o "tempo do fim", nos vss. 17 e 18, e em Dan. 10.14 e 12.9. Quanto à idéia de que algumas revelações se destinam às gerações futuras e estão sendo guardadas para os tempos apropriados, ver Enoque 1.2; II Enoque 33.911; 35.3 e II Esd. 14.16.

8.27

Eu, Daniel, enfraqueci. A combinação da natureza avassaladora de suas experiências místicas com as coisas terríveis que Daniel viu acontecer ao povo de Deus, fizeram o profeta adoecer por alguns dias. Depois ele se levantou e se ocupou das questões do rei, mas estava *perplexo* diante do que havia visto; e, a despeito da ajuda do anjo intérprete, Gabriel (vss. 16 e 17), ainda restavam muitos mistérios que a mente de Daniel não conseguia resolver. "Doente, por causa da tristeza diante das calamidades que atingiriam seu povo... Sal. 102.14, 'Teus servos têm prazer em suas pedras e favorecem a sua poeira'" (Fausset, *in loc.*). Ou seja, tudo quanto havia na cidade dava prazer a seus "filhos", pelo que também tudo quanto lhe acontecia de ruim provocava grande dor.

Capítulo Nove

O livro de Daniel compõe-se essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões*. As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes sobre esse arranjo, ver os *parágrafos quinto e sexto da porção chamada* "Ao Leitor", apresentada antes do começo da exposição sobre Dan. 1.1. Chegamos agora à *terceira* visão. Os sonhos-visões são datados, e esta terceira visão é declarada como tendo ocorrido no primeiro ano do reinado de Dario, o medo. Quanto a idéias adicionais, ver a introdução ao capítulo 7.

Profecia das Setenta Semanas (9.1-27)

O propósito imediato deste capítulo é elaborar a predição dada nos capítulos 7 e 8 sobre o fim que já se aproximava rapidamente. Esta visão não emprega as figuras dramáticas nem o simbolismo estranho das outras visões, como a imagem feita por vários metais, os animais em conflito etc., que figuram nos capítulos 2, 7 e 8. Temos aqui declarações simples e literais, sem simbolismos, embora os *dias* das semanas signifiquem *anos*. Dito isso, supostamente somos capazes de calcular quanto se passaria até o *tempo do fim* (Dan. 9.17). Como acompanhamento, apresento uma ilustração sobre as setenta semanas, do ponto de vista dos dispensacionalistas. Naturalmente, existem outras interpretações que observo ao longo do caminho.

Este capítulo divide-se naturalmente em três seções: vss. 1-3, Prólogo; vss. 4-19, oração introdutória escrita em um hebraico melhor do que o resto do livro, e comparável a orações como as encontradas em Baruque 1-9 e Baruque 1-3; vss. 20-27, a visão propriamente dita.

Prólogo (9.1-19)

Isso inclui a oração introdutória (vss. 4-19). Os vss. 1-3 nos dão o meio ambiente da visão.

A *profecia das setenta semanas é uma espécie de exposição de uma profecia* de Jeremias (25.11,12; 29.10).

9.1

No primeiro ano de Dario, filho de Assuero. Encontramos aqui, uma vez mais, a pessoa de *Dario, o medo*. Quanto a uma discussão sobre sua identidade, ver as notas em Dan. 5.31 e 6.1, *cujo material não repito aqui. Seu primeiro ano de governo* foi 538 A. C. Daniel era um homem idoso, tendo estado no exílio por 66 anos.

Assuero. Alguns estudiosos supõem que Assuero fosse parente fictício de um Dario fictício. "Assuero: nos livros de Ester e Esdras. Esse é um nome persa, e não medo. Não aparece nas páginas da história nenhum Xerxes que tivesse um filho chamado Dario, mas sabe-se que Dario I (521-485 A. C.) foi o pai de Xerxes I (485-365 A. C.)" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Historicamente, a identidade do homem

permanece incerta. O que se diz sobre o assunto, apresento no artigo do *Dicionário,* chamado *Assuero,* ponto terceiro. Provavelmente o nome deve ser conectado a Xerxes.

9.2

No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel. Daniel vinculou sua profecia à profecia de Jer. 25.11,12 e 29.10. Ao ler certos livros (não necessariamente limitados aos de nosso Antigo Testamento canônico), Daniel veio a compreender um itinerário de tempo para as profecias relativas ao futuro. Devemos entender que existia uma coletânea apocalíptica de livros que, provavelmente, tinha muito mais material do que aquele que sobreviveu nos livros canônicos sobre assuntos proféticos. Confiando na exatidão essencial desses livros, o profeta Daniel foi capaz de construir uma espécie de cronograma profético e terminou chegando ao prazo de 70 anos. Haveria 70 anos de desolação, até a restauração. Mas existe certa confusão acerca de quando deveria começar esse cômputo: 1. A partir de 606 A. C., ano da profecia de Jeremias; 2. a partir de 598 A. C., ano do cativeiro de Jeoaquim; 3. a partir de 588 A. C., ano da destruição do templo. Os vss. 20 ss. tomam os 70 anos e falam da profecia das 70 semanas. Isso também tem ocasionado muita discussão e desacordo. Estou supondo que Daniel também usou os livros à sua disposição para entender melhor a questão.

O cativeiro deveria terminar dentro de *setenta anos* (Jer. 25.11,12), mas quanto ao *tempo do fim* haveria grande expansão de tempo, representada pelas 70 semanas, em que cada semana representava um ano. O vs. 24 é uma interpretação mística dos "setenta" referidos neste vs. 2. Portanto, temos um significado histórico e um significado místico. Ver as notas sobre o vs. 20 a respeito desse tema.

9.3

Voltei o meu rosto ao Senhor Deus. Somente no vs. 24 encontramos as 70 semanas de anos. Tudo, até aquele ponto, é mera preparação. O profeta envidara extremos exercícios espirituais para obter entendimento. Ele voltou o rosto "na direção do Senhor", buscando-O intensamente, confessando seus pecados, agitando seu espírito, para tornar-se receptivo à revelação profética. Passou por um período de jejum e lamentação, com os ritos costumeiros de usar roupas de cilício e jogar cinzas sobre a cabeça.

1. *Voltei o meu rosto* ao Senhor provavelmente significa mais do que voltar-se na direção de Jerusalém. Cf. Dan. 10.15; 11.17 e II Crô. 20.3.
2. *Com oração e súplica* foi o primeiro exercício espiritual. O profeta estava procurando *iluminação* (ver a respeito no *Dicionário*).
3. *Com jejum.* Um exercício espiritual antigo (e moderno) que significa tanto esclarecer a mente como fazer um homem entrar em contato especial com o Ser divino. Ver sobre essa palavra no *Dicionário.*
4. *Com pano de saco e cinzas.* Esses são sinais de arrependimento. Cf. Est. 4.1-3; Isa. 58.5; Jon. 3.5,6; Mat. 11.21. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Saco de Pano; Cinzas* e *Lamentação.*

Oração Preparatória (9.4-19)

Esta seção é uma espécie de continuação do prólogo e introdução da visão propriamente dita, que começa no vs. 20. Trata-se de um mosaico de frases aparentemente extraídas das liturgias da época, e foi vazado em um hebraico melhor do que o encontrado no restante do livro. Cf. com outras orações similares: Neemias 1 e 9; Baruque 1 e 3. Alguns estudiosos supõem que a oração era conhecida pelo profeta e ele simplesmente a incorporou em seu livro como reflexo de seus sentimentos e de sua inquirição espiritual. Essa é uma oração na qual Daniel confessou pecados, corrigindo-se diante de Deus e buscando o Seu favor, incluindo a questão das revelações.

9.4

Orei ao Senhor meu Deus, confessei, e disse. A oração de Daniel foi endereçada a Yahweh-Elohim, o Deus Eterno e Todo-poderoso. Até o melhor dos homens tem muita coisa para confessar, pelo que Daniel limpou o caminho para a bênção de Deus, ao livrar-se de seus pecados. Antes de mais nada, esta é uma oração penitencial. Cf. o vs. 20 e Nee. 1.6. A confissão era um *dever religioso* (ver Lev. 5.5; 16.21; 26.40; Esd. 10.1 e Nee. 9.2). Daniel, pois, confessou os próprios pecados e os pecados do povo. Yahweh, que é o grande e terrível *Poder* (Elohim), tinha feito um pacto com o povo de Daniel. Ver sobre o pacto abraâmico em Gên. 15.18 e, no *Dicionário,* ver o verbete chamado *Pactos.* Os que "guardam os mandamentos" são favorecidos ao longo da vida, pois as condições da aliança com Deus são cumpridas pelo Senhor que estabeleceu o pacto. Israel era um povo distinto, em face de seu pacto com Deus, visto que possuía e guardava a lei de Moisés. Ver Deu. 4.4-8. O Deus terrível, o Deus espantoso, lança o medo sobre os homens (ver Deu. 10.17; Juí. 13.6; Sal. 47.2; Joel 2.11). E assim eles são dotados da mente apropriada para receber e obedecer à revelação.

"Por causa de sua falta de compreensão, Daniel voltou-se para a *fonte* de toda a sabedoria. No entanto, não se aproximou de Deus sem envidar algum esforço. Chegou diante do trono de Deus em pano de saco, cinzas e confissão" (Gerald Kennedy, *in loc.*). Cf. Tia. 1.5. A bênção resulta da obediência e do buscar com intensidade.

Quanto ao *Pacto Mosaico,* ver a introdução a Êxo. 19. Esse pode ser o ponto principal em vista neste versículo.

9.5

Temos pecado e cometido iniqüidades. Tanto Daniel como o seu povo haviam *pecado* com atos de rebelião contra os mandamentos de Deus. Ninguém observa completamente a lei mosaica e, se esse for o padrão do juízo, então todos os homens terão muito para confessar. Sempre haverá necessidade de reforma, pelo que os pecados devem ser abandonados, e não somente confessados. Cf. I Reis 8.47 e Deu. 17.20, passagens com declarações semelhantes. Os mandamentos são aqueles *dez* e seus corolários. As *ordenanças* são as decisões legais e incluem as questões cerimoniais. Para os judeus, porém, a lei como um todo envolvia questões morais. Eles não dividiam a lei em moral e cerimonial, conforme a interpretação cristã. Alguns estudiosos fazem os mandamentos referir-se à lei moral, ao passo que as ordenanças referem às leis civis. Daniel, pois, confessava que ele e seu povo não eram bons observadores da lei. Muitos judeus do cativeiro, naturalmente, permaneciam atolados na idolatria-adultério-apostasia que tinha provocado sua deportação, antes de mais nada.

9.6

E não demos ouvidos aos teus servos, os profetas. Yahweh tinha Seus instrumentos, e entre eles estavam os profetas. Mas esses instrumentos foram essencialmente ignorados. Não faltavam o ensino e a interpretação da lei. O que faltava eram corações acolhedores e a determinação de fazer o que é correto. Quanto ao povo não ouvir os profetas, cf. Nee. 9.32,34; Jer. 26.5; 29.19; 35.15; 44.21; Baruque 1.16. *Todas as classes* do povo estavam envolvidas na negligência e na desobediência. A lista em ordem descendente dessas classes encontra-se em Jer. 1.18 e 44.21: a casa real; os príncipes e suas casas; as famílias; o povo em geral. Aqui os profetas não foram incluídos na condenação, conforme geralmente acontece no livro de Jeremias, pois Daniel estava levando em conta somente bons profetas. Contrastar com Jer. 5.31 e 13.13.

9.7

A ti, ó Senhor, pertence a justiça. Yahweh é tanto a retidão como o modelo de retidão, além de ser o comunicador da retidão. Em contraste, Seu povo permanecia na confusão moral, por causa da desobediência. "Corar de vergonha" é uma expressão idiomática que significa estar envergonhado e em desgraça (cf. Jer. 7.19; Sal. 44.15; II Crô. 32.21 e Esd. 9.7). Todos os habitantes de Judá e Jerusalém compartilhavam dessa vergonha, e por essa razão tinham sido espalhados entre as nações (muitos deles foram para o cativeiro babilônico, em várias deportações; ver Jer. 52.28). O povo de Judá não era leal (NCV), pelo que merecia o que obtivera. A Revised Standard Version diz "traição" como a principal característica deles. Diz o original hebraico, literalmente: "por causa da infidelidade, eles agiram infielmente contigo". A idéia de traição é mais proeminente na palavra hebraica traduzida por "transgressões". Cf. Lev. 26.40; Eze. 17.20; 18.24; I Crô. 10.14.

"*Corar de Vergonha.* Outras versões dizem aqui "confusão de rosto". Isso nos faz lembrar da confusão das línguas, na história do livro de Gênesis. Os homens ficam confusos quando desafiam e ignoram a Deus. Daniel não tinha dúvida de que o estado confuso do mundo e de seu povo se devia a causas espirituais. A ordem só pode ser restabelecida por Deus" (Gerald Kennedy, *in loc.*).

9.8

Ó Senhor, a nós pertence o corar de vergonha. A idéia de corar de vergonha é repetida com base no vs. 7. Todas as classes da sociedade compartilhavam esse comportamento. A lista de classes é levemente condensada (ver o vs. 6 quanto a essa lista). Não havia exceções, pelo que todos precisavam confessar e arrepender-se para que o favor de Deus fosse recebido. Daniel "observou o baixo estado espiritual da família real, dos príncipes, dos anciãos e de todo o povo que estava na Babilônia. Eles estavam sujeitos à vergonha perante os povos do mundo" (John Gill, *in loc.*).

9.9

Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia. *Yahweh-Elohim* (o Deus Eterno e Todo-poderoso) está pronto para perdoar os pecados e mostrar misericórdia, quando Seu povo se aproxima Dele com sinceridade, pedindo-Lhe preci-

samente isso, em atitude de arrependimento. Faz parte da *natureza* divina perdoar e demonstrar misericórdia. Até os rebeldes são aceitos por Deus quando resolvem mudar moralmente. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Perdão* e *Misericórdia*. "Da bondade de Deus fluem as misericórdias divinas. De Suas misericórdias flui o perdão" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.10

E não obedecemos à voz do Senhor. A desobediência do povo estava comprovada pelo fato de que eles não *andavam* segundo as demandas da lei. Os mandamentos de Deus eram claros, pois os profetas, agentes de Deus, assim os tornaram. Mas não havia um *andar* correspondente. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar*, quanto a essa metáfora espiritual. O *andar* é uma *prática* conhecida em todos os meios de vida e do viver. Cf. Jer. 26.4; 44.10,23; Nee. 9.13. A lei foi *apresentada* e esclarecida ao povo, tornando-se acessível a todos. Ver Deu. 4.8; 11.32; Jer. 9.13; 26.4 e 44.10.

9.11

Sim, todo Israel transgrediu a tua lei. A desobediência *em geral* é novamente enfatizada. Havia a *transgressão* generalizada de mandamentos conhecidos. Os judeus tinham-se afastado de modo geral da lei mosaica, voltando-se para a idolatria e os cultos pagãos. A voz de Yahweh não era ouvida, mas vozes estranhas eram ouvidas. Por essa razão, caiu sobre o povo a maldição divina, no lugar das bênçãos divinas. As maldições da lei de Moisés tornaram-se um elemento destruidor entre o povo. Provavelmente estão em vista as *imprecações* detalhadas em Lev. 26.14-22 e Deu. 28.15-45. Essas maldições foram *derramadas* sobre o povo como poderosa torrente. Cf. Jer. 42.18; 44.6; II Crô. 12.7; 34.21; Apo. 16.1. Quanto a maldições escritas, ver Deu. 29.20 e Baruque 1.20. Tudo isso aconteceu porque os judeus se recusaram a ouvir (e, portanto, a obedecer) à voz de Yahweh. Ver Jer. 18.10 e 42.13. As maldições de Deus chegaram como se fossem um rio (ver Êxo. 9.33), pois dissolviam a prata como se fosse um fogo intenso (ver Eze. 22.20,22).

9.12

Ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós. A *maldição de Deus* contra a apostasia feriu Judá e Jerusalém por meio dos ataques e do cativeiro babilônicos. Isso levou o país à quase total extinção. Para detalhes, *ver no Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*. Judá já tinha experimentado muitos tempos ruins, mas nada comparável à intensidade e capacidade de destruição dos ataques babilônicos. Algum tempo disso houve as atrocidades de Antíoco Epifânio, que alguns intérpretes vêem aqui sugeridas. Talvez a declaração seja ampla o bastante para incluir ambas as idéias. Embora coisas ainda piores tenham ocorrido a outros povos, para Judá-Jerusalém nada superou os ataques babilônicos. Cf. Jer. 35.17 e 36.31.

9.13

Como está escrito... todo este mal nos sobreveio. Este versículo identifica a calamidade em mira como o cativeiro babilônico. A lei de Moisés havia antecipado tão ferozes juízos se os filhos de Israel fossem desobedientes. Houve petições em favor de Israel; mas elas não foram eficazes, por não estarem acompanhadas pelo arrependimento e pela confissão de pecados. "Como está escrito" refere-se a passagens como Deu. 28.15 e 30.1. E "não temos implorado o favor do Senhor nosso Deus", no hebraico literal, é: "adocicar a face", ou seja, aplacar para remover a reprimenda divina, que estava causando a destruição. Cf. Jó 11.18; Pro. 19.6; Sal. 45.1. Nesses versículos está em vista a lisonja que busca obter favores. Os homens "lisonjeiam" a Deus através da obediência. Ver a busca do favor divino em Êxo. 32.11; II Reis 13.4; Sal. 119.58 e Baruque 2.8. Algumas versões falam aqui na "face de Deus", e isso significa a "pessoa de Deus". As inscrições acádicas usam a palavra *panu* (face) dessa maneira. Cf. Sal. 34.16; Êxo. 33.14; Isa. 63.9. "O anjo da face" significa *o anjo da Presença*. O castigo ensina a penitência (ver Isa. 9.13; Jer. 5.3; Osé. 7.10).

9.14

Por isso, o Senhor cuidou em trazer sobre nós o mal. A *Lei da Colheita Segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) foi aplicada por Yahweh por causa de Seu governo moral do mundo. A apóstata nação de Judá tinha de sentir o chicote divino. A paciência divina se esgota, mas não o amor divino, porquanto o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. Deus age em justiça e santidade, e não arbitrariamente. A lei de Moisés foi o padrão mediante o qual a retribuição era aplicada quando as infrações se tornavam descontroladas. Yahweh mantinha Seus golpes sempre prontos. Ele se mantinha vigilante e sabia quando esses golpes deveriam ser aplicados. Cf. Jer. 1.12; 31.28; 44.27 e Baruque 2.9. Ele agia em retidão. Ver Jer. 12.1; Esd. 9.15; Lam. 1.18. "Como conseqüência de nossas múltiplas rebeliões, Ele ficou aguardando uma oportunidade para trazer contra nós as calamidades" (Adam Clarke, *in loc.*). "O Senhor estava preparado para trazer o desastre contra nós" (NCV).

9.15

Na verdade, ó Senhor, nosso Deus. O profeta relembrava agora a famosa libertação da servidão egípcia, quando o nome de Yahweh foi exaltado, e pedia: "Faze isso novamente por nós!". O Senhor tinha aplicado Sua *mão poderosa* para realizar a tarefa e podia tornar a fazer o mesmo. Ver sobre *mão* em Sal. 81.14; e sobre *mão direita* em Sal. 20.6. Ver sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Assim como Yahweh foi exaltado pela anterior e famosa libertação, o mesmo poderia acontecer em uma data posterior. Quanto ao *nome*, ver Sal. 31.3. E ver sobre *nome santo*, em Sal. 30.4 e 33.21. O Nome representa a Pessoa e Seus atributos. Quanto ao fomento da reputação (nome) de Deus, ver Isa. 63.12,14; II Sam. 7.23; Jer. 32.20; Nee. 9.10 e Baruque 2.11. No tempo dos Macabeus, a memória da libertação dos israelitas do Egito tornou-se um grito de convocação contra os selêucidas.

9.16

Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças. É um ato de justiça quando Deus julga os pagãos e assim defende e livra Seu povo. Daniel esperava ver tal ato em seus dias, o que livraria Jerusalém da opressão. Cf. Juí. 5.11; I Sam. 12.7; Miq. 6.5; Sal. 103.6. A fúria de Deus manifestou-se no ataque e cativeiro babilônico, e nas atrocidades de Antíoco Epifânio. Poderia haver livramento de ambas as coisas. Jerusalém era o *monte santo* onde fora construído o templo, ou seja, onde se processava o culto a Yahweh. Ver o vs. 20 e Sal. 2.6; 15.1 e 43.3. Isso será renovado nos últimos dias (ver Isa. 2.2 ss.; 27.13; 66.20; Oba. 21; Miq. 4.7 e Apo. 14.1).

... se tornaram Jerusalém e o teu povo opróbrio. Ver Jer. 24.9; 44.12; Eze. 5.14. "O escritor, de sua posição na Palestina, estava pensando sobre como o tratamento dos judeus, às mãos de Antíoco, tinha atraído zombarias e assobios da parte dos povos vizinhos de Edom e de Amom (I Macabeus 5.1-8). Essa questão é novamente aludida em Dan. 11.41" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

9.17

Agora, pois, ó Deus nosso. A oração foi feita em favor do profeta, mas também em favor do Senhor, a quem foi dirigida, visto que ambos tinham interesse especial pela restauração, purificação e rededicação do templo. Portanto, Daniel invocou Yahweh para que Ele fizesse Seu *rosto brilhar* sobre essa idéia e cumpri-la o mais rapidamente possível. O *rosto brilhante*, que significa a aprovação e a ação divina em favor de alguém, retrocede a Núm. 6.25. Cf. também Sal. 67.1; 80.3 e 119.135. É similar ao que já vimos no vs. 13, "o adoçar da face". O santuário de Jerusalém tinha ficado desolado (ver Lam. 5.18; I Macabeus 4.38). Está em vista a *abominação da desolação* (a abominação que desola, Antíoco Epifânio). Ver o vs. 27; Dan. 8.13; 11.31 e 12.11. O Nome de Deus seria louvado e exaltado por atender a essa petição, tal como se vê no vs. 15, que fala de outra grande libertação do passado. "Nunca a oração sobe tão alto como quando uma alma apela humildemente a Deus como o Senhor Soberano de todos, e pacientemente espera que Ele aja conforme bem entender. Cf. Sal. 44.9-26" (Ellicott, *in loc.*). Ver Mal. 4.2. Ver o vs. 18 quanto a uma extensão dos possíveis significados da petição.

9.18,19

Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos, e ouve. Pela *segunda vez*, o profeta invocou Elohim para ouvir sua súplica. Ver as notas expositivas sobre o vs. 17 e ver sobre o ato de *ouvir*, em Sal. 64.1. O autor usou aqui *antropomorfismos* devido à fraqueza da linguagem humana para expressar conceitos divinos. Atributos humanos são assim conferidos ao Ser divino. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. E Daniel também usou *Antropopatismos* (ver também no *Dicionário*), atribuindo emoções humanas a Deus. Mas Deus, na realidade, é o *Mysterium Tremendum* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Foi feito o apelo à grande *misericórdia* de Deus, e não com base no merecimento de Judá de algum tratamento especial da parte do Ser divino. Este capítulo mistura o fim do cativeiro babilônico com o fim das perseguições movidas por Antíoco Epifânio, e talvez, igualmente, com a derrota escatológica do anticristo, que atuará como o homem que foi seu tipo. Sem importar qual seja a emergência específica envolvida, a oração do profeta era uma só: ele requeria a intervenção divina em favor da cidade desolada e perseguida.

Senhor, ouve-nos e faze alguma coisa!
Por amor a Ti, não te demores!
Tua cidade e Teu povo
São chamados pelo Teu nome.

(NCV)

Visão das Setenta Semanas (9.20-27)

Os *setenta* do vs. 2 sugeriram os *setenta* do vs. 24. O primeiro "setenta" corresponde à duração do cativeiro babilônico. O segundo também é calculado como anos, mas nesse caso, cada dia dos 70 x 7 representa um ano: 490 anos. Desnecessário é dizer que onde esses números começam e onde terminam, bem como o significado desse período, têm causado intermináveis controvérsias. Dou no *Dicionário* um artigo chamado *Setenta Semanas,* que esclarece a questão, embora seja mister, essencialmente, a interpretação dispensacional. Mas ofereço ali informações sobre outras opiniões. Aqui reproduzo a informação essencial sobre aquele artigo, juntamente com seu gráfico ilustrativo. A isso adiciono idéias e detalhes.

A idéia geral é que os setenta anos mencionados por Jeremias "são as *setenta semanas de anos,* ou seja, 490 anos (isto é, 70 x 7), depois dos quais viria o reino messiânico, cumprindo assim o que fora previsto" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 21).

9.20,21

"Ele nem bem terminara sua oração quando a resposta lhe foi dada. O anjo Gabriel, a quem ele tinha visto (ver Dan. 8.16), aproximou-se e revelou o mistério das setenta semanas" (Ellicott, *in loc.*).

O Significado Místico. Note o leitor que os setenta anos literais do cativeiro babilônico recebem interpretação *mística:* representam outro setenta, a saber os 70 x 7, onde os dias significam anos. Portanto, temos uma interpretação literal sobre a qual está alicerçado o número místico. Provavelmente esse é o tipo de manuseio dos materiais encontrado por Daniel nos livros que consultou (vs. 2). O vs. 20 está ligado ao vs. 3 (o prólogo), e a oração interveniente não nos conduz a um novo assunto. Os setenta do vs. 2 é (sob outra consideração profética) o mesmo setenta do vs. 24. Haveria *boas novas* para o Monte Santo e seu templo, e Yahweh Elohim daria às boas novas várias aplicações em diferentes pontos da história de Judá. Todas as aplicações contribuiriam para a restauração do povo de Deus, incluindo o que deve vir antes da era do reino e será aperfeiçoado naquela era.

À hora do sacrifício da tarde. A cada dia havia duas oferendas de sacrifícios, uma pela manhã e outra no final da tarde. Daniel foi recompensado por sua preocupação, tendo-lhe sido dada uma revelação no *tempo da adoração.* Por certo essa circunstância tem seu significado. Embora as oferendas de animais tenham cessado durante o cativeiro babilônico, Daniel observou essas visões nas horas de adoração, louvor e súplica. Quanto aos sacrifícios, ver Êxo. 19.38,39; Núm. 28.3,4. Ver Dan. 6.10 quanto aos costumes de Daniel no tocante à oração.

9.22,23

Ele queria instruir-me, falou comigo, e disse. O anjo aproximou-se de Daniel com o propósito de *iluminá-lo.* Ser-lhe-ia mostrado como os setenta anos da visão de Jeremias (vs. 2) significavam mais do que o número de anos de cativeiro na Babilônia. Esse número também tinha um significado mistico concernente a um tempo expandido, as *setenta semanas* (vs. 24). Daniel seria o instrumento da comunicação. "O anjo explicou a razão de sua visita. De acordo com o texto massorético, ele viera para 'instruir'. Nas versões da Septuaginta e da Peshitta, lemos aqui apenas "ele chegou e disse". Seja como for, o versículo significa a mesma coisa por causa da frase seguinte, "para fazer-te entender o sentido", que é igual no hebraico e nas diversas versões da Bíblia. Literalmente, o texto diz: "para ensinar-te o discernimento". Ele abriria o entendimento do profeta. Daniel havia consultado os livros (vs. 2) e tinha uma compreensão parcial, mas havia na palavra *setenta* maior sentido do que feria os olhos de Daniel. Para compreender mais sobre isso, era mister que os olhos espirituais dele fossem abertos.

Como poderei entender, se alguém não me explicar?

(Atos 8.31)

Os Anjos São Mensageiros Divinos. Eles são enviados pelo Senhor com propósitos específicos. Quando Daniel começou a orar (vs. 23), o Ser divino começou a agir através de Seu anjo. E isso nos mostra o poder da oração que faz mover as rodas celestiais. "Deus te ama muito" (NCV), e o amor de Deus foi o poder que movimentou o processo. Daniel precisava ser *iluminado,* e ele foi favorecido, recebendo o que tanto queria. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Cf. esta parte da mensagem com Dan. 10.11,19, que repete os sentimentos. "Gabriel deu a Daniel discernimento quanto aos propósitos de Deus para com Seu povo. Visto que o profeta era altamente estimado por Deus, Gabriel tinha recebido uma resposta para ser dada a Daniel, assim que este começou a orar!" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). Jerônimo comparou este texto a II Sam. 12.25, que fala sobre Jedidias. Ver também Eze. 23.6,12: ele era um homem de "desejos", objeto de atenção e amor.

Explicação da Visão das Setenta Semanas (9.24-27)

9.24

Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo. Detalho essa visão com o gráfico acompanhante e suas explicações. Que o leitor siga estes pontos:

1. Sob a primeira seção do artigo referente às *Setenta Semanas* (seção I), note o leitor os *elementos a serem alcançados,* que é essencialmente o que o vs. 24 declara.
2. A seção II dá-nos as *diversas interpretações.* Limito isso às *três principais,* sem me imiscuir nas vagas interpretações que vieram a ser relacionadas a esta passagem. Note que a segunda dessas interpretações leva a questão a sério, como profecia genuína, mas não separa a semana final do resto, que os dispensacionalistas mudam para o fim da era cristã. Essa segunda interpretação é defendida pelos amilenistas.
3. O gráfico apresenta a visão dos dispensacionalistas, a qual, em minha opinião, pode ser ou não a interpretação correta do texto. Por certo, a colocação dessa última semana em nossa própria época, na década de 1990, tem fracassado vergonhosamente, mas assim dita o *cronograma* dispensacionalista. Se esse cronograma tem falhado, então toda a abordagem à questão pode estar incorreta. Parece muito duvidosa a idéia do período de sete mil anos da "história humana", antes do estado eterno, sendo que o milênio se comporia dos últimos mil anos desse tempo. Esse programa dos sete mil anos surgiu em primeiro lugar no *Enoque Eslavônico (II Enoque)* (ver a respeito no *Dicionário*). Esse é um dos livros pseudepígrafos, que foi escrito mais ou menos na era de Cristo.
4. Ver as *Observações Gerais* sobre a questão na seção III do artigo acompanhante.

9.25

Sabe, e entende. "*Vss. 25-27.* Os eventos das setenta hebdômadas (uniades de sete anos) são agora especificados. Eles se dividem em três períodos de sete, sessenta e dois, e um. Nestes versículos, as versões afastam-se muito do texto massorético, e alguns eruditos sentem-se inclinados a seguir essas versões, e não o texto hebraico padronizado. Contudo, a maioria dos eruditos tende a seguir o texto hebraico. 1. As primeiras sete semanas começam com a proclamação de Deus e a vinda do Príncipe ungido. 2. As próximas sessenta e duas semanas ocupam-se da edificação da cidade. 3. A semana derradeira é o tempo da catástrofe. Um *Ungido* seria cortado; um exército chegaria e destruiria a cidade e o santuário; guerras deixariam tudo desolado; líderes inimigos assinariam um pacto com alguns; durante metade da semana, os sacrifícios determinados seriam suspensos e uma abominação tomaria o lugar deles. Finalmente, os líderes seriam destruídos. A revelação seria precedida por um juramento solene " (Arthur Jeffery, *in loc.*).

O gráfico acompanhante faz as divisões próprias em: 7 semanas + 62 semanas + 1 semana = setenta semanas. Os acontecimentos essenciais são especificados em consonância com a visão dispensacional.

O Começo do Período. "Este decreto foi o quarto dentre quatro decretos feitos pelos governantes persas, em referência aos judeus. O *primeiro* foi o decreto de Ciro, em 538 A. C. (II Crô. 36.22,3; Esd. 1.1-8 e 5.13). O *segundo* foi o decreto de Dario I (522-486 A. C.), em 520 A. C. (Esd. 6.1,6-12), uma confirmação do primeiro. O *terceiro* foi o decreto de Artaxerxes Longimano (464-424), em 458 A. C. (Esd. 7.11-26). Os dois primeiros decretos pertenciam à reconstrução do templo de Jerusalém, e o terceiro decreto se referia às finanças relativas aos sacrifícios de animais, no templo. Esses três decretos nada diziam sobre a reconstrução da própria cidade ... O *quarto* decreto também foi expedido por Artaxerxes Longimano, a 5 de março de 444 A. C. (Nee. 2.1-8). Naquela oportunidade, Artaxerxes concedeu aos judeus permissão para reconstruir as muralhas de Jerusalém. Esse é o decreto referido em Dan. 9.25" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

Até ao Ungido. A King James Version mostra sua interpretação messiânica logo nas traduções do texto, ao referir-se ao *Messias, o Príncipe.* Mas a Revised Standard Version diz *ungido, um príncipe,* ao passo que a NCV diz simplesmente *líder determinado.* A interpretação crítico-liberal vê o sumo sacerdote Onias III aqui, não transferindo a questão para o fim de nossa era presente. Ver as explicações sobre o gráfico, seção II.1. Separando a septuagésima semana das outras, os dispensacionalistas a colocam no fim de nossa era e a relacionam ao Messias, que é o Príncipe celestial. Em conseqüência, uma das visões é *histórica* (está em vista o que aconteceu, "lá atrás"). A outra visão é *profética* (, está em vista o que acontecerá "lá na frente").

9.26

Depois das sessenta e duas semanas. Os vss. 26 e 27 parecem referir-se ao ataque de Antíoco Epifânio contra Jerusalém, dentro do ponto de vista crítico-

AS SETENTA SEMANAS DO LIVRO DO PROFETA DANIEL
DANIEL 9.24-27

Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo,
e sobre a tua santa cidade.

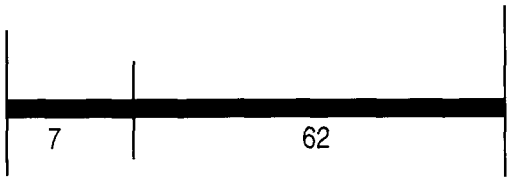
A RESTAURAÇÃO

538 424 A.C.

Quatro Séculos Entre os Testamentos

70 D.C.
Cidade Destruída

PERÍODO DA IGREJA



A Grande Tribulação
Oblações cessam, e é posta a Abominação que Desola, (Dan. 9.27 e 12.1).

Guerras se realizarão até o fim.

69 Semanas

Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém (Nee. 2.1-8, 445 D.C.)

Até o Unigido, o Príncipe (Zac. 9.9; Luc. 19.28,29, 32 D.C.). O Messias cortado após a 69ª semana.

Sobra uma semana

A CONSUMAÇÃO

Quando o arrebatamento da igreja acontecerá em relação à Tribulação? ?

liberal, sem nenhuma referência ao anticristo. "*Vss. 25-27.* Visto não sabermos a data da *proclamação da palavra*, podemos apenas conjecturar que o *príncipe ungido* pode ter sido Ciro, Zorobabel ou Josué; e que aquele que *foi cortado* pode ter sido Filopater, Jason ou Onias III. O *príncipe* que viria seria Antíoco Epifânio, que produziu tantas desolações ao estabelecer um pacto com os judeus helenizantes e ao oferecer abominações no templo, sob a forma de sacrifícios pagãos" (Oxford Annotated Bible). Como pode ser visto, essa interpretação põe tudo no passado, como se já se tivessem cumprido todas as predições.

A Interpretação Futurista. Tal interpretação, em contraste, vê coisas passadas somente com símbolos de uma grande realidade futura. Após sessenta e duas semanas, o Messias (o Ungido) virá e será *cortado*, mediante crucificação. Assim, temos sete mais sessenta e duas semanas, totalizando sessenta e nove semanas, restando ainda uma para ser cumprida (vs. 27). (Vs. 25, sete semanas; vs. 26, sessenta e duas semanas; vs. 27, uma semana.). "Os 62 *setes* (434 anos) se estenderiam até a introdução do Messias à nação de Israel. Esse segundo período concluiu-se no dia da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, imediatamente antes que Ele foi *cortado*, isto é, crucificado. Em Sua entrada triunfal, Cristo, em cumprimento de Zac. 9.9, oficialmente apresentou-se à nação como o Messias... Assim sendo, os dois primeiros segmentos do importante período de tempo — os sete setes (49 anos) e os sessenta e dois setes (434 anos) - passaram sucessivamente sem intervalo entre eles. Totalizaram-se 483 anos desde 5 de março de 444 A. C. até 30 de março de 33 D. C. Como pode 444 A. C. até 33 D. C. serem iguais a 483 anos? Ver o gráfico "Os 483 anos dos calendários judaico e gregoriano". Isso parece ser exagero dos dispensacionalistas, querendo ter datas tão exatas, mas reproduzo o material para que o leitor possa ver como os futuristas explicam as coisas.

9.27

Ele fará firme aliança com muitos por uma semana. O ponto de vista *histórico* vê Antíoco Epifânio aqui, com exclusividade, e toda essa profecia como tendo ocorrido no passado. Mas a interpretação futurista vê Antíoco Epifânio como apenas um símbolo do futuro anticristo. O *pacto*, dentro do ponto de vista histórico, seria aquele feito por Antíoco com os judeus helenistas, que eram apóstatas do culto de Yahweh (I Macabeus 1.11-15). Durante metade desse tempo, a meia semana do última semana, os sacrifícios prosseguirão; mas então Antíoco, durante a segunda metade da semana, fará cessar esses sacrifícios. Essa questão é referida em I Macabeus 1.54 ss. Ver também Dan. 8.11 e 11.31. De acordo com a posição futurista, o pacto é de paz entre o anticristo e Israel. Mas esse pacto será rompido na metade dos sete anos, com grande aumento da perseguição religiosa. "A coisa horrível que destrói será posta no pináculo do templo, mas Deus ordenou que essa coisa fosse destruída" (NCV).

De acordo com a interpretação histórica, porém, isso fala da idolatria e da pior manifestação possível da idolatria, a deificação do próprio Antíoco Epifânio. Mas, de acordo com o ponto de vista futurista, essa abominação será o anticristo, que se apresentará como se fosse o próprio Deus. O fim de ambos é a destruição. Cf. Mat. 24.15, onde temos a imagem da besta (o anticristo) estabelecido para ser adorado por seu falso profeta. Um severo julgamento divino cairá sobre ambos, e ambos serão lançados no lago do fogo (ver Apo. 19.20. Cf. Dan. 7.11,26). De acordo com a opinião futurista, haverá um pacto entre o anticristo e Israel e, durante algum tempo, esse povo aceitará a Abominação como seu Messias.

Parte da interpretação futurista é identificar esse período final de sete anos (última semana) com os 1.260 dias e os 42 meses do Apocalipse, o primeiro em 11.3 e o segundo em 11.2 e 13.5. Quanto desse esquema não passa de cálculos sagazes e quanto combina com a verdade, resta ser visto nos anos vindouros, e no que daí resultará. A tendência entre os intérpretes é explicar a profecia como se eles soubessem mais do que sabem, e ser muito dogmáticos em seus pronunciamentos. Talvez o melhor que possamos dizer é: "Será algo como isto".

Capítulo Dez

O livro de Daniel compõe-se essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões*. As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes sobre esse arranjo, ver a seção "Ao Leitor", parágrafos quinto e sexto, apresentada imediatamente antes da exposição a Dan. 1.1. Os capítulos 10-12, na realidade, são apenas *uma visão*, a saber, a *quarta*. E o capítulo 10 atua como *prólogo* dessa quarta visão. O capítulo 11 apresenta a *visão propriamente dita*, juntamente com a interpretação. E o capítulo 12 é o *epílogo*.

A Visão dos Últimos Dias (10.1 – 12.13)

O capítulo 10 é o *prólogo* das visões, e, naturalmente, divide-se em três partes: vss. 1; vss. 2-9; vss. 10-21. Apresento um título para cada uma dessas partes, que projetam a essência do que se segue.

A visão (capítulo 11) é apresentada em linguagem franca e direta, sem a imagem (capítulo 2) e sem os animais (capítulos 7 e 8). Outro tanto ocorre no capítulo 9. O capítulo 10 é a preparação para a revelação vindoura, e é similar, quanto ao intento, à oração do capítulo 9, vss. 4 a 19.

O Engaste Cronológico (10.1)

10.1

No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia. A data provida é o *terceiro ano* de Ciro, ou seja, o terceiro ano depois que ele capturou a Babilônia, 536/535 A. C. Se Daniel tinha cerca de 16 anos de idade quando foi levado cativo para a Babilônia, e isso ocorreu em 605 A C., então ele já teria 86 anos quando lhe foi conferida esta visão final.

Quanto às *três deportações*, ver as notas sobre Jer. 52.28. Cf. as notas sobre Jer. 52.28. Cf. essa nota cronológica com Dan. 1.21, que diz que Daniel continuou até o primeiro ano do rei Ciro. Não há realmente nenhuma forma de reconciliar isso com a nota deste versículo, nem a questão tem grande importância. Talvez Daniel se tenha aposentado de seu serviço civil no primeiro ano de Ciro, mas seu ministério profético continuou mesmo depois que ele abandonou suas atividades. O presente versículo mostra-nos que Daniel não retornou a Jerusalém depois que os judeus voltaram para reconstruir a cidade santa. Sua missão era passar seus últimos dias naquele país estrangeiro.

A última porção deste versículo é obscura, e tem-se prestado a várias interpretações. A visão é veraz e, de algum modo, envolvia um grande conflito. A NCV diz que a visão "era sobre uma grande guerra". Mas alguns preferem pensar que o conflito envolvia as próprias condições psicológicas de Daniel. Nesse caso, a questão tem paralelos em Dan. 7.28 e 8.27. A NIV, em nota de rodapé, diz "veraz e pesada", fazendo a visão referir-se a questões sérias e densas. Ou então o *grande conflito* caracterizará os últimos dias de que a visão fala.

Preparação para a Revelação (10.2-9)

10.2

Naqueles dias eu, Daniel, pranteei durante três semanas. Devemos entender que Daniel tinha recebido a visão e sido negativamente afetado por ela. Ele passou por agonia e lamentação durante alguns dias. A questão que lhe fora revelada era pesada, e seu espírito sentia-se premido por isso. Não encontramos aqui uma lamentação pelo pecado, conforme se vê no prólogo da visão do capítulo 9. Antes, a alma do profeta era pressionada pela natureza pesada das coisas vindouras. Afinal, ele já era homem idoso na época, e aquelas experiências místicas negativas estavam fazendo sua cobrança.

Ele ainda não tinha entendido plenamente a visão, mas receberia entendimento, e não seria uma questão fácil. "No vs. 12 aprendemos que ele resolveu receber uma revelação interpretativa, preparando-se para tanto por meio de práticas ascéticas, como as mencionadas em Dan. 9.3" (Arthur Jeffery, *in loc.*). "A revelação desta visão, dada a Daniel naquela ocasião, esmigalhou qualquer esperança que ele possa ter tido de que Israel desfrutaria de nova liberdade e paz por longo tempo. Deus revelou que sua nação estaria envolvida em muito conflitos" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

10.3

Manjar desejável não comi. Daniel não comeu manjares, mas passou vida comendo o mínimo, em uma espécie de meio jejum; ele não bebia vinho, nem se ungia com azeite, embora suponhamos que tomasse banho. Tudo isso era sinal de espírito pesado e de lamentação. Cf. Dan. 1.8 e 16, a simples dieta vegetariana, acompanhada por água, que assinalara o começo da carreira de Daniel na Babilônia. Cf. Dan. 10.12. Ver também II Sam. 12.20 e Amós 6.6. Essas coisas eram sinais externos de um espírito pesado, inclinado para o que o profeta tinha visto.

10.4

No dia vinte e quatro do primeiro mês. A precisão de dados assinala a visão como veraz e histórica, e essa é uma das características das profecias apocalípticas. O primeiro mês era *abib* (ver Deu. 16.1) e *nisã* (ver Nee. 2.1; Est. 3.7). O dia vinte e quatro assinalou o fim do meio jejum do profeta. Isso pode significar que o fato de ele ter passado com o mínimo de alimentos fazia parte da celebração da festa da páscoa, no décimo quarto dia, bem como dos pães asmos, do décimo quarto ao vigésimo primeiro dia. Ver Deu. 16.3: "pão de aflição". O profeta estava à beira do rio Tigre (Dan. 12.5). Chegou até ele um mensageiro celestial, provavelmente Gabriel, que estava ativo naquele tempo e, ao que tudo indica, tinha contatos freqüentes com o profeta. Ver Dan. 8.16. O original hebraico diz *Hidequel* para o rio Tigre, sendo esse o nome acádico do rio. Era um *grande rio*, um título usualmente dado ao rio Nilo. Mas também pode estar em foco o rio Eufrates, conforme se vê em Gên. 15.18.

10.5

Levantei os olhos, e olhei, e eis um homem. O anjo apareceu gloriosamente vestido de luz (vs. 6), com uma veste de linho tão branco quanto neve recém-caída. Em sua cintura havia um cinto bordado com excelente ouro de Ufaz. As descrições que aqui figura nos fazem lembrar do primeiro capítulo do livro de Ezequiel, e também seus capitulos 9 e 10. As vestes do anjos se pareciam um tanto com as vestes do sumo sacerdote (ver Lev. 6.10; Êxo. 28.29), porém eram mais gloriosas e mais divinas. Profundas experiências místicas são assinaladas por imagens e cores vívidas que são difíceis de descrever, pelo que as descrições tentam detalhar o que realmente desafia qualquer descrição.

Quanto ao *ouro puro de Ufaz*, ver Jer. 10.9. Talvez esteja em foco o lugar algures chamado *Ofir*, famoso por seu excelente ouro. Ver Jó 28.16; Sal. 45.9 e Isa. 13.12.

Encontramos descrições similares sobre Cristo em Apo. 1.13-16, mas isso não justifica a interpretação como visão do *Cristo* pré-encarnado. Não se poderia dizer que Cristo estava impedido por um príncipe da Pérsia (ver Dan. 10.13) ou por alguma entidade angelical ou demoníaca.

10.6

O seu corpo era como o berilo. Cf. a descrição do *berilo* com a descrição do anjo de Eze. 1.11,23. A palavra hebraica fala de uma variedade de topázio azul, cor do céu, embora, de acordo com outros, fosse verde-mar. A face do homem era como o relâmpago, e seus olhos eram como brasas de fogo; seus braços e suas pernas eram como o bronze polido, e sua voz parecia formada por muitas águas. Cf. tais imagens com Eze. 1.13 e Apo. 1.16. Quanto aos *olhos flamejantes*, cf. Eze. 1.13; II Enoque 1.5; 42.1; Apo. 1.14 e 19.12. Ver também Eze. 20.18. Quanto à voz como de *muitas águas*, cf. Isa. 13.4; 33.3; Eze. 1.24. Tais descrições são apenas débeis tentativas para dizer algo sobre o Ser divino. As grandes experiências místicas geralmente são inefáveis ou têm elementos que o são. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*.

10.7

Só eu, Daniel, tive aquela visão. Embora Daniel estivesse acompanhado, só ele teve a visão. Mas grande agitação a acompanhou, e os companheiros de Daniel sentiram isso. Isso insuflou neles grande medo, levando-os a ocultar-se. Talvez a agitação tivesse sido sentida somente *por eles*. Eles se assustaram diante da presença do anjo, embora não pudessem vê-lo com os olhos. Há algo de similar na história da conversão de Paulo na estrada para Damasco:

> *Os seus companheiros de viagem pararam emudecidos,*
> *ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém.*
>
> (Atos 9.7)

"... eles ficaram altamente assustados. Tiveram tanto medo que correram e se esconderam"(NCV). Cf. também Atos 22.9. "Houve uma influência divina que todos eles sentiram, mas somente Daniel viu a aparição corpórea" (Adam Clarke, *in loc.*). Isso acontece nas experiências místicas. Elas podem ser experimentadas por uma pessoa, enquanto outras pessoas, embora próximas, nada vejam nem ouçam. A alma é dotada de uma visão que não usa o nervo óptico, conforme demonstram as *experiências perto da morte*. Ver sobre esse título na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

10.8

Fiquei, pois, eu só, e contemplei esta grande visão. Os companheiros de Daniel se esconderam. Ele viu sozinho a *grande visão*, e isso concorda com a experiência freqüente dos gigantes espirituais, os quais estão muito acima de seus colegas e, assim sendo, muito mais próximos do Ser divino.

> *Penso continuamente naqueles que foram realmente grandes.*
> *Que, desde o ventre, relembraram a história da alma.*
> ...
> *Nascidos do sol, viajaram por um pouco em direção ao sol,*
> *E deixaram o ar vivido, assinado com sua honra.*
>
> (Stephen Spender)

Os efeitos da visão foram grandes e transformaram o aspecto de Daniel em algo temível. "Perdi minhas forças. Meu rosto embranqueceu como se eu fosse um morto, e fiquei impotente" (NCV). "Ele ficou pálido de terror diante do que viu, e desmaiou" (Ellicott, *in loc.*).

"Seu sangue fluiu de volta ao coração, e seus nervos afrouxaram; suas mãos se debilitaram e ficaram dependuradas; seus joelhos tornaram-se débeis e cederam sob o seu peso; sua fisionomia ficou engilhada; sua testa ficou vincada; seus olhos se afundaram nas órbitas; seus lábios estremeciam; suas juntas tremiam; seu vigor se debilitou; todo o seu corpo entrou em convulsão; ele se tornou sem vida, como um homem morto" (John Gill, *in loc.*, com uma descrição colorida por vívida imaginação).

10.9

Contudo, ouvi a voz das suas palavras. Daniel jazia caído em estado de desmaio, o rosto no chão. Contudo, continuou ouvindo a voz de trovão que batia nele como um malho. Ele estava perplexo e estupefacado, mas a revelação continuava. Cf. Dan. 8.18, onde temos algo similar. Ver também Apo. 1.17; Atos 9.4; Eze. 1.28 e Enoque 14.24, quanto a descrições similares. Daniel não foi ninado para dormir, apesar da voz melodiosa do anjo. Antes, foi *nocauteado* pelo poder da voz do anjo e pela natureza espantosa da experiência.

A Conversa com o Anjo (10.10-21)

10.10

Eis que certa mão me tocou. De sua posição prostrada, Daniel caiu de joelhos, sobre as duas mãos. O toque do anjo efetuou essa mudança de posição, e assim o profeta agora estava de "quatro", tremendo. Sua consciência foi recobrada, pelo que ele pôde conversar com o anjo. Ele foi restaurado e encorajado pelo toque do anjo, para cumprir sua missão de profeta, que agora chegava ao fim. Agora ele estava apenas meio de pé, mas outro toque terminaria o trabalho. No vs. 11 vemos Daniel de pé, ainda trêmulo, mas já recuperado.

10.11

Daniel, homem muito amado. Daniel é novamente chamado de *muito amado* por Yahweh, um homem que tinha recebido favor especial de Deus e um bom destino. Cf. Dan. 9.23. Agora nós o vemos de pé. Cf. II Esd. 2.1; Enoque 14.25 e Eze. 2.1. Daniel, embora idoso, foi novamente *enviado* com uma mensagem. Ainda lhe restava receber o toque final para completar sua missão. Restava-lhe *mais uma volta*, e então sua missão estaria terminada. Ele completaria sua tarefa, sem nada deixar por favor, conforme diz certa canção popular:

> *Fiz o que tinha para fazer, e tudo terminei*
> *Sem exceção.*

A *palavra encorajadora* fez Daniel levantar-se e pôr-se de pé. Ele não estava sozinho em seu empreendimento. Correria sua última volta vigorosamente, e não em fraqueza.

> *Oh, Senhor, deixa-me caminhar Contigo*
> *Em veredas humildes de serviço gratuito;*
> *Ensina-me o Teu segredo, ajuda-me a suportar*
> *A tensão da prova, a preocupação dos cuidados.*
>
> (Washington Gladden)

10.12

Então me disse: Não temas, Daniel. A *oração e a determinação* do homem bom tinham garantido, desde o começo, que ele seria divinamente ajudado naquilo que deveria fazer, pelo que alcançaria sucesso retumbante. Cf. Luc. 1.11 ss., onde encontramos algo similar envolvendo o ministério angelical. "Enquanto nossa paixão dominante não for conhecer a Deus e à Sua verdade, não poderemos saber muito sobre Ele. Que propósito maior poderia existir para um homem aprender sobre Deus? Firmamos nossa mente para *conseguir*, mas poucos firmam sua mente para *compreender*. Mas se alguém faz disso o seu alvo, poderá confiar na promessa de Jesus: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á" (Mat. 7.7)" (Gerald Kennedy, *in loc.*). Se assim são as coisas, não temos por que temer, pois se podemos conhecer o futuro então conhecemos Aquele nas mãos de quem repousa nosso futuro. Poderá haver empecilhos (conforme mostra o vs. 13), mas a vitória final está assegurada, porque um homem bom não está sozinho naquilo que procura fazer. Cf. este versículo com Dan. 9.23, onde encontramos algo similar.

10.13

Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu. O anjo que estava transmitindo a mensagem resolveu ensinar Daniel o que ele precisava saber, para que ele pudesse transmitir essa mensagem a outros homens. Mas um grande poder havia detido o anjo, a saber, o príncipe espiritual da Pérsia. Se o anjo em questão é Gabriel, então temos um arcanjo ajudando a outro, porquanto Miguel chegara para auxiliar, libertando Gabriel para chegar a Daniel. A doutrina dos anjos guardiães

de indivíduos amplia-se para anjos guardiães e orientadores de nações e reinos. Apesar de não ser dito que o poder que se opusera a Gabriel e a Miguel era mau, podemos supor isso, visto ter ele se oposto aos anjos e resistido ao plano divino que operava por meio de Daniel. Notemos, igualmente, que meros homens podem ser envolvidos no drama e na luta celestial. Este texto soa como se fosse Efé. 6.12:

> *Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais nas regiões celestes.*

Outro ponto de vista, que elimina os *demônios*, é que a economia divina, operando como um gigantesco império, precisava de muitos poderes subordinados, que tinham domínio sobre várias localidades. Era inevitável algum conflito, tal como acontece quando poderes subordinados entram em choque, embora representem o mesmo governo. Esse tipo de visão é evidente em Eclesiástico 17.17l Jubileus 15.31,32 e Enoque 89.59. Nesse caso, em vez de poderes malignos se oporem a podres bons, simplesmente temos um deslize na administração. A angelologia dos judeus entra em cena para mostrar as setenta nações (da tabela das nações, no cap. 10), cada uma delas tendo um guia que representava seus interesses no tribunal celestial. Orígenes, em seu *Comentário sobre João*, XIII.58, estranhamente comenta que alguns desses anjos patronos se converteram diante de Jesus, e isso ajudou o evangelho a espalhar-se rapidamente a algumas nações, em contraste com outros países.

Na angelologia posterior, esse anjo da Pérsia recebeu o nome de *Dubiel*. Não sabemos dizer por qual razão ele se opôs à missão de Daniel nesse ponto da carreira do profeta. Talvez ele apenas tenha querido manter o *status quo* em favor da Pérsia, nação que era de sua responsabilidade.

O vs. 21 e Dan. 12.1 indicam que Miguel era o anjo patrono de Israel. Em Enoque 9.1 e 71.9, Miguel aparece como um dos sete arcanjos. Em Jud. 9, ele é o anjo que contende com Satanás, e em Apo. 12.7 ele guia as forças boas contra o dragão. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Gabriel* e *Miguel (Arcanjo)*.

A lição prática do texto é que as orações de um homem podem não ser respondidas por algum tempo porquanto há forças de oposição que impedem a resposta. Portanto, somente orações intensas e prevalentes podem vencer em casos difíceis. Que o leitor não desista porque suas orações não estão sendo respondidas. A vitória está ali para aqueles que buscam resposta com diligência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*.

> *Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.*
>
> (Tiago 5.16)

> *Mais coisas são operadas pela oração*
> *Do que este mundo sonha.*
>
> (Alfred, Lord Tennyson)

10.14

Agora vim para fazer-te entender. A visão revelou o que aconteceria a Israel-Judá. Tudo quanto foi revelado passaria nos *últimos dias*, e Daniel deveria entender a questão para que pudesse transmitir com sucesso a mensagem ao povo. Cf. Dan. 8.16 e 9.22,23. "A mensagem tinha que ver com os eventos que levavam ao fim, tal como sucedera à mensagem a Nabucodonosor, em Dan. 2.28... A referência real era aos dias de Antíoco Epifânio IV, mas, na visão do escritor, esses seriam os últimos dias" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Mas os dispensacionalistas transferem as profecias dos dias de Antíoco para os dias que precederão a inauguração do reino do Messias, que ainda jaz no futuro. "... uma revelação da guerra (10.1) entre Israel e seus vizinhos, até que a Israel será dada a paz pela chegada do Príncipe da Paz. Essa visão contém a mais detalhada revelação profética do livro de Daniel" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

10.15

Ao falar ele comigo estas palavras, dirigi o olhar para a terra. Novamente, o poder da voz e da presença do anjo fizeram Daniel desmaiar. Daniel voltou o rosto para o chão, mas não perdeu inteiramente os sentidos. Daniel já havia enfraquecido antes por essa espécie de esperança (Dan. 7.15; 8.27). Agora ele ficou *silente*. Ver Dan. 8.27 e Enoque 14.25. Provavelmente devemos entender a angústia do profeta, quando ele viu o que aconteceria e ficou mudo.

10.16

E eis que uma como semelhança dos filhos dos homens me tocou os lábios. A dor de ver o que aconteceria ao povo fez Daniel emudecer, e foi preciso o toque de um dos *filhos dos homens* para restaurar sua capacidade de falar. O que ele quis dizer é que o anjo ou a restauração tinha *forma humana*, e não que era um ser humano, ou que qualquer ser humano poderia fazer o que é dito aqui. A Septuaginta diz "como a semelhança da mão de um homem". Se uma *mão fantasmagórica* pôde escrever uma mensagem importante em uma parede (Dan. 5), então o mesmo tipo de fenômeno poderia acontecer de novo com um propósito diferente. A nova visão causou ao profeta *dores* comparáveis às de uma mulher na hora do parto (cf. I Sam. 4.19; Isa. 13.8), pois sua tristeza era severa. Talvez esteja em vista um novo anjo, ou então Gabriel continuava a ser o poder em ação. Mas a tradução de algumas versões, "Filho do Homem", é totalmente errada, especialmente se lhe dermos sentido messiânico, ou se supormos que o Cristo preexistente está em mira.

10.17

Como, pois, pode o servo do meu senhor falar com o meu senhor? "Senhor, sou Daniel, teu servo. Como posso falar contigo? Minhas forças desapareceram e é-me difícil respirar" (NCV). O profeta estava quase sufocado de tristeza. Cf. isso com o temor que se apoderou de Isaías, quando ele teve uma elevada visão (ver Isa. 6.5).

10.18

Então me tornou a tocar aquele semelhante a um homem. Este versículo repete o vs. 16 exceto pelo fato de que o toque angelical, em vez de restaurar somente a fala ao profeta, restaurou-lhe as forças. Ver as notas sobre o vs. 16. A expressão *me fortaleceu* é usada para indicar tanto forças morais quanto físicas. Cf. Sal. 147.13; Eze. 30.24; 34.4 e Osé. 7.15 (forças físicas); e Deu. 1.38; 3.28; II Sam. 11.25; Isa. 41.7 (forças morais). "Apenas gradualmente Daniel recuperou suas forças. Portanto, houve necessidade desse segundo toque" (Fausset, *in loc.*).

10.19

Não temas, homem muito amado. Daniel torna a ser chamado de *muito amado*. Cf. Dan. 9.23 e 10.12. O amor de Deus estava envolvido no ministério do profeta, pois, na verdade, o amor de Deus é a maior força que há no mundo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor*. Nós amamos porque Ele nos amou primeiro (ver I João 4.19), e é o amor humano-divino que tenta grandes coisas e cobre uma multidão de pecados (ver I Ped. 4.8). O amor de Deus transmitiu paz a Daniel, de tal maneira que seus temores se dissolveram. Em seguida, Daniel tornou-se forte como um touro, enquanto o anjo falava. Assim sendo, falou com o anjo para que lhe apresentasse a mensagem, pois ele estava pronto para ouvi-la. Encontramos aqui a antiga história de que precisamos de forças para realizar nossas missões, e que essa força é a força *divina*. De outro modo, até o homem bom desmaiaria, antes que tivesse a oportunidade de cumprir sua missão. Dentro da tradição mística, há a doutrina que podemos obter forças "do ar", por assim dizer, e ser tomados por um poder para o qual não temos explicação. Isso nos torna parte da doutrina do *teísmo*, que ensina que o Criador intervém na história humana. O homem não foi abandonado pela força criadora, conforme o *deísmo* ensina. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*. Cf. este versículo com Luc. 22.43.

10.20

Sabes por que eu vim a ti? Embora o anjo devesse retornar em breve para continuar sua luta contra o anjo-guardião-líder da Pérsia, primeiramente ele transmitiria a mensagem a Daniel. Aquela era uma espécie de missão lateral. O anjo estava muito ocupado e tinha muitas coisas das quais cuidar. No meio (ou depois) do conflito contra o anjo da Pérsia, o anjo-guardião-líder da Grécia haveria de aparecer para perturbá-lo. Somente Miguel seria seu aliado naquelas *lutas celestiais* (conforme o vs. 21 passa a dizer). Quanto ao tema dos anjos e das nações guardadas, ver as notas bastante detalhadas no vs. 13, material que não repito aqui. Alguns estudiosos pensam que o anjo da Grécia, neste caso, é Alexandre, o Grande, mas é melhor supormos que o anjo guardião da Grécia seria a força e a inspiração de Alexandre, e isso explicaria como esse conquistador conseguiu fazer o que fez, incluindo a derrubada do império persa. Alexandre e seus sucessores também teriam muito para perturbar a Israel, nação à qual Gabriel e Miguel defenderiam.

10.21

Mas eu te declararei o que está expresso na escritura da verdade. O anjo Gabriel revelaria a Daniel o que estava contido no *livro da verdade*. Em outras palavras, "o registro da verdade de Deus em geral, ou aquilo de que a Bíblia é uma das expressões" (John F. Walvoord, *Daniel, the Key to Prophetic Revelation*, pág. 250). O mensageiro celeste haveria de revelar a Daniel o "futuro profético" de Israel, os planos de Deus quanto ao povo israelita sob a Pérsia e a Grécia, e olhando, igualmente, para os verdadeiros últimos dias, antes do estabelecimento

do reino de Deus. O Livro da Verdade poderia ser o livro dos *decretos,* que inclui orientações divinas mediante profecias. Esses livros seriam os *dupsunati,* ou seja, os tabletes da sorte, que aparecem desde cedo no pensamento mesopotâmico. No Talmude (*Rosh ha-Shanah* 16) lemos como, no Dia do Ano Novo, os livros eram abertos e registrados, governando os eventos vindouros. Esses tabletes são mencionados com bastante freqüência nos livros dos Jubileus e nos *Testamentos dos Doze Patriarcas.* Orígenes, em sua obra *Philocalia,* tem uma oração de José, precisamente em 23.15 daquele livro. Lemos ali: "Li nos *tabletes do céu* tudo quanto acontecerá contigo e com teus filhos". Tudo isso é uma maneira poética de falar da *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário)* e de como ela opera entre os homens, como indivíduos ou como nações.

Somente Miguel estava ao lado de Gabriel nas muitas lutas celestiais que têm reflexos sobre a face da terra. Esses dois príncipes angelicais eram os anjos-guardiães-líderes de Israel. A implicação desse fato é que todas as potências do mundo estavam contra Israel e eram inspiradas e ajudadas por seus líderes angelicais.

Capítulo Onze

O livro de Daniel compõe-se essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões.* As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes sobre esse arranjo, ver o trecho intitulado "Ao Leitor", parágrafos quinto e sexto, apresentado imediatamente antes do começo da exposição sobre Dan. 1.1. Os capítulos 10-12 na verdade expõem uma *única visão,* a quarta. O capítulo 10 atua como um prólogo para as visões. O capítulo 11 apresenta a *visão propriamente dita,* juntamente com sua interpretação. Então o capítulo 12 contém o *epílogo.*

A Visão e Sua Interpretação (11.1 – 12.4)

Agora já avançamos para além do prólogo (capítulo 10) e chegamos à visão propriamente dita. Com base na interpretação, parece que, tal como o sonho do capítulo 7, bem como a visão do capítulo 8, *esta visão* diz respeito aos reinos que se seguirão sucessivamente até chegar o governo de Antíoco Epifânio (Antíoco IV). Seus atos atrozes faziam parte da grande tribulação que ocorreria antes do fim. "No capítulo 8 o império babilônico desaparece, o império medo-persa quase nem é mencionado, e isso a fim de que toda a atenção se concentre em torno do império grego. Aqui a Média já tinha caído, salvo a questão da data (vs. 1), e a Pérsia serve somente para introduzir a Grécia, cuja história, como uma potência oriental, é dada com maiores detalhes do que antes" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Quanto aos dispensacionalistas, naturalmente, Antíoco Epifânio é apenas um tipo do anticristo vindouro, e *o fim* será o fim da era presente, que passará quando o reino de Deus for inaugurado.

O capítulo 11 divide-se naturalmente em três partes: vss. 1-4; vss. 5-20; e vss. 21-45. No começo de cada uma delas, dou um título que projeta a essência do que se segue.

Os Antecessores dos Primeiros Ptolomeus e Seleucidas (11.1-4)

Ver o gráfico acompanhante dos reis ptolomeus e selêucidas, descritos em Dan. 11.5-35. Dario, o medo, só reaparece aqui como uma forma de datar a visão.

11.1

Mas eu, no primeiro ano de Dario, o medo. Quanto à identificação de *Dario, o medo,* ver Dan. 5.31. Esta é uma questão controvertida, mas não a repito agora. Em Dan. 10.1 há a data, que aparece como o terceiro ano de Ciro (ver as notas expositivas ali). Alguns estudiosos pensam que a menção a Dario, aqui, é anticronológica e representa uma interpolação. Ou então a nota expositiva é apenas uma questão de breve menção do que aparece antes, sem nenhuma intenção de datar a profecia. "O anjo fora o anjo guardião de Dario, o medo, e agora, tratando Daniel como oficial de Ciro, passou a desdobrar a história" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução à seção).

11.2

Agora eu te declararei a verdade. A liderança da Pérsia, nos dias de Daniel (quando a visão foi dada), seria sucedida por *três governantes,* presumivelmente Cambises, Dario I e Xerxes I. Esses três viriam depois de *Ciro,* que era o rei da Pérsia quando a visão foi dada (*ver Dan. 10.1*). Ele é o Assuero que figura no livro de Ester (e que governou de 485 a 465 A. C.), tendo sido o mais rico, o mais poderoso e o mais influente dos quatro governantes. Ver Heródoto (*Hist.* VII.20 ss.). Durante seu reinado ocorreram as guerras contra a Grécia. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a *Pérsia,* quanto a detalhes. Mais de quatro reis estiverem envolvidos nesse período, pelo que os intérpretes dão diferentes listas. Talvez devamos entender que somente os reis realmente mencionados na Bíblia devam ser incluídos na lista. Ou o número *quatro* não visava ser exato, mas somente simbólico, indicando o governo completo da Pérsia, que foi destruído pela invasão grega. O anjo daria a Daniel a *verdade* concernente a todas essas questões, e o que essa verdade significaria para o povo de Israel. Cf. Dan. 10.21.

11.3

Depois se levantará um rei, poderoso. Esse poderoso rei seria Alexandre, o Grande, cabeça do império greco-macedônio, que derrubou o império persa, fechando as páginas da história sobre aquela potência. Quando Alexandre se pôs de pé, o mundo todo foi abalado, e em breve (no curto espaço de onze anos — 334-323 A. C.) o mundo inteiro da época estava sob seus pés. Alexandre morreu com apenas 32 anos de idade, devido à malária e às complicações com o alcoolismo. Talvez seu extraordinário poder e sucesso tenha decorrido do poder concedido pelo anjo guardião da Grécia (ver Dan. 10.20). Ver Alexandre como o bode de Dan. 8.5-21. Ele fazia tudo de acordo com os ditames de sua vontade (cf. os vss. 16 e 36 e também Dan. 8.4). Quintus Curtius, *História de Alexandre* X.5.35, diz: "Pelo favor de sua fortuna, ele parecia, aos povos, ser capaz de fazer o que bem entendesse".

11.4

Mas, no auge, o seu reino será quebrado. *Os generais de Alexandre,* por ocasião de sua morte, dividiram o reino em quatro partes principais, conforme é indicado pelos quatro ventos. Cf. Dan. 8.8, onde anoto a questão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alexandre, o Grande,* quanto a detalhes. De Seleuco I surgiram os selêucidas, os governantes da Síria. Ver o gráfico acompanhante. Os quatro reis seriam como "irmãs fracas", em comparação a ele: "Eles não teriam o poder que ele tinha. Isso porque o seu reino seria dividido e dado a outro povo" (NCV). Alexandre não fundou um império no seu verdadeiro sentido. Ele não teve herdeiros. Seu reino foi dividido e envolveu-se em muitos conflitos, incluindo aqueles de uns reinos contra os outros.

A Divisão:
1. Seleuco (sobre a Síria e a Mesopotâmia)
2. Ptolomeu (sobre o Egito)
3. Lisímaco (sobre a Trácia e parte da Ásia Menor)
4. Cassandro (sobre a Macedônia e a Grécia)

Essas quatro divisões correspondem às quatro cabeças do leopardo (ver Dan. 7.6) e aos quatro chifres proeminentes do bode (ver Dan. 8.8).

História dos Primeiros Ptolomeus e Selêucidas (11.5-20)

11.5

O rei do Sul será forte, como também um de seus príncipes. Os vss. 21-45 dão descrições sobre as atrocidades de Antíoco Epifânio (175-164 A. C.). Ele seguia a linha dos selêucidas. Ver o gráfico acompanhante que ilustra as linhas dos ptolomeus e dos selêucidas, os dois reinos que tiveram relações especiais com Israel, pelo que recebem atenção especial no livro. A *presente seção* contém insuperáveis problemas históricos, pelo que alguns intérpretes têm sido tentados a fazê-la aplicar-se a alguma outra coisa, e não aos ptolomeus e selêucidas, ou a atribuí-la a algum outro período histórico, ainda futuro. Mas isso nos afasta das intenções do autor. Temos de contentar-nos em compreender a mensagem principal, sem nos atolar nas particularidades da história.

"Os reis do Sul foram os ptolomeus; e os do Norte foram os selêucidas. Aqui, o *rei* é Ptolomeu I, o príncipe que era mais forte que os selêucidas" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 5). O poder comparativo, como é lógico, variava de acordo com a época, pois algumas vezes os ptolomeus estiveram mais fortes, e outras vezes os mais fortes eram os selêucidas. Ptolomeu I Soter não se podia comparar a Alexandre, mas foi um dos mais hábeis e poderosos reis entre os monarcas que se seguiram, e, sem dúvida, dotado da maior visão e sabedoria dentre os generais de Alexandre. Ele escolheu o Egito como a esfera de seu governo. Ele era um macedônio, filho de Lagos, pelo que a dinastia que ele governava algumas vezes é chamada de *Lagidae.* Ver o artigo geral do *Dicionário* chamado *Ptolomeu.* Apresento algumas notas específicas sobre Ptolomeu I Soter, na terceira seção desse artigo, chamado *Informes Históricos Relacionados a Esses Reis,* seção a.

11.6

Mas, ao cabo de anos, eles se aliarão um com o outro. Os antigos com freqüência reuniam dois reinos opostos mediante casamentos mistos. Houve uma tentativa dessa natureza na aliança de casamento entre os selêucidas e os ptolomeus. Em cerca de 250 A. C., Ptolomeu II Filadelfo deu sua filha, Berenice,

em casamento a Antíoco II Teos. Mas para isso Antíoco teve de divorciar-se de sua esposa, Laodice. Além do mais, seus dois filhos, Seleuco e Antíoco, tiveram de ser barrados da sucessão. Eles cederam lugar para que um filho de Berenice ocupasse o trono. Mas Antíoco II Teos não conseguiu esquecer Laodice, nem mesmo diante da atração do poder, do prestígio e do dinheiro de Berenice. Após dois anos, Antíoco voltou para a companhia de Laodice; ela, contudo, não teve uma atitude compreensiva. O rei morreu subitamente (por envenenamento), sendo provável que Laodice tenha planejado a execução privada do marido. Berenice e muitos de seus auxiliares também caíram vitimados pela vingança de Laodice. O vs. 6 conta, de forma muito abreviada, o que acabo de explicar. A moral da história é: "Nunca subestime uma dama da linhagem grega!". Calínico, o filho de Laodice, subiu ao trono, e houve um período de grande confusão.

11.7,8

Mas do renovo da linhagem dela um se levantará. Esse renovo foi Ptolomeu III, que capturou a fortaleza da Selêucia e trouxe de volta muito bens, por meio do saque. Os vss. 7-9 tratam de Ptolomeu III Evergetes e Seleuco III Calínico. Para vingar o assassinato de Berenice, sua irmã, Ptolomeu III invadiu a área da Selêucia, tomou-a para controlar o porto de Antioquia e, ao que tudo indica, atacou grande parte da Síria e da Babilônia. Não tivesse ele sido chamado de volta para abafar uma séria insurreição no Egito, poderia ter conquistado todo o reino selêucida. Como prêmio de consolação, ele trouxe de volta para sua terra imensos despojos. Todavia, o império selêucida voltou a ferir. Somente dois anos mais tarde, Seleuco, filho de Laodice, invadiu o Egito. Mas logo teve de retroceder, depois de sofrer esmagadora derrota. Ele correu de volta para o norte e desistiu da idéia.

Ptolomeu continuou no poder por mais tempo do que o seu rival do norte, e a história conta como isso aconteceu, com exatidão. Selêucia, cidade fortificada às margens do mar Mediterrâneo, pertencente à Selêucia, foi governada por Ptolomeu por muitos anos, conforme informa Políbio. Parte dessa história foi que Ptolomeu III mandou executar Laodice como coroamento de sua vingança. Prisioneiros de guerra foram reduzidos a escravos no Egito, provendo assim mão de obra barata. E então, como era usual, os *deuses* foram furtados dos lares. Esses deuses representavam os poderes do trono rival e, uma vez arrebatados, presumivelmente a Selêucia se debilitaria. Esse era um procedimento padronizado nas guerras antigas. Cf. como Nabucodonosor levou os vasos do templo para a Babilônia. Ver Jer. 52.17 ss. quanto a essa história. Jerônimo adiante que Ptolomeu levou 2.500 imagens! Contudo, não sabemos dizer quão exata é essa informação.

Ptolomeu III reinou por cerca de 25 anos e, ao que parece, viveu 6 anos mais que Seleuco II. Este último monarca governou por cerca de 19 anos. Ver o gráfico acompanhante. A isso alude a última parte deste versículo.

11.9

Mas depois este avançará contra o reino do rei do Sul. Se o rei do sul (Ptolomeu III) tivesse resistido e terminado a sua campanha, provavelmente acabaria controlando toda a Selêucia. Contudo, uma insurreição fê-lo voltar à sua terra. Essa é a compreensão de alguns intérpretes e tradutores. Outros estudiosos, contudo, dispondo de uma tradução diferente, fazem Seleuco II contra-invadir o Egito, mas isso sem nenhuma vantagem. De fato, a invasão terminou em desastre, pelo que ele voltou à sua terra, no norte, para lamber seus ferimentos. Essa é a compreensão transmitida pela Septuaginta. O homem finalmente morreu de morte acidental, ao cair do cavalo, e foi sucedido por seu filho, Seleuco II Soter (227-223 A. C.).

11.10

Os seus filhos farão guerra. Os vss. 10-19, na maior parte, abordam o reinado de Antíoco III, chamado de o Grande (223-187 A. C.). "O filho mais velho de Seleuco sucedeu-o em 227 A. C., atendendo pelo nome de Seleuco III Cerauno. Assassinado durante uma campanha na Ásia Menor, foi sucedido por seu irmão, Antíoco. Não muito depois de sua sucessão, Antíoco III atacou a Palestina. Em duas campanhas, derrotou os exércitos de Ptolomeu IV Filopater e conquistou considerável parte do país. Em 217 A. C., entretanto, a maré foi revertida, e Ptolomeu obteve vitória decisiva em Ráfia, pelo que o Egito recuperou o controle da Palestina. Contudo, Ptolomeu morreu misteriosamente em 203 A. C., sendo sucedido por seu jovem filho, Ptolomeu V. Então Antíoco foi capaz de aventurar-se novamente contra o Egito e derrotou o general Scopas, em Banias, cercou-o em Sidom, entrou em Jerusalém e neutralizou o Egito ao casar a filha dele, Cleópatra, com o jovem Ptolomeu. Tentando estender seu poder na direção do Ocidente, ele foi derrotado desastrosamente nas Termópilas, em 191 A. C., e em Magnésia, em 190 A. C.. Em 187/186 A. C., ele foi morto quando tentava vingar-se de suas derrotas ao saquear o templo em Elimais" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

Os filhos de Seleuco II foram Seleuco III e Antíoco III. Este último foi quem atacou o Egito, conforme as notas anteriores. Antíoco III, o Grande, tornou-se rei em 223 A. C., aos 18 anos de idade, e reinou durante 36 anos, tendo morrido em 187 A. C. Ver o gráfico acompanhante.

11.11-13

Então este se exasperará, sairá, e pelejará contra ele. *Ptolomeu IV* enviou exércitos que atravessaram a Palestina e derrotaram Antíoco, em Ráfia; mas Antíoco reagiu e esmagou os egípcios em Banias. Ptolomeu IV Filopater governou de 221 a 204 A. C. Ver nas notas sobre o vs. 10 um sumário das diversas batalhas ocorridas, com suas marchas, contramarchas e reversões. "Ptolomeu IV foi forçado a retroceder por Antíoco III, o Grande... Ele se encontrou com Antíoco nas fronteiras ao sul do território de Israel. Inicialmente, conseguiu adiar a invasão encabeçada por Antíoco, tendo matado a muitos milhares de homens. Mas após breve interrupção, Antíoco retornou com outro exército, muito maior que o primeiro, e virou ao contrário o rei do sul" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). Os críticos, naturalmente, vêem em todos esses detalhes intrincados "a narração histórica, *como se fosse* profecia", escrita por um autor posterior, e não pela Daniel da época de Nabucodonosor. Ver a III seção da *Introdução* ao livro.

11.14

Naqueles tempos se levantarão muitos contra o rei do Sul. Enquanto Ptolomeu foi rei-criança, ocorreram várias insurreições no próprio Egito, pelo que houve tribulações internas e externas. O regente do jovem rei chamava-se Agatocles, e as rebeliões foram dirigidas contra ele. Esse homem tinha sido o principal ministro de Ptolomeu IV. Ele era homem dado a oprimir (Políbio, *História* XV.25,34), pelo que merecia os ataques que sofreu. Alguns pensam que a referência é à aliança de Antíoco com Filipe da Macedônia para garantir um ataque prolongado contra o Egito. Possivelmente a referência é lata o suficiente para incluir ambas as coisas.

11.15

O rei do Norte virá, levantará baluartes, e tomará cidades fortificadas. O conflito entre os dois reinos continuou durante vários anos, e, para os contemporâneos, houve batalhas significativas. O texto do livro de Daniel é por demais vago para identificar, em todos os casos, o que está exatamente em pauta. Talvez o vs. 15 se refira ao cerco de Sidom, em 198 A. C. Antíoco obteve vantagem ali e entrou em Jerusalém. Em seguida, neutralizou o Egito, por meio do casamento descrito no vs. 10.

"*Vss. 15-17.* Antíoco III fez uma campanha contra o Egito, tendo-se apossado da Palestina, e então selou a paz com o Egito, ao casar sua filha com o jovem Ptolomeu" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 15). A captura de Sidom ocorreu em 203 A. C. Aí por volta do ano 199 A. C., a ocupação da Palestina se completou.

11.16

O que, pois, vier contra ele, fará o que bem quiser. Antíoco manteve a pressão contra Ptolomeu V e conservou sua vantagem a ponto de fazer o que queria, sem sofrer grande oposição: "Ninguém será capaz de resistir contra ele. Ele obteria poder e controlaria a bela terra de Israel" (NCV). A *terra gloriosa* já havia recebido esse título em Dan. 8.9, que é um toque de orgulho local por aquele lugar sujeito às bênçãos especiais de Yahweh. A Palestina inteira, assim sendo, ficou sob o poder de Antíoco por volta de 199 A. C. A King James Version diz "destruído" em lugar de "todos" (*kalah* em lugar de *kullah,* conforme o hebraico compreendia). Mas à emenda *kullah,* "todos" parece preferível.

11.17

Resolverá vir com a força de todo o seu reino. Após ter alcançado sucesso na Síria, Antíoco invadiria o Egito. Seu rosto voltar-se-ia para essa tarefa, e ele teria a força para tanto. Sabemos que as cidades costeiras da Cilícia, da Lícia e da Cária foram tomadas nessa campanha, mas a história não se mostra muito clara sobre o Egito propriamente dito. Ver Lívio (*História* XXXIII.9.6-11). Antíoco primeiramente derrotou os egípcios fora do reino deles, e então os egípcios dentro do Egito. O "acordo" citado aqui refere-se à aliança do casamento que neutralizou o Egito, descrita nas notas do vs. 10. "Cleópatra se estabeleceu com felicidade no Egito; defendeu a causa de seu marido e encorajou a aliança dos egípcios com Roma, o que se revelou fatal para os planos de Antíoco" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

11.18,19

Depois se voltará para as terras do mar. Antíoco, pensando que poderia fazer qualquer coisa, voltou em seguida sua atenção para a Ásia Menor (197 A. C.) e então para a Grécia (197 A. C.). Mas foi nessa ocasião que Roma enviou Cornélio Cipião (um general) para detê-lo. Ele foi forçado a voltar a seu país em 188 A. C. e morreu um ano mais tarde. Assim, a dança enlouquecida dos insensatos se acalmou e uma nova potência — Roma – começou a surgindo. Alexandre sonhou com um império grego unido, *a la Alexandre, o Grande,* mas a época dos

gregos já havia passado, e chegara a hora dos romanos. Exceto como referência histórica, seria impossível arrancar algum sentido desses versículos: "... as ilhas..." possivelmente significam as cidades costeiras, a começar pela Ásia Menor. O "comandante" foi Cipião. Ele pôs fim à *insolência* de Antíoco (RSV). Esse comandante esmagou Antíoco em Magnésia, forçando-o a aceitar humilhantes condições de paz. Livio (*História* XXXIII.40) e Políbio (*História* XVIII.51.1,2) falam da insolência de Antíoco e de suas ameaças contra Roma, que finalmente foram um tiro pela culatra. Ele foi forçado a recuar através do Taurus até voltar a seus próprios territórios. Ele tentou saquear o templo em Elimais, e isso lhe custou a vida (Políbio, *História* XXI.14.7). Foi assim que ele "tropeçou e caiu", conforme o título nos diz.

11.20

Levantar-se-á, depois, em lugar dele. O "exator" ou cobrador de impostos foi Seleuco IV Filopater (que governou de 187 a 176 A. C.), o qual era filho de Antíoco. Ver o gráfico acompanhante. Seus altos impostos (angariados para que ele pudesse pagar tributos a Roma) afligiram o povo. Mas Heliodoro, seu tesoureiro, o envenenou, pelo que ele morreu "sem ira nem batalha", conforme o texto informa. Ele foi um governante sem popularidade (Apiano, *História Romana* VI.10.60). O mesmo autor fala de sua morte por envenenamento (*op. cit.* XI.8.45). Heliodoro era o irmão de criação desse homem, pelo que houve *traição* envolvida na questão, uma característica comum da política. Parece que há alguma evidência favorável à teoria de que seu sucessor (e irmão), Antíoco IV Epifânio, esteve envolvido nos planos. Ele governou de 175 a 163 A. C.

As Atrocidades de Antíoco Epifânio (11.21-45)

11.21

Depois se levantará em seu lugar um homem vil. Esse homem horrendo era filho de Antíoco III, o Grande. Ele foi o mais poderoso e temido dos selêucidas. Cometeu mais atrocidades que todos os seus antecessores combinados. Esta longa seção foi dedicada a ele por causa de seu relacionamento com Israel. Ele infligiu contra os judeus um prolongado período de sofrimentos e tornou-se assim um tipo do anticristo. Ele é o *pequeno chifre* de Dan. 7.8. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antíoco Epifânio,* quanto a detalhes.

Antíoco Epifânio não estava na linha da sucessão, mas tornou-se rei por manipulação, traição e lisonjas, isto é, a política usual. Era uma pessoa *desprezível.* Ele assumiu o nome *Epifanes,* que significa "o Ilustre". Esse ato de insolência era típico de seu ego tresloucado. Na realidade, ele foi chamado de *Louco,* sendo facilmente possível que de fato mentalmente desequilibrado. O trono deveria ter acabado nas mãos de Demétrio Soter, filho de Seleuco IV Filopater. Antíoco Epifânio apoderou-se do trono e foi inicialmente favorecido por ter-se mostrado suficientemente forte para fazer recuar um exército invasor, provavelmente os egípcios (vs. 22). Ele era pensador hábil e orador habilidoso, cujas guerras com palavras eram tão eficazes como suas guerras com armas. Gostava de valer-se de traições, lisonjas e truques. A palavra hebraica para as lisonjas é *halaqlaq,* que tem o sentido básico de *esperteza suave.*

11.22

As forças inundantes serão arrasadas de diante dele. Antíoco Epifânio era alguém que sabia falar, mas também era bom guerreiro, tendo alcançado êxito em sua primeira ação militar, fazendo um exército (provavelmente egípcio) retroceder. Mas alguns intérpretes opinam que o presente versículo se refere ao fato de ele ter derrotado um "exército de candidatos" ao trono real. O "príncipe da aliança" parece ter sido Onias III, o sumo sacerdote dos judeus, deposto por Antíoco e logo executado. Fazia parte de seus planos consolidar seu poder, bem como helenizar eventualmente os judeus. A interpretação crítico-liberal sobre as *setenta semanas* (ver o gráfico e os comentários em Dan. 9.26) repousa parcialmente sobre esse acontecimento, em que o príncipe que foi cortado seria então Onias III, e não o Messias. Ver II Macabeus 4.7-10,33,36. O infeliz Onias foi deposto em 175 A. C. e executado em 170 A. C.

11.23

Apesar da aliança com ele, usará de engano. As várias alusões deste versículo deixam os intérpretes perplexos, pelo que o melhor que podemos fazer aqui é tentar adivinhar os significados. Este versículo, ao falar em uma "aliança", pode estar falando de um acordo estabelecido entre Antíoco e Onias, ou com os judeus, ou de um acordo de natureza não-especificada. Ou então devemos pensar no acordo com Jasom, que tomou o lugar de Onias. Ou então, ainda, de uma aliança insincera com Ptolomeu. Antíoco Epifânio também fez aliança com os pergamenes, que o ajudaram a subir ao poder. Porém, sem importar qual(is) tenha(m) sido o(s) pacto(s), ele(s) foi(ram) feito(s) visando vantagem pessoal, mediante o emprego de truques e insinceridade, algo freqüentemente muito usado pelos políticos. Numericamente falando, Antíoco não contava com grande apoio, o que significa que ele foi levantado ao poder sem ser uma figura popular e sem contar com o apoio das massas populares. Ele não foi um democrata, mas um déspota espertalhão. Não era do tipo que disputaria uma eleição. Suas manobras por trás do palco eram mais eficazes do que a busca por votos e pela aclamação popular.

11.24

Virá também caladamente aos lugares mais férteis da província. O poder de Antíoco Epifânio foi crescendo, e em breve ele tinha todo o dinheiro da *província,* o que provavelmente devemos entender como a *Palestina.* Ele atacou e saqueou as regiões mais ricas, visando obter vantagens pessoais. Foi tão bem-sucedido em suas traições que conseguiu o que seus antepassados não puderam fazer. Também atacou países estrangeiros e levou deles muitos tesouros, distribuindo essas riquezas entre seus apoiadores fiéis. Seu sucesso desconhecia limites, mas perduraria por pouco tempo. De fato, ele se manteve no poder por somente 12 anos, mas foram 12 anos repletos de atrocidades.

"*Saques, despojos e bens...* Essas palavras nos fazem lembrar das muitas referências às atividades saqueadoras de Antíoco (ver I Macabeus 1.19; 3.31; Políbio, *História* XXXI.9.1). A generosidade de Antíoco, ao distribuir abundantemente aos que viviam ao seu redor, concorda com a história do período. Josefo (*Antiq.* XII.7.2) também mencionou essas atividades" (Arthur Jeffery, *in loc.*). O homem ultrapassou seus antepassados no tocante aos saques e à distribuição de riquezas entre seus apoiadores. Ele se tornou um *homem distintivo,* quanto a seus feitos e excessos.

11.25-28

Suscitará a sua força e o seu ânimo contra o rei do Sul. Tendo consolidado seu poder, Antíoco atacou o Egito, porque ali havia mais poder e bens a serem obtidos. O "rei do sul" foi atacado em 170 A. C. Nas fronteiras com o Egito, ele teve de enfrentar o exército egípcio. Isso ocorreu em Pelúsio, que ficava perto do delta do rio Nilo. Embora os egípcios contassem com numeroso exército, foram derrotados. Então Antíoco resolveu mostrar-se amigo desse povo, e ambos os lados favoreciam a cessação das hostilidades, mas suas esperanças nunca se cristalizaram, pois ambos se mostravam espertos e enganadores, o que novamente é próprio da política.

"Em 169 A. C., Antíoco invadiu o Egito e capturou Ptolomeu VI. Mas dificuldades em sua pátria o forçaram a deixar o Egito e, a caminho de volta (levando muito despojo), ele saqueou Jerusalém e o tesouro do templo" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução aos vss. 25-28). Foi nesse tempo que começaram as grandes atrocidades de Antíoco IV Epifânio contra os judeus, e essa circunstância inspirou o autor sacro a passar algum tempo descrevendo o sucesso das campanhas de Antíoco. O vs. 25 mostra-nos que seu sucesso contra o Egito foi prejudicado por *conspirações* em sua pátria, traições da parte de alguns de seu próprio povo. Eles "fizeram planos contra ele". Ver o vs. 26.

O *vs. 26* pode referir-se a parte das conspirações contra Epifânio. As pessoas que tinham aceitado riquezas da parte dele não hesitaram em atacá-lo pelas costas. E também deram-lhe maus conselhos que o levaram a entrar em conflito com seu sobrinho, o qual, eventualmente, foi feito cativo. Ver os detalhes sobre isso em Políbio, *História* XXVIII.21; Diodoro Sículo, XXX.17. O fato de Antíoco ter saqueado Jerusalém incluiu, naturalmente, grande matança do povo judeu (I Macabeus 1.20-24; II Macabeus 5.11-16; Josefo, *Guerras,* 1.1.1; *Antiq.* XII.5.3). Tendo aprisionado seu sobrinho, Ptolomeu, ele fingiu estar agindo em seu favor, mas o que sucedeu foi que conseguiu submeter larga porção do Egito. Foi forçado a parar em Alexandria. O romano Polílio Laenas estragou os planos de Antíoco. Ele precisou evacuar o Egito, pelo que sua ira se voltou contra os judeus não-helenizados de Jerusalém.

Antíoco contaminou o templo em 167 A. C. O vs. 27 refere-se à *falsa barganha* de Antíoco no Egito. Os dois reis que figuram naquele versículo são Antíoco e Ptolomeu Filometer, seu sobrinho. Teoricamente, Filometer estava em aliança com seu tio contra o irmão mais novo do usurpador. Foi assim que Antíoco reuniu riquezas e conquistou terras, presumivelmente em favor de Filometer, mas, na realidade, ele não se importava em nada com seu sobrinho. Ele agia em interesse *próprio o tempo todo* (segundo disse Livio XLV.11.1). Todo esse esquema teve um *fim nomeado,* que alguns estudiosos fazem ser uma referência escatológica, transferindo tudo para o fim dos tempos e elegendo o anticristo como a verdadeira personagem traiçoeira. Ou o fim pode ter sido do poder e da vida de Antíoco, ou então da guerra. Mas alguns insistem em dizer: "O Fim".

Então tornará para a sua terra com grande riqueza. Antíoco voltou para sua terra levando muitos despojos, pelo que seu tempo passado no Egito não foi desperdiçado. O grande saque do Egito é referido em I Macabeus 1.19, bem como nos *Oráculos Sibilinos* 3.614 s. Passando por Jerusalém, ele ainda foi prejudicial. Entre outras coisas, quis reintegrar Menaleu como sumo sacerdote e expulsou Jasom. Talvez seja isso o que está em vista na expressão "santa aliança", ou seja, fazer Jasom ficar no poder. Outros estudiosos, contudo, mais corretamente, referem-se à fé judaica quando lêem "santa aliança", pois essa fé se baseava nos pactos, a começar por Abraão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos.* Cf. I Macabeus 1.15,63 quanto à *distheke agia,* "santa aliança". Ver também I Macabeus 1.20-24 e 29.36. Antíoco causou muitos danos a Jerusalém, por

causa do conflito entre Jasom e Menelau. Ele saqueou o tesouro do templo e estacionou tropas na cidade para manter a ordem. Contaminou o templo ao oferecer uma porca sobre o altar, e então retornou à própria terra.

"Antíoco lançou um grande exército contra Jerusalém e tomou-a em ataque relâmpago; matou 40.000 pessoas; vendeu muitos judeus como escravos; cozinhou carne de porco e salpicou o caldo sobre o altar; invadiu o Santo dos Santos; pilhou os vasos de ouro e outros itens sagrados do tesouro, que alcançaram o valor de mil talentos; restaurou Menaleu ao ofício sumo sacerdotal e fez de Filipe o governador frígio de Judá (I Macabeus 1.24; II Macabeus 5.21)" (Adam Clarke, *in loc.*, ao descrever os "feitos" de Antíoco Epifânio). A interpretação escatológica vê o anticristo tipificado em tudo isso.

11.29

No tempo determinado tornará a avançar contra o Sul. Mais tarde, Antíoco Epifânio lançou uma *segunda* campanha contra o Egito. Embora a primeira campanha tivesse sido estragada por acontecimentos finais, conseguiu realizar muito do que tinha sido planejado, além de ter rendido muito dinheiro para o Louco. A segunda campanha foi um desastre e enviou o pobre Antíoco de volta à sua terra como um cão surrado. Assim disseram Políbio (*Hist.* XXIX 23-27) e Lívio (XLIV, 19.6-11). A segunda campanha ocorreu apenas dois anos depois da primeira (168 A. C.), pelo que Antíoco era homem que sempre tinha pressa em obter mais diversões no jogo da guerra e dos saques. Todo o fingimento de estar agindo em favor de Filometer foi abandonado, pois o Louco revelava seu verdadeiro caráter.

11.30,31

Dele sairão forças que profanarão o santuário. Quando Antíoco invadiu o Egito, sofreu oposição dos romanos, que tinham chegado ao Egito em *navios* provenientes das *costas ocidentais* (literalmente, "navios de Quitim", ou seja, Chipre). Popílio Laenas levava uma carta do senado romano para ser entregue pessoalmente a Antíoco, proibindo-o de guerrear contra o Egito. Antíoco empregou táticas de adiamento, mas os romanos exigiam resposta imediata. Ele traçou um círculo na areia, em volta de Antíoco, e exigiu que a resposta fosse dada antes que ele saísse de dentro do círculo. Antíoco foi assim forçado a capitular diante das exigências dos romanos, pois, se insistisse em seu caminho, ver-se-ia em guerra contra Roma. Essa foi uma derrota humilhante para o Louco. Ele perdeu a coragem e simplesmente voltou à sua própria terra.

Mas isso não foi o fim da história. Enraivecido, ele atacou Jerusalém de novo, em 167 A. C. Foi então que fundou sua *abominação desoladora*. Isso quer dizer que ele estabeleceu um *altar pagão* no templo de Jerusalém, fazendo os judeus inclinar-se diante dele (vs. 31). Paralelamente, descontinuou as práticas religiosas usuais dos judeus, como os sacrifícios diários e o culto de Yahweh. Quanto à *santa aliança* (vs. 30), ver a mesma expressão no vs. 28, onde apresento notas expositivas. Ele se manteve em contato com os judeus helenizantes e, juntos, planejaram a helenização do judaísmo, a fim de transformá-lo em apenas mais um culto idólatra oriental. Aqueles judeus renegados haviam abandonado o pacto com Deus (ver I Macabeus 1.15; II Macabeus 4.7-17; Assunção de Moisés 8.1-5). O vs. 31 fornece uma pequena lista das excentricidades e atrocidades de Antíoco contra o judaísmo. De modo geral, podemos dizer que ele reduziu o templo de Yahweh a apenas outro santuário pagão. Quanto à abominação que desola, cf. Dan. 8.13; 9.27 e 12.11. Em Dan. 9.27 dou detalhes sobre a interpretação futurista e escatológica dessa questão, segundo a qual os atos de Antíoco são vistos como típicos do que o anticristo fará nos últimos dias. Certas passagens do livro de Apocalipse encorajam esse tipo de aplicação do livro de Daniel, e eu as menciono naquelas notas expositivas.

"Antíoco enviou seu general, Apolônio, com 22.000 soldados, alegadamente em missão de paz. Mas eles atacaram Jerusalém em um sábado, mataram a muitos judeus, tomaram mulheres e crianças para serem vendidos como escravos, e saquearam e incendiaram a cidade. Buscando helenizar o judaísmo, ele proibiu os judeus de seguir suas práticas religiosas, incluindo as festividades e a circuncisão, e ordenou que as cópias da lei fossem queimadas. E então estabeleceu a *abominação que desola*. Ele erigiu sobre o altar dos holocaustos um altar dedicado a Zeus. Em seguida os judeus foram compelidos a fazer uma oferta no dia 25 de cada mês, a fim de celebrar o aniversário natalício de Antíoco" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). Os judeus helenizados receberam prêmios por terem ajudado o Louco a cumprir seus planos. Taanith 4.6 diz-nos que um altar pagão substituiu o altar dos holocaustos, e uma estátua de Zeus foi erigida sobre esse altar.

11.32

Aos violadores da aliança ele com lisonjas perverterá. Os judeus favoráveis à helenização foram seduzidos para seguir o programa do Louco. Mas haveria um movimento de oposição que buscaria reverter a questão. I Macabeus 1.62 relata sobre essa oposição, que resultou, afinal, na resistência dos macabeus. Houve muitos mártires, muitas matanças e muito sofrimento durante aquele período temível, que alguns pensam ser apenas típico do que acontecerá em Israel, antes do estabelecimento do Reino milenar de Deus. Uma ridícula *deificação* de Antíoco (vs. 36) seria o ponto alto da apostasia. Ver II Tes. 2.4, onde se lê que isso foi dito sobre o anticristo.

I Macabeus 2.18 fala sobre as promessas lisonjeadoras feitas a Matatias, mas por ele rejeitadas, porquanto havia um destino maior do que isso. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Matatias*, terceiro ponto. Ele foi o pai dos cinco homens que pegaram em armas e quem, finalmente, livrou os judeus do domínio pagão. Ver no *Dicionário* o artigo sobre os *Harmoneanos*, para detalhes sobre a questão.

"Um pequeno remanescente permaneceu fiel a Deus, recusando-se a engajar-se nessas práticas abomináveis. Antíoco IV Epifânio morreu insano na Pérsia, em 163 A. C. Ver notas sobre isso em Dan. 8.23-25" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*).

11.33-35

Os entendidos entre o povo ensinarão a muitos. O movimento de resistência dos judeus. Alguns judeus helenizadores puseram-se ao lado de Antíoco, esquecidos do pacto, mas os sábios, embora perseguidos, mantiveram-se na oposição. O *pequeno socorro* (vs. 34) foi o sucesso dos macabeus, a revolta encabeçada por Matatias e seu filho, Judas Macabeu (I Macabeus 2)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução aos vss. 33-35).

Os "sábios" eram aqueles que estavam aptos a aprender, bem como aqueles que compreendiam a situação de Israel e o potencial de Deus. Aqui eles aparecem como os líderes do movimento da resistência. Tentativas anteriores de libertar os judeus do jugo estrangeiro não foram bem-sucedidas (I Macabeus 1.60,63; 2.31-38; 5.13; II Macabeus 6.10,18 ss.). Muitos judeus foram mortos ou sofreram de uma de quatro maneiras possíveis: espada, fogo, cativeiro, saque. As chamas atiçaram a resolução e o movimento cresceu em número e eficácia.

Ao caírem eles, serão ajudados com pequeno socorro. O *pequeno socorro* foi o sucesso dos macabeus, a revolta encabeçada por Matatias e seus cinco filhos. Ver I Macabeus 2. Mas mesmo então muitos aderiram à causa com lisonjas, isto é, sem *sinceridade*. Então foi a vez de Judas Macabeu cometer atrocidades. Há muitas referências às suas brutalidades contra os helenizadores e os desviados. Ver I Macabeus 2.44; 3.5,8; 6.19-24 e 9.23. Trata-se da antiga história de os perseguidos tornarem-se os perseguidores, uma vez que adquiram poder para tanto.

Alguns dos entendidos cairão para serem provados. Os sofrimentos e a morte atuariam como agentes de purificação, preparando a nação para um novo dia depois de Antíoco Epifânio. O versículo também parece olhar para o futuro distante, para o *tempo do fim* em geral, indicando que uma nação perseguida de Israel seria purificada. Devemos compreender que os sofrimentos faziam parte do plano de Deus, pelo que deviam ser tolerados corajosa e pacientemente, pois Deus sabia o que estava fazendo. Israel tinha sido uma nação de grandes privilégios, mas também tinha abusado contra esses privilégios. E agora os israelitas precisavam ser expurgados da escória a fim de se tornarem prata fina. Era mister lavar-lhes as manchas, como se lava um vestido de linho branco. "... para que pudessem tornar-se mais fortes e mais puros. Eles ficarão sem falhas até o tempo do fim. E então, no tempo certo, virá o fim" (NCV). Cf. com Sal. 51.7; Isa. 1.18; I Ped. 1.7.

11.36

Este rei fará segundo a sua vontade. *Será a Septuagésima Semana?* Os eruditos dispensacionalistas crêem que os vss. 36-39 vão além do que pode ser dito sobre Antíoco Epifânio, e vêem aqui o anticristo, bem como a última das setenta semanas. Ver o gráfico e as explicações acompanhantes das *Setenta Semanas*, em Dan. 9.26. Os intérpretes históricos não vêem razão alguma em separar esses versículos do contexto e continuam a ver neles descrições sobre Antíoco. Ele se tornou tão poderoso que se movia à vontade, sem que houvesse oposição alguma. Outro tanto foi dito acerca de Alexandre (vs. 3) e de Antíoco, o Grande (vs. 16). Cf. também Dan. 8.4. Era comum aos déspotas orientais exigir adoração e lealdade como se fossem deuses, e Antíoco não foi exceção a essa regra. Cf. II Tes. 2.4 quanto à mesma coisa que será feita pelo anticristo. Dario, o medo, havia feito o mesmo (ver Dan. 6.7). Essa parte da história não foi comentada pelos historiadores seculares, como Plínio e Políbio, que sempre observaram a devoção do homem aos deuses e sua contribuição a santuários idólatras. Em sua forma de paganismo, o Louco exaltou-se acima de todos os deuses e especialmente acima do Deus dos israelitas (o Deus dos deuses), porquanto era um perseguidor especial dos judeus. Cf. Dan. 5.23, onde lemos que Belsazar era culpado de algum crime. I Macabeus 1.24 fala sobre a *grande presunção* de Antíoco Epifânio, mas não inclui as blasfêmias especiais deste texto de Daniel.

Falará cousas incríveis. Cf. Dan. 7.8,25; 8.24. A total falta de reverência do homem por Yahweh deixava vexada a mente dos hebreus. Nisso temos um contraste com as atitudes de Nabucodonosor e de Ciro, os quais, apesar de serem pagãos, pelo menos respeitavam o Deus dos judeus.

Até que se cumpra a indignação. Os estudiosos dispensacionalistas pensam estar em foco aqui a *Grande Tribulação*, que se voltará contra toda a impie-

Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício costumado, estabelecendo a abominação desoladora.

Daniel 11.31

*** *** ***

A Segunda Vinda

Girando e girando em círculos cada vez maiores,
O falcão não pode ouvir o seu treinador;
As coisas se despedaçam; o centro não pode manter-se.
...
Certamente alguma revelação está próxima,
Certamente a segunda vinda está às portas.
A segunda vinda! Nem bem são ditas essas palavras
E a vasta imagem do espírito do mundo
Atribula minha visão...
...
As trevas sobrevêm novamente; mas agora sei
Que vinte séculos de sono de pedra
Foram agitados em pesadelo por um berço que balança.
E que fera violenta, que haverá de surgir
É essa que se avizinha de Belém?

William Butler Yeats

A CABEÇA DA SERPENTE

A cabeça da serpente se levantou,
Com olhos maliciosos e furtivos,
Com boca nociva a zombar,
A violentar toda inocência, a espumar seu ódio,
A desejar vil perservidade.

A cabeça da serpente se levantou,
Tão bela, em todo o seu intrincado desenho,
Encantadores são seus prazeres, ao que todos resignam;
Nada tão alegre, tão saudável,
Tão precioso, tão benéfico pode estar errado,
Correta e justamente a ela o mundo se amontoa.

A cabeça da serpente se levantou,
Eis em seus olhos a sabedoria dos séculos,
Por que não buscar suas vantagens?
A ela damos alegre lealdade, a ela adoramos,
Posto que satisfação dá a todos, de seu vasto tesouro.

A cabeça da serpente se levantou,
sua tentadora beleza... é feiúra vil;
seu encanto atrativo... é a maldição da raça;
sua alegria e seus prazeres... horrenda desgraça;
sua sabedoria e gênio depravado... apaga a piedade.

Russell Champlin

dade e purificará a terra inteira. Ver Dan. 9.27 e Apo. 19.19,20; e ver no *Dicionário* o verbete *Tribulação, a Grande*. A interpretação histórica viu tempos de aflição que atingiriam Antíoco e todo o seu mundo, por causa das degradações morais e das blasfêmias religiosas. Novamente, encontramos aqui a afirmação de que tudo o que está sendo descrito está sob o controle e ocorre pelo decreto de Yahweh, em cujas mãos repousam o destino de todos os homens. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Soberania de Deus*. Cf. Atos 17.26. Os limites e o tempo das nações são determinados por Ele.

11.37

Não terá respeito aos deuses de seus pais. "Antíoco" marchava na direção de sua condenação. Ele abandonou o deus de seus pais, bem como o culto de Tamuz-Adônis, estando interessado por Zeus Olimpo e reivindicando honras divinas para si mesmo" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). O culto a Tamuz-Adônis era muito popular entre as mulheres, desde o começo até o fim (cf. Eze. 8.14). Alguns estudiosos vêem aqui o desejo sexual de Antíoco por um homem, e, em seguida, aplicam isso ao anticristo, chamando-o de homossexual! Mas o texto não diz coisa alguma assim absurda. Os registros históricos revelam a devoção de Antíoco a muitos deuses, o que parece ter-se modificado no fim de sua vida, quando ele se precipitou de cabeça no absurdo oriental de fazer de si mesmo um deus e então arrogar-se a uma honra superior aos deuses que ele tinha retido em seu culto pessoal. Cf. isso com II Tes. 2.4. Outra interpretação ridícula deste versículo é fazer o "desejo das mulheres" significar "alguém desejado pelas mulheres", tornando-o a esperança messiânica: as mulheres israelitas esperavam ser a mãe do Messias! Cf. Dan. 1.25,28.

11.38

Mas em lugar dos deuses honrará o deus das fortalezas. "O rei do Norte adorará o poder e a força. Os seus ancestrais não amaram tanto o poder quanto ele. Ele honrará o deus das fortalezas com ouro e prata, jóias caras e dons riquíssimos" (NCV). A interpretação usual dessas palavras é que está em pauta o Zeus Olimpo, equivalente ao deus romano Júpiter Capitolino. Esse deus foi honrado por Antíoco mediante a construção de um templo em Antioquia (Lívio, *Hist.* XLI.20.9). Mas pode estar em pauta o *deus da guerra*, sem ser identificado, ou talvez o deus tírio, Melcarte. Alguns também falam em Roma. Ou a referência pode ser a qualquer deus que os leitores lembrarem, através das descrições dadas, mas que permanece indefinido pelo autor sacro. Seja como for, a mensagem é perfeitamente clara: ele era um poder-amante e fez disso o elemento principal de seu culto. Cf. Apo. 13.12-18 e 17.6, versículos apontados por alguns na tentativa de tornar este versículo paralelo com o anticristo dos últimos dias. "O Anticristo honrará um deus das fortalezas, ou seja, promoverá a força militar ... O deus desconhecido por seus pais pode ser Satanás" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*, em um esforço frenético por adaptar este versículo à interpretação dispensacional e futurista).

11.39

Com o auxílio de um deus estranho agirá contra as poderosas fortalezas. "Esse rei atacará cidades fortes e muradas. Fará isso com a ajuda de um deus estrangeiro. Ele em muito honrará o povo que aliar-se a ele..." (NCV). Este versículo empresta alguns detalhes à idéia do vs. 38: a loucura do homem pelo poder dominava tudo o que ele pensava e fazia. Como Antíoco ajuntava honra, poder e riquezas para os que o apoiavam, é confirmado em II Macabeus 4.8-10,24. Ele doava terras como salários aos seus "trabalhadores". Parte dessa distribuição de terras provavelmente visava obter apoio, e não meramente recompensar aos que já o tinham apoiado. O suborno era uma forma de consolidar o poder (ver I Macabeus 2.18; 3.30).

11.40

No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele. *Os vss. 40-45* predizem o que finalmente deverá acontecer ao louco homem de poder. Os intérpretes crítico-liberais vêem aqui uma predição pura. Até este ponto eles tinham identificado somente uma "profecia" que na realidade foi contada "após os fatos", isto é, *história* relatada como se fosse profecia. Então salientam o fato de que esses versículos erram o alvo. As coisas preditas simplesmente não aconteceram com Antíoco Epifânio. Já os intérpretes dispensacionalistas, futuristas, tiram vantagem da situação e fazem tudo referir-se ao que acontecerá ao anticristo, nos últimos dias, imediatamente antes da inauguração do Reino de Deus por meio do Messias. Algum esforço heróico é envidado aqui, na tentativa de encontrar eventos nos últimos anos de Antíoco que se ajustem a essas predições, mas não muito sucesso é alcançado com esses esforços.

"O escritor esperava uma nova aventura contra o Egito, na qual Antíoco seria bem-sucedido, onde, anteriormente, tinha fracassado. Como antes, ele será obrigado a retirar-se devido a rumores de dificuldades em sua terra, justamente quando estava colhendo os frutos da vitória. Mas a caminho de sua terra, quando ele se aproximava uma vez mais da Cidade Santa, com sinistros propósitos, eis que ele chegou ao fim. Como é óbvio, o escritor sagrado estava antecipando o futuro em termos dos vários elementos da situação, em seus próprios dias, que pareciam apontar para uma nova guerra com o Egito, que ultrapassaria o medo envolvido nas campanhas anteriores" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

De acordo com o ponto de vista dispensacionalista, o "rei do Sul" *atacará Israel*. "Alguns eruditos sugerem que isso ocorrerá no meio da semana de setenta de anos. Mais provavelmente, porém, acontecerá perto do fim da segunda metade do período de sete anos... Simultaneamente à invasão de Israel, pelo rei do Sul (o Egito), haverá uma invasão pelo rei do *Norte*. Alguns eruditos bíblicos equiparam isso com Gogue e Magogue, pois Gogue virá do norte (ver Eze. 38.15)... Essa invasão não correspondeu aos fatos históricos. Jaz ainda no futuro. Certamente não está em pauta um dos reis selêucidas do Norte, conforme se vê nos vss. 5-35" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). Tais interpretações podem ou não conter alguma verdade. Eu, pessoalmente, não apostaria nisso.

11.41

Entrará também na terra gloriosa e muitos sucumbirão. Por meio da interpretação histórica, o que se espera que aconteça no futuro repetirá o que aconteceu a Antíoco no passado. Irado porque seus planos não funcionaram bem (conforme esboçado nas notas sobre o vs. 40), e ele atacará *novamente* Jerusalém, na *terra gloriosa*. Cf. Dan. 8.9; 11.16,30,31. Como antes, haverá grande matança, com milhares de vítimas. Alguns países circunvizinhos escaparão de suas chicotadas, a saber, Edom, Moabe e a parte principal de Amom. Os eruditos dispensacionalistas vêem aqui os sucessos militares do anticristo. Os intérpretes históricos tentam freneticamente encontrar esses eventos nos anos finais de Antíoco, mas acham somente coisas que já aconteceram no passado. Os eruditos futuristas, por sua vez, transferem tudo para uma data futura e inventam cenários para as atividades do anticristo. Talvez sim, talvez não. Ainda outros tentam encontrar tudo isso na história da igreja e nos ataques desferidos contra ela ao longo dos séculos. Essa é uma interpretação doentia, para dizermos o mínimo. Não há aqui nenhum indício do fracasso dos planos de Antíoco. Foi isso o que aconteceu no passado, e não o que foi predito quanto ao futuro.

11.42

Estenderá a sua mão também contra as terras. "O rei do Norte mostrará o seu poder em muitos países. O Egito não escapará" (NCV). Entre as presumíveis vítimas das aventuras futuras de Antíoco estará o Egito, que, por longo tempo, foi objeto de sua ira. Supõe-se que Ptolomeu provocaria ainda outra guerra entre o norte e o sul, mas levaria a pior no encontro. Mas os intérpretes dispensacionalistas fazem tanto o Egito quanto o norte e outros lugares mencionados objetos dos ataques do anticristo. Essa interpretação faz os reis do norte e do sul lutar contra o anticristo, mas dificilmente é isso o que o texto diz. Para conseguir essa interpretação sobre o "anticristo", toma-se necessária considerável manipulação do significado claro do texto. O vs. 40 mostra o rei do sul atacando o rei do norte, o qual retaliaria ferozmente, obtendo a vitória. O rei do norte, após isso, lançar-se-ia ao ataque contra outros países. Alguns intérpretes históricos *presumem* que o rei do norte, irado porque seus planos não deram certo, marcharia pela Palestina e destruiria quase tudo em seu avanço. Mas essa presunção não se encontra no texto presente, embora esteja na história que o antecedeu.

11.43

Apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata. A guerra contra o Egito renderia imensos despojos. De fato, Antíoco esperava apossar-se dos vastos tesouros daquele lugar. Prêmios menores seriam a Líbia e a Etiópia, que também cairiam sob o seu governo. "Lubim e Cushim estariam em seu séquito. *Lubim* significa os líbios que habitavam a oeste do Egito, e os *Cushim* eram os etíopes que habitavam ao sul do Egito. Eles representavam a Cirenaica e a Etiópia, consideradas limites tradicionais do império egípcio. Assim, este versículo significa que a conquista do Egito, por parte de Antíoco, seria completa" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Nem tudo isso sucedeu, embora fosse o que o profeta tinha antecipado. Os intérpretes futuristas vêem o anticristo conhecendo essa parte do mundo, de maneira geral, embora não de maneira absoluta.

11.44

Mas pelos rumores do oriente e do norte será perturbado. A campanha altamente bem-sucedida de Antíoco será perturbada por notícias que o levariam a retroceder para o leste e para o norte, saindo do Egito, a fim de abordar a perturbação ameaçada. 1. Em seus últimos anos, ele enfrentou muitas dificuldades com os partas e com o reino da Armênia, e isso poderia estar em vista. 2. Mas outros estudiosos pensam estar em pauta aqui o sucesso dos macabeus em Judá e em Jerusalém. Portanto é de presumir-se que Antíoco sairia irado para dominar os judeus, por meio de vasta matança. Os intérpretes futuristas fantasticamente vinculam isso a Apo. 9.16, a invasão de um exército maciço de duzentos

milhões de soldados vindos do leste do rio Eufrates. Então, para aumentar as dificuldades do anticristo, outro exército marchará vindo do *norte*. Mediante tais conjecturas, mergulhamos em um caos interpretativo. Irado por tal oposição, o anticristo planejará vingar-se contra Israel! Naturalmente, foi exatamente isso que Antíoco fez antes, quando fracassou nas campanhas militares (ver os vss. 30 e 31). Adaptar esses detalhes ao futuro anticristo é realmente precário, mas essa interpretação é muito popular hoje em dia, em certas porções da igreja.

11.45

Armará as suas tendas palacianas entre os mares. O irado Antíoco virá agora contra Judá e Jerusalém, o "monte santo", o santuário de Yahweh. Finalmente, porém (embora como não nos seja dito), o Louco perecerá naquele lugar, e assim, com grande alívio, encerramos o livro que relata sua história. No fim, nenhum homem será capaz de ajudá-lo, e supomos que poucos se aventurariam a isso. Abandonado, ele sofreu algum tipo de morte miserável. O que fica implícito é que ele não conseguiu violar o templo mais uma vez. Houve intervenção do poder dirigido por Deus. Ele tinha armado suas tendas reais em algum lugar, entre o mar Mediterrâneo e Jerusalém, onde estava o monte glorioso (Sião) e o templo. De seu acampamento, ele lançaria ataques para esmagar os macabeus. Mas seus planos falharam terrivelmente, e ele caiu em algum lugar do campo de batalha. "O livro parece ter sido terminado quando Antíoco ainda vivia e o templo ainda não havia sido purificado e remediado. O escritor sacro não fazia idéia de onde Antíoco morreria, embora tivesse antecipado que esse lugar seria a Palestina, imediatamente antes da consumação final" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Nenhuma dessas predições se cumpriram, e, assim sendo, os intérpretes futuristas fazem a questão inteira aplicar-se ao anticristo. "Deve-se observar que o fim desse rei ocorreria na mesma localidade que, algures, aparece predito pelos profetas como o lugar da queda do anticristo (ver Eze. 39.4; Joel 3.2,12; Zac. 14.2)" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antíoco Epifânio*.

"Ostentando-se como Cristo, o anticristo estabelecerá seu quartel-general em Jerusalém, a mesma cidade de onde Cristo governará o mundo durante o milênio (ver Zac. 14.4,17). O anticristo fará pose de Cristo, introduzindo o governo de um mundo, só tendo a si mesmo como governante e senhor de uma única religião mundial, segundo a qual ele será adorado como um deus. Deus, porém, destruirá o reino desse rei, que chegará ao fim. Cf. Dan. 7.11,26, diante da aparição pessoal de Jesus Cristo sobre a terra (ver Apo. 19.19,20)" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*, com uma típica interpretação futurista, segundo linhas dispensacionalistas). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Anticristo*.

Capítulo Doze

O livro de Daniel compõe-se essencialmente de *seis histórias* e *quatro visões*. As histórias ocupam os capítulos 1-6, e as visões os capítulos 7-12. Quanto a detalhes sobre esse arranjo, ver a porção intitulada "Ao Leitor", parágrafos quinto e sexto, apresentados imediatamente antes do começo da exposição de Dan. 1.1. Os capítulos 10-12 contêm, na realidade, apenas *uma visão*, a quarta. O capítulo 10 age como *prólogo;* o capítulo 11 apresenta a própria visão, juntamente com a interpretação. E, então, o capítulo 12 dá o epílogo, levando-nos a tempos posteriores aos de Antíoco Epifânio, até a consumação de nossa era. O autor não tinha idéia da grande expansão de tempo que estaria envolvida entre Antíoco e o fim de nossa era. Alguns intérpretes fazem Dan. 11.40-45 referir-se ao futuro anticristo e, assim, saltam muitos séculos para chegar ao fim, que agora é descrito.

"Com a morte de Antíoco Epifânio, começa a consumação final e está em vista a iminência do fim, e Miguel, o anjo guardião dos judeus, se agita. A Grande Tribulação torna-se realmente grande, nos espasmos finais de agonia de um mundo moribundo, que são, ao mesmo tempo, as dores de parto do reino messiânico. A questão inteira termina em uma ressurreição geral, a grande separação entre os salvos e os condenados, e a inauguração do Reino dos santos. Nesse ponto, termina a visão (vss. 1-4), e o vidente recebe ordens para selar o livro. Esse é o fim do apocalipse original, mas a isso foram adicionados três suplementos (vss. 5-13): a) Em uma visão, Daniel viu dois anjos à beira de um rio e perguntou-lhes *quanto tempo* se passaria até o fim. Ele é informado de que a tribulação se prolongaria por mais três anos e meio. Mas quando ele pede por mais explicações, é convidado a partir. b) Outro cálculo da duração da abominação fala em 1.290 dias. c) Um cálculo final transforma isso em 1.335 dias" (Arthur Jeffery, in *loc.*).

Seja como for, o capítulo 12 passa de coisas temporais para coisas eternas, sendo, assim, uma digna continuação do capítulo 11.

Epílogo: Coisas Pertencentes à Consumação das Eras (12.1-13)

Temos aqui duas divisões principais: vss. 1-3 (Israel é libertado) ou vss. 1-4 (fim da tribulação e a ressurreição); e vss. 4-13 (conclusão).

12.1

Nesse tempo se levantará Miguel. Que tempo será esse? O tempo da derrubada de Antíoco Epifânio (interpretação histórica); ou o tempo do fim do anticristo (interpretação dispensacionalista e futurista). Ver as notas sobre Dan. 11.40-45, especialmente o vs. 45. O autor sagrado não tinha consciência da grande expansão de tempo que viria em seguida e o separaria da consumação final das coisas da era presente. Provavelmente ele esperava ver as "coisas finais" acontecer em seu próprio período de vida. Também é provável que ele pensasse que Antíoco Epifânio fosse o gatilho para iniciar o período final. Miguel, o guia angelical e protetor de Israel, seria instrumental na proteção da nação de Israel durante a Grande Tribulação, e um elemento de proteção dos israelitas antes que chegasse a temível tribulação. Ver as notas sobre Dan. 10.13 e 20 quanto ao conceito dos anjos guardiães das nações. A Miguel caberia a tarefa de fazer preparativos para o fim. Grandes poderes serão necessários para manter as coisas sob controle, naquela hora crítica. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Tribulação, a Grande,* que contém algum material dúbio que os dispensacionalistas crêem fazer parte do cenário do fim.

Todo aquele que for achado inscrito no livro. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Livro da Vida.* Somente aqueles cujos nomes foram escritos no livro serão salvos do poder da Grande Tribulação. Está em pauta a salvação da destruição física. Mas, olhando para os vss. 2-3, devemos supor que também esteja em vista a salvação da alma, e não somente a salvação do corpo. O vs. 1 não pode referir-se à salvação da morte física para Israel em geral, mas fala da preservação da nação de Israel, com sua futura exaltação entre as nações, como a cabeça dos povos, possibilitada por essa salvação. É provável que a maior parte de Israel morrerá, mas o remanescente levará avante a história. "Talvez também encontremos aqui a idéia de que os nomes dos fiéis de gerações anteriores foram igualmente registrados, para que esses fiéis igualmente compartilhem da vida abençoada do Reino vindouro" (Arthur Jeffery, *in loc.*). Cf. isso com Rom. 11.26.

12.2

Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão. Esta é uma das poucas claras referências, no Antigo Testamento, à vida além-túmulo. Essa vida será mediada pela ressurreição. Coisa alguma é dita claramente sobre a alma eterna, que sobreviverá à morte biológica. Portanto, não sabemos dizer se o autor acreditava ou não nessa doutrina, embora ela possa ser subentendida aqui. Entretanto, há algumas claras instâncias dessa doutrina no Antigo Testamento, além de muitas referências a esse ensino no Novo Testamento. No Pentateuco, no entanto, não existe nenhuma afirmação clara sobre a vida para além da morte biológica. Ali, os homens bons não recebem nenhuma promessa de recompensa para depois da vida física, nem os ímpios são ameaçados de sofrimentos em um "pós-vida". Somente nos Salmos e nos Profetas encontramos referências à alma e à sua sobrevivência ante a morte biológica. Todavia, essa idéia cresceu nos livros apócrifos e pseudepígrafos, e então a noção se desenvolveu no Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Alma,* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade,* onde apresento abundância de material sobre os assuntos, incluindo as pesquisas científicas feitas na área. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ressurreição.*

Note também o leitor que a ressurreição dos bons e dos maus (não separados aqui, como em Apo. 20.5) produzirá recompensas para os bons e julgamento para os maus. Esta é, praticamente, a única referência veterotestamentária dessa natureza, a qual se tornou comum nos livros apócrifos e pseudepígrafos. As chamas do inferno foram acesas pela primeira vez em I Enoque, como os eruditos sabem. O rio de fogo ali mencionado torna-se o lago do fogo de Apo. 20.14.

O ensino de Daniel sobre o tempo em que essas condições prevalecerão é o ensino comum, dando a entender que ambos os estados — tanto dos bons quanto dos maus — durarão *para sempre.* É inútil tentar encontrar em Daniel a esperança maior que vemos no Novo Testamento como I Ped. 3.18 - 4.6, de que Cristo teve uma missão misericordiosa no próprio hades, revertendo o estado dos perdidos que ali se voltaram para Ele. Além disso, Daniel não previu a restauração geral que é o tema de Efé. 1.9,10, o Mistério da Vontade de Deus, ou seja, o que Deus fará, finalmente. Portanto, o próprio Daniel, tal como outros autores bíblicos, tinha uma visão preliminar de tais questões. Como se sabe, a revelação modifica as coisas. A revelação é uma ciência crescente. Há grande diferença entre o Antigo e o Novo Testamento; e até mesmo dentro do Novo Testamento um autor pode mostrar-se mais profundo que outros, quanto a certos assuntos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos *Descida de Cristo ao Hades* e *Restauração.* Ver também o verbete chamado *Mortos, Estado dos,* onde acompanho os diversos estágios dessa doutrina.

Que a morte era um estado de *sono* no pó (sem a consciência da alma) era uma idéia judaica comum (cf. Enoque 91.10 e 92.3). Gradualmente, os judeus assumiram a posição que já existia entre vários outros povos, ou seja, de que a *alma* sobrevive à morte biológica. Então, no cristianismo, há a combinação das idéias da ressurreição e da alma. Atualmente, os estudos no campo do psiquismo nos dão maiores informações sobre a alma, e já nos aproximamos da prova científi-

ca dessa idéia. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Experiências Perto da Morte,* sobre o que está sendo feito no campo científico.

Os Atos Estabelecem Diferenças. A separação entre os bons e os maus dependerá do que ambos tiverem praticado. Cf. Apo. 20.12; Enoque 90.20-27; II Baruque 24.1. Esses dois grupos irão para seus estados separados de recompensa ou punição. O *céu* e o *inferno,* a essa altura dos acontecimentos, ainda não tinham entrado na corrente do pensamento judaico; mas nos livros pseudepígrafos eles se tornaram doutrina padrão. Naturalmente, houve a doutrina do *sheol,* que passou por um longo desenvolvimento. A punição dos maus ocorrerá ali, e a recompensa para os bons tornou-se parte da doutrina (conforme vemos em Luc. 16).

12.3

Os que forem sábios, pois, resplandecerão, como o fulgor do firmamento. Os justos *resplandecerão* para sempre em seu estado esplendoroso. Isso será especialmente verdadeiro no caso daqueles que tiverem desviado a outros do caminho do mal, para seguirem o caminho do bem. Eles salvaram a si mesmos e a seus semelhantes dos caminhos da morte e da apostasia, pelo que merecem uma recompensa especial e conspícua. Cf. Mat. 13.42, que provavelmente repousa sobre este versículo. A luz está associada aos bons, pois Deus é luz, Cristo é luz e o crente é luz. Ver sobre *Luz, Metáfora da* quanto ao desenvolvimento dessa idéia. "Essa é a consolação oferecida como apoio aos que forem testemunhas da tribulação dos últimos dias" (Ellicott, *in loc.*).

> *Sabei que aquele que converte o pecador do seu caminho errado, salvará da morte a alma dele, e cobrirá multidão de pecados.*
>
> (Tiago 5.20)

É assim que os *sábios* agem e receberão a sua recompensa. Em contraste, os insensatos, que se entregam à multidão de pecados, serão condenados. Cf. Dan. 11.33,35, onde os sábios lideram os fiéis. Ver sobre *Compreensão* em Pro. 5.1, e sobre *Sabedoria* em Dan. 1.20 e 8.1,27. Quanto à sabedoria *como um pai,* ver Pro. 8.32. Em seguida, ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Sabedoria.*

Conclusão (12.4-13)

A Selagem do Livro (12.4)

12.4

Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro. Alguns estudiosos supõem que este versículo seja o último do livro de Daniel, e o que se segue seja uma adição posterior. Nesse caso, os vss. 5-13 seriam o verdadeiro *Epílogo* do livro de Daniel.

Foi o arcanjo Miguel (provavelmente; ver o vs. 1) quem ordenou que o livro fosse encerrado. Aconteceriam muitas coisas que não seriam reveladas a Daniel, e muitas das coisas reveladas seriam entendidas apenas parcialmente. No fim dos tempos, quando as coisas começarem a acontecer, o selo será retirado do livro, que só então será compreendido por completo. Tradicionalmente, a profecia é mais bem compreendida quando começam a acontecer os eventos preditos, os quais atuam como intérpretes do que havia sido predito. "O anjo ordenou ao vidente que ocultasse as profecias até que o tempo estivesse maduro para elas serem desvendadas... Essas profecias seriam colocadas à disposição dos fiéis, para que eles entendessem a significação dos eventos em meio aos quais estariam vivendo (cf. II Esd. 14.44 ss.; Enoque 1.2; Apo. 22.10)" (Arthur Jeffery, *in loc.*).

Até ao tempo do fim. Ou seja, o tempo que antecederá, de imediato, o estabelecimento do Reino de Deus, mas que Daniel antecipou como "não muito distante". Portanto, do ponto de vista de Daniel, o livro não permaneceria selado por longo tempo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Últimos Dias.*

Muitos o esquadrinharão. Sir Isaque Newton, ao ler esta declaração do livro de Daniel, predisse que algum dia os homens haveriam de viajar com a estonteante velocidade de 80 km por hora! Voltaire ridicularizou essa afirmação e disse que, se um homem viajasse a tão grande velocidade, morreria sufocado. Mas quem era o tolo? Os intérpretes não sabem como interpretar e patinam entre três posições. 1. Alguns estudiosos supõem que isso se refira à correria para cá e para lá, conforme se dá na guerra e na confusão, e não por meios superiores de locomoção. 2. Outros eruditos pensam que a correria para cá e para lá diz respeito aos esforços frenéticos, da parte de alguns, para compreender as profecias. "Muitos examinarão ansiosamente este livro, em busca de conhecimento quanto à maneira como Deus trata com o Seu povo, e daí derivarão consolo e compreensão" (Ellicott, *in loc.*). 3. Outros vêem a correria como os esforços despendidos na pregação do evangelho, ou seja, as missões modernas (mas isso se afasta muito do alvo).

O saber se multiplicará. Esta parte do versículo tem sido popularmente compreendida como uma referência ao grande aumento do conhecimento nos últimos dias. De fato, os últimos cem anos da história do mundo têm testificado descobertas científicas que põem em eclipse todos os séculos anteriores juntos. Mas a principal referência é ao aumento do conhecimento sobre a *profecia* e sobre os eventos que este livro apresenta.

Epílogo (12.5-13)

12.5

Então eu, Daniel, olhei, e eis que estavam em pé outros dois. Esses outros dois eram anjos, em adição àquele que falava com Daniel sobre a visão, que seria identificado como Miguel ou Gabriel. Ver Dan. 8.15,16. Eles tinham *forma humana,* e não forma de animais (como nas visões), mas eram seres sobrenaturais. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Anjos; Gabriel* e *Miguel.* O ministério angelical continua aqui. Um desses anjos estava em uma das margens do rio Tigre, e o outro estava na outra margem. Quanto ao rio *Tigre,* ver Dan. 10.4.

Os anjos estavam disponíveis para explicar determinados aspectos das visões sobre o tempo do fim. A experiência humana prova a realidade do ministério dos anjos.

O ministério dos anjos é um fato abençoado, embora seja geralmente negligenciado pelos protestantes e evangélicos para evitar os abusos. O artigo chamado *Anjos* entra em detalhes sobre a questão.

12.6

Um deles disse ao homem vestido de linho. "É evidente que dois anjos ajudavam o mensageiro angelical, que provavelmente era Gabriel (ver os comentários sobre Dan. 10.5). Um dos anjos chamou o outro anjo, que estava de pé ao lado de Gabriel (aquele vestido *de linho*; Dan. 10.5) e perguntou: *Quanto tempo se passará até que essas coisas espantosas se cumpram?* As "coisas espantosas" provavelmente são aos eventos registrados em Dan. 11.36-45, que pertencem à ocupação final de Israel pela vinda do governante gentílico" (J. Dwight Pentecost, *in loc.*). "O fim sempre parece estar próximo, mas nunca chega. Por quanto tempo essa situação continuará?" (Ellicott, *in loc.*, com uma observação astuciosa).

12.7

Ouvi o homem vestido de linho. O arcanjo Gabriel, com um *juramento solene* feito na direção do céu, ou seja, em nome de Yahweh, afirmou a certeza daquilo que ele iria proferir. Ver o levantamento da mão direita por ocasião em que um juramento é feito, em Gên. 14.22; Deu. 32.40; Apo. 10.5. Mas aqui *ambas as mãos* foram erguidas, para atribuir à questão solenidade ainda maior e certeza do que aconteceria.

Um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Ou seja, três anos e meio. Cf. Dan. 7.25 e 8.14. Contudo, não dispomos de claras indicações sobre quando esse período começaria. Daniel não entendeu o que o arcanjo disse (vs. 8), e nós mesmos continuamos tentando. Seja como for, o tempo designado deve terminar antes de o culto do templo ser restaurado. Ou seja, Antíoco Epifânio continuaria a agir ainda por breve tempo, e então haveria a restauração e a rededicação do templo. Os futuristas e os dispensacionalistas transferem isso para o fim de nossa era e para o período da Grande Tribulação. Dizem eles que o pacto será quebrado (ver Dan. 9.27) no meio do período de sete anos de tribulação. Presumivelmente os três anos e meio deste versículo pertencem à primeira metade da semana final (o período de sete anos da Grande Tribulação), que será relativamente pacífica. O anticristo já estará presente, mas ainda não terá revelado suas verdadeiras cores. Ver o gráfico em Dan. 9.26,27 para uma ilustração do ponto de vista dispensacionalista. Do ponto de vista histórico, ver os vss. 7 e 11, que falam desse mesmo período de tempo.

12.8

Eu ouvi, porém não entendi. Embora o profeta tenha mediado a mensagem, Daniel não a compreendeu. Portanto, o vs. 11 torna-se a explicação do vs. 7, e não uma unidade separada de tempo. Mas alguns fazem este versículo indagar sobre o que aconteceria "para além do período atribulado", ou seja, quais seriam os eventos *resultantes* do período de grande tribulação. Os intérpretes históricos pensam que talvez a primeira designação de tempo (vs. 7) tenha começado na missão de Apolônio, em 168 A. C., e a segunda (vs. 11) tenha iniciado no tempo em que os sacrifícios diários foram suspensos, em 167 A. C. Nesse caso, o segundo cálculo poderia ter sido dado porque o primeiro não se mostrara exato. De acordo com essa teoria, a segunda designação foi dada para corrigir a primeira. E então a terceira (vs. 12) poderia ter sido outra estimativa que corrigia a segunda. Esse tipo de manipulação atribuído aos anjos é inconcebível para a mente dos eruditos conservadores, pelo que é rejeitado por todos os estudiosos, exceto pelos críticos-liberais.

12.9

Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas. *A sede* de Daniel para saber mais foi cortada por outra ordem para selar a profecia, conforme já vimos no vs.

4, que alguns eruditos pensam ser o fim original do livro, antes que houvesse adições subseqüentes. Mas o vs. 10 nos fornece alguma informação. Presumivelmente, revelações adicionais não seriam entendidas por aqueles que se levantassem "cedo demais". A revelação tem de esperar o tempo próprio para ser desvendada.

12.10

Muitos serão purificados, embranquecidos e provados. As severas perseguições sob Antíoco Epifânio (ou sob o anticristo) servirão para purificar os crentes. Eles se tornarão brancos como o mais fino linho. O vs. 1 fala sobre o aumento da iniqüidade que deve ser esperado nos últimos dias; e Dan. 11.35 mostra que os sábios precisam ser refinados. Essas idéias se repetem aqui. Também devemos entender que haverá grande abismo fixado entre as duas classes de seres humanos, antecipando que uma das classes se dirigirá ao julgamento, após esta vida terrena, enquanto a outra recolherá recompensas no pós-vida, brilhando como as estrelas no céu (vs. 3). Homens ímpios e desvairados passarão pelos sofrimentos e nem ao menos saberão a "razão" dessas coisas. Mas os *sábios* compreenderão por que esses acontecimentos momentosos estarão ocorrendo. Quanto aos sábios, cf. Dan. 11.33,35 e 12.3. Os sábios são aqueles que entendem os caminhos de Deus. Cf. esse pensamento com II Crô. 30.22; Pro. 15.24; Amós 5.13. Em II Esd. 14.46, certas *revelações reservadas* serão feitas aos sábios, mas não aos insensatos. As pessoas malignas estão intelectualmente escravizadas, desprovidas do bom senso espiritual. Os bons, no verdadeiro sentido, naturalmente receberão maior compreensão quanto à mente divina. Sobre esse pensamento, ver I Cor. 2.16.

12.11

Depois do tempo em que o costumado sacrifício for tirado. *O Segundo Cálculo.* Para alguns intérpretes históricos, os três cálculos — vss. 7, 11 e 12 — falam todos do mesmo período em geral. Quanto tempo se passaria antes da restauração do templo e seu culto? 1. Um tempo, dois tempos e metade de um tempo (três anos e meio) depois da missão de Apolônio, em 168 A. C. 2. Ou, então, falhando esse cálculo, o tempo da purificação se prolongaria por mais um ano – 1.290 dias — mais ou menos o equivalente a três anos e meio, mas agora datado do tempo em que Antíoco Epifânio interrompeu os sacrifícios diários, o que ocorreu em 167 A. C. Portanto, haveria uma espécie de período de graça, dando maior prazo para o cumprimento das profecias. 3. Então, ao segundo período, *outros* 45 dias de graça seriam adicionados, se as circunstâncias assim requeressem. Esse é o terceiro cálculo do texto. Os eruditos conservadores, porém, não toleram toda essa manipulação por parte dos anjos, somente para permitir que as profecias se cumpram. Assim, o ponto de vista daí emergente é que o primeiro período representa a *primeira metade* dos sete anos de tribulação. E a *segunda metade* seria representada pelos 1.290 dias. O primeiro período, nesse caso, torna-se paralelo a Apo. 11.3, versículo que sem dúvida repousa sobre o texto presente. O autor neotestamentário reduziu os 1.290 dias a 1.260, a fim de ajustar o cálculo ao ano lunar de 360 dias. (Três anos e meio equivale a 1.260 dias.) O segundo período torna-se paralelo aos 42 meses referidos em Apo. 11.2 e 13.5. Para os críticos liberais, *isso* é uma poderosa manipulação, refletindo a "fantasia profética" inventada pela mente daqueles que gostam de interpretar as coisas literalmente e têm de ver as coisas "distantes" com extrema precisão.

12.12

Bem-aventurado o que espera e chega... Temos neste versículo o *terceiro cálculo,* que incluo nas notas expositivas sobre o vs. 11. Os estudiosos conservadores-literalistas tentam encontrar espaço para esses 45 dias extras. Alguns o encontram nas descrições de Apo. 16.14 e 19.21. Os escombros do período de tribulação precisarão ser retirados, e esse tempo será necessário para o trabalho de limpeza. Outros encontram *todos* os cálculos na história relativa à *igreja.* Mas meras conjecturas estão ativas em todos esses cálculos. "Todas essas conjecturas estão fundamentadas sobre as trevas" (Adam Clarke, *in loc.*)

12.13

Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim. Este versículo parece deixar entendido (embora não o diga dogmaticamente) que Daniel viveria e veria o fim. Isso seria possível *se* a consumação ocorresse imediatamente após a carreira de Antíoco Epifânio. Mas a palavra "descansarás", aqui usada, provavelmente é um eufemismo para indicar a morte. Cf. o *sono* referido no vs. 2. O profeta *descansaria* até a ressurreição. Nenhuma *alma imortal,* separada do corpo, é antecipada neste livro. Essa doutrina *começou* a aparecer nos Salmos e nos Profetas. Os livros apócrifos e pseudepígrafos desenvolveram o tema da *alma* e sua sobrevivência diante da morte biológica, conjecturando sobre as recompensas e as punições do pós-vida. O Novo Testamento levou o tema avante, à luz da missão de Cristo. Fosse como fosse, Daniel, o homem fiel, participaria da ressurreição, e grande seria o seu galardão. Ele estaria entre aqueles que brilhariam como estrelas nos céus. Ele participaria da glória, da paz, do poder e da majestade do dia eterno. Quanto à sorte ou *herança* espiritual, cf. Sal. 16.5; 125.3; Pro. 1.14; Jer. 13.25; Atos 26.18 e Col. 1.12. "O reino de Deus durará para sempre, e os seus cidadãos leais terão ali seu lugar de honra" (Gerald Kennedy, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Salvação* e *Alma.* E ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Imortalidade,* com seus vários verbetes.

Descansarás. Sobre os santos é dito que eles *descansam* em seus sepulcros, conforme se lê em Isa. 57.2, ou no *sheol,* conforme se lê em Jó 3.17. Cf. também Sabedoria de Salomão 4.7; Apo. 14.13; II Esd. 7.95. A Septuaginta inseriu aqui uma glosa que assegurou ao vidente que ele continuaria vivendo fisicamente até a inauguração do Reino de Deus. Assim como a terra de Canaã foi dividida em pequenos lotes, de modo que cada família tivesse sua possessão, o mesmo acontecerá no reino celeste. Cada servo fiel obterá sua própria herança. Mas cada qual terá de seguir seu curso sem se desviar para o paganismo. Ver Col. 1.12, onde temos a esperança cristã expressa mediante a mesma linguagem figurada.

> *... dando graças ao Pai que vos fez idôneos à parte que vos cabe de herança dos santos na luz.*
>
> (Colossenses 1.12)

Algumas Observações sobre as Profecias:

1. Ao tratar com as profecias, uma pessoa nunca deve ser dogmática demais sobre o que pensa saber. Se forem marcadas datas, então tal pessoa fatalmente falhará.
2. Os profetas falam sobre "o fim" como se ele tivesse de ocorrer imediatamente depois de *seus* dias, ou mesmo quando esses dias terminarem. Eles não viam a grande expansão de tempo que os separava dos *últimos dias.* A profecia pode ser algo intrincado, que foi simplificado pelos profetas, pelo que os *detalhes* usados podem ser entendidos erroneamente ou permanecerem um enigma. Ao tentar interpretar as indicações temporais dos vss. 11-13, devemos reivindicar não sabermos muita coisa.
3. Os intérpretes *dispensacionalistas* estão sempre ansiosos por *determinar* esquemas que projetam mais do que realmente deveriam. Tornou-se doutrina padronizada nas igrejas evangélicas que a história da humanidade perduraria por 7.000 anos, em imitação aos dias da criação. Desde Adão até o segundo advento de Cristo, presumivelmente 6.000 anos se passariam, e então outros 1.000 anos (o milênio) arredondariam esse total para 7.000. Presumivelmente, a Grande Tribulação ocorreria no fim do período de 6.000 anos. Os eruditos dispensacionalistas determinavam precisamente esse período como 7.000 anos. De acordo com esses cálculos, o período da Tribulação ocorreria por volta de 1993, e o anticristo já deveria ter feito sua aparição alguns anos antes disso. Estou escrevendo perto do fim do ano de 1997, mas nada disso aconteceu até agora. A limpeza dessa profecia foi perturbada, e antecipo que muitas outras perturbações ocorrerão para aqueles que pensam saber mais do que realmente sabem.
4. A profecia sobre o Mercado Comum Europeu, que, segundo muitos criam, chegaria a ter dez membros, tornando-se o grande instrumento usado pelo anticristo, também fracassou. Atualmente há mais de dez membros no Mercado Comum Europeu, e novos membros certamente serão admitidos. (Ver Apo. 12.3 e 17.3 quanto à alegada base bíblica sobre essa profecia.) Outra profecia que parecia limpa falhou, e outra asserção dogmática não se sustentou diante da prova do tempo.
5. Além disso, presumia-se que os Estados Unidos da América perderiam sua posição de liderança, tornando-se apenas mais uma daquelas dez nações, ou seria um aliado delas, uma *parte* do esquema de coisas usado pelo anticristo, embora não fosse a nação líder. Um elemento dessa profecia era a idéia de que haveria grande confronto entre a federação encabeçada pelo anticristo e o comunismo. Mas o comunismo entrou em colapso e surpreendeu a todos os profetas (exceto os de Fátima, que tinham predito exatamente isso). E, então, em vez de debilitar-se, os Estados Unidos da América estão ficando cada vez mais fortes e, no momento, são a única superpotência mundial econômica e militar. Algo de verdadeiramente radical terá de ocorrer para que haja uma guerra nos últimos dias do nosso século XX. Há enorme desequilíbrio de poder para que isso aconteça.
6. Talvez a nossa época seja o tempo do fim, mas erramos por mostrar-nos precisos demais sobre a questão. Devemos admitir que também erramos de *muitas* outras maneiras ao cuidar das profecias. Talvez nossos dias não sejam os últimos, conforme supomos. Ou talvez as coisas se tenham demorado, mas continuamos na trilha certa. Jonas pregou a Nínive, requerendo que seus habitantes se arrependessem. Para sua surpresa e consternação, eles se arrependeram e mais 150 anos foram adicionados à vida nacional da Assíria. Finalmente, a coligação entre os medos e os

babilônios pôs fim à Assíria, mas não quando Jonas disse que isso sucederia.

7. Nossas brincadeiras com as profecias bíblicas, com seus acertos e erros, não têm nada que ver com o fenômeno da inspiração, nem é a precisão de todas as profecias uma parte necessária de qualquer teoria sã da revelação.

Nossos pequenos sistemas têm a sua época,
Eles têm seus dias e logo passam.
São como lamparinas bruxuleantes ao lado
Da Tua Luz, ó Senhor.

(Russell Champlin)

TABELA CRONOLÓGICA: 625 - 164 A.C.

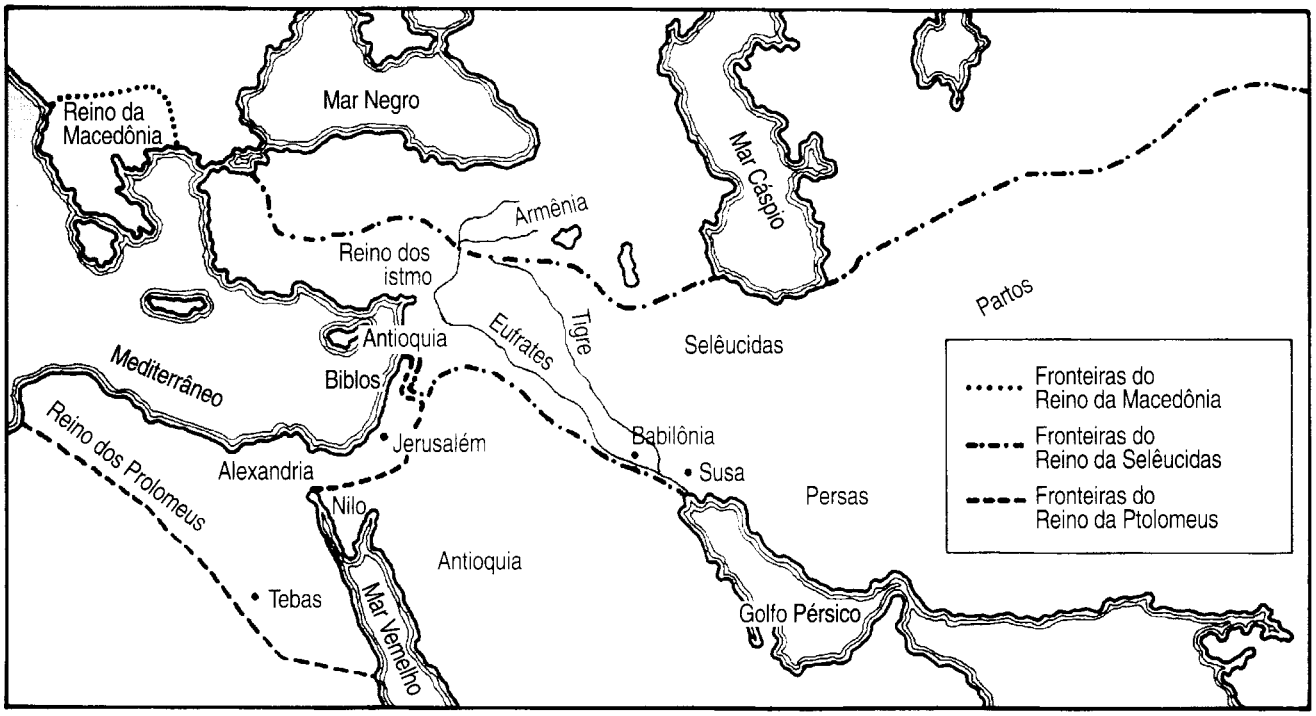
Datas	Acontecimentos
625-605	Os medos destruíram o Império Assírio. Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, reina.
605	Nabucodonosor vence os egípcios na batalha de Carquêmis. Ver Jer. 46.2.
605-562	Nabucodonsor governa como rei de Babilônia.
602	Joaquim rebela-se contra Nabucodonosor.
597	Nabucodonosor captura Jerusalém. Joaquim é levado cativo para a Babilônia; o Templo é saqueado. Ver II Reis 24.10-16.
587	Queda final de Jerusalém; Zedequias é levado cativo para a Babilônia. Fim da linha real davídica
562-560	Awel-Marduque (Evil-Medoraque) sucede seu pai, Nabucodonosor, como rei da Babilônia. Ver II Reis 25.27.
560-556	Reino de Nergal-Sarezer, cunhado de Awel-Marduque.
559	Ciro torna-se Ansã.
556	Labasi Marduque, filho de Nergal-Sarezer, reina durante nove meses.
556-539	Nabunaide, filho de Nabubalatsuiqbi, reina como rei da Babilônia. Besazar, seu filho, reina como governador na cidade de Babilônia.
550	Ciro derrota o Império Medo.
539	Ciro captura a Babilônia e liberta os judeus para voltarem à Palestina.
539-530	Ciro reina como rei sobre a Babilônia.
530-522	Reino de Cambises, filho de Ciro; episódio de Gaumata.
521-486	Reino de Dario I, Histapis.
486-465	Reino de Xerxis, o Assuero do livro de Ester.
465-423	Reino de Artaxerxes I.
458	Volta dos judeus para a Palestina sob Esdras.
423-404	Reino de Dario II, Noto.
404-359	Reino de Artaxerxes II Mnemom.
359-338	Reino de Artaxerxes III, Oxo.
336-331	Reino de Dario II, Codomano.
332	Alexandre conquista a Palestina.
323	A morte de Alexandre

OS PTOLOMEUS E SELEUCOS

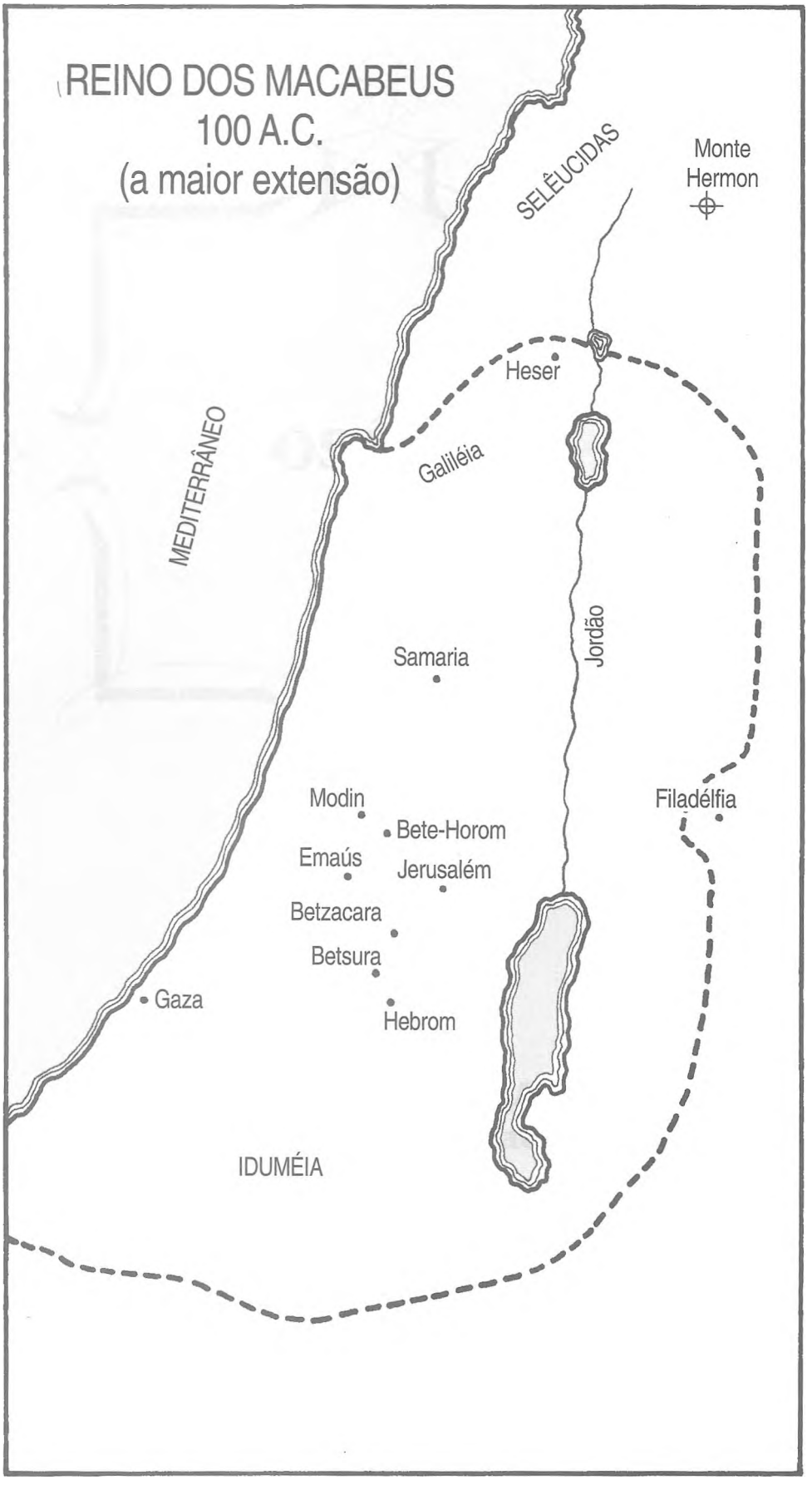
Referências em Daniel	Ptolomeus (reis do sul = Egito)	Seleucos (reis do norte = Síria)
11.5	Ptolomeu I Soter (323-285 A.C.)	Seleuco I Nicator (312-218 A.C.)
11.6	Ptolomeu II Filadelfo (285-246 A.C.)	Antíoco I Soter (281-262 A.C.) Antíoco II Teos (262-246 A.C.)
11.7-9	Ptolomeu III Euergetes (246-221 AC)	Seleuco II Calinico (246-227 A.C.)
11.10		Seleuco III Soter (227-223 A.C.)
11.11-19	Ptolomeu IV Filopator (221-204 A.C.)	Antíoco III, o Grande (223-187 A.C.)
11.17	Ptolomeu V Epífanes (204-181 A.C.)	
11.20		Seleuco IV Filopator (187-176 A.C.)
11.21-32		Antíoco IV Epífanes (175-163 A.C.)
11.25	Ptolomeu VI Filometer (181-145 A.C.)	

Observações: Ptolomeu I foi um dos generais de Alexandre, o Grande. Por ocasião da morte deste, esse general tornou-se o sátrapa do Egito, iniciando a dinastia que governou a maior parte da Ásia Menor, Síria, Pérsia e Báctria. A palavra *Seleucidae* (plural) vem do nome de Seleuco Nicator. Ver o artigo *Período Intertestamental*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

REINO DOS SUCESSORES DE ALEXANDRE
c. 300 A.C.



Ver o artigo intitulado no *Dicionário, Período Intertestamental*


REINO DOS MACABEUS
100 A.C.
(a maior extensão)
SELÊUCIDAS
Monte
Hermon
Heser
MEDITERRÂNEO
Galiléia
Jordão
Samaria
Modin
Bete-Horom
Filadélfia
Emaús
Jerusalém
Betzacara
Betsura
Gaza
Hebrom
IDUMÉIA